



A Produção de
saberes
emergentes
na interface entre a
educação popular em saúde
e a convivência com
o semiárido

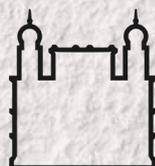
ORGANIZADORAS

Vera Lúcia de Azevedo Dantas
Vanderléia Laodete Pulga

editora



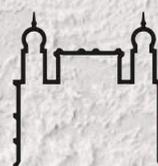
redeunida



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

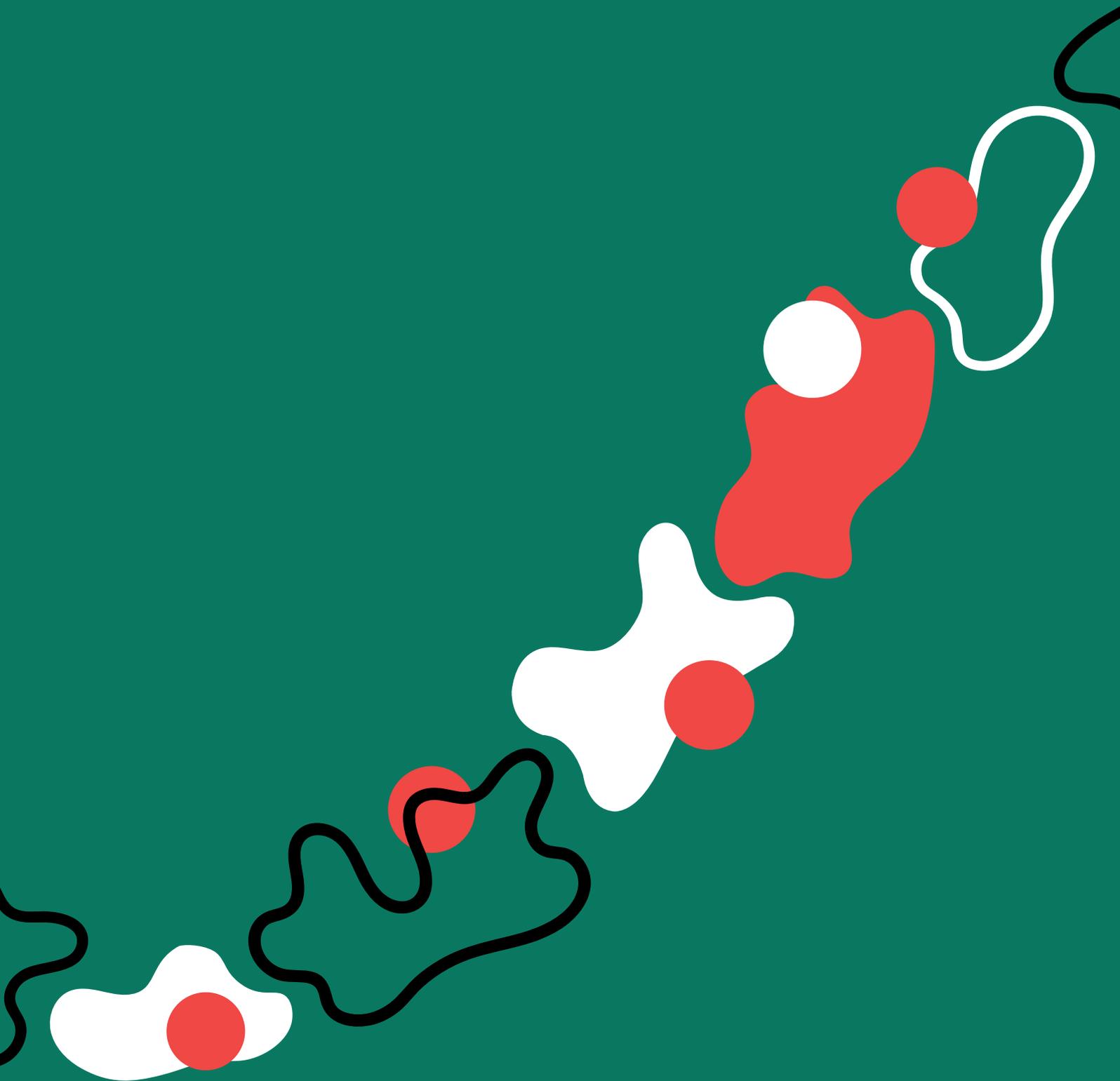
Ceará



FIOCRUZ







The cover features a dark green background with a central white circle containing text. The circle is surrounded by a decorative border of abstract shapes: red and white organic forms, a floral pattern, and black and white wavy lines. The text is centered within the white circle.

A Produção de
saberes
emergentes
na interface entre a
educação popular em saúde
e a convivência com
o semiárido

EUSÉBIO, 2022
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ CEARÁ

COORDENADOR NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO REDE UNIDA

Alcindo Antônio Ferla

COORDENAÇÃO EDITORIAL

EDITOR-CHEFE

Alcindo Antônio Ferla

EDITORES ASSOCIADOS

Ricardo Burg Ceccim

Márcia Fernanda Mello Mendes

Júlio César Schweickardt

Sônia Lemos

Fabiana Mânica Martins

Denise Bueno

Maria das Graças

Frederico Viana Machado

Márcio Mariath Belloc

Karol Veiga Cabral

Daniela Dallegrave

CONSELHO EDITORIAL

Adriane Pires Batiston (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Alcindo Antônio Ferla (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Àngel Martínez-Hernández (Universitat Rovira i Virgili, Espanha).

Angelo Stefanini (Università di Bologna, Itália).

Ardigó Martino (Università di Bologna, Itália).

Berta Paz Lorigo (Universitat de les Illes Balears, Espanha).

Celia Beatriz Iriart (University of New Mexico, Estados Unidos da América).

Denise Bueno (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Emerson Elias Merhy (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil).

Êrica Rosalba Mallmann Duarte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Francisca Valda Silva de Oliveira (Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil).

Hêider Aurélio Pinto (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil).

Izabella Barison Matos (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).

João Henrique Lara do Amaral (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil).

Júlio Cesar Schweickardt (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).

Laura Camargo Macruz Feuerwerker (Universidade de São Paulo, Brasil).

Leonardo Federico (Universidad Nacional de Lanús, Argentina).

Lisiane Bôer Possa (Universidade Federal de Santa Maria, Brasil).

Liliana Santos (Universidade Federal da Bahia, Brasil).

Luciano Bezerra Gomes (Universidade Federal da Paraíba, Brasil).

Mara Lisiane dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil).

Márcia Regina Cardoso Torres (Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Brasil).

Marco Akerman (Universidade de São Paulo, Brasil).

Maria Augusta Nicoli (Agenzia Sanitaria e Sociale Regionale dell'Emilia-Romagna, Itália).

Maria das Graças Alves Pereira (Instituto Federal do Acre, Brasil).

Maria Luiza Jaeger (Associação Brasileira da Rede UNIDA, Brasil).
Maria Rocineide Ferreira da Silva (Universidade Estadual do Ceará, Brasil).
Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira (Universidade Federal do Pará, Brasil).
Quelen Tanize Alves da Silva (Grupo Hospitalar Conceição, Brasil)
Ricardo Burg Ceccim (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).
Rodrigo Tobias de Sousa Lima (Fundação Oswaldo Cruz/Amazonas, Brasil).
Rossana Staeve Baduy (Universidade Estadual de Londrina, Brasil).
Sara Donetto (King's College London, Inglaterra).
Sueli Terezinha Goi Barrios (Associação Rede Unida, Brasil).
Túlio Batista Franco (Universidade Federal Fluminense, Brasil).
Vanderléia Laodete Pulga (Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil).
Vera Lucia Kodjaoglanian (Laboratório de Inovação Tecnológica em Saúde/LAIS/UFRN, Brasil).
Vera Maria da Rocha (Associação Rede Unida, Brasil).
Vincenza Pellegrini (Università di Parma, Itália).

COMISSÃO EXECUTIVA EDITORIAL

Alana Santos de Souza
Jaqueline Miotto Guarnieri
Márcia Regina Cardoso Torres
Renata Riffel Bitencourt

SÉRIE EDUCAÇÃO POPULAR & SAÚDE

Vanderléia Laodete Pulga
Maria Rocineide Ferreira da Silva
Vera Lúcia de Azevedo Dantas
José Ivo dos Santos Pedrosa



Copyright© 2022 by Associação da Rede UNIDA

É permitido copiar e distribuir para uso não comercial, sempre citando a fonte.

ORGANIZAÇÃO

Vera Lúcia de Azevedo Dantas

Vanderléia Laodete Pulga

EQUIPE DE SISTEMATIZAÇÃO E REVISÃO

Ana Cláudia de Araújo Teixeira

gigi castro

Vanderléia Laodete Pulga

Vera Lúcia de Azevedo Dantas

ANIMAÇÃO DO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO

Vanderléia Laodete Pulga

ARTE, DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO

Mandalla Comunicação & Design

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

Sâmila Braga

EDITORAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

Thalia Silva

FIOCRUZ CEARÁ

Rua São José, s/n

61.773-270 – Precabura

Eusébio, CE

Telefone geral: (85) 3215-6450

<https://ceara.fiocruz.br/portal/>

D192p Dantas, Vera Lúcia de Azevedo; Pulga, Vanderléia Laodete (org.).

A produção de saberes emergentes na interface entre educação popular em saúde e a convivência com o semiárido / Organizadoras: Vera Lúcia de Azevedo Dantas e Vanderléia Laodete Pulga. – 1. ed. – Porto Alegre, RS : Editora Rede Unida, 2022.

160 p. (Série Educação Popular & Saúde, v. 7).

E-book: 5,1MB; PDF

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5462-005-5

DOI 10.18310/9786554620055

1. Convivência. 2. Educação em Saúde. 3. Política de Saúde. 4. Saúde Pública. 5. Semiárido Brasileiro.

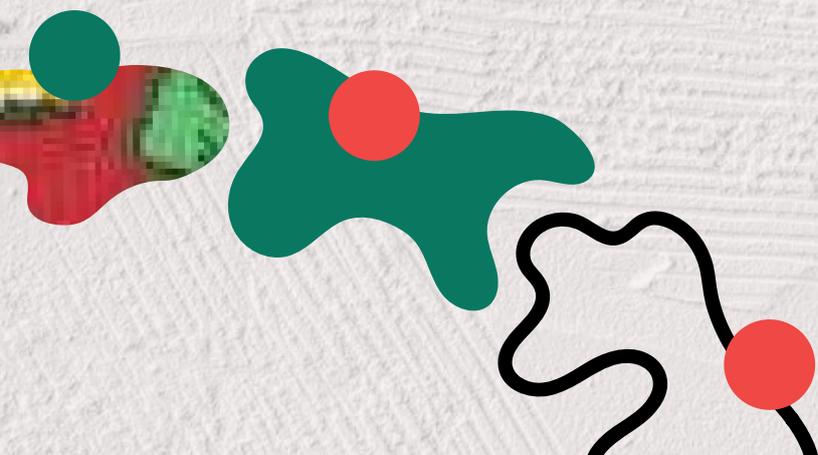
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

22-30180159

CDD 610.7
CDU 614.25

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Medicina: Estudo, pesquisa e tópicos relacionados.
 2. Medicina: Tópicos de educação em geral.
-



MINISTÉRIO DA SAÚDE

SECRETARIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA E PARTICIPATIVA
Departamento de Apoio à Gestão Participativa

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

PRESIDENTE

Nísia Verônica Trindade Lima

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ CEARÁ

COORDENADOR

Antônio Carlile Holanda Lavor

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

João Hermínio Martins da Silva

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Carla Freire Celedônio Fernandes

ÁREAS TEMÁTICAS - REPRESENTANTES

SAÚDE DA FAMÍLIA

Sharmênia de Araújo Soares Nuto
Vanira Matos Pessoa

SAÚDE E AMBIENTE

Ana Cláudia de Araújo Teixeira

COORDENAÇÃO DE INOVAÇÃO, PRODUÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Luiz Odorico Monteiro de Andrade

COORDENAÇÃO DE GESTÃO E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Renato Caldeira de Souza

SAÚDE DIGITAL

Ivana Cristina de Holanda Cunha Barreto

BIOTECNOLOGIA

Marcos Roberto Lourenzoni

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Área de Saúde e Ambiente – Fiocruz Ceará

INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS INTEGRANTES DO PROJETO

INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR E ÓRGÃOS DO SETOR SAÚDE

- Universidade Estadual do Ceará – UECE
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE - Campus Fortaleza e Maracanaú)
- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB
- Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza – Educação Permanente em Saúde: Estratégia de Educação Popular em Saúde Cirandas da Vida

REDES, FÓRUNS, ARTICULAÇÕES, MOVIMENTOS SOCIAIS E POPULARES LIGADOS À SAÚDE E/OU À CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE MOVIMENTOS E PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE – ANEPS

- Espaço EKOBÉ – Cuidado e Educação Popular em Saúde
- Comunidade Eclesial de Base Bom Jardim
- Associação Mulheres em Movimento do Conjunto Palmeiras
- Escola Comunitária de Biodança
- Movimento Escambo Livre de Rua
- Coletivo Brinquedo de Rua

REDE SAÚDE, SANEAMENTO, ÁGUA E DIREITOS HUMANOS – RESSADH

- Fórum Cearense pela Vida no Semiárido
- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- Cáritas Brasileira Regional Ceará
- Conselho Pastoral dos/as Pescadores/as
- Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador

REDE DE MÉDICAS E MÉDICOS POPULARES

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

ANALISTA DE GESTÃO DO PROJETO

Rodrigo Carvalho Nogueira

APOIO ADMINISTRATIVO

Nayendra Silveira Rodrigues

PESQUISADORES POPULARES

Maria Ivanilde Fidelis Damasceno
Raimundo Félix Lima (Ray Lima)

RELATORIA DAS UNIDADES DE APRENDIZAGEM E DOS ENCONTROS REGIONAIS E INTERESTADUAL

gigi castro

COORDENAÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA

Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Camila Batista Silva
gigi castro
Leandro Araújo da Costa
Maria Ivanilde Fidelis Damasceno

Maria Neila Ferreira dos Santos
Raimundo Félix Lima (Ray Lima)
Vera Lúcia Alves Mariano
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EDUCADORES E EDUCADORAS

Adelaide Maria Gonçalves Pereira
Alessandro Antônio Lopes Nunes
Ana Cláudia de Araújo Teixeira
Ângela Maria Bessa Linhares
Anna Érika Ferreira Lima
Antônia Fagna Pinto de Sousa
Antônio Edvan Florêncio
Antônio Edilson de Oliveira (Edson Oliveira)
Antônio Jeovah de Andrade Meireles
Carlos Reni Araújo Dino
Edenilo Baltazar Barreira Filho
Daniela Vasconcelos de Azevedo
Fernando Ferreira Carneiro
Francisca Cristina do Nascimento
Francisco Nonato do Nascimento Filho
Giselda Maria de Castro Lima (gigi castro)
Isaac Fernandes Cunha Dantas Marques
Kaio Souza Lemos
Kílvia Maria Lima de Oliveira (Kílvia Tapéba)

Leandro Roberto Stigliano
Leandro Araújo da Costa
Lilian de Carvalho Araújo
Magnólia Azevedo Said
Maria Eliene Pereira do Vale
Marcelo Firpo de Souza Porto
Maria das Graças Viana Bezerra
Maria Fátima Maciel Araújo
Maria de Lourdes Vicente da Silva
Maria Neila Ferreira dos Santos
Maria Rocineide Ferreira da Silva
Mayara Pessoa Viana da Silva
Raimundo Félix de Lima (Ray Lima)
Renata Cristina Dantas da Silva
Renata Monte Carneiro
Soraya Vanini Tupinambá
Uirá Dantas da Rocha Lima
Vanderléia Laodete Pulga
Vanira Matos Pessoa
Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EDUCANDAS E EDUCANDOS – ESPECIALIZAÇÃO

Alex Josberto Andrade Sampaio
Ana Vylena de Sousa
Antônia Fagna Pinto de Sousa
Antônia Iara Chagas Martins
Bárbara de Oliveira Lima Rodrigues
Carla Carline Castelo do Nascimento Bezerra
Flávia Cavalcante Tavares
Faviano Galdino Paz
Flaviano Irineu Gomes
Francisca Klécia Bernardino da Silva
Francisco Carlos Falcão Junior
Francisco José da Silva Soares
Iane Braga de Oliveira
Iristhélia Carvalho Ferreira
Jair Soares de Sousa
Janete da Silva Santos
Joelma da Silva Araújo
Juliana da Guia dos Anjos
Lailson André Fernandes
Lia Wlândia da Silva Sousa
Lindemberg da Silva Bezerra
Lorrainy da Cruz Solano
Luana Florentino Correia

Lucilene Lemos Cavalcante
Luís Eduardo Sobral Fernandes
Luiza Maria Lima Oliveira
Luiza Vera Matos Braga
Maiara Mota de Andrade
Mara Natália Fernandes Silva
Margarida Maria Torres Moreira
Maria Aparecida de Oliveira Nicolau
Maria Dalvanir e Silva Duarte
Maria Glória Carvalho
Mayara Pessoa Viana da Silva
Paula Érica Batista Oliveira
Priscila Rayane Batista de Melo
Raimunda Nonata Sousa da Rocha
Renata Cristina Dantas da Silva
Roberta Vlândia Braga Costa
Rosineide Rosa da Silva Sousa
Sandra Nyedja de Lacerda Matos
Sara Almeida Ortins Dias
Sávia Augusta Oliveira Régis
Tiago Pereira da Silva

EDUCANDAS E EDUCANDOS – APERFEIÇOAMENTO

Antônia Igrilde Galvão
Igirlian Maria Galvão
Geomar Alves Lino
José Ademir do Amaral de Ligório
Maria Eliene Pereira do Vale
Maria Michele Alves Moura
Rosineide Alves da Silva
Rita de Cássia Araújo Santos



Autores/as

FERNANDO FERREIRA CARNEIRO

Graduado em Ciências Biológicas pela UFMG (1995), Especialista em Vigilância em Saúde Ambiental pela UFRJ (1996), Mestre em Saúde Ambiental pelo Instituto Nacional de Salud Pública de México (1999), Doutor em Epidemiologia UFMG (2007), e pós-doutorado em Sociologia pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - Portugal (2015). Pesquisador da Fiocruz Ceará da área de Saúde e Ambiente e professor do Doutorado Profissional em Saúde da Família. Participa do Grupo Temático (GT) de Saúde e Ambiente Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). Coordena o Observatório de Saúde das Populações do Campo, da Floresta e das Águas - Teia de saberes e práticas e o Participatório em Saúde e Ecologia de Saberes - Vigilância Popular.

FLÁVIA CAVALCANTE TAVARES

Atriz, educadora popular, contadora de histórias e produtora cultural, brincante de reisado e de outras manifestações artísticas e culturais. Graduada em Artes Cênicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) no ano de 2010. Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido pela FIOCRUZ/CE. Atualmente, compõe a equipe técnica do CETRA/ Centro de Estudos do Trabalho e ao Trabalhador e à Trabalhadora, que vem desenvolvendo ações de promoção à Agroecologia, Convivência com o Semiárido e da Socioeconomia Solidária, vem atuando com as juventudes agroecológicas do campo e da cidade, agricultores/as familiares, indígenas, quilombolas e contribuindo em processos de organizações em Rede e de comercialização agroecológica.



PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFRN; especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido pela FIOCRUZ/CE. Educadora popular, atriz, cantora, compositora, poetisa, cordelista e criadora do Artesanário Popular, tecnologia leve criada durante a pandemia da Covid-19 como estratégia de comunicação e educação popular em saúde, numa relação dialógica com a arte, a ciência e a interprofissionalidade. Atuou fortemente, por mais de uma década, na luta antimanicomial do Seridó/RN, lutando pelo fechamento do Hospital Psiquiátrico Dr. Milton Marinho e pela implantação dos CAPS na região. Foi assistente social e coordenadora do CAPS Maria Vênus Cunha, Currais Novos/RN, onde coordenou projetos voltados à arte, cultura e geração de renda entre usuários/as e familiares do CAPS. Atualmente é Subcoordenadora da Unidade de Políticas Transversais e Promoção à Saúde/UPTPS, na Secretaria de Estado da Saúde Pública do RN/SESAP, intervindo na articulação das políticas de promoção da equidade em saúde e Educação Popular em Saúde.

RAIMUNDO FÉLIX DE LIMA (RAY LIMA)

Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela UNICAMP-SP. Cenopoeta, ator, diretor teatral e criador da Cenopoesia. Publicou vários livros e mais recentemente passou a publicar as coleções das Edições Icapuí Cenopoética, uma linha de edição artesanal do próprio autor. Lançou dois CDs de cantigas: “A barca do amor invisível” e “Pintou Melodia na Poesia.” Fundou, em 1991, com Junio Santos, Vera Dantas, Hélio Jr., entre outros, o Movimento Escambo Popular Livre de Rua em Janduí-RN. Concebeu a Escola Zumbi - Ideário de Política Educacional, Concepção de Escola Pública, uma experiência educativa vivenciada em Maracanaú, região metropolitana de Fortaleza-CE com raiz nas experiências culturais e educacionais de Janduí-RN, Icapuí-CE, Aracati-CE. Atuou na construção e Coordenação Político-Pedagógica/ CPP do Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, onde foi selecionado bolsista para o papel de pesquisador popular. Atualmente toca suas atividades a partir do grupo Pintou Melodia na Poesia e do Universo de Aprendizagens Icapuí Cenopoética, de onde parte para sua práxis cenopoética e vital. limafeliz@gmail.com. Mais sobre Ray Lima: www.cenopoesiadobrasil.blogspot.com; www.redehumaniza.us.net, https://www.youtube.com/channel/UckXt5Lcg1W_fkUwaiBpve-Q/videos?view=0&sort=p, https://www.youtube.com/channel/UckXt5Lcg1W_fkUwaiBpve-Q

SÁVIA AUGUSTA OLIVEIRA RÉGIS

Pedagoga (Universidade Federal do Ceará), Mestra em Educação (Universidade Federal do Ceará), especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido (FIOCRUZ/CE). Reikiana, educadora popular, contadora de histórias e criadora do grupo Esteiras de Histórias. Atuou como educadora popular no Curso de Aperfeiçoamento de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS) e como facilitadora no Programa Nacional para o Fortalecimento das Práticas de Educação Permanente em Saúde no Sistema Único de Saúde (PRO EPS-SUS) na Secretaria da Saúde do Estado do Ceará, contribuindo na elaboração do Plano Estadual de Educação Permanente em Saúde do estado do Ceará. Atualmente atua como professora na educação básica em Parnaíba/PI.

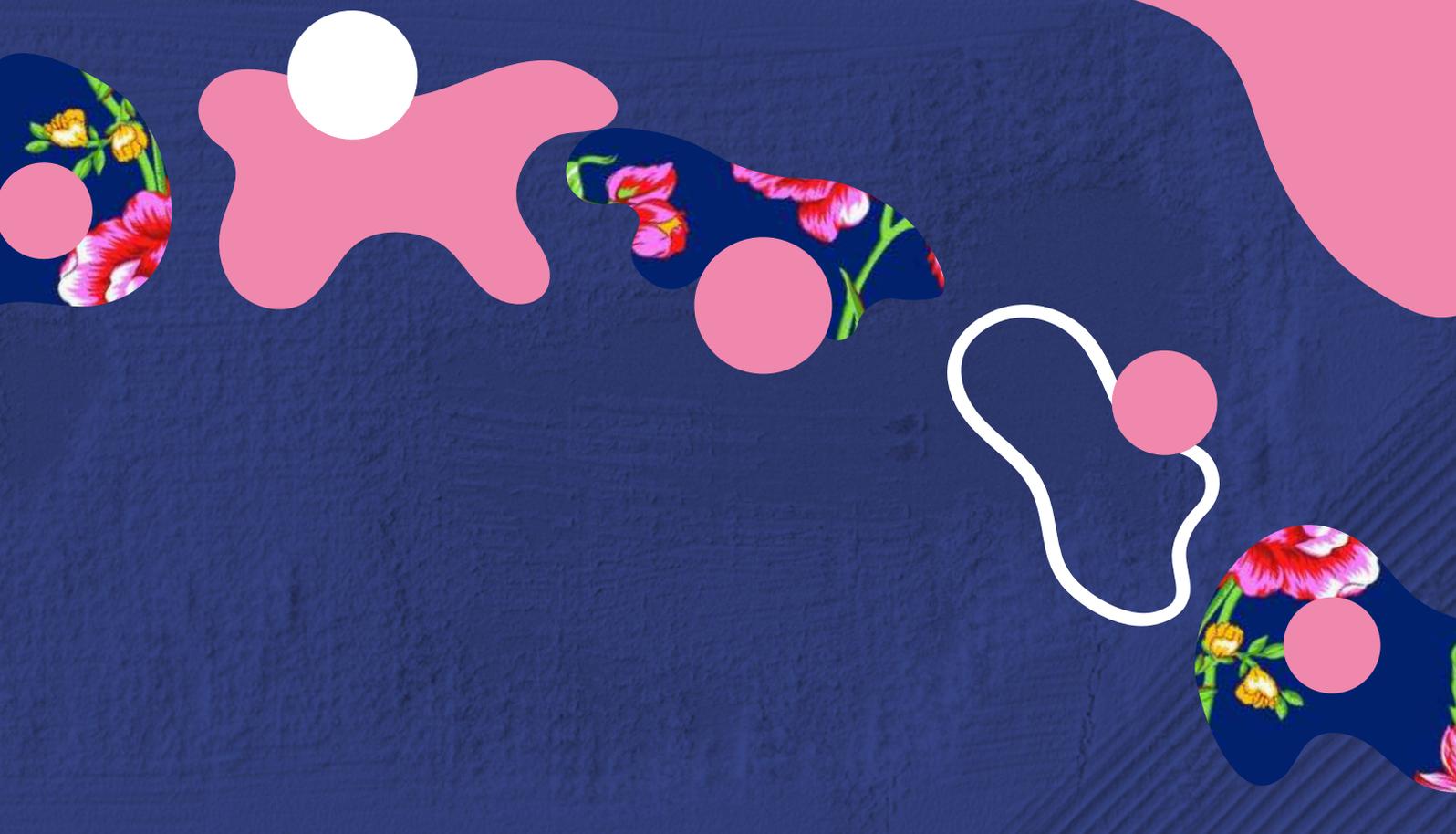
VANDERLÉIA LAODETE PULGA

Filósofa (UPF). Especialista em Docência na Saúde (UFRGS). Especialista em Preceptoría no SUS (Instituto Sírio Libanês de Ensino e Pesquisa). Mestra em Educação (UPF). Doutora em Educação (UFRGS). Professora de Saúde Coletiva no Curso de Graduação em Medicina da UFFS/PF. Docente, Tutora e vice-coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal da Fronteira Sul. Integrante do Grupo de Pesquisa Inovação em Saúde Coletiva: políticas, saberes e práticas de promoção da saúde da UFFS. Temas de estudo: Saúde Coletiva; Educação em/na Saúde; Residências em Saúde/Educação Popular em Saúde, Integração Ensino-Serviço-Comunidade, Sistematização de Experiências; Gestão Participativa em Saúde; Gênero e Saúde; Movimentos Sociais. Integrante do GT Educação Popular e Saúde da ABRASCO. Integrante da Coordenação Associação Brasileira da Rede Unida da Região Sul. Integrante da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Integrante/Organizadora do processo de trabalho da Equipe de Sistematização de Experiências do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*. E-mail: vanderleiapulga2@gmail.com



VERA LÚCIA DE AZEVEDO DANTAS

Médica, Mestre em Saúde Pública (Universidade Estadual do Ceará) e Doutora em Educação (Universidade Federal do Ceará). Educadora Popular, Membro do Grupo Temático (GT) de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), integrando seu Coletivo de Coordenação. Integrante da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde/ANEPS e da Internacional da Esperança. Integrante da Coordenação Geral, junto com Ana Cláudia de Araújo Teixeira, da Equipe de Sistematização de Experiências e da Coordenação Político-Pedagógica/ CPP do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*.



Sumário

PREFÁCIO	18
APRESENTAÇÃO	22
1. SABERES EMERGENTES DE UM PROCESSO COLETIVO DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO	26
1.1. Produção coletiva de conhecimento: por uma ciência decolonial	27
1.2. Sistematização de Experiências e seus diálogos com outras abordagens participativas de pesquisa e produção de conhecimento	38
1.3. Sentidos, dimensões e reflexões que emergem das experiências produzidas no curso	47
2. MARÉ ALTA E MARÉ BAIXA: O MOVIMENTO DIALÓGICO DA EDUCAÇÃO POPULAR	58
2.1. Educação Popular e o aprendizado em suas múltiplas dimensões	60
2.2. Consciência, coletividade e superação da opressão: <i>esperançar como inédito viável</i>	66
3. O NASCIMENTO DESTA RODA LIVRE QUE AO NASCER JÁ SE MOVE PARA LIBERTAR-SE DE SI MESMA: BEM-VINDOS/AS ÀS POSSIBILIDADES E POTÊNCIAS DAS CULTURAS E DAS ARTES NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO!	76
3.1. Em seu primeiro giro, a roda nos impulsiona para a dimensão do percebido e destacado do vivido	79
3.2. A Cenopoesia: linguagem do languagear	82
3.2.1. Cenopoesia e os repertórios humanos: arranjos cenopoéticos para uma revisitação crítica e amorosa ao vivido	87
3.2.2. As linguagens cenopoéticas e os diversos modos de ser da Cenopoesia	90
3.3. Ritualidade e Mística: antenas para a construção de outras epistemologias	94
3.4. <i>Cuidado</i> : essência do sentir/pensar	98

4. A PRODUÇÃO DE SABERES E DE CUIDADO COM A VIDA NOS TERRITÓRIOS

106

4.1. Concepções de território e territorialização no contexto da saúde: diálogos com a Cartografia Social

107

4.1.1 É preciso avançar para uma concepção de território que produz vida

107

4.2. Lutas e resistências socioambientais frente ao modelo de desenvolvimento hegemônico

110

5. CONSTRUINDO RELAÇÕES PROMOTORAS DE VIDA E NOVAS EXISTENCIALIDADES (DE GÊNERO, ÉTNICO-RACIAIS)

116

5.1. Gênero, Saúde e Feminismos Populares: ousadias para superação da violência, do patriarcado e construção do Bem Viver

117

5.2. Gênero, transexualidade e saúde

126

6. AGROECOLOGIA E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: OLHARES POSSÍVEIS

134

6.1. Agroecologia e Convivência com o Semiárido transformando vidas.

146

6.2. Tecnologias Sociais na Convivência com o Semiárido

149



Prefácio

VIVIAN TATIANA CAMACHO HINOJOSA

Somos comunidades guardianas de la vida, la salud y el cuidado colectivo nos reúnen desde cada una de las actividades, encuentros, enseñanzas que se comparten en este libro que remarca la recreación de espacios comunitarios desde el arte popular, la agroecología, los saberes populares que resguardan los territorios ante los ataques capitalistas que sufrimos actualmente como humanidad.

El sistema capitalista evidencia la guerra contra la humanidad que va librando de manera solapada desde los productos ultraprocesados, agroquímicos e idearios colectivos que reproducen pensamiento opresor desde los medios masivos de información y aprendizaje, promoviendo la cultura deshumanizada, competitiva y alienante que fomenta el individualismo agresivo; pero el ataque también es descarado con los negociados de la guerra con la industria bélico armamentista, negociados de las corporaciones del complejo médico industrial y fármaco-químico, también el complejo agroindustrial; todas ellas arremeten a matar contra nuestros territorios, contra la soberanía de los países, contra las vidas humanas que arrasan y envenenan.

En un mundo cada vez más mercantilizado e irremediablemente mediatizado por los mercenarios de las noticias catastróficas, enfrentando olas de pandemia Covid-19 y una guerra en curso, la desolación es parte del cotidiano vivir de millones de habitantes; desde hace décadas venimos denunciando la pandemia de hambre con realidades profundamente dolorosas como en África, con lugares en los que un pan cuesta un diamante, o lugares con basurales inmensos donde animales y gente hambrienta disputan las sobras, gente que se alimenta de la basura y es tratada de la misma manera; en una tierra fértil y fecunda es inaceptable que gente muera por inanición.

Como si la desgracia fuera poca, nos encontramos con ideas que promueven discurso de odio fascista y racista contra nuestros pueblos, desde espacios de poder artificiales que les dan una palestra que falsamente los encumbra, sin darse cuenta o sin ni siquiera posibilitar un mínimo espacio de reflexión para considerar que si no colaboramos como humanidad, ninguno va a sobrevivir.

Coincide hoy el cumpleaños 101 de Paulo Freire, coincide también que me encuentro a 100 mts de la frontera con Brasil, en Cobija. Hace varios años coincidimos con las autoras en cirandas de cenopoesía, en la carpa Paulo Freire, en la Internacional de la Esperanza. Hoy apelamos a las justas coincidencias que nos han encontrado construyendo salud popular desde nuestros territorios,

confiando y sabiendo que ese Inédito Viable nace cada vez que nuestros corazones y mentes brillantes coinciden en la necesidad de organizarse para transformar nuestra historia.

Las crisis de hambre — de salud, climática, de guerra — nos orillan de inmediato a la construcción de respuestas emergentes desde los lugares más humildes e impensados, porque la imaginación solidaria todavía nos habita, nuestros cuerpos territorializados enraizados en el saber profundo que permanece vivo en nuestro sentipensar y ser-estar en el mundo, todavía nos recuerda la fuerza de ser criaturas comunitarias, de anhelar el encuentro y el abrazo colectivo, de recrearnos siendo juntos nuevamente.

Como semillas sedientas por una gota de agua en el desierto, estamos listas para brotar, rompiendo los antiguos paradigmas que han encerrado nuestra fuerza, listas para emerger ante la potencia de la vida que nos convoca.

Es la misma fuerza que genera el movimiento de las estrellas, impulsa el camino de nuestro mundo en el cosmos, la que acompaña a todo lo que nace en este mundo. La que genera tormentas eléctricas de neurotransmisores encefálicos cada vez que aprendemos algo nuevo, cada vez que nos maravillamos ante la magia que nos habita y el mundo que habitamos, es la vida misma emergiendo incesantemente desde el inicio de los tiempos; y pese a cualquier circunstancia, esta fuerza es convocada siempre por la Esperanza.

Conjugamos el Verbo Esperanzar como persistente obstinación por la vida digna de nuestros pueblos, de nuestra humanidad de raíces milenarias, somos criaturas ancestrales; preservamos el conocimiento de los astros en nuestras células, la producción y la reproducción de la vida en nuestros territorios hace parte de ese

ciclo armónico vida/muerte/transformación, recordando conscientemente a quienes sembraron sus luchas, sus lágrimas y sus sueños para que nosotros podamos nacer; somos parte de ese ciclo interminable de fuerza y sabiduría que heredamos de nuestra historia ancestral.

La codicia capitalista-neoliberal-colonial-patriarcal continúa destruyendo vorazmente territorios, así mismo destruye mentes y corazones que cayeron bajo esa estafa del sueño del norte que es la pesadilla del sur global; millones de migrantes que buscando sobrevivir apenas llegan para alimentar cinturones de pobreza o son tragados por el mar y el olvido de la hegemonía dominante que cuenta números y no considera las vidas y sus posibilidades extintas por causa de la crueldad del mercado global.





Cada criatura que nace trae un don para este mundo, somos criaturas únicas e irrepetibles en esta humanidad; como sujetos históricos nos corresponde tomar la fuerza que esto implica, la capacidad de transformar lo que sea necesario en busca de aquella dignidad humana; con cariño y respeto tomamos el hilo de la vida para pasarlo a la siguiente generación; como criaturas en constante expansión vamos aprendiendo y complementándonos desde el inicio de nuestras vidas hasta el último aliento de ellas; todos somos maestros y todos somos aprendices como recuerdan las palabras de Paulo Freire; los saberes plurales, la diversidad de pensamiento, las comunidades de aprendizaje, la sabiduría ancestral aún viva, son urgentes para el cuidado de la diversidad humana que además protege, cuida y respeta la biodiversidad, es decir, cuida de nuestra Madre Tierra - Pachamama.

Es entonces que tomamos las banderas de lucha, desde aquella liberación de la esclavitud, desde la lucha contra los patrones y hacendados que explotaban nuestros cuerpos hasta la muerte, desde la lucha por el derecho de elegir, por el derecho de trabajar dignamente, por el derecho de ejercer nuestras diferencias y diversidades, por el derecho a una vida justa y digna. Todo el dolor infligido contra los pueblos humildes del mundo no ha podido arrasar nuestro encuentro y la alegría que nace de saber que hoy estamos con vida, pese al exterminio genocida del colonialismo, pese a la extirpación de idolatrías e inquisición que aniquiló millones de sabios y sabias en el mundo; grandes guardianas parteras, curanderas, tejedoras, agricultoras, campesinas, sanadoras, fueron quemadas en hogueras por cuidar de sus pueblos. Hoy sabemos en cada una de nuestras células que somos fuego, que somos aire, que somos

agua, que somos tierra: nunca podrán extinguirnos. Del fuego hemos renacido y con fuegos sagrados estamos sanando este tiempo, este mundo.

El fuego de la alegría, de la mirada que encuentra amores, de la sonrisa digna del trabajo logrado honestamente, de aquel abrazo tan ansiado; este fuego nos ilumina el camino ante la senda oscura neoliberal capitalista que enfrentamos, reconocemos — entonces que la capacidad para la Alegría es resistir a un sistema que nos pretende tristes y sometidos; la tierna alegría de ver brotar las semillas en los campos, de ver a los ojos de una criatura recién nacida, de mirar las estrellas y perderse en su brillo recordando nuestro hogar en el universo.

Son los saberes ancestrales, campesinos, populares y comunitarios que han preservado estas herramientas de conocimiento e interacción con un universo vivo que nos acoge y acompaña, por lo mismo es urgente retomar estos saberes para el resguardo y defensa de nuestros territorios y de nuestras vidas ante los ataques corporativos capitalistas. Porque nuestro amor por la vida no tiene precio, porque los abrazos compartidos desde la dulzura del encuentro con nuestros hermanos y hermanas no tienen precio, porque la alegría subversiva nace más allá de las leyes de mercado, ningún precio puede marcar nuestro paso histórico por este mundo que estamos transformando.

Sí, eres tú, el fruto soñado por tus generaciones pasadas, eres también la semilla de la siguiente generación: toma la fuerza de estos ejemplos colectivos que comparte cada página de este libro, vamos juntos a transformar la historia, porque somos el Sumak Kawsay, somos la Vida digna y libre que estamos construyendo para nuestros pueblos. Es nuestro tiempo. Es Ahora.

VIVIAN TATIANA CAMACHO HINOJOSA

Directora Nacional de Medicina Tradicional Ancestral, dentro del Viceministerio de Medicina Tradicional Ancestral del Ministerio de Salud del Estado Plurinacional de Bolivia; Comisionada de Alto Nivel “Alma Ata 40 años” de la Región de las Américas para la Organización Panamericana de Salud; Coordinadora de Salud de los Pueblos Bolivia, ex representante para la Región Andina en la Coordinación Latinoamericana dentro del Movimiento Mundial por la Salud de los Pueblos; Partera Quechua, Promotora del Parto Respetado y Partería Ancestral; Magister en Agroecología y Cultura y Desarrollo Endógeno en Latinoamérica; Promotora de Salud Popular junto a comunidades campesinas; Comunicadora Indígena integrante de la Red del Abya Yala de Comunicación Indígena; Medica Cirujana Especialista en Interculturalidad y Salud, promotora de saberes ancestrales de los pueblos indígenas.

E-mail: camachovivian@gmail.com

Representação

VANDERLÉIA LAODETE PULGA

É

com imensa alegria que convido você, leitor/a, a saborear o que esta linda obra traz: a sabedoria que emerge das práticas e experiências vivenciadas no processo de construção e realização do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido!* Uma das inovações produzidas como dispositivo de implementação da Política Nacional de Educação Popular em Saúde reconhecida institucionalmente no Sistema Único de Saúde (SUS) através da Portaria 2.761 de 19 de novembro de 2013, que tem na sua essência o *diálogo, a amorosidade, a problematização, a construção compartilhada do conhecimento, a emancipação e o compromisso com o Projeto Democrático e Popular* de sociedade como princípios fundamentais (BRASIL, 2013).

Desse processo essencialmente inovador surge essa obra, em que se apresentam os saberes e aprendizados que emergiram do vivenciado no *Curso* e no que o conjunto de suas singularidades político-pedagógicas possibilitaram fazer, sentir, experienciar e criar de novos conceitos, reflexões e conhecimentos.

Sem dúvida, um presente ao Centenário de Paulo Freire que está vivo em cada ação realizada tanto pelo *Curso* como pelas intervenções no cotidiano dos serviços de saúde, das equipes, dos grupos e movimentos sociais populares, das instituições e dos diversos atores sociais nos territórios do Nordeste brasileiro, em especial, do Ceará e do Rio Grande do Norte!

Ao adentrar nesta obra logo se perceberá que o *Esperançar* se coloca como uma chave para abrir os *portais da utopia* como possibilidade de sonhar com *Outro Mundo Possível* diante dos tempos sombrios, do obscurantismo, da apatia, do genocídio de milhares de pessoas, seja pela pandemia da Covid-19 e seu caráter sindêmico (HORTON, 2020, p. 1), seja pelas mais variadas formas de violência, seja ainda pelo resultado das desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais que ameaçam a saúde e a vida no Planeta Terra.

O convite para adentrar nesse *portal* passa pelo *diálogo* como forma de se relacionar, exercer a cidadania e o poder democrático e participativo em tempos em que a democracia vem sendo solapada do nosso país. Quando o *diálogo* acaba, a violência se instaura e coloca em risco a vida. O exercício da capacidade crítica de ver o mundo através da problematização e reflexão sobre o que se esconde atrás das entranhas do poder, da ganância, da dominação, da exploração e da violência para perceber, analisar e desvelar os verdadeiros interesses mercantis transnacionais aliados aos grupos econômicos que vêm transformando a vida em mercadoria é uma exigência ética, política e filosófica para assegurar a capacidade humana de reflexão sobre si, sobre o mundo, a sociedade e as relações. Se os seres humanos perderem essa capacidade, a alienação e a barbárie ocuparão este lugar.



O caminho para a construção da emancipação humana capaz de integrar e interagir de forma respeitosa com todas as formas de vida na Terra passa pelo Amor. A *amorosidade* é o caminho no qual se reconhece o/a outro/a em suas singularidades e diversidades de ser, existir e se apresentar! Só seremos capazes de construir os *inéditos viáveis* (FREIRE, 2021) se tivermos a capacidade de, enquanto humanidade, fazer acontecer novas relações permeadas pela *amorosidade*, acolhida, vínculo e respeito no cotidiano de nossas vidas, bem como se pudermos reconhecer e fazer acontecer a partilha dos bens materiais, do poder e do conhecimento necessários à existência de vida na Terra.

O exercício desses valores fez parte do cotidiano do processo de preparação, realização e desdobramentos nos territórios e comunidades do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*. Por isso, esse processo foi tão intenso, tão marcante e tão vivo na memória escrita e expressa nos corpos que falam por si mesmos a partir de quem viveu essa experiência — sinal de *novos mundos possíveis*.

Assim, além do processo vivenciado deste *Curso* já estar em obra, aqui se apresentam os conhecimentos, conceitos, saberes, reflexões e aprendizados que emergiram desta experiência e que foi possível refletir e sistematizar. Certamente outras possibilidades vivenciadas nesse *Curso* estariam

e ainda estão ali passíveis de serem escritas, mas o que aqui se apresenta foi a potência produzida pelos atores e atrizes sociais que a vivenciaram e que se dedicaram a refletir acerca do que esse processo produziu de novo e que pode ser compartilhado com outras pessoas.

Desta forma, a sistematização possível traz um primeiro capítulo sobre *Saberes Emergentes de um Processo Coletivo de Educação Popular em Saúde na Convivência com o Semiárido*, onde se faz uma belíssima reflexão sobre a *produção coletiva de conhecimento* permeada por uma ciência decolonial como desafio cotidiano e reconhecimento dos saberes latino americanos e dos povos do Sul. Além disso, há um aprofundamento sobre a *Sistematização de Experiências* e seus diálogos com outras abordagens participativas de pesquisa e produção de conhecimento e com o tema: sentidos, dimensões e reflexões que emergem das experiências produzidas no *Curso*.

No segundo capítulo, intitulado *Maré Alta e Maré Baixa: o Movimento Dialógico da Educação Popular*, apresentam-se as produções sobre a Educação Po-

pular e o aprendizado em suas múltiplas dimensões: consciência, coletividade e superação da opressão — e o *esperançar* como *inédito viável*.

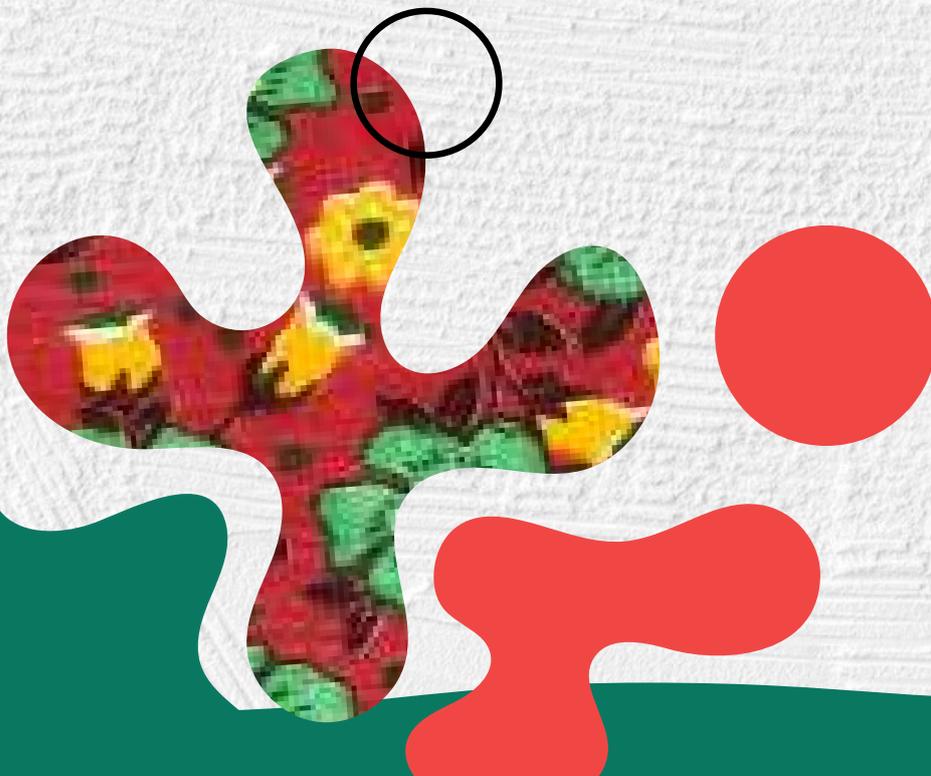
O terceiro capítulo traz uma reflexão sobre o aprender com o corpo inteiro, as linguagens e as formas de construir coletivamente com *O Nascimento desta Roda Livre que ao Nascer Já Se Move Para Libertar-Se de Si Mesma: Bem-Vindos/As às Possibilidades e Potências das Culturas e das Artes na Produção de Conhecimento!* Assim, em seu primeiro giro, a roda nos impulsiona para a dimensão do percebido e destacado do vivido; depois traz a *Cenopoesia: linguagem do linguagear; em seguida, a Cenopoesia e os repertórios humanos: arranjos cenopoéticos para uma revisitação crítica e amorosa ao vivido* — e, ainda, as *Linguagens cenopoéticas e os diversos modos de ser da cenopoesia*. Reflete também sobre a *Ritualidade e Mística: antenas para a construção de outras epistemologias* — e apresenta, por fim, *Cuidado: essência do sentir/pensar*.

O quarto capítulo traz *A Produção de Saberes e de Cuidado com a Vida nos Territórios evidenciando as Concepções de Território e Territorialização no Contexto da Saúde: Diálogos com a Cartografia Social*, ressaltando que: *É Preciso Avançar para uma Concepção de Território que Produz Vida* e destacando as *Lutas e Resistências Socioambientais Frente ao Modelo de Desenvolvimento Hegemônico*.

No quinto capítulo, a reflexão *Construindo Relações Promotoras de Vida e Novas Existencialidades (de Gênero, Étnico-Raciais)* traz a análise sobre *Gênero, Saúde e Feminismos Populares: Ousadias para a Superação da Violência, do Patriarcado e Construção do Bem Viver*, assim como a análise sobre *Gênero, Transexualidade e Saúde*.

No sexto capítulo a reflexão sobre *A agroecologia e Convivência com o Semiárido: Olhares Possíveis* traz a relação entre esses dois elementos como transformando vidas e as e as formas de viver e produzir no Semiárido.

Desejo, então, que as reflexões aqui trazidas, fruto da profunda articulação entre teoria e prática populares, mas referendadas e influenciando a produção acadêmica, possam alimentar a sabedoria de cada pessoa que passar por esta maravilhosa obra, posto que produzida por muitas mãos e vidas!



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, p. 62, 20 de novembro de 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

HORTON, R. Covid-19 não é uma Pandemia. **The Lancet**, v. 396, set. 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)32000-6](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)32000-6). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: 20 out. 2020.



01.
Saberes
EMERGENTES
DE UM PROCESSO
coletivo de educação
popular em saúde com o
semiárido

VERA LÚCIA DE AZEVEDO DANTAS

POR FALAR NISSO, QUAL O TAMANHO DOS BRAÇOS DA NOSSA CIÊNCIA?

QUAIS OS LIMITES DO NOSSO OLHAR?

DE QUE OLHARES SÃO FEITAS AS NOSSAS CIÊNCIAS?

DE QUANTOS FAZERES, SABERES E EXPERIMENTOS É FEITA A NOSSA CIÊNCIA?

DE QUANTAS COBAIAS SE PRODUZ UMA CIÊNCIA?

COM QUANTO RESPEITO AO OUTRO SE FAZ UMA CIÊNCIA OU UM ATO EDUCATIVO?

QUANTO DE ESSÊNCIA HUMANA HÁ EM NOSSAS PRÁTICAS CIENTÍFICAS E EDUCATIVAS?

PARA QUE E A QUEM SERVEM NOSSAS CIÊNCIAS?

QUANTO DE INTELIGÊNCIA, ÉTICA E PAZ HÁ ENTRE OS SABERES?

*QUANTO PODER EMITE, CONCENTRA, APLICA, REPLICA, IMPLICA UM CIENTISTA,
UM ARTISTA, UM EDUCADOR, UM PESQUISADOR, UM TRABALHADOR HUMANO?*

(RAY LIMA)

1.1. PRODUÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTO: POR UMA CIÊNCIA DECOLONIAL

Este texto é fruto da sistematização coletiva do vivido no curso de *Curso de Especialização e de Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido* realizado pela Fiocruz Ceará em parceria com a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde – ANEPS e a Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos no Semiárido – RESSADH. O processo de sistematização foi iniciado ainda com o *Curso* em andamento, envolveu educadores/as, educandos/as e a Coordenação e utilizou, como fontes de dados, as narrativas de atores e atrizes que compuseram a equipe de sistematização, relatórios produzidos no percurso de elaboração da proposta curricular, das atividades do *tempo-escola* e *tempo-comunidade* e das oficinas de sistematização. Também foram incluídos como fontes os Trabalhos de Conclusão de Curso/TCCs de alguns educandos e educandas. Esse processo foi ancorado na perspectiva da Sistematização de Experiências, considerando que:

A SISTEMATIZAÇÃO É AQUELA INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DE UMA OU VÁRIAS EXPERIÊNCIAS QUE, A PARTIR DE SUA ORDENAÇÃO E RECONSTRUÇÃO, DESCOBRE OU EXPLICITA A LÓGICA E O SENTIDO DO PROCESSO NELAS VIVIDO: OS DIVERSOS FATORES QUE INTERVIEM, COMO SE RELACIONARAM ENTRE SI E POR QUE O FIZERAM DESSE MODO. A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PRODUZ CONHECIMENTOS E APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS QUE POSSIBILITAM APROPRIAR-SE CRITICAMENTE DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS (SEUS SABERES E SENTIMENTOS), COMPREENDÊ-LAS TEORICAMENTE E ORIENTÁ-LAS PARA O FUTURO COM UMA PERSPECTIVA TRANSFORMADORA (JARA HOLLIDAY, 2012, P. 84).

A reflexão sobre a contribuição deste percurso para se pensar a pesquisa e a produção de conhecimento em uma perspectiva coletiva, emancipatória e decolonial nos remetem a um conjunto de questionamentos. Inicialmente nos leva à reflexão sobre de qual ciência estamos falando. O debruçar sobre os materiais produzidos nos permitem perceber que a proposta pedagógica deste *Curso* rompe com a visão da ciência cartesiana como verdade única. Aponta, pois, para uma *produção de conhecimento como processo social, crítico e reflexivo* no qual são propostas ações que possam romper com as relações de opressão/dominação e nos provocam

[...] SOBRE A NECESSIDADE DE PENSAR A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGOS ENTRE SABERES, ARTICULADO ÀS NECESSIDADES SOCIAIS; DA POSTURA ÉTICO-POLÍTICA DE COMPROMISSO COM A TRANSFORMAÇÃO JUSTA E EQUÂNIME DA SOCIEDADE E DA IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA TÃO DEFENDIDA POR FREIRE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Com âncora nessas considerações iniciais, outros questionamentos emergem para seguir problematizando:

QUE VISÃO DE MUNDO ORIENTA NOSSO AGIR?
 COMO, EM PESQUISA, AGIR E INTERPRETAR?
 COMO PENSAR E VIVENCIAR A RESISTÊNCIA?
 COMO O OUTRO E A OUTRA É SEMPRE COLETIVO?
 ONDE O CONSCIENTIZAR-SE? (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

A Educação Popular, matriz fundamental desse percurso, se entremeia nesse cenário discursivo:

COMO SAÚDE E EDUCAÇÃO POPULAR SE INSEREM NO CONTEXTO DA PESQUISA?
 EM QUE A PRODUÇÃO DE PESQUISA DIALOGA COM EDUCAÇÃO POPULAR?
 O SABER DA EXPERIÊNCIA DEVEMOS CONSIDERAR?
 A EDUCAÇÃO TEM A VER COM OUTROS JEITOS DE CUIDAR?
 E SE BUSCARMOS O POPULAR PRA FAZER ESSA CONSTRUÇÃO?
 PENSO QUE NOVOS CAMINHOS VÃO GERAR INOVAÇÃO
 E SE OS CONFLITOS VIEREM ENTRE O ACADÊMICO E O POPULAR?
 VAMOS SEGUIR QUESTIONANDO PRA GERAR REFLEXÃO
 ISSO É MOURÃO PERGUNTADO,
 ISSO É RESPONDER MOURÃO (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Sem a pretensão de responder a estas indagações que servem como questões orientadoras desse percurso reflexivo, ao considerar os princípios, matrizes e dimensões da Educação Popular, a *experiência* se apresenta como



categoria fundante. Freire manifesta seu respeito pelo que denomina de *saber de experiência feito*, que considera sinônimo de senso comum e argumenta: *Discordo dos pensadores que menosprezam o senso comum, como se o mundo tivesse partido da rigorosidade do conhecimento científico. De jeito nenhum! A rigorosidade chegou depois* (FREIRE, 2001, p. 232). A convivência respeitosa com esses saberes defendida pelo autor não significa idealizá-lo, mas a compreensão de que eles constituem base fértil para a construção do conhecimento científico e que é fundamental dialogar com ele, problematizá-lo. Portanto, a categoria *experiência* se inscreve nessas reflexões e nos convida a repensar técnicas e produtos, a expandir nossas capacidades inventivas para transformar, agir e refletir:

QUAIS OS SENTIDOS QUE ESSA EXPERIÊNCIA PRODUZ? PORQUE AS PALAVRAS TÊM UM SENTIDO TAMBÉM PRA QUEM FALA. E ÀS VEZES O SENTIDO DE QUEM FALA NÃO É O MESMO SENTIDO DE QUEM ESCUTA. POR ISSO QUE A PESQUISA TAMBÉM É UM PONTO DE CONEXÃO. QUAL É A TÉCNICA QUE ESSA CIÊNCIA É CAPAZ DE PRODUZIR? A OPÇÃO PELO MÉTODO DEPENDE DA NATUREZA DO PROBLEMA QUE PREOCUPA O INVESTIGADOR, OU DO OBJETO QUE SE DESEJA CONHECER OU ESTUDAR. A GENTE PRECISA REFLETIR É QUE NÃO HÁ TEMPO PARA A EXPERIÊNCIA — E COMO A GENTE VAI PRODUZIR TEMPO PARA ESSA EXPERIÊNCIA? ISSO SE CONECTA A PAULO FREIRE, QUE COLOCA A NOSSA CAPACIDADE DE REINVENÇÃO: PARA TRANSFORMAR, A GENTE PRECISA PARAR. SE PERMITIR SER, INCLUSIVE ESSE OUTRO DE SI. A EXPERIÊNCIA É SINGULAR. A CAPACIDADE DE INOVAR, AO FAZER A CARTOGRAFIA, É A PRODUÇÃO DAQUELE SUJEITO. É A IMPREVISIBILIDADE COM SUA CAPACIDADE DE SE REINVENTAR COM A SITUAÇÃO A PARTIR DO TERRITÓRIO. É COM ESSAS QUESTÕES QUE VOCÊS VÃO SE DEPARAR. A GENTE PRECISA PENSAR QUE CONVERSAS SÃO POSSÍVEIS. A PALAVRA É UM RÓTULO. ELA É MODELADA PELO TECIDO SOCIAL EM QUE ME ENCONTRO: EU VOU ME REFAZENDO. QUEM É ESSE SUJEITO, QUAIS SÃO SUAS HISTÓRIAS? (FERREIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)

Ainda enraizados/as na Educação Popular e na centralidade da *experiência* para a produção de conhecimento, outras questões buscam ampliar a problematização:

COMO PENSAR A PESQUISA COMO REFLEXÃO SOBRE O COTIDIANO?
COMO CONSIDERAR O SABER DA EXPERIÊNCIA CONSTRUÍDO PELOS/
AS TRABALHADORES/AS E MOVIMENTOS POPULARES NA PRODUÇÃO DO
CONHECIMENTO? COMO INCLUIR A PERSPECTIVA POPULAR NA LUTA PELO
DIREITO À SAÚDE COMO DIMENSÃO ORIENTADORA DAS PRÁTICAS QUE RE-
ALIZAMOS? COMO COLOCAR A PESQUISA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DOS/
AS TRABALHADORES/AS E DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DE SAÚDE
DA POPULAÇÃO? COMO ENFRENTAR A MERCADOLOGIZAÇÃO DA PESQUISA



E O OLHAR DAS INSTITUIÇÕES DE FOMENTO MAIS PREOCUPADAS COM OS ÍNDICES DE PRODUÇÃO DO QUE COM A QUALIDADE DAS PRODUÇÕES? COMO VAMOS NOS COLOCAR NESSE LUGAR DE PESQUISADOR/A (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)

A Educação Popular também nos ajuda a desvelar questões como dominação versus construção compartilhada, colaborativa, cooperativa:

O GRANDE ERRO DOS EXPERTS É: O QUE EU DOMINO É O MELHOR. A GENTE PRECISA PENSAR QUE O MEU SABER NUNCA VAI DAR CONTA DE TUDO. SABERES SÃO COMPLEMENTARES, COMO DIRIA O MESTRE PAULO FREIRE. EDUCAR NÃO É SIMPLEMENTE TRANSMITIR CONHECIMENTO. [...] A GENTE 'TÁ PENSANDO MESMO OU ESTÃO PENSANDO POR NÓS? A GENTE PRECISA DOS MOVIMENTOS, DAS INSTITUIÇÕES, A GENTE PRECISA DAS PESSOAS. A GENTE PRECISA DE TODO MUNDO JUNTO! NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM (FERREIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Ainda com âncora na Educação Popular, ao recuperarmos o *vivido* com foco na questão da produção de conhecimento, dialogamos com Freire, para quem escrever sobre o *vivido* é uma tarefa política. Em suas palavras: *Não escrevo somente porque me dá prazer escrever, mas também porque me sinto politicamente comprometido, porque gostaria de convencer outras pessoas, sem a elas mentir, de que o sonho ou os sonhos de que falo, sobre que escrevo e porque luto, valem a pena ser tentados* (FREIRE, 1994, p. 15-16). Construir reflexões sobre o *vivido* nesse percurso nos remetem a uma fala do cenopoeita Ray Lima no *tempo-escola* do *Curso* sobre a necessidade de fazer a *reforma agrária na produção do conhecimento*, ou seja, de democratizar o acesso aos processos e ferramentas de produção de conhecimento com toda a população e não que sigam como privilégio de alguns setores sociais. Nessa perspectiva, Ângela Linhares em sua fala no *tempo-escola* nos lembrou de que a produção do saber se dá em todo corpo social, embora uma classe tenha se apropriado hegemonicamente dele:

QUEM SE APROPRIOU É QUE FOI UMA CLASSE! E MESMO ESSA APROPRIAÇÃO, HOJE, HÁ REAPROPRIAÇÕES! A GENTE NÃO VAI AFIRMAR, ENTÃO, QUE ESSA APROPRIAÇÃO É UMA COISA ABSOLUTA! A GENTE NÃO PODE ABSOLUTIZAR AS USURPAÇÕES SOCIAIS! A GENTE VAI PROVOCAR ESSE ESPAÇO QUE FICA DE TRÂNSITO, ESSE ESPAÇO DAS MIGRAÇÕES, ESSE ESPAÇO DAS DIVERSIDADES, ESSE ESPAÇO EM QUE JUSTIÇA SOCIAL SE FAZ COM JUSTIÇA DO PODER DE FALA, QUE A PESCADORA DISSE MUITO BEM: “PERDI O MEDO DA PALAVRA”! (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

E Linhares arremata:

[...] NÃO HÁ JUSTIÇA SOCIAL SEM JUSTIÇA COGNITIVA! QUE É ESSA IDEIA DE QUE ESSA LUTA PARA QUE O SABER DO POVO, PRA QUE O SABER DAS

MARISQUEIRAS, PRA QUE O SABER DAS PESCADORAS, PRA QUE O SABER DO POVO DO CAMPO, QUE ELE TENHA DIGNIDADE! (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019d).

Essas reflexões nos provocam a um olhar que problematiza e desnaturaliza as formas hegemônicas de produção de conhecimento e nos desafiam a abrir novas possibilidades com os atores sociais populares. Nesse sentido, a *sistematização* desta *experiência* nos remete a refletir sobre as injustiças e iniquidades também na produção de conhecimento. Sobre isso, Marcelo Firpo Porto trouxe a seguinte provocação:

O ESTADO, A CIÊNCIA E A ECONOMIA SERVEM PARA NEGAR E INVISIBILIZAR O QUE ESTÁ ALÉM DA LINHA ABISSAL. É PRECISO TRATAR OS DESIGUAIS DE FORMA JUSTA. O ESTADO TRATA IGUALMENTE OS DESIGUAIS? E AS INJUSTIÇAS, SE MANTÊM OU SE REDUZEM? ESSA PROPOSTA CONTRIBUI PARA CONSTRUIR PONTES ENTRE ARTE, ÉTICA, RAZÃO E AFETO, SAÚDE E DIGNIDADE, POR MEIO DE PRÁTICAS MAIS SENSÍVEIS E SÁBIAS DENTRO DA SOCIEDADE E, MUITO NECESSITADAS, DA ACADEMIA? (FIRPO APUD FIOCRUZ-CE, 2019d)

Porto (2020) nos provoca a tomar assento na luta para incorporar a justiça cognitiva em uma perspectiva emancipatória e aponta possibilidades metodológicas que propiciem a interação entre as abordagens e linguagens usualmente assumidas nos meios acadêmicos com outras linguagens, que cunha de *linguagens da vida*, nas quais inclui as linguagens artísticas, sejam elas performáticas, gráfico-imagéticas ou poético-musicais. Para ele essa interação contribuiria para um atravessamento das fronteiras entre conhecimento e sabedoria, ciência e consciência, sentir e pensar, razão e coração. Nesse sentido, traz para a roda a categoria *Coracionar*, também assumida pelo colombiano Patricio Guerrero Arias. Em suas palavras,

HOY SABEMOS QUE EXISTIMOS, NO SÓLO PORQUE PENSAMOS, SINO PORQUE SENTIMOS, PORQUE TENEMOS CAPACIDAD DE AMAR. POR ELLO, HOY SE TRATA DE RECUPERAR LA SENSIBILIDAD, DE ABRIR ESPACIOS PARA CORAZONAR DESDE LA INSURGÊNCIA DE LA TERNURA, QUE PERMITAN PONER EL CORAZÓN COMO PRINCIPIO DE LO HUMANO, SIN QUE ESO SIGNIFIQUE TENER QUE RENUNCIAR A LA RAZÓN, PUES DE LO QUE SE TRATA ES DE DAR AFECTIVIDAD A LA INTELIGÊNCIA (ARIAS, 2010, P. 11).

Arias (2010), considerando as sabedorias ancestrais que historicamente reafirmaram essa interação, critica o caráter disciplinar das epistemologias hegemônicas nos espaços acadêmicos, lembrando-nos que esse caráter tem se constituído instrumento de manutenção do poder e aponta as lutas de insurgência material e simbólica dos povos subalternizados no sentido de constituírem-se sujeitos sociais, políticos e históricos da produção de conhecimento e da própria vida. As concepções de Arias e Firpo expressam



uma perspectiva decolonial já delineada em toda a construção desse percurso e desvelam como a desqualificação dos afetos, das emoções nos processos de produção de conhecimento contribuem para a invisibilização e dominação das subjetividades, conhecimentos, saberes e práticas presentes nos territórios e na vida comunitária.

Nessa mirada decolonial, tais visões assumem-se como *horizontes filosóficos, políticos, pedagógicos e epistemológicos para a emancipação e a transição em direção a outras possibilidades de ser, saber e poder* (PORTO, 2020). Desse modo, Porto no tempo-escola, problematiza e nos chama à ação:

DO LUTO À LUTA.... A RESISTÊNCIA SÓ TEM SENTIDO QUANDO CAMINHARMOS AO LADO DA REEXISTÊNCIA. E NOS LEMBRA A IMPORTÂNCIA DE SER PROTAGONISTA: É NECESSÁRIO SE APERCEBER DE PEQUENOS DETALHES DAS MICRORREVOLUÇÕES. TRANSESCALARIDADES – PORQUE SE TEM ATRAVESSADORES A AUTONOMIA É RELATIVA (PORTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Essas reflexões dialogam com a ideia de *inédito viável* trazida por Freire (2002) — e também expressam sua concepção de esperar: “a esperança tem sentido se é partejada na inquietação criadora do combate na medida em que, só assim, ela também pode partejar novas lutas em outros níveis” (FREIRE, 2002, p. 198).

A perspectiva dialógica e inclusiva da Educação Popular também reitera uma ideia de *ciência emancipatória que considera os saberes e os poderes das pessoas envolvidas*. Um caminhar em pesquisa que se faz com as pessoas e não *sobre elas*. Nesse caminhar se considera que *todo conhecimento é importante, não há hierarquia; não há separação entre observador e a questão/problema, e há conexões tanto das pessoas que ali vivem, entre si e o território, quanto com quem chega* (TEIXEIRA apud FIOCRUZ-CE, 2019c). É importante considerar isso.

Considerando essa problematização, o Curso, ao ancorar-se na Educação Popular, referencia um modo de *construção coletiva e compartilhada de conhecimento* mediando o processo de forma dialógica, democrática e amorosa.

NÃO EXISTE QUEM SABE MAIS OU QUEM SABE MENOS, EXISTEM SABERES DIFERENTES, JÁ NOS DISSE O GRANDE MESTRE PAULO FREIRE. O CONHECIMENTO SE DÁ DE FORMA CIRCULAR, ONDE NESSE CÍRCULO TODAS AS PESSOAS COMPARTILHAM SEUS CONHECIMENTOS, DESDE CRIANÇA, JOVEM, ADULTO, MÉDICO, REZADEIRA, ANALFABETO, DOUTOR, PROFESSOR. NÃO EXISTE DETENTOR DO CONHECIMENTO: EXISTE A TROCA, A PARTILHA DE CONHECIMENTOS E SABERES DE FORMA DIALÓGICA, DEMOCRÁTICA E AMOROSA (RÉGIS, 2020, P. 9-10).

Produzir conhecimento sob essa perspectiva traz a necessidade de definir a

postura dos sujeitos, especialmente os que estão vinculados a processos desencadeados por instituições de ensino e pesquisa. Ray Lima assim reflete:

SABER QUE ESTAMOS DISPOSTOS A INTERAGIR COM O OUTRO, COM A OUTRA. QUE AO INTERAGIRMOS, PODEMOS SABER E SER MAIS. QUE TODOS TEMOS O DIREITO LEGÍTIMO A PRODUZIR, EXPRESSAR E DIFUNDIR LIVREMENTE O QUE PRODUZIMOS, SEM A PRESSÃO E A FALSA NECESSÁRIA VALIDAÇÃO DO OUTRO — DE ALGUMA INSTITUIÇÃO OU ALGUÉM SUPOSTAMENTE SUPERIOR E DETENTOR DA VERDADE E DAS EXPERIÊNCIAS SOCIALMENTE VÁLIDAS. QUE PODEMOS SONHAR, SIM, APESAR DO MOMENTO QUE VIVEMOS — AÍ É QUE PRECISAMOS SONHAR! E SONHAMOS EXERCENDO LIVREMENTE OS PODERES EXIGIDOS PELO ESTATUTO DA VIDA! EM CONEXÃO COM O OUTRO E SEUS MUNDOS. QUE O PODER E O SABER NÃO EXISTEM SENÃO PARA SEREM EXERCIDOS POR TODOS E TODAS! QUE SABER SE SOMA SEMPRE — INFINITAMENTE, HUMANIDADE ADENTRO! MAS NÃO DEVE SER CUMULATIVO, SENÃO CIRCULANTE! COMPARTILHADO! DEMOCRATIZADO! DIFUNDIDO! ENRIQUECIDO! EXPERIMENTADO! ATUALIZADO — E UTILIZADO EM MELHORIA DA VIDA COLETIVA, POR TODOS E TODAS NÓS! (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Essa perspectiva propõe aos pesquisadores e pesquisadoras uma

POSTURA ÉTICO-POLÍTICA
 COMPARTILHANDO O FAZER E O SABER
 CONSTRUINDO RELAÇÕES DE CONFIANÇA
 INSERÇÃO NA COMUNIDADE
 DIÁLOGO COMO PREMISSA
 DIREITO À AFIRMAÇÃO DA DIVERSIDADE
 PERSPECTIVA DE MUDANÇA
 ENTRAR NO MUNDO DO OUTRO E DA OUTRA
 CONSIDERAR A TOLERÂNCIA E SE DEIXAR REDESCOBRIR E REFAZER
 (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019d).

Desse modo, o *Curso* em seus percursos e princípios segue questionando, provocando:

VAMOS AFIRMAR OS DOGMAS DA CIÊNCIA EUROCÊNTRICA CONSTRUÍDA A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA ALHEIA A NOSSOS VALORES E CULTURAS IMPLÍCITAS NO NORTEAR? ESSE NORTEAR QUE NEGA, INVISIBILIZA O OUTRO E A OUTRA AFRICANO/A LATINO-AMERICANA/O EM SUAS IDENTIDADES, E QUE REDUZ SUA CULTURA A FOLCLORE, SUA ESPIRITUALIDADE A SUPERSTIÇÃO, SUA VISÃO DE MUNDO OU FORMAS DE INTERAGIR A USOS E COSTUMES? OU VAMOS NOS COLOCAR NA PERSPECTIVA DO SULEAR E NOS CONTRAPOR À SUBJETIVIDADE DO PERIFERIALIZADO, À OCIDENTALI-



Aqui novamente se expressa a concepção decolonial defendida por Fanon, Mbembe, Quijano, Dussel, Mignolo, Santos, entre outros, que fazem a crítica à perspectiva de conhecimento e ao modo de produção de conhecimento da modernidade: eurocêntrico e colonialista — e que se reveste da retórica do *humanismo* e do *universalismo* para acobertar a força. Diz Mbembe (2014, p. 69): uma força que não sabe ouvir e não sabe transformar-se.

Ao se explicitar tais aspectos neste percurso, *rompe[se] com o modelo de que só o universo acadêmico produz escrita, produz pensamento* (BATISTA apud FIOCRUZ-CE, 2019b) e *aclara[se] os padrões de produção de conhecimento que destroem o bem viver e os que fortalecem isso* (LIMA apud FIOCRUZ-CE, 2019b). Desse modo, imbuídos dessa perspectiva decolonial foi possível “vivenciar, poder participar das produções dos educandos. Eu vi a Maninha ser insurgente na escrita dela. E foi do jeito que ela disse — vou beber do que Vera trouxe: a desobediência. Ela foi muito firme de como ela queria apresentar a escrita dela” (BATISTA apud FIOCRUZ-CE, 2019b). E, ao trazer a sistematização das vivências no per.*Curso*, traz-se para a roda Conceição Evaristo com a concepção de *escrivivência*: a vivência dos educandos e educandas nos territórios sendo trazida no que se vive todo dia e na sua leitura de mundo: próprio (BATISTA apud FIOCRUZ-CE, 2019b).

A opção decolonial se desvelou também na escolha dos autores referenciados para abordagens de pesquisa e concepções teóricas. Os questionamentos se seguiram: “como descolonizar? Como visibilizar, referendar os pesquisadores do Sul? Freire, Fals Borda, Enrique Dussel, Brandão, Oscar Jara, os africanos e tantos outros e outras? como nos autorizarmos como autores do nosso próprio conhecimento?” (DANTAS apud FIOCRUZ-CE, 2019b). Com ela também a ruptura com a demarcação de *lados*, como questionou Porto (apud FIOCRUZ-CE, 2019d) e no que Linhares também nos trouxe:

[...] A SUPERAÇÃO DO BINARISMO NA DIREÇÃO DA COMPLEXIDADE; A MIGRAÇÃO COMO UM LUGAR DE SABER. OS TRÂNSITOS DAS MIGRAÇÕES! OS DIÁLOGOS! QUANDO ELA FAZ UMA INTERVENÇÃO SOCIAL É QUANDO ELA REALIZA. ESSE TRÂNSITO, ESSA APRENDIZAGEM DAS MIGRAÇÕES É UM LUGAR FORMADOR, AS MIGRAÇÕES COMO LUGAR DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c)!

Linhares, no *tempo-escola*, faz referência à categoria *entre-lugares* trazida por Homi Bhabha ao refletir sobre o colonialismo e partindo da ideia de pluralidade cultural. *Entre-lugares* fala da necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar momentos ou processos produzidos na articulação de diferenças culturais (BHABHA, 2003, p. 20). Para o autor, cultura é tudo o que nos habita. E a educadora expressa seu olhar sobre a construção pedagógica do *Curso*. Diz ela:

NO PROCESSO DO CURSO A PREOCUPAÇÃO SE PAUTOU MENOS NA PERSPECTIVA DE ENCONTRAR OS RESÍDUOS DE COLONIALISMO NAS PRÁTICAS, E MAIS NA PERSPECTIVA DE CONSTRUIR O PRESENTE E OLHAR PRO FUTURO, PRO SONHO! (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c)!

E ela segue sua reflexão: *a educação como uma proposição e o sonho como uma experiência que se forja na luta*. Aqui se explicitam duas importantes categorias trabalhadas pela Educação Popular: o sonho e a luta! Sobre o *sonhar*, nos diz Freire:

JAMAIS PUDE PENSAR A PRÁTICA EDUCATIVA INTOCADA PELA QUESTÃO DOS VALORES, PORTANTO DA ÉTICA, PELA QUESTÃO DOS SONHOS E DA UTOPIA, QUER DIZER, DAS OPÇÕES POLÍTICAS, PELA QUESTÃO DO CONHECIMENTO E DA BONITEZA, ISTO É, DA GNOSIOLOGIA E DA ESTÉTICA (FREIRE, 2000, P. 89).

Ao referenciar o *sonho* como categoria que se constitui coletivamente, Freire a associa à historicidade e ao *esperançar*, pois:

[...] AUXILIA A VISLUMBRAR A POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR O INÉDITO-VIÁVEL COMO UM MODO DE SUPERAÇÃO DOS CONDICIONAMENTOS HISTÓRICOS QUE O TORNAM MOMENTANEAMENTE INVIÁVEL. ACREDITAR NA POTENCIALIDADE DO ATO DE SONHAR COLETIVAMENTE, NESSA PERSPECTIVA, SIGNIFICA COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA RIGOROSIDADE METÓDICA PARA, AO PERCEBER OS TEMAS CONTIDOS NAS SITUAÇÕES-LIMITES, TOMÁ-LOS COMO OBJETO DE ESTUDO E REFLEXÃO, PODENDO PERCEBER TAMBÉM QUE “ALÉM DESSAS SITUAÇÕES E EM CONTRADIÇÃO COM ELAS ENCONTRA-SE ALGO NÃO EXPERIMENTADO” (FREIRE, 1979, P. 30).

Sonho e luta, interligados, dialogam na práxis do *Curso* e vão desvelando a tensão entre *denúncia e anúncio* referenciada por Freire (1983, p. 99) que nos lembra ser esse um “critério histórico-social e não-individual” — e explicita o papel dos movimentos sociais populares como fonte de saber fundamental da Educação Popular.

Sobre isso, pinçamos a fala de Linhares no *tempo-escola*: “saber que se forja na luta social! Freire disse isso, mas vocês viveram antes de ler isso! Vocês viveram primeiro e depois reconheceram — no Freire ou em outras pessoas! — que vocês se formam na própria luta” (LINHARES apud FIOCRUZ-CE, 2019c)!

Desse modo, outras questões emergem — e elas dialogam com as concepções impressas na Educação Popular. Lembram-nos sobre a importância de *compreender a totalidade das situações, de não separar o sujeito dos ambientes que o formam*. Freire também é *lente* para essa compreensão quando nos diz que a educação é contextualizada e que, diferentemente de outros animais, é a capacidade humana de agir e refletir, de realizar *leituras* sobre seu lugar no mundo, que “o faz um ser da práxis” (FREIRE, 2007, p. 17), agindo



sobre a realidade para transformá-la. Ter o processo pedagógico enraizado nas condições culturais e espaço-temporais contribui, no olhar de Freire, para que educandos/as e educadores/as saiam de uma postura de *espectadores/as* da realidade, nela inserindo-se criticamente. Em suas palavras: “Emergindo, descruza os braços, renuncia a ser simples espectador e exige participação. Já não se satisfaz em assistir; quer participar; quer decidir” (FREIRE, 2007, p. 61).

Considerar os contextos nos remete a pensar a educação como cultura, afirmou Linhares no *tempo-escola*, provocando-nos a rever o conceito de *multiculturalidade*. Sobre isso, mais uma vez convidamos Freire ao diálogo que nos provoca a considerar sua constituição não como justaposição de culturas ou sobreposição de uma cultura sobre outra, mas na *liberdade conquistada* em que possam coexistir e conviver (FREIRE, 2002).

A arte surge nas reflexões de fundo como espaço de educabilidade do humano e suas relações. Linhares (2003) conosco dialoga sobre os *possíveis* com arte em processos de produção de conhecimento, por incluir dimensões e elementos estreitamente vinculados aos padrões do *sentir* humano, propiciando a produção de sentidos que não se aprisionam pela verbalização. Dantas (2020) também nos ajuda a aprofundar essa proposição e referenciá-la como modo de produção de conhecimento que articula o mundo vivido e suas problemáticas, recompondo e configurando novos sentidos. As vivências artísticas, segundo ela, parecem produzir *redes de conversação* que se fazem também com metáforas e se apresentam como modo de superação do real dado — processo que denominou de *transposição metafórica*. Sobre isso, e dada a importância da arte no processo como um todo, trataremos desse tema em outro capítulo.

Nesse contexto, o debruçar-se sobre os materiais pedagógicos evidenciam os atravessamentos da ciência popular ancorada, principalmente, na prática e na intuição, por um lado e, por outro, a ciência acadêmica gerando muitas vezes desafios e enrijecimentos:

○ DESAFIO É O FIO PRESTES A SE PARTIR
PELO EXCESSO DE ENERGIA SEM FLUIDEZ!

○ DESAFIO É O FIO PRESTES A SE PARTIR
PELO EXCESSO DE ENERGIA SEM FLUIDEZ (LIMA APUD FIOCRUZ-
-CE, 2019c)!

Esse processo todo evidencia uma concepção de pesquisa, temperada com dedicação, desejos e amorosidade — e que promove encantamentos: *me encanta essa prática de pesquisa, pois me sinto parte do que estou analisando, não sou neutro, tenho minhas vivências, experiências* (SOARES, 2020, p. 18). Aqui percebemos a interação com o que apresentaram Arias (2010) e Firpo (2020) sobre o sentido de *Coracionar* como uma forma de romper com a fragmentação e de incluir os sujeitos/as/es com sua inteireza e considerando seu corpo consciente que olha as estrelas, escreve, fala, luta, ama, sofre,

que vive (FREIRE, 1983).

Por fim, Ray Lima reafirma que *o poder coletivo é sempre maior e mais belo que o arrogante e mesquinho poder isolado e desolador de um só!* Relembra a experiência de autogestão vivenciada pelos educandos e educandas do *Curso* quando do corte do financiamento pelo governo federal e, ao mesmo tempo, nos leva a refletir:

ESSE *CURSO* NÃO SERIA A NOSSA *FEIRA DO SOMA SEMPRE?* UM LUGAR DE PRODUÇÃO DE ESTRATÉGIAS, MODOS DE PENSAR E AGIR PARA LIDAR OU ENCARAR O ADVENTO DO BURACO NEGRO DE UM SISTEMA QUE SUPOSTAMENTE TUDO SABE, TUDO PODE, TUDO CONTROLA, TUDO POSSUI E ACUMULA, DEFORMA, ABSORVE E DEVORA? ENTÃO, ESTE É O DESAFIO (LIMA *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019c)!

E lembra que o processo vivido nesse percurso:

[...] É UM EXERCÍCIO DE COMO PODE SER UMA SOCIEDADE, DE COMO PODE SER UMA COMUNIDADE, DE COMO PODEMOS GERENCIAR NOSSA VIDA, NOSSOS TEMPOS! ISSO AQUI NÃO É APENAS UM MOMENTO DE UM *CURSO* — PORQUE A GENTE ESTÁ SEMPRE EM FORMAÇÃO, GENTE NÃO PARA DE SE RECRIAR. E QUANDO A GENTE PARA, A GENTE É ATROPELADO POR OUTROS GRANDES UNIVERSOS. SE VOCÊ PARA, É COMO A ONDA DO MAR, QUE PEGA E TE DERRUBA. POR ISSO, TEMOS QUE DIALOGAR COM A VIDA! A GENTE INVENTOU UM PLANETINHA E CONVIVEU 7 DIAS — COM NOSSOS REPERTÓRIOS HUMANOS, ALGUMAS COISAS TRAZIDAS, OUTRAS INVISIBILIZADAS, PORQUE A GENTE INVISIBILIZA MUITA COISA DENTRO DA GENTE (LIMA *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019c).

SER HUMANO-MUNDO É PAULO FREIRE A NOS DIZER
SER QUE SE REALIZA NO ESTAR SENDO
MUNDO-HORIZONTE NO QUAL SE ESTÁ VIVENDO
E DÁ SIGNIFICADO AO SEU VIVER (DANTAS *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019d).

Terminando com as palavras do cenopoeta:

É MISTER AINDA SER SOLIDÁRIO COM A VIDA E IMPLACÁVEL COM O DESAMOR. O MUNDO SERÁ OUTRO QUANDO CADA POVO EM TODOS OS RECANTINHOS DA TERRA TIVER SUA AUTONOMIA RESPEITADA E PRESERVADA. [...] NÃO HÁ ESCAPATÓRIA. COMO DIZ O FILÓSOFO: “OU MUDAMOS OU MORREMOS”. NÃO É DIFÍCIL MUDAR. É SÓ UM PROBLEMA DE PERCEPÇÃO E VONTADE. ISSO JÁ FOI EXPERIMENTADO UM DIA. É QUE MUITAS COISAS BOAS QUE APRENDEMOS OU INVENTAMOS FOMOS DEIXANDO PARA TRÁS COMO COISA OBSOLETA. [...] A GRANDE UTOPIA DO NOVO MILÊNIO SERIA



SER HUMANAMENTE HUMANO SEM ABANDONAR AS CONQUISTAS COLETIVAS QUE DE FATO ATÉ HOJE PROMOVEM O BEM COMUM, TANTO À NATURALIDADE QUANTO À SOCIEDADE (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

1.2 SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E SEUS DIÁLOGOS COM OUTRAS ABORDAGENS PARTICIPATIVAS DE PESQUISA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Ao considerar as concepções que orientaram esse percurso e a necessidade de materializar o processo de produção de conhecimento, a *sistematização de experiências* proposta por Oscar Jara Holliday foi a principal referência. A razão dessa escolha se deu, em parte, por ser uma abordagem problematizadora, reflexiva e participativa e, por outra, por propiciar o envolvimento das pessoas diretamente vinculadas ao *Curso*, assim como também daqueles e daquelas que compõem as experiências de onde advêm esses atores e atrizes.

O processo de produção de conhecimento, no *Curso*, seguiu duas vertentes principais: a acadêmica, exigência formal da instituição, e a produção das reflexões sobre as experiências vividas nos territórios. Esse foi, sem dúvida, um diferencial deste percurso, ao considerar a necessidade de que os sujeitos da *experiência* pudessem aprender com o vivido para transformá-lo. Inicialmente, a *sistematização* proposta por Jara se apresentou como oportuna também por ancorar-se nas bases pedagógicas da Educação Popular e por partir do *saber de experiência feito*, de quem viveu essas experiências que passaram a compor as equipes de sistematização. “Isso é o ponto de partida de uma linha de sistematização. Este olhar que escolhemos vai ser a partir dos sujeitos e do seu protagonismo” (DANTAS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019c).

Jara Holliday (2006) nos lembra que a *sistematização* coletiva vai além da sistematização de informações ou do simples relato de *experiência*. Para ele significa construir reflexões por meio de um processo dialético, em que o real é histórico, dinâmico e inesgotável, devendo ser analisado a partir de uma perspectiva crítica e se colocando como instrumento metodológico potente para a efetivação de uma prática transformadora (JARA HOLLIDAY, 2006, p. 68).

Segundo a proposição do autor (*idem*, 2006), o processo estrutura-se em cinco tempos: “o ponto de partida, as perguntas iniciais, a recuperação do processo vivido, as reflexões de fundo e os pontos de chegada”. Como *ponto de partida* para a escolha da *experiência* a ser sistematizada o autor considera a essencialidade de ter participado da *experiência* e a existência de registros para ancorar e orientar a *sistematização*. As *perguntas iniciais* são âncoras essenciais para definição do objetivo e do *eixo de sistematização*. Já a *recuperação do processo vivido* objetiva reconstruir a história da *experiência*, ordenar e classificar as informações. As *reflexões de fundo*, por sua vez, se propõem a problematizar, analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo. Por fim, os *pontos de chegada* buscam formular conclusões e comunicar os aprendizados.

A singularidade do *vivido* nesse percurso diz respeito aos diálogos com outras abordagens metodológicas considerando as interações entre a Educação Popular e a Convivência com o Semiárido. Uma delas diz respeito à Cartografia Social.

No contexto do Curso, a Cartografia Social, abordagem já comum em pesquisas realizadas em processos vinculados às temáticas ambientais e de Convivência com o Semiárido, foi escolhida como caminho para discutir as *potencialidades e fragilidades* do território — e, desse modo, orientar a priorização de desafios a serem enfrentados e a escolha da *experiência* a ser *sistematizada*.

A Cartografia Social como prática de pesquisa acadêmica propõe-se, segundo Aubry (2011), a contribuir com a resolução de demandas sociais e tem apontado para o envolvimento do pesquisador em articulações comunitárias por justiça social e ambiental. No que diz respeito à fundamentação metodológica, ancora-se na proposta da *investigação-ação-participação* e traz o território e seus sujeitos como elementos fundamentais para a elaboração coletiva dos mapas (POPAYAN, 2005). Segundo Gorayeb, Meireles e Silva (2015), esta abordagem realiza ações de mapeamento de territórios tradicionais, étnicos e coletivos, valorizando o conhecimento tradicional, popular, simbólico e cultural.

Constitui-se, assim, em ferramenta articulada ao planejamento em uma perspectiva participativa e transformadora — e, partindo da construção coletiva de mapas, procura visibilizar conflitos e representações afirmativas que apoiem a luta social e comunitária dos territórios, seus sujeitos e grupos sociais (LANDIM NETO *et al.*, 2013; BARGAS; CARDOSO, 2015). Nesse sentido, aponta para uma *reflexão-ação* sobre o território e pressupõe a participação ativa dos/as que ali habitam, considerando as relações de poder que nele coexistem (ALBERDI, 2012).

Partir das cartografias, portanto, coloca em cena a importância do território e seus sujeitos/as/es na produção do conhecimento:

AS PRODUÇÕES DAQUI VÃO SER PRA CONTINUARMOS OLHANDO PARA AS EVIDÊNCIAS. ESSA EVIDÊNCIA SALTA, MAS NÓS, MUITAS VEZES, NÃO CONSEGUIMOS ENXERGAR. ENXERGAR AS INVISIBILIDADES. QUERIA MUITO QUE PENSÁSSEMOS SOBRE ISSO NO CAMPO DO CONHECIMENTO: POTI-RETAMA, ITAPIPOCA, CRATO... OLHA SÓ, QUANTOS LUGARES, QUANTOS TERRITÓRIOS, ESTÃO NOS ATRAVESSANDO? COMO NEGAR A SINGULARIDADE DELES? É A INTENCIONALIDADE DESSE CURSO QUE A GENTE REFLITA SOBRE ELES. O LUGAR DE VOCÊS, O LUGAR DE QUEM ESTÁ, O LUGAR DE FALA, ESTE É UMA DAS GRANDES QUESTÕES QUE A GENTE PRECISA COLOCAR EM XEQUE. É QUE ME PARECE É O QUE ESSE CURSO ESTÁ FAZENDO, ESTÁ CONSTRUINDO EM ATO, COTIDIANAMENTE, NÃO SÓ NO MOMENTO DA IMERSÃO, MAS DA PRODUÇÃO QUE REVERBERA AQUI. ESSES SUJEITOS



TAMBÉM NÃO FAZEM PRODUÇÃO DE SENTIDO? UMA DAS COISAS QUE A GENTE APRENDE É A INCLUIR. QUANDO EU DIGO: É SULEAR OU NORTEAR, NÃO É PRA EXCLUIR, MAS PRA INCLUIR AQUELES QUE NÃO TIVERAM LUGAR DE FALA. O QUE NAQUELE OUTRO TERRITÓRIO SE PLANTA, QUANTO SE COLHE (FERREIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Esse conjunto de reflexões e referências desvelam a aproximação dessa proposta com a Educação Popular — que também se constitui âncora e diálogo com a *investigação-ação-participação*, sobre a qual discorreremos posteriormente. A proposição de partir dos saberes e conhecimentos de sujeitos/as/es e grupos sociais do território se aproxima da proposição freireana de partir do *saber-de-experiência-feito*, mas também de contribuir para que esses sujeitos/as/es historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão se emancipem e se apropriem de técnicas e modos de representação cartográficos que propiciem a superação de conflitos e desafios presentes nos territórios (ACSELRAD; VIEGAS, 2013).

As abordagens participativas para a construção dos *mapas* utilizadas no percurso da Cartografia Social podem integrar múltiplas escalas — local, regional e nacional —, identificar categorias, variáveis e indicadores e, desse modo, contribuir com os procedimentos iniciais de organização das informações e acessar modos diversos de expressá-las (FARIAS JUNIOR, 2009; BARGAS; CARDOSO, 2015).

Essas diversas possibilidades e linguagens de fotografar, desenhar, desvelar esses territórios, seus/suas) sujeitos/as/es trouxe a riqueza da construção coletiva e a potência dos grupos e movimentos locais na representação espacial do território, suas necessidades, desafios, além contribuir para a tomada de consciência de sua potência na *denúncia* das situações de opressão, de violação de direitos, mas também do *anúncio* de políticas públicas (MARCQUES; CAINZOS, 2011).

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO COLETIVA, A DESCOBERTA DESDE A METODOLOGIA, A DESCOBERTA DA EDUCAÇÃO POPULAR, DE UM OLHAR MAIS POLITIZADO SOBRE A VIDA E A SOCIEDADE, DAS CONEXÕES COM A TERRA E OUTRAS QUESTÕES MAIS AMPLAS QUE ATÉ ENTÃO NÃO ESTAVAM TÃO PRESENTES PARA ALGUNS, PARECE QUE FOI NOS INFLUENCIANDO E FAZENDO NOS REDESCOBRIRMOS. É SEMPRE A PARTIR DO OLHAR DE QUEM ESTÁ FAZENDO. SEMPRE AO CONSTRUIR REFLEXÃO SOBRE EXPERIÊNCIAS, HÁ QUE VER QUEM ESTÁ CONSTRUINDO ESSE OLHAR — E QUE INTERESSES TEM. A GENTE ACABOU JUNTANDO AS QUESTÕES. TIPOS DE EXPERIÊNCIA PRA VER QUE O SABER NÃO SE DÁ SÓ EM SALA DE AULA: ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA, GRUPO DE MULHERES MEZINHEIRAS, FEIRA AGROECOLÓGICA, BIOÁGUA FAMILIAR, COMUNIDADE TRADICIONAL INDÍGENA E LUTA POR MORADIA (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Ao mesmo tempo, as cartografias permitiram a produção de questionamen-

tos sobre o lugar, ou os lugares, de formação e de gerar conhecimento.

SE A GENTE PENSAR ESSAS EXPERIÊNCIAS, QUAL DELAS É ESSENCIALMENTE DE FORMAÇÃO? NENHUMA! QUANDO A GENTE PENSA A PRODUÇÃO DE SABER, ELA NÃO ESTÁ SÓ NA ESCOLA NEM NA ACADEMIA! A GENTE APRENDE NOS DIFERENTES ESPAÇOS — E É INTERESSANTE VER COMO VOCÊS TROUXERAM. E EM TEMPOS DIFÍCEIS, NAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES, NAS FEIRAS, NA BIOÁGUA, NA RESISTÊNCIA INDÍGENA E NA LUTA PELA MORADIA, VOCÊS FORAM ENCONTRANDO SENTIDO PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO (DANTAS *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B).

Também fizeram emergir outros aspectos em geral pouco considerados nos processos de formação e produção de conhecimento:

AS CARTOGRAFIAS TROUXERAM À TONA, TAMBÉM, A NECESSIDADE DE PROMOVER UMA TRADUÇÃO INTERCULTURAL REFERENCIANDO A PROPOSIÇÃO DE BOAVENTURA SANTOS SOBRE A **ECOLOGIA DE SABERES** — PRINCIPALMENTE AO REFERIR-SE AOS ASPECTOS DA ARTE E DA CULTURA POPULAR. ESSA PERSPECTIVA ROMPE COM A VISÃO ORTODOXA DA CIÊNCIA PAUTADA NA DOMINAÇÃO, NA APROPRIAÇÃO DE UM DETERMINADO SABER E NO DESPREZO À IMPORTÂNCIA DAS PESSOAS E SEUS SABERES — E PROPÕE UMA CIÊNCIA EMANCIPADORA, QUE CONSIDERA OS SABERES E OS PODERES DAS PESSOAS ENVOLVIDAS E PROPÕE CONEXÕES ENTRE AS PESSOAS DE UM TERRITÓRIO E OS QUE ALI CHEGAM SEM HIERARQUIA DE CONHECIMENTO (DANTAS *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019A).

A perspectiva da Ecologia de Saberes se encontrou nos diálogos promovidos durante o *tempo-escola* com outra abordagem de pesquisa qualitativa e participativa: a Ciranda de Aprendizagem e Pesquisa (DANTAS, 2009) que, como uma modalidade de pesquisa-ação, constitui um grupo-sujeito, para com eles construir o *inédito viável*— a sabedoria popular misturada com *conversa de doutor*. Assim, essa vertente de pesquisa

INCLUI ATORES DA AÇÃO COMO SUJEITOS COADJUVANTES DA REFLEXÃO E PROPÕE UM DIÁLOGO CRÍTICO ENTRE SABER ACADÊMICO E POPULAR. ATORES DO GRUPO-SUJEITO PRODUZEM NARRATIVAS DAS EXPERIÊNCIAS GERANDO LEITURAS E QUESTIONAMENTOS SOBRE O VIVIDO A PARTIR DAS QUAIS SÃO PRODUZIDAS RELEITURAS GRUPAIS QUE SÃO, POR SUA VEZ, PROBLEMATIZADAS E CUJAS REFLEXÕES GERAM UMA ESCRITA COLETIVA CONSTITUÍDA NÃO APENAS DOS TEXTOS FORMAIS, MAS TAMBÉM DA PRODUÇÃO DE DESENHOS, MÚSICAS, TEXTOS TEATRAIS, POEMAS E OUTROS. ESSA PRODUÇÃO TEXTUAL RETORNA AOS TERRITÓRIOS, SENDO REDIS-CUTIDA E SOCIALIZADA COM OS DIVERSOS ATORES E ATRIZES ENVOLVIDOS NA EXPERIÊNCIA POR MEIO DE OFICINAS TEMÁTICAS E *CÍRCULOS DE*

CULTURA E RETORNAM AO GRUPO-SUJEITO PERMITINDO A EMERGÊNCIA DE CATEGORIAS A SEREM ESTUDADAS PARA FACILITAR A VIABILIZAÇÃO DOS ATOS LIMITE PROMOVEDO UM ESPAÇO PERMANENTE DE ESTUDO-AÇÃO-REFLEXÃO (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Essa abordagem também surge no cerne de uma experiência de Educação Popular: as *Cirandas da Vida*, que além da referência de *sistematização* organizada por Oscar Jara, incluiu elementos do *círculo de cultura*, da comunidade ampliada de pesquisa, incluindo a arte não como ferramenta ou instrumento, mas como modo de produção de conhecimento (DANTAS, 2009).

Os referenciais da Educação Popular e da *Sistematização de Experiência* terminaram por direcionar o processo de produção de conhecimentos para abordagens críticas, participativas e inclusivas, com perspectivas menos quantificadoras e mais preocupadas com a compreensão da realidade, de seus processos:

A PESQUISA QUALI CONSIDERA QUE HÁ UMA RELAÇÃO DINÂMICA ENTRE O MUNDO REAL E OS SUJEITOS. A INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS E ATRIBUIÇÃO DE SIGNIFICADOS SÃO ESSENCIAIS. QUAIS OS SENTIDOS QUE SÃO PRODUZIDOS? O AMBIENTE NATURAL É A FONTE DIRETA. POR ONDE VOCÊS FIZERAM ESSA CAMINHADA PRA COMEÇAR A CARTOGRAFIA E OS PROJETOS DE VOCÊS? (FERREIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Dantas, Paro e Cruz (2020) referendam a potência de percursos pedagógicos ancorados na Educação Popular emergir, por propiciar caminhos orientados pela *amorosidade*, pelos afetos e pela alegria de modo a não apenas reconhecer os *saberes-de-experiência-feito* dos sujeitos/as/es e dos coletivos com suas culturas, mas dar-lhes centralidade em trabalhos sociais em uma perspectiva crítico-reflexiva e emancipatória.

Ao integrar sujeitos/as/es, suas singularidades e seus contextos, o *Curso* nos remeteu a pensar na ciência e seus processos não apenas como processos do pensar, mas numa ciência que não exclui os afetos, a *amorosidade*. Freire (2016) nos lembra que a afetividade não está apartada da cognoscibilidade. Nise da Silveira (1981), por sua vez, nos legou a concepção de *afeto catalisador* ao se pautar na concepção de afeto por Baruch de Spinoza (1997), que o concebe como *potência de agir* que se manifesta também no corpo. A psiquiatra alagoana chama atenção para a importância da sensibilidade no acompanhar as experiências e no suporte do afeto para estimular processos criativos. Spinoza (1997) também faz referência às paixões, afirmando que as *paixões alegres* nascem da compatibilidade entre suas causas exteriores e o mundo interno — e aumentam a potência de agir e de pensar ao fortalecer o que chamou de *esforço de existir* ou *conatus*. Sobre isso se refere Vera Dantas:

SOMOS AFETADOS PELAS PAIXÕES, MAS PODEMOS SER AFETADOS PELAS PAIXÕES QUE NOS IMOBILIZAM. OU A GENTE PODE SE PERMITIR SER

AFETADOS PELAS PAIXÕES ALEGRES, QUE NOS ALIMENTAM A SEGUIR EM FRENTE (APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

43

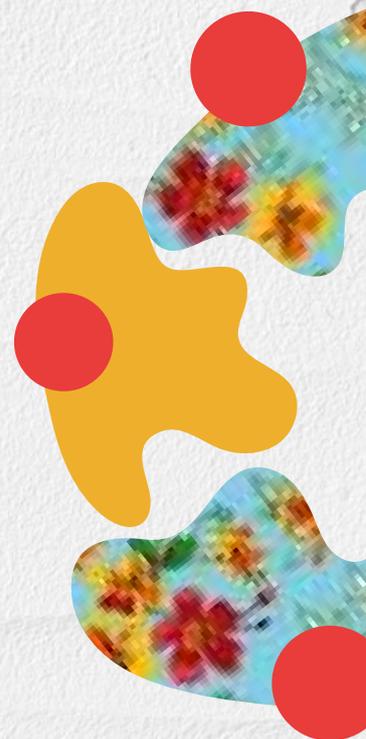
Outro aspecto importante do diálogo entre a *sistematização de experiências* e outras abordagens participativas de pesquisa tem a ver com a perspectiva de refletir para contribuir com a transformação da realidade. Desse modo, as diversas abordagens de pesquisa-ação — assim como a pesquisa participante sistematizada por Carlos Rodrigues Brandão e a *Investigação-ativa-participativa* proposta pelo colombiano Fals Borda — foram foco de reflexões no *tempo-escola* do *Curso*. Essas duas últimas abordagens são criações sul-americanas e colocam em seus princípios e propostas claramente uma perspectiva decolonial.

Para Brandão e Streck (2006), a pesquisa participante é uma abordagem que necessita ser entendida como um repertório múltiplo de experiências de criação coletiva de conhecimentos que bebe em muitas abordagens:

UMA MÚLTIPLA TEIA DE E ENTRE PESSOAS QUE, AO INVÉS DE ESTABELECER HIERARQUIAS DE ACORDO COM PADRÕES CONSAGRADOS DE IDEIAS PRECONCEBIDAS SOBRE O CONHECIMENTO E SEU VALOR, AS ENVOLVA EM UM MESMO AMPLO EXERCÍCIO DE CONSTRUIR SABERES A PARTIR DA IDEIA TÃO SIMPLES E TÃO ESQUECIDA DE QUE QUALQUER SER HUMANO É, EM SI MESMO E POR SI MESMO, UMA FONTE ORIGINAL E INSUBSTITUÍVEL DE SABER (BRANDÃO; STRECK, 2006, P. 12-13).

Baseada no diálogo entre o saber científico e o popular, essa abordagem propõe-se produzir um conhecimento que possibilite, por um lado, a transformação da realidade sobre a qual se propõe atuar e dos sujeitos implicados no processo. Como abordagem interativa e participativa, traz fortemente a perspectiva pedagógica com enfoque de transformação social, aponta para um trabalho coletivo no qual os/as pesquisadores/as são partícipes da experiência. Desse modo, propõe o rompimento da ideia de sujeito-objeto para a concepção de sujeito-sujeito. Ademais, contextualiza a dimensão histórica da experiência, estruturas, processos, organizações e sujeitos sociais, possibilitando ações de reivindicação e mudança na realidade (BRANDÃO; BORGES, 2007).

Rahman e Borda (1988) também bebe das fontes da Educação Popular: em Freire, Brandão e outros para estruturar a proposta da *Investigação-ativa-participativa* que se aproxima da pesquisa participante. Ele defende que a investigação se une à ação objetivando a transformação da realidade de pessoas vivendo em situação de invisibilização. Ainda, defende a pesquisa como expressão de ação social e como contribuição do pesquisador ou pesquisadora para uma práxis popular coletiva. Nesse sentido, o pesquisador ou pesquisadora precisa se inserir nas lutas coletivas das comunidades o que, segundo ele, pressupõe o diálogo de saberes, o respeito às diferenças, a escuta e o reconhecimento das diferentes vozes. Em suas formulações, considera o pesquisador ou pesquisadora como líder orgânico — e nesse aspecto dialoga com a



categoria gramsciana de *intelectual orgânico* ao defender que

AGENTES EXTERNOS DEBERÍAN ESTABLECER CON EL PUEBLO UNA RELACIÓN HORIZONTAL — UNA RELACIÓN VERDADERAMENTE DIALÓGICA SIN PRE-SUNCIÓN DE TENER UNA “CONCIENCIA AVANZADA” —, INVOLUCRARSE EN LAS LUCHAS POPULARES Y ESTAR DISPUESTOS A MODIFICAR LAS PROPIAS CONCEPCIONES IDEOLÓGICAS MEDIANTE UNA INTERACCIÓN CON ESAS LUCHAS; ADEMÁS, TALES LÍDERES ORGÁNICOS DEBERÍAN ESTAR DISPUESTOS A RENDIR CUENTAS A LOS GRUPOS DE BASE EN FORMAS GENUINAMENTE DEMOCRÁTICAS Y PARTICIPATIVAS (RAHMAN; BORDA, 1988).

Assim, temos pesquisa como ferramenta, caminho, para a transformação social. Para isso, propõe âncora em três categorias: transparência, transformação e o fortalecimento da democracia.

A perspectiva de superação dos desafios e transformação da realidade considerando o contexto das organizações e movimentos populares é apontada por Vanderléia Pulga, no *tempo-escola* do *Curso*, como possibilidade de libertação: *A libertação se faz no coletivo, mas é uma porta que se abre por dentro* (PULGA apud FIOCRUZ-CE, 2019c). Essa reflexão de Pulga remete à necessidade de compreensão da subjetividade como produto complexo da práxis humana sobre materialidade, como nos aponta Freire. Desse modo, as diversas categorias trazidas nessa escrita como reflexão sobre o *vivido* seguem em permanente *diálogo* como possibilidade de descolonização de saberes e desvelam outras ainda, como a *rebeldia* apontada por Freire como práxis político-pedagógica na perspectiva de reexistência e humanização. Nesse sentido, a *rebeldia* não trata apenas da *denúncia*, mas também do *anúncio* dos possíveis. Esse *diálogo* entre *denúncia* e *anúncio* se articula a questões como a concepção de *esperançar* e *inédito viável* — e traz à cena a questão do *inacabamento*. Freire nos provoca a pensar os processos educativos como movimento permanente e reforça o reconhecimento deste por parte dos sujeitos educandos/as e educadores/as como aspecto fundamental dessa educabilidade. Os materiais produzidos no *Curso* corroboram com o que aqui já explicitamos:

A REBELDIA DE OUSAR DIZER QUE NÓS SOMOS INCOMPLETOS. MAS É NA CONSCIÊNCIA DESSE INACABAMENTO QUE A GENTE VAI ENCONTRAR ESSA FORÇA PARA TRANSFORMAR A REALIDADE. A GENTE SE FAZ COM OS OUTROS E SE FAZ CAMINHANDO. A CONSCIÊNCIA DAS INCOMPLETUDES, O RECONHECIMENTO DOS SUJEITOS POPULARES COMO EDUCADORES/AS: FORÇA MOTRIZ CAPAZ DE PROMOVER AÇÃO SOLIDÁRIA ENTRE OS DIVERSOS ATORES E ATRIZES DESPERTANDO A POTÊNCIA DE SER-NO-MUNDO, COMO SUJEITOS QUE SE FAZEM COM OS OUTROS (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019d).

Desse modo, a *sistematização de experiências em diálogo* com essas várias

perspectivas no *Curso* apontou para escuta e reconhecimento de diversas vozes — das mulheres, dos povos originários, dos trabalhadores do campo, dos/as jovens, das pescadoras — e, sem destruir essas singularidades, construir pontes para a ideia de reencantamento que fortaleça a autonomia dos sujeitos/as/es (DANTAS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019d).

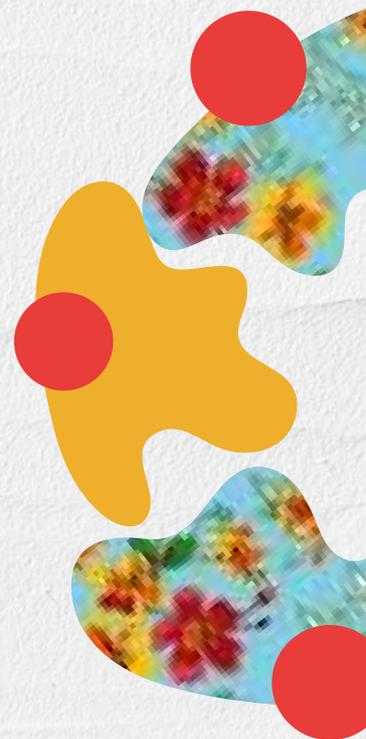
Retomando os diversos momentos propostos por Jara Holliday para a *sistematização de experiências*, pudemos identificar interfaces com outras abordagens, fosse na *sistematização das experiências* escolhidas, fosse na construção dos TCCs. Um exemplo disso é o processo de *recuperação do vivido*: alguns TCCs trouxeram técnicas de narrativas autobiográficas como forma de fazer essa recuperação.

Sobre as narrativas autobiográficas, referenciamos Josso (2007) e Mota (2016), que apontam as narrativas como potência formativa e de produção de autonomia, ao propiciar que os sujeitos se coloquem como atores protagonistas no percurso de reflexão e reorientação de sua prática:

O TRABALHO DE PESQUISA A PARTIR DA NARRAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA OU, MELHOR DIZENDO, DE HISTÓRIAS CENTRADAS NA FORMAÇÃO, EFETUADO NA PERSPECTIVA DE EVIDENCIAR E QUESTIONAR AS HERANÇAS, A CONTINUIDADE E A RUPTURA, OS PROJETOS DE VIDA, OS MÚLTIPLOS RECURSOS LIGADOS ÀS AQUISIÇÕES DE EXPERIÊNCIA ETC., ESSE TRABALHO DE REFLEXÃO A PARTIR DA NARRATIVA DA FORMAÇÃO DE SI (PENSANDO, SENSIBILIZANDO-SE, IMAGINANDO, EMOCIONANDO-SE, APRECIANDO, AMANDO) PERMITE ESTABELECEER A MEDIDA DAS MUTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS NAS VIDAS SINGULARES E RELACIONÁ-LAS COM A EVOLUÇÃO DOS CONTEXTOS DE VIDA PROFISSIONAL E SOCIAL. AS SUBJETIVIDADES EXPRESSAS SÃO CONFRONTADAS À SUA FREQUENTE INADEQUAÇÃO A UMA COMPREENSÃO LIBERADORA DE CRIATIVIDADE EM NOSSOS CONTEXTOS EM MUTAÇÃO. O TRABALHO SOBRE ESSA SUBJETIVIDADE SINGULAR E PLURAL TORNA-SE UMA DAS PRIORIDADES DA FORMAÇÃO EM GERAL E DO TRABALHO DE NARRAÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA EM PARTICULAR (JOSSO, 2007, P. 414-415).

A importância dessas narrativas está também em revelar as subjetividades e potências criativas dos sujeitos que viveram a experiência (JOSSO, 2007):

ESSE DESNUDAMENTO POÉTICO DAS HISTÓRIAS VIVIDAS NO PERCURSO DO *CURSO*, CONTADA E RECRIADA POR INTERMÉDIO DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA, ALIMENTA MEU IMAGINÁRIO, MEUS CAMPOS DE CRIAÇÃO, POIS ME COLOCOU UM OLHAR INVESTIGATIVO E ATENTO PARA AS COISAS QUE ACONTECERAM E POR ALGUMA RAZÃO PASSARAM DESPERCEBIDAS, MOMENTOS QUE NÃO FAZIAM MUITO SENTIDO NO CALOR DOS ENCONTROS (SOARES, 2020, P. 43).



COM A PESQUISA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA, COM O USO DA PALAVRA-GERADORA DOS *CÍRCULOS DE CULTURA* DE PAULO FREIRE, DESCOBRI A RELAÇÃO INTRÍNSECA COM NOSSA ANCESTRALIDADE AFRICANA, COM A FIGURA SOCIAL E CULTURAL DOS *GRIOT*, ESSA ESSÊNCIA COMUM À *ÁFRICA* ANCESTRAL NA QUAL EU TENHO ME DEDICADO HÁ ALGUNS ANOS A ESTUDAR E PESQUISAR: ISSO FOI ME COLOCANDO EM UMA INTIMIDADE BOA, CONFORTÁVEL E INSTIGANTE, NO ANDAR DAS ESCRITAS DO TRABALHO E COM UM DESEJO DE APROFUNDAR AS IDEIAS E RELAÇÕES DE QUE FUI ME DANDO CONTA. EM MEIO A ISSO, FUI PERCEBENDO CONEXÕES INTERESSANTES ENTRE AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS, A *CENOPOESIA* E AS *ÁFRICAS* PRESENTES EM MIM E NO BRASIL (RÉGIS, 2020, P. 15).

Uma das técnicas de narrativas autobiográficas trabalhadas foi o ateliê autobiográfico. Delory-Momberger (2006) fala sobre essa técnica e suas possibilidades de reconstruir uma história projetiva do sujeito inscrevendo-a em uma dinâmica prospectiva que une passado, presente e futuro e pode fazer emergir seu projeto pessoal. Também emerge na *experiência* a inclusão do *cuidado* na vivência, como se pode depreender do trecho que se segue.

A REALIZAÇÃO DO ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO SE DEU ATRAVÉS DE UM MOMENTO DE CUIDADO, UTILIZANDO-SE DA TERAPIA DOS SONS COM AS TAÇAS TIBETANAS E INSTRUMENTOS DA CULTURA INDÍGENA, PERMITINDO ASSIM ENTRAR EM UM PROFUNDO RELAXAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DO PRIMEIRO MOMENTO CHAMADO DE VISUALIZAÇÃO CRIATIVA, ONDE FOI POSSÍVEL FAZER A RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA DE TODO PERCURSO DAS ETAPAS DO *CURSO* A PARTIR DE PALAVRAS GERADORAS QUE SINTETIZAVAM CADA ETAPA VIVENCIADA, LIGADAS À TEMÁTICA ESCOLHIDA PARA A ABORDAGEM DO TEMA DESSE TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO (PAZ, 2020, P. 16).

Esta técnica também foi trabalhada com a Coordenação do *Curso* para a *recuperação do vivido* — e, nesse caso, percebe-se diálogos com o *círculo de cultura* ao referenciar as palavras geradoras e a tematização. Dantas e Linhares (2020, p. 51-52), apontam o *Círculo de Cultura* como espaço privilegiado de discussão fundamentada na escuta às experiências dos sujeitos e que se organizam em momentos como: a investigação do universo vocabular e a tematização. Sobre a investigação do universo vocabular temos que, segundo as autoras, são palavras representativas dos modos de vida dos grupos ou dos territórios, e a partir delas são extraídas palavras geradoras, consideradas unidades básicas de orientação da discussão. As palavras geradoras, por sua vez, desvelam temas que são codificados e decodificados buscando a consciência do *vivido*, o seu significado social e contribuindo para a ampliação do conhecimento e a compreensão dos/as educandos/as sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente sobre ela. No contexto da *sistematização de experiências*, esses momentos já foram agregando aspectos para a organização das *reflexões de fundo*:

O ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO NORMALMENTE É UM POUCO DIFERENTE, ISSO AQUI É UMA ADAPTAÇÃO, PORQUE NO ATELIÊ EU VOU PARTILHAR UM MATERIAL DE FINALIZAÇÃO QUE DEVE RECUPERAR A MEMÓRIA E AÍ SE PRODUZ UMA NARRATIVA, ELA É GRAVADA E TRANSCRITA. NESTE CASO, A GENTE ESTÁ USANDO A MEMÓRIA CONSTRUÍDA NA UAI COMO ELEMENTO DESENCADEADOR, DESDE O TEXTO À VISUALIZAÇÃO (AS FOTOS, OS MAPAS), E O RELATO DA SEMANA VAI SER NOSSO ELEMENTO DESENCADEADOR PARA, A PARTIR DELE, TIRAR PALAVRAS GERADORAS E DEPOIS CONSTRUIR SUA REFLEXÃO SOBRE AS SEGUINTESS QUESTÕES: 1- QUAIS SÃO OS APRENDIZADOS QUE EU TIRO A PARTIR DOS TEMAS DISCUTIDOS? 2- O QUE EU TIRO DE APRENDIZADOS METODOLÓGICOS? 3- QUE ELEMENTOS PROBLEMATIZADORES EU IDENTIFICO NA CONSTRUÇÃO? 4- QUE LACUNAS EU IDENTIFICO NO PROCESSO? (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

1.3 SENTIDOS, DIMENSÕES E REFLEXÕES QUE EMERGEM DAS EXPERIÊNCIAS PRODUZIDAS NO CURSO

Debruçar-nos sobre as experiências desse percurso nos permite desvelar aprendizados. Em diálogo com a proposição de Jara Holliday, talvez possamos considerá-las *pontos de chegada*.

Podemos ousar dizer que essa foi uma potente experiência de construção coletiva de conhecimento em que educandos/as, educadores/as, Coordenação e atores e atrizes dos territórios se constituíram sujeitos/sujeitas/*sujeites* do processo e produziram essa escrita coletiva, plural, diversa, polifônica que se fez sob a perspectiva popular. Aqui citamos Dantas (2020), que referencia a perspectiva popular à possibilidade de ter

[...] ATORES E ATRIZES DOS MOVIMENTOS POPULARES COMO PROTAGONISTAS DE AÇÕES DE TRANSFORMAÇÃO ÀS SITUAÇÕES-LIMITE DA SUA REALIDADE, NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO; DE UM POPULAR QUE SE TECE NA BUSCA DE SUPERAÇÃO DA CONSCIÊNCIA INGÊNUA RUMO AO INÉDITO VIÁVEL: COMO INACABAMENTO, FORMAÇÃO PERMANENTE QUE SE CONSTITUI EM DETERMINADOS PRINCÍPIOS E SE ORIENTA POR UMA ÉTICA QUE BUSCA A JUSTIÇA, A SOLIDARIEDADE NAS RELAÇÕES E NAS POLÍTICAS, TRAZENDO A TENSÃO PERMANENTE ENTRE AÇÃO POLÍTICA E O FORTALECIMENTO DOS ESPAÇOS ORGANIZATIVOS QUE ANIMAM A LUTA POPULAR EM SUA MEDIAÇÃO COM A ESFERA INSTITUCIONAL (DANTAS, 2020, P. 22).

Sobre isso, está escrito no *Guia do Curso* da UA II:

[...] É FUNDAMENTAL VIVER OS PROCESSOS — E TER A CONSCIÊNCIA DE QUE, DO PONTO DE VISTA DOS MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E POPULARES, NÃO NOS PARECE MAIS O SUFICIENTE SÓ VIVÊ-LOS: É

PRECISO A INTREPIDEZ, A CORAGEM E A DETERMINAÇÃO (NO DIZER DE VERINHA DANTAS, A PERSEVERANÇA!) DE APRENDER COM ELES E DE COMPARTILHAR AS APRENDIZAGENS COM OUTROS GRUPOS SOCIAIS E POPULARES. ESSE É, CERTAMENTE, MAIS UM APRENDIZADO (CASTRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

Parece-nos ter sido esse um importante exercício de todo o coletivo: ir além do imposto pelas normas acadêmicas, pelas exigências institucionais e tomar para si a tarefa de sistematizar o processo.

AO TER A POSSIBILIDADE DE NOS DEBRUÇAR SOBRE OS PROCESSOS VIVIDOS [...], NÃO SOZINHA MAS EM COLETIVO, PODE-SE COM CERTEZA AFIRMAR JÁ A VIVÊNCIA DE UM INÉDITO VIÁVEL! NÃO PORQUE SEJA INÉDITO NEM POR QUE NÃO SEJA VIÁVEL FAZER O QUE FOI FEITO, MAS PELO LUGAR DADO À SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DESSE CURSO — E PELA PRIORIDADE DADA, EM MEIO A TODAS AS URGÊNCIAS, A ESSA ATIVIDADE, A DESPEITO DE! NA NOSSA COMPREENSÃO, ESTABELECEER PARÂMETROS COMO ESSE — E NÃO APENAS PARA O OUTRO (OS EDUCANDOS E EDUCANDAS, NO CASO, QUE TÊM COMO TAREFA SISTEMATIZAR EXPERIÊNCIAS COMO UM DOS OBJETIVOS PEDAGÓGICOS DO CURSO), MAS PARA SI MESMO (A PRÓPRIA COORDENAÇÃO) — NOS DÁ CONTA DE QUE O QUE SE ESTÁ A VIVER É UM INÉDITO VIÁVEL POR TUDO QUANTO CONHECEMOS DE QUESTÕES QUE SE INTERPÕEM ENTRE O VIVIDO E A REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE ESSE VIVIDO NA VIDA DOS MOVIMENTOS E DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS E POPULARES (CASTRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

Nesse sentido, o conhecimento construído se produziu a partir da reflexão sobre a vida e o cotidiano, incluindo os saberes de cada um e de cada uma. Trazer o *vivido* para o espaço da reflexão pareceu-nos um aspecto fundamental. A compreensão, já expressa em Paulo Freire (2002), de considerar o *saber-de-experiência-feito* como categoria fundante da construção do conhecimento se materializou na proposição da *sistematização de experiências* como algo intrínseco à própria existência, não se apartando dela e se forjando e construindo como patrimônio humano de saberes (CASTRO apud FIOCRUZ-CE, 2019a). Partir das *experiências* possibilita lançar luzes sobre os processos, compreender seus sujeitos, seus desafios e os porquês destes, além de vislumbrar possibilidades coletivas de superação nas quais todos podem contribuir:

A GENTE VAI OLHAR PARA A EXPERIÊNCIA E, PARTIR DO SABER DE CADA UM/A, É FUNDAMENTAL UM SABER QUE FAÇA SENTIDO PARA A VIDA DAS PESSOAS. VOCÊS TROUXERAM MUITO ISSO, QUANDO FALAM DO QUE AS PESSOAS SABIAM. TODAS AS EXPERIÊNCIAS TROUXERAM COISAS BEM CONCRETAS DO COTIDIANO DAS PESSOAS. PARA DAÍ PARTIR PARA

OUTROS HORIZONTES. NA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES PESCADORAS, ELAS QUERIAM ENCONTRAR UMA FORMA DE SAIR DAQUELA SITUAÇÃO. A EXPERIÊNCIA DA ÁGUA TROUXE A QUESTÃO DO REAPROVEITAMENTO, E DE DAR RESPOSTA A UMA SITUAÇÃO COTIDIANA CONCRETA. ME CHAMOU ATENÇÃO A FEIRA ECOLÓGICA: NÃO É ESPAÇO SÓ DE FEIRA: COMERCIALIZA, COMPARTILHA CULTURA CAMPONESA, FAZ INTERAÇÃO ENTRE QUEM CONSUME E PRODUZ — E, PRA CHEGAR A ISSO, TEM ELEMENTOS PROFUNDOS DE ORGANIZAÇÃO, DESDE A PRODUÇÃO, MODO DE VIDA, ATÉ ENCONTROS, REUNIÕES, ESCOLHA DE QUE TIPO DE PRODUTOS PRODUZIR, QUE ARTESANATO FAZER. ISSO POTENCIALIZA A ORGANIZAÇÃO ENTRE FEIRANTES, MULHERES, ENFIM. A EXPERIÊNCIA DA ÁGUA TROUXE A QUESTÃO DO REAPROVEITAMENTO, E DE DAR RESPOSTA A UMA SITUAÇÃO COTIDIANA CONCRETA. A QUESTÃO INDÍGENA TRAZ A RESISTÊNCIA — E SEJA AO PODER HEGEMÔNICO OU AO CAPITAL, DESVELA AQUILO QUE ATÉ ENTÃO ESTAVA VELADO, AQUILO QUE ESTAVA ESCONDIDO, DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS QUE VÃO TIRANDO OS INDÍGENAS, OS QUILOMBOLAS. SE NÃO HÁ RESISTÊNCIA, NÃO SE CONSEGUE ENXERGAR ISSO! (PULGA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Fazer sentido nos remete a outra reflexão: o que seriam *experiências significativas*? Qual sua importância nesse percurso? Elas, então, nos

POSSIBILITAM ACESSAR A POTÊNCIA DOS SUJEITOS! PRODUZEM SABER! SUA COMUNICAÇÃO PODE SE DAR DAS MAIS VARIADAS FORMAS! PRODUZEM NOVOS SIGNIFICADOS! NELAS, OS FRACASSOS, NÃO SÓ OS SUCESSOS, SÃO IMPORTANTES COMO FOCO DE UM OLHAR ATENTO! SE DÃO, NÃO RARO, EM MEIO A PRESSÕES! PROMOVEM EMPATIA! PRECISAM DO ENCONTRO PARA ACONTECER! POSSIBILITAM INTERCÂMBIOS DE EXPERIÊNCIA HUMANA! OLHAR PARA ELAS CONTRIBUI PARA DESVELAR O QUE ESTAVA VELADO! SÃO ORIENTADAS POR PRINCÍPIOS — E É IMPORTANTE SABER QUAIS SÃO ELES! PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA, NOS PARECE, ESTÁ EM CONSONÂNCIA COM OS ESTÁGIOS E/OU A PRÓPRIA VIVÊNCIA DE PROCESSOS COLETIVOS — POIS É SOBRE O VIVIDO, OU SOBRE AS EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS, QUE ESSES PROCESSOS SE ESTRUTURAM (CASTRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019A)!

Dessas reflexões, outras vão sendo desveladas. Nas produções da ciência pautada na visão cartesiana, costuma-se considerar especialmente aquilo que foi exitoso. Em um percurso ancorado nos princípios pedagógicos da Educação Popular, pudemos olhar para o processo e problematizá-lo, vislumbrar as contradições — e, a partir delas, considerando-as situações-limite, buscar os *inéditos viáveis*. Frente aos desafios de alguns em materializar a escrita formal, surgem as possibilidades criativas de produzi-la em outras linguagens; ao corte do financiamento público às possibilidades coletivas e solidárias de manter os encontros, de constituir parcerias locais. As

situações-limites vão, portanto, se colocando não como barreiras intransponíveis mas como desafios à superação, considerando os *inacabamentos* e incompletudes como possibilidades de composições e complementariedades.

Além disso, na perspectiva da *sistematização das experiências*, as reflexões sobre processos que tiveram dificuldades de se implementar possibilita a construção de lições ou de aprendizados metodológicos, políticos, sociais, relacionais que estiveram imbricados na realização de determinado tipo de experiência e que podem oferecer elementos para outras situações similares que possam ocorrer em outros processos. Contribui para romper com as dicotomias entre *certo e errado, bem e mal*, que produzem sempre julgamentos e culpados/as ao invés de produzir reflexões, olhar crítico, aprendizados, saberes, conhecimentos, sonhos e potencializar a implicação e transformação das realidades e das relações numa perspectiva humanizadora, acolhedora, promotora de vida, justiça e democracia.

Ao considerar a importância dos sujeitos/as/es, emergiu um aspecto que diz respeito à autoralidade dos sujeitos populares:

[...] QUANDO FALAMOS DE SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIA, A GENTE VAI PARA UMA OUTRA PERSPECTIVA DA RELAÇÃO, NÃO DE SUJEITO-OBJETO, MAS DE SUJEITO-SUJEITO. NÃO ESTOU FALANDO CONTRA A ACADEMIA, ATÉ PORQUE TODO ATOR É PRODUTOR DE CONHECIMENTO. QUANDO HÁ APROPRIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, MUITAS VEZES VIRA PUBLICAÇÃO QUE NÃO TRANSFORMA NADA. LEMBREI DOS MESTRES E MESTRAS DO JUAZEIRO, MUITA GENTE FOI LÁ E NADA MUDOU, ELES FORAM MORRENDO. ESTOU LEVANTANDO ESSAS QUESTÕES AQUI PORQUE DENTRO DA SISTEMATIZAÇÃO [DE EXPERIÊNCIAS] HÁ OUTRA PERSPECTIVA: EU CONSTRUO PORQUE TENHO IDENTIFICAÇÃO, ELA DIALOGA COM O QUE EU ACREDITO E COM MEU SER QUE ESTÁ NO MUNDO TAMBÉM. PARTILHANDO SONHOS JUNTOS. E QUERIA TERMINAR A FALA PARA A GENTE REFLETIR SOBRE ISSO. O QUE A COMUNIDADE VAI GANHAR COM ISSO? O QUE VAI FICAR LÁ? (SOARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Considerar essa questão se expressa no desejo desses atores e atrizes em participar da *sistematização de experiências*: *A gente passa a se perceber lá dentro, a gente revive o que viveu com ela – então é importante colocar a nossa marca na sistematização, pra gente se envolver* (CASTRO apud FIOCRUZ-CE, 2019a). Pode-se ousar inferir que esses sujeitos/as/es se permitiram reconhecerem-se potentes na sistematização do conhecimento produzido e se efetivaram como autores/as legítimos/as dessa produção, constituindo em sua *rebeldia* as possibilidades de decolonizar a produção de conhecimento.

A riqueza desse percurso também se revela na multiplicidade de linguagens que emergem dessa produção. As experiências sistematizadas, ao protagonizarem o processo, trazem seus potenciais de arte, de *cuidado*, de comunicação como possibilidades de construção coletiva de conhecimento:

[...] NO PROCESSO DE ORIENTAÇÃO DA IANE, FOI QUE A GENTE FOI NO MST NO FREI HUMBERTO PRA CONVERSAR, CHEIO DE GENTE DANDO IDEIA PRA ELA DO PROGRAMA DE RÁDIO. É DE COMO ESSE PROCESSO DE CONSTRUIR, QUANDO A GENTE VIU, TINHA UMA RÁDIO NA PRÓPRIA COMUNIDADE. ÀS VEZES A EXPERIÊNCIA ESTÁ DO LADO DA GENTE E A GENTE NÃO VÊ. SÓ PARTILHAR COMO EU APRENDI NESSE PROCESSO, QUE TEM QUE SER PRESENCIAL, DE TUTORIA, E COMO ISSO NA DEVOLUTIVA PODE GERAR UMA OUTRA PESQUISA (CARNEIRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019E).

Revelam-se, assim, as possibilidades de produzir conhecimento com o ser inteiro. Aqui referenciamos Dantas (2019, p. 96), que nos provoca a pensar na ruptura com o significado hegemônico de aprender e considerar a integralidade do ser humano e incluir dimensões como a arte, o afeto, a espiritualidade e o próprio corpo singular e imanente, como potência criativa e expressão da sensibilidade:

[...] BOA PARTE DOS MILITANTES É MUITO MELHOR NA ORALIDADE DO QUE NA ESCRITA. ENTÃO A GENTE TEM QUE PROCURAR MECANISMOS PARA EQUILIBRAR ISSO. A GENTE TAMBÉM TRABALHA COM OUTROS SENTIDOS: O CHEIRO (UM SENTIDO MUITO IMPORTANTE), OS SABORES. HÁ ATÉ UMA ECOLOGIA DOS SABORES — QUE BOM QUE FOMOS PRESENTEADOS HOJE COM A FEIRA DA REFORMA AGRÁRIA. TUDO ISSO É CONHECIMENTO! A ACADEMIA É MUITO POBRE NESSE SENTIDO — É APENAS A ESCRITA. E QUANTOS SENTIDOS A GENTE NEGA, NISSO? (CARNEIRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).

Em diálogo com Faundez e Freire (1985; 2001), ressaltamos os corpos conscientes que se rebelam da condição de objetos, se reconhecem sujeitos, se reconstróem na práxis e se movem criticamente no mundo. Corpos que falam, escrevem, que lutam, que vivem, que se compõem em coletivos, em *cirandas* de ensinar e aprender.

*CIRANDÊ, CIRANDÁ
 NESSA RODA EU TAMBÉM QUERO ENTRAR
 CIRANDÊ, CIRANDÁ
 PAR E PASSO NOS TEUS BRAÇOS RODAR
 TU ME ENSINAS QUE EU TE ENSINO
 O CAMINHO NO CAMINHO
 COM TUAS PERNAS MINHAS PERNAS ANDAM MAIS
 (SOARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)!*

Por fim, nesse percurso, pudemos desvelar a possibilidade de construção do conhecimento tendo a solidariedade, a cooperação e a convivialidade como princípios, aproximando esse percurso das ideias da *Alegremia*, construção



coletiva que “se enriquece con sentipensares que fluyen de distintas fuentes, para darnos entusiasmos para abordar problemas y dificultades con imaginación creativa” (GOMEZ; MONSALVO, 2020, p. 259) e do *Bem Viver*:

EL PARADIGMA EMERGENTE DEL SUMAQ KAWSAY DESDE LA SABIDURÍA ANCESTRAL DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS, QUE NOS GUÍA HACIA UNA TRANSFORMACIÓN CIVILIZATORIA PARA LA HUMANIDAD, SUPERANDO LA MERCANTILIZACIÓN CAPITALISTA DE LA VIDA Y DE LOS SERES HUMANOS QUE SON TRATADOS INDIGNAMENTE COMO RESIDUOS O COMO MERCANCÍA; PROPONEMOS EL VIVIR BIEN COMO HORIZONTE PARA EL AMANECER DE NUESTROS PUEBLOS LEJOS DE LA NOCHE NEOLIBERAL; DONDE EL RESPETO A LA PACHAMAMA, A LA ESPIRITUALIDAD ANCESTRAL PROPIA DE CADA PUEBLO, JUNTO A LA JUSTICIA SOCIAL DONDE TODOS VAYAMOS JUNTOS Y NADIE SE QUEDE ATRÁS (HINOJOSA, 2020, p. 233).

Em síntese:

*O MOVIMENTO DA POESIA
É ALEGRIA DO CONVIVER!
O MOVIMENTO DA POESIA:
ALEGRIA DO BEM VIVER!*

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; VIÈGAS, R. N. Cartografias Sociais e Territórios – um diálogo latino americano. In: ACSELRAD, H.; VIÈGAS, R. N. *et al.* (Orgs). **Cartografia Social, terra e território**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento urbano e Regional, 2013, 318 p.

ALBERDI, R. **Aportes de la cartografía social al desarrollo sustentable: un enfoque desde el territorio**. 2012. 16p. Disponível em: <http://fich.unl.edu.ar/CISDAV/upload/Ponenci>. Acesso em: 20 out. 2022.

ANISUR RAHMAN, M.; FALS BORDA, O. Rompendo o monopólio do conhecimento: situação atual e perspectivas da Pesquisa-Ação Participativa no mundo. **Análise Política**, [S. l.] , n. 5 p. 46–55, 1988. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/anpol/article/view/74123>. Acesso em: 20 out. 2022.

ARIAS, P. G. Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las

sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia. **Rev Invest Campo Arte**, v. 4, n. 5, p. 80-95, 2010.

AUBRY, A. Otro modo de hacer ciencia. Miseria y rebeldía de las ciencias sociales. *In*: BARONNET, B.; BAYO, M. M.; STAHLER-SHOLK, R. **Luchas “Muy Otras” Zapatismo y autonomía en las Comunidades Indígenas de Chiapas**. Cayoacán: Universidad Autónoma Metropolitana, 2011, p. 59-78.

BARGAS, J. K. R; CARDOSO, L. F. C. **Cartografia social e organização política das comunidades remanescentes de quilombos de Salvaterra, Marajó, Pará, Brasil**. Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi . Cienc. Hum., Belém, v. 10, n. 2, 2015, p. 469-488.

BHABHA, H. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Rev. Ed. Popular**, v. 6, n. 1, p. 51-62, jan./dez. 2007.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (orgs) **Pesquisa Participante. O saber da Partilha**. Aparecida, SP: Ideias e Letra, 2006.

DANTAS, V. L. A. (org.) **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde: A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. 406 p.

DANTAS, V. L. A. **Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas cirandas da vida** em Fortaleza-CE, 2009. 323 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

DANTAS, V. L. A.; LINHARES, A. M. B. A Ciranda de Aprendizagem e Pesquisa e o desafio de formular coletivamente um desenho do percurso metodológico. *In*: DANTAS, V. L. A. (org.). **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde: A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida**. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. 406 p.

DANTAS, V. L. A.; PARO, C. A.; CRUZ, P. J. S. C. Educação popular em saúde, arte e múltiplas linguagens. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], p. 298-311, 13 jul. 2020. DOI: 10.14393/REP-2020-56011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56011>. Acesso em: 20 out. 2022.

DANTAS, M. de A. **O “aprendizado sentido no corpo, uma potência de cuidado, escuta e cura”: a (trans)formação dos/as educadores/as populares do EdPopSUS Ceará**. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, ago. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000200011>. Acesso em: 20 out. 2022.

FAUNDEZ, A.; FREIRE, P. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FARIAS JUNIOR, E. A. **Terras indígenas nas cidades**: Lei municipal de desapropriação nº 302 Aldeia Beija-flor, Rio Preto da Eva, Amazonas. Manaus: UEA Edições, 2009. 100 p.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CEARÁ. **Guia do Curso/Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019a.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CEARÁ. **Relatoria da Oficina de Sistematização**. Não publicado. Fortaleza, 2019b.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) I**. Não publicado. Fortaleza, 2019c.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019d.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ CEARÁ. **Relatoria do Encontro Regional Sertão Central**. Não publicado. Fortaleza, 2019e.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Conscientização**: Teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Educação e mudança** 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GOMEZ, S. I. P.; MONSALVO, J. A. Esperanza y alegría: una propuesta pedagógica para la salud de los ecosistemas. *In*: PULGA, V. L. *et al.* (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. p. 252-260.

GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. A.; SILVA, E. V. Princípios básicos de Cartografia e Construção de Mapas Sociais. *In*: GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. A.; SILVA, E. V. (org.). **Cartografia Social e Cidadania**: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2015. p. 9-24.

HINOJOSA, V. T. C. Diálogo de Saberes para la Construcción Social de Salud Comunitaria: Interculturalidad y Agroecología. *In*: PULGA, V. L. *et al.* (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. p. 221-236.

JARA HOLLIDAY, O. **A sistematização de experiências**: prática e teoria para outros mundos possíveis. Tradução de: Luciana Gafrée e Sílvia Pinevro; colaboração Elza Maria Fonseca Falkembach. 1. ed. Brasília: CONTAG, 2012.

JARA HOLLIDAY, O. **Para sistematizar experiências**. Tradução de: Maria Viviane V. Resende. 2. ed. Revista. Brasília: MMA, 2006.

JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 28 mar. 2020.

LANDIM NETO, F. O. *et al.* A cartografia social na comunidade Waldemar de Alcântara: instrumento de luta por melhores condições de vida. *In*: I Congreso Extension y Sociedad, 2013, Montevideo. **Anais...** Montevideo: Universidad de la República, v. 1, p. 1-8, 2013.

LINHARES, A. M. B. **O tortuoso e doce caminho da sensibilidade**: um estudo sobre a arte e educação. 2. ed. Ijuí: Editora da Unijuí, 2003.

MARQUES, E. B.; CAINZOS, R. L. P. **Mapeamento participativo de territórios locais**. Disciplina Seminário Científico. Especialização em Agrimensura e Geoprocessamento pela Faculdade União das Américas 2011. Disponível em: http://cac-php.unioeste.br/projetos/geolutas/docs/2012/Erwin_Monografia.

pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

MBEMBE, A. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MOTA, C. M. de A. **Conhecimento de si, diferenças na docência rural e formação docente**. 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade) – Departamento de Ciências Humana, Universidade do Estado da Bahia – Campus IV, Jacobina-BA, 2016.

PAZ, F. G. **Narrativa Autobiográfica sobre a Mística no Processo de Aprendizagem do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. Fortaleza: Fiocruz/CE, 2020.

POPAYAN - ASOCIACIÓN DE PROYETOS COMUNITARIOS. **Territorio y Cartografía Social**. Proyecto: Fortalecimiento de las organizaciones pertenecientes a la asociación de proyectos comunitarios. a.p.c. 2005. p. 1-9. Disponível em: http://www.rutapedagogicaamigoniana.org/documentos/materiales/Modulo_0_Territorio.pdf. Acesso em: 05 maio 2015.

PORTO, M. F. No meio da crise civilizatória tem uma pandemia: desvelando vulnerabilidades e potencialidades emancipatórias. **Vigilância Saniária em Debate**, v. 8, n. 3, p. 2-10, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/50345>. Acesso em: 24 out. 2022.

RAHMAN, M. A.; BORDA, O. F. La situación actual y las perspectivas de la investigación acción participativa en el mundo. **Análisis Político**, Bogotá, n. 5, p. 14-20, 1989.

RÉGIS, S. A. **Narrativa Autobiográfica Sobre o Cuidado no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido). Fundação Oswaldo Cruz. Eusébio/CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52616>. Acesso em: 25 out. 2022.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SOARES, F. J. da S. **Narrativa Autobiográfica Sobre a Cenopoesia no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de

Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio/CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52607>. Acesso em: 25 out. 2022.

SPINOZA, B. **Ética**: demonstrada à maneira dos geômetras. Tradução de Joaquim de Carvalho; Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

ROCHA, B. T. G. *et al.* Conflitos Socioambientais no Campo em Apodi-RN: Contribuições Propositivas da Cartografia Social. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 11, n. 1 (V CBEAGT), p. 99-112, jul. 2016.



02.

MARÉ ALTA E MARÉ BAIXA:

e movimento

DIALÓGICO DA EDUCAÇÃO POPULAR

SÁVIA AUGUSTA OLIVEIRA RÉGIS
PAULA ÉRICA BATISTA DE OLIVEIRA

NÃO ESPERE QUE EU TE ESPERE
 NA ESPERANÇA DE ESPERAR
 MINHA RIMA SÓ TEM FORÇA
 COM O VERBO ESPERANÇAR (...)

NÃO SE PERCA NA ESPERANÇA
 DE SIMPLEMENTE ESPERAR
 A ESPERA PELA ESPERA
 NÃO PROMOVE O TRANSMUTAR

TRANSFORMAÇÃO SÓ SE ALINHA
 COM O DESEJO DE MUDAR
 MUDANÇA SÓ É POSSÍVEL
 NA GINGA DO ESPERANÇAR (...)
 (RÉGIS; SOARES)

É

com o coração transbordando de gratidão, na *sonhação* do desejo de mudar, que essa escrita reflexiva foi tecida sobre as experiências vividas neste curso. Vivenciar esse processo foi muito significativo, foram momentos de muitas trocas, conhecimentos, descobertas, desafios e principalmente de aprendizados diversos que nos impulsionaram continuarmos esperançando. Cada Módulo, os Encontros Regionais, os trabalhos em nossas comunidades, as trocas de experiências, o atravessamento pela Educação Popular e a *amorosidade* transcendente, enfim, a cada encontro um mundo novo chegava para nós, nos possibilitando caminhar coletivamente rumo aos *inéditos viáveis* de transformações de nossas vidas, e de nossos territórios, experimentando assim as *paixões* alegres das quais fala Spinoza (1997). Tendo como referência a provocação de Spinoza sobre a importância dos afetos como potência de agir manifesta também no corpo, Chauí (2006), Dantas, Paro e Cruz (2020) reafirmam Spinoza e referendam a concepção de que quando o conhecimento em sua dimensão racional e reflexiva é experimentado como alegria, esta nos move à *ação*.

Sobre isso a educadora Fátima Maciel se pronuncia no Tempo Escola

[...] AINDA SE ACHA QUE EDUCAÇÃO POPULAR É COISA DE EXCLUÍDO, PORQUE AS PESSOAS NÃO COMPREENDERAM QUE OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO TÊM QUE SE TRANSFORMAR EM FESTA. EDUCAÇÃO POPULAR É ATITUDE COTIDIANA! (MACIEL APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Estamos diante de uma experiência que precisa ser partilhada, socializada, pois o

poder transformador, artístico, político e educativo das experiências fomentadas, fortalecidas e narradas por meio da Educação Popular, da dialogicidade e das práticas de *cuidado* no processo de produção e construção do saber nesse *Curso* foram potentes e quebram o paradigma de uma educação eurocêntrica e bancária, nos apresentando uma perspectiva de processos educativos emancipatórios, amorosos, libertários e *alegrêmicos*. Ao referendar a categoria *Alegremia*, reportamo-nos à proposição de Gómes e Monsalvo (2020), que a compreendem como *sabedoria popular*. Em uma tradução literal, seria: “alegria que circula no sangue”. Para estes autores, constitui-se uma ideia-força construída coletivamente que nos ajuda a despertar a criatividade e reencontrar o sentido de pertença à vida, rompendo com a perspectiva consumista e nos provocando a despertar a consciência sobre as reais necessidade vitais indispensáveis para o cuidar da vida e nos energizar para o *esperançar*.

2.1 EDUCAÇÃO POPULAR E O APRENDIZADO EM SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES.

...A BRISA SUSSURROU NO MEU OUVIDO:
 “VAI, MULHER, E OUÇA O TEU GRITO. ELE TE LIBERTARÁ!”
 MUROS LABIRINTOSOS CAÍRAM
 CALABOUÇOS FORAM INVADIDOS DE SOL
 MEU PORÃO FLORESCEU EM MARGARIDAS
 SOU ARRIBAÇÃ EM REVOADA!
 (OLIVEIRA, 2018, P. 25-26)

Essa foi uma experiência que se revelou revolucionária e transformadora, como propõe a Educação Popular. Colocou-nos no movimento de ampliação da nossa visão de mundo e fez movimentar nossos pensamentos, práticas e ações em busca do *Bem Viver*. Ao considerar a proposta de *Bem Viver*, ancoramo-nos em uma construção latinoamericana que se referencia como oportunidade de construir coletivamente novas formas de viver, forjadas no calor das lutas da humanidade pela emancipação e pela vida. Essa proposição aponta para a defesa de uma *ecologia profunda*, reconhecendo a vida dentro da vida, promotora de relações amorosas com a Terra e suas manifestações. Também se apresenta como ferramenta para a decolonialidade e superação das imposições do poder, como crítica ao desenvolvimento; como postura ética em que se reconhecem os Direitos da Natureza, as contribuições do feminismo como reação à dominação de base patriarcal e como possibilidade de recuperação do sentido de pertença à Pachamama e à valorização dos saberes ancestrais e populares (ACOSTA, 2016). Hinojosa (2020), ancorada nessa concepção, considera a urgência de pensar a saúde do Planeta frente à ameaça das mudanças climáticas, da crise energética, financeira, da água e da produção de alimentos. Chama atenção para a necessidade de construção de estratégias que considerem a complementariedade de saberes, bem como a valorização da ancestralidade que promova a transformação civilizatória na perspectiva de superação da mercantilização capitalista:

[...] PROPONEMOS EL VIVIR BIEN COMO HORIZONTE PARA EL AMANECER DE NUESTROS PUEBLOS LEJOS DE LA NOCHE NEOLIBERAL; DONDE EL RESPETO A LA PACHAMAMA, A LA ESPIRITUALIDAD ANCESTRAL PROPIA DE CADA PUEBLO, JUNTO A LA JUSTICIA SOCIAL DONDE TODOS VAYAMOS JUNTOS Y NADIE SE QUEDE ATRÁS, SEA POSIBLE; QUE NADIE MUERA DE HAMBRE , DE SED O POR VIOLENCIA, SINO QUE TENGAMOS LA ABUNDANCIA DISTRIBUIDA JUSTA Y DIGNAMENTE PARA LAS COMUNIDADES HUMANAS EN EQUILIBRIO CON LA PACHAMAMA (HINOJOSA, 2020, P. 232).

O *Curso* se apresentou como solo da fértil de saberes que se ancoram nos referenciais da Educação Popular, com um processo de construção do conhecimento construído dialogicamente e de mãos dadas com os companheiros e companheiras que, na caminhada, se constituíram educadores/as e educandos/as. Ou seja, foi na relação com o Outro e com a Outra que aprendemos. Ângela Linhares, no *tempo-escola*, nos dizia:

EU ACHO QUE AS HISTÓRIAS PLURAIS E OS CONVÍVIOS FAZEM COM QUE [...] O CENTRO HOJE ESTÁ NA RELAÇÃO! ENTÃO EU ACHO QUE O MOVIMENTO SOCIAL, ELE ESTÁ REINVENTANDO ESPAÇOS [...] EU APRENDI HOJE COM VOCÊS: QUE O CENTRO DA EDUCAÇÃO POPULAR HOJE, O CENTRO DA VIDA DA EDUCAÇÃO POPULAR SÃO OS RELACIONAMENTOS! A GENTE APRENDE NOS RELACIONAMENTOS (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019d)!

Linhares também nos fez refletir que nos relacionamentos realizamos trocas e partilhas que nos ajudam a aprender — e que esses aprendizados se dão, inclusive, em lugares não “institucionalizados”, como a rua. Sendo assim, percebemos que é na interação com pessoas, lugares, situações, afetos que o conhecimento vai sendo tecido:

ÂNGELA DIZ QUE O CENTRO DA EDUCAÇÃO POPULAR SÃO OS RELACIONAMENTOS. ISTO COMUNGA COM AQUILO QUE FALÁVAMOS SOBRE AS APRENDIZAGENS PELA INTERAÇÃO. QUEREMOS DIZER QUE OS RELACIONAMENTOS ESTÃO PARA A EDUCAÇÃO COMO AS APRENDIZAGENS ESTÃO PARA A INTERAÇÃO E O PENSAR-AGIR EM REDE. QUEM SABE, POR AÍ, O CURSO NÃO SE TORNE PESO NEM SACRIFÍCIO PARA NINGUÉM, MAS AÇÃO ESTRATÉGICA PREENHE DE CRIATIVIDADE, LEVEZA E ALEGRIA QUE POTENCIALIZA E QUALIFICA AINDA MAIS NOSSAS PRÁTICAS COTIDIANAS NOS TERRITÓRIOS DE ATUAÇÃO (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019a)!

A fala de Ray Lima nos remete a pensar sobre as possibilidades e diversidades de ambientes de ensino e aprendizagem. Todo lugar pode ser um lugar para aprender. Dessa forma, trazemos aqui a figura da *roda* como uma figura de local marcante de trocas na Educação Popular dialógica:

[...] ESTAR NA RODA É ESTAR CONECTADO. TODAS AS VEZES QUE A GENTE DESCONECTA, A GENTE PUXA UM NEGÓCIO DESSES PORQUE ISSO





É O INÍCIO DE TUDO. É IMPORTANTE QUE A GENTE OBSERVE A FACILIDADE QUE A GENTE TEM DE SE DISPERSAR. ÀS VEZES A DISPERSÃO NÃO É NEGATIVA, MAS É UM DESVIO. POR ISSO QUE PRECISAMOS FOCAR EM DETERMINADAS COISAS E TEMPOS PORQUE SOMOS UNIVERSOS DE RELAÇÕES — A ÂNGELA DIZIA ISSO ONTEM: A GENTE É *UM SER FEITO DE RELAÇÕES*. MAS PARA TER RELAÇÕES É PRECISO FAZER ESCOLHAS, PORQUE A GENTE NÃO SE RELACIONA AO MESMO TEMPO COM TUDO. QUEM VAI CHEGANDO VAI ENTRANDO NA RODA — QUE NUNCA É FIXA, ESTÁ SEMPRE SE RECONFIGURANDO. É TUDO É MOTIVO DE APRENDIZAGEM (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019d)!

A reflexão de Lima sobre a necessidade de fazer escolhas para que as relações se constituam caminhos de aprendizados nos remete à identificação das potências e desafios da *roda* como um dos modos de garantir a horizontalidade e de estar aberto/a às inclusões, interações, atravessamentos — e nos ajudou a perceber como nesse *Curso* ela nos conectou em redes de saberes populares diversos, em universos de relações com os saberes trazidos por sujeitos e sujeitas das áreas da educação, da saúde, da militância, das cidades, do campo e dos rios e mares. Cada pessoa com seu saber específico se conectou na ciranda dialógica emancipadora que, no movimento da *roda*, aprenderam e ensinaram. Sendo assim, as trocas foram um elemento potente no que diz respeito à elaboração do conhecimento. E Linhares fala das trocas como relacionamento:

A TROCA — EU OUVI ISSO EM TODOS OS GRUPOS! NÃO VAMOS REDUZIR A COMPLEXIDADE DESSA TROCA! ESSA TROCA, NEM ESSE NOME ENTRE-LUGAR, SUSTENTA ESSA COISA QUE EU VI HOJE AQUI! NÃO É UM ENTRE-LUGAR SÓ! NÃO É UM NÃO-LUGAR, COMO ALGUNS DIZEM! NÃO É UM LUGAR INSTITUCIONAL! É QUE O CENTRO SÃO OS RELACIONAMENTOS! OS TRÂNSITOS DAS MIGRAÇÕES! OS DIÁLOGOS (LINHARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019d)!

Como podemos ver, a troca entre as pessoas desse *Curso* fez parte da elaboração dos conhecimentos e saberes gerados no percurso dessa trajetória. Importante também ressaltar aqui o poder de aprender nos espaços não institucionalizados como educativos, bem como o aprender em movimento, com o corpo e com a prática. Não aprendemos sentados nos bancos. Aprendemos em diálogo com o mundo, com o corpo, com as relações. A educação está além de cadeiras, bancos e paredes. Dessa forma, podemos afirmar que neste *Curso* cada sujeito e sujeita aprendeu como se tivesse vivenciando o movimento das marés, que vai e volta, que volta e vai, ou seja, o *tempo-escola* e o *tempo-comunidade* propiciaram esse fluxo da maré cheia e da maré baixa, de juntar para trocar e depois trocar para juntar. A volta para os territórios depois do *tempo-escola* eram momentos de trocar com a comunidade sobre aquilo que aprendemos no Módulo vivenciado, como afirma Soares: “Possibilidade material e vivencial do compartilhamento dos mais distintos saberes, não faz oposição entre popular e acadêmico, pois cada saber tem seu valor de ser e existir” (2020, p. 9). Essas trocas aconteceram de forma linda e poética, pois na

Educação Popular não existe hierarquia entre o conhecimento popular e acadêmico: o que existe são os saberes diversos que cada pessoa traz consigo a partir de seu repertório de vida, ou seja, “neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais” (FREIRE, 2021, p. 112). Saberes novos, diferentes em ato de simplicidade diante da possibilidade de construir, promover coletivamente um novo saber, fomentado pela primazia e a magia do encontro humano.

A abordagem pedagógica da Educação Popular em sua multidimensionalidade propiciou o reconhecimento e inclusão ao processo de aprendizado e de produção de conhecimentos de elementos como a criatividade, a alegria — e isso como possibilidade de produção de *inéditos-viáveis* na superação de *situações-limite*, a exemplo do que apontaram Gómes e Monsalvo (2020):

ESSAS DIMENSÕES DIALOGAM COM A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR QUE RECONHECE A POTÊNCIA E A CRIATIVIDADE DOS SUJEITOS COMO SUJEITOS CAPAZES DE CONSTRUIREM E TRANSFORMAREM A REALIDADE. VERINHA LEMBRA QUE PODEMOS ESTAR EM RODA COM ALEGRIA — EU DIRIA, COM OUTRAS PALAVRAS, QUE PODEMOS ESTAR NA RODA DA VIDA COM ALEGRIA! E ELA NOS FAZ O CONVITE: “E COMO A GENTE TEM NESTA RODA UM POVO QUE É PALHAÇO, O PALHAÇO LEMBRA A GENTE DA ALEGRIA — ENTÃO AGORA A GENTE SOLTA UMA RISADA! ESSA RISADA ‘TÁ FRACA — VAMOS SOLTAR ESSA RISADA MAIS FORTE!” NESSA INTERAÇÃO COM O OUTRO, NESSE MOVIMENTO DE INTEGRAÇÃO TAMBÉM, DE ESTAR JUNTOS, DE CONSTRUIR JUNTOS, PODEMOS CULTIVAR ESSE SENTIMENTO DA ALEGRIA — É FUNDAMENTAL QUE POSSAMOS ESTAR NA RODA DA VIDA E APRENDAMOS A LIDAR COM AS CIRCUNSTÂNCIAS, COM AS NOSSAS EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS, DE UMA FORMA ALEGRE, COMO UM SER BRINCANTE, SEM DAR SOLIDEZ, SEM DAR UMA CONCRETUDE NO SENTIDO DE COMPREENDER QUE NADA É FIXO, QUE A VIDA É FLUXO, ESTÁ SEMPRE EM MOVIMENTO (TEIXEIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

O riso tem sido um aliado importante no cenário político e social da história. Desde o bobo da corte aos satíricos, fanfarrões, bufões e palhaços, o riso se propaga como rebeldia, de corpo em ato, em resposta às opressões. Essa tradução satírica, por vezes sarcástica, insolente e irreverente permeia os espaços populares como condição humana de renovação, superação, instigante e provocativa no sentido crítico da dor, da pobreza, exclusão, promovendo inquietudes em seu caráter ambivalente, numa fusão de júbilo e ridicularização (BAKHTIN, 2010).

Outra questão importante diz respeito à superação da fragmentação nos processos de ensino-aprendizagem. Linhares problematizou sobre a visão disciplinar hegemonicamente presente nos processos formativos acadêmicos e da importância das instituições de ensino assumirem compromisso com a sociedade:

QUANDO A UNIVERSIDADE FOI CITADA AQUI, TODAS AS VEZES, É QUANDO



ELA FAZ UMA INTERVENÇÃO SOCIAL! NÃO TEM NENHUMA CITAÇÃO AQUI, QUE EU OUVI HOJE — EU FIZ A ESCUTA O DIA TODO! —, NENHUMA VEZ A PESSOA DIZ QUE APRENDEU NAQUELA DISCIPLINA, SENTADA LÁ! NENHUMA! QUANDO ELA FAZ UMA INTERVENÇÃO SOCIAL É QUANDO ELA REALIZA. NINGUÉM DIZ QUE APRENDEU NUMA DISCIPLINA NA UNIVERSIDADE: É QUANDO FAZ UMA INTERVENÇÃO QUE ELA REALIZA ESSE LUGAR DE RELAÇÃO — E QUE É MUITO RICO (LINHARES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019d).

Aqui trazemos Freire para dialogar com Ângela Linhares. Sua fala no *tempo-escola* nos provoca a pensar sobre os saberes que se produzem nas comunidades, nas práticas populares que, muitas vezes, não são reconhecidos, valorizados pelas estruturas de poder. Freire e Faundez (1985, p. 30) vão levantar justamente essa questão ao trazer que, “na medida em que as massas não detêm o saber que o intelectual possui, elas não detêm o poder. E esse desprezo pelo saber popular afasta o intelectual das massas”. Ao relatar sua percepção sobre as experiências e aprendizados fora das universidades, Linhares nos instiga a pensar sobre a potência dos saberes populares — e destes serem considerados nos espaços acadêmicos para a construção e fomento do conhecimento. Isso nos remete a outro trecho de Freire e Faundez (1985), em que eles abordam a virtude da educadora e educador em assumir a ingenuidade para poder superá-la:

A ASSUNÇÃO DA INGENUIDADE DO OUTRO IMPLICA TAMBÉM A ASSUNÇÃO DE SUA CRITICIDADE. NO CASO DAS MASSAS POPULARES, ELAS NÃO SÃO APENAS INGÊNUAS. PELO CONTRÁRIO, SÃO CRÍTICAS TAMBÉM E SUA CRITICIDADE ESTÁ NA RAIZ DE SUA CONVIVÊNCIA COM A DRAMATICIDADE DE SUA COTIDIANIDADE. O QUE OCORRE, ÀS VEZES, É QUE AS MASSAS POPULARES OPRIMIDAS, POR N RAZÕES, FICAM AO NÍVEL DA SENSIBILIDADE DO FATO, DEIXANDO DE ALCANÇAR A RAZÃO DE SER QUE EXPLICA MAIS RIGOROSAMENTE O FATO. NÃO SERÁ COM A PURA SUPERPOSIÇÃO DE UMA EXPLICAÇÃO TEÓRICA ESTRANHA A ELAS QUE RESOLVEREMOS ESTE PROBLEMA DO CONHECIMENTO (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, P. 31).

Portanto, não é simples a resolução desta questão, mas ela principia com o diálogo entre os conhecimentos populares e os acadêmicos — e foi sobre essa possibilidade de diálogo que Linhares, Freire e Faundez discorreram. Ray Lima vem compor essa construção apontando como no *Curso* se buscou criar espaços e oportunidades metodológicas e didáticas que promovessem aproximações entre saberes diferentes e rompessem com a fragmentação:

TINHA ESQUECIDO QUE DÁ PRA PERCEBER O ENCURTAMENTO DO ESPAÇO, DESSE FOSSO QUE SEPARA OS SABERES, AS EXPERIÊNCIAS ACADÊMICAS E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS; ESSE FOSSO QUE SEPARA OS CAMPOS DE CONHECIMENTO — DE REUNIR A VIGILÂNCIA COM A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO, A ECOLOGIA COM EDUCAÇÃO POPULAR, COM SAÚDE; ESSE ENCURTAMENTO, ESSA APROXIMAÇÃO ENTRE LINGUAGENS, SABERES, PENSARES, FOI MUITO IMPORTANTE TAMBÉM, QUE FOI UM AVANÇO

GRANDE DA GENTE CONSEGUIR APROXIMAR ISSO SEM SOFRIMENTO. A GENTE FEZ ISSO COM *CUIDADO* — ISSO FOI UM DADO IMPORTANTE. QUERO TAMBÉM DIZER DA ALEGRIA DE PODER ESTAR JUNTO DESSE GRUPO: É MUITA RESPONSABILIDADE, MUITO *CUIDADO*, MUITA VONTADE DE FAZER AS COISAS DA MELHOR FORMA ATÉ O FIM! FAZENDO A NOSSA PARTE, O NOSSO TCC AQUI (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).

Oportunizar o encontro dos diferentes para promover a soma de conhecimentos onde um aprende com o outro e a outra nos faz lembrar um dito guineense: “O conhecimento sem sabedoria é como água em areia”. O diálogo entre os saberes diferentes pode promover a transformação. Aqui também referenciamos a Educação Popular como espaço onde todos e todas envolvidos nos processos pedagógicos, ao se reconhecerem aprendentes, se permitem dialogar em suas diferenças:

OS PROFESSORES NÃO SÃO IGUAIS AOS ALUNOS POR *N* RAZÕES, ENTRE ELAS PORQUE A DIFERENÇA ENTRE ELES OS FAZ SER COMO ESTÃO SENDO. SE FOSSEM IGUAIS, UM SE CONVERTERIA NO OUTRO. O DIÁLOGO TEM SIGNIFICAÇÃO PRECISAMENTE NÃO APENAS COM SUA IDENTIDADE, MAS A DEFENDEM E ASSIM CRESCEM UM COM OUTRO. DIÁLOGO, POR ISSO MESMO, NÃO NIVELA, NÃO REDUZ UM AO OUTRO. NEM É *FAVOR* QUE UM FAZ AO OUTRO. NEM É *TÁTICA MANHOSA*, ENVOLVENTE, UM USA PARA CONFUNDIR O OUTRO. IMPLICA, AO CONTRÁRIO, UM RESPEITO FUNDAMENTAL DOS SUJEITOS NELE ENGAJADOS, QUE O AUTORITARISMO ROMPE OU NÃO PERMITE QUE SE CONSTITUA. ASSIM TAMBÉM A LICENCIOSIDADE, DE FORMA DIFERENTE, MAS IGUALMENTE PREJUDICIAL (FREIRE, 1992, P. 60).

Portanto reconhecer nossas diferenças, não implica nos diminuirmos diante do outro e, sim, somar por meio do *diálogo* os diferentes conhecimentos que detemos. Reconhecer o outro e a outra com seus saberes, reconhecê-los/as, contribui para romper com o autoritarismo que invisibiliza, fragmenta e divide nossos saberes, reconhecidos ou não. Sobre isso um educando comenta no *tempo-escola*:

A GENTE TEM REFLETIDO [...] JUSTAMENTE ESSE PONTO DO *DIÁLOGO*. PORQUE QUANDO A GENTE VÊ, É A PARTIR DE UM OLHAR — E SE A GENTE QUISER QUE TODO MUNDO TENHA O MESMO OLHAR, NÃO HÁ *DIÁLOGO* (FERNANDES APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Ancorados/as no *diálogo*, a trajetória se fez intensa e plural. O olhar de cada pessoa foi complementando e criando o discurso da coletividade, ajudando a perceber a individualidade dentro da pluralidade. Cada um e cada uma em sua individualidade e sabedoria trouxeram para a *roda* o seu mundo, permitindo ampliar nossa visão de mundo.

Nesse caminhar, parece-nos importante trazer para esse *concerto dialógico* duas questões importantes referenciadas por Freire (2021) em relação aos processos de aprender: o aprendizado e a consciência que se materializam também no corpo.



Pensar a dimensão do corpo é pensar na subversão dos sentidos. O corpo é ato político. E sendo político — compreendendo-o num contexto social de constante negação —, ele está impregnado de movimento e resistência num ritmo de manifestação/intenção/relação que responde *em ato*, mesmo sendo silenciado. Considerando o *vivido* nesta experiência, a Educação Popular trouxe para a *roda* uma reflexão sobre o aprendizado de que este não se faz apenas pela via da mente, materializando-se nos corpos que falam, que ocupam, que resistem, que insistem em ser em meio às opressões.

Esses corpos conscientes em relação, como referenciou Freire (2021), puderam reconhecer seu lugar político e se reorganizar para desorganizar o imposto — e considerando a multidimensionalidade do aprender, ousaram por meio da criatividade, do riso, da improvisação, da arte, subverter o instituído e produzir *inéditos viáveis* para transformação da realidade como sujeitos históricos que se permitem beber da água poética que transforma opressão em vida plena. A Educação Popular dialógica faz florescer a autonomia, a liberdade e a consciência:

EU SOU UM ANDARILHO DE MOSSORÓ! BOA NOITE, BOM DIA! BEBER ÁGUA, BEBER ÁGUA DO SABER, O SABER DA CULTURA, O SABER DA DIVERSIDADE, PRA QUE SABER BEBER ÁGUA DO SABER DO CONHECIMENTO? BEBER ÁGUA, BEBER ÁGUA! É PRECISO CONHECER OS SABERES, OS SABERES QUE FAZEM AS PLANTAS FLORESCER! (SILVA APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

2.2 CONSCIÊNCIA, COLETIVIDADE E SUPERAÇÃO DA OPRESSÃO — ESPERANÇAR COMO INÉDITO VIÁVEL

Ao longo da história imprimimos, a partir das relações sociais que estabelecemos, nosso movimento, individual ou coletivo, da reprodução social presente nessas relações. Seja pela fome, pobreza, exclusão, desigualdade, ou pela riqueza, oportunidades e privilégios, esse paradoxo se reflete com relações de poder, que produzem e reproduzem situações de opressão.

Para Marx (2005), o sistema capitalista produz mecanismos competitivos e excludentes — e só a partir da consciência de classe e de outros mecanismos coletivos é que se torna possível o ato revolucionário de mudança e transformação desse processo profundamente desigual.

A *sistematização da experiência do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*, promovido pela Fiocruz-CE, possibilitou uma tessitura de conhecimentos múltiplos que seguiram o seu movimento para a produção de outros conhecimentos rumo ao *inédito viável do esperarçar*.

Essa *sistematização de experiência* que se produz a partir de cada encontro vivido evidencia a Educação Popular como potência coletiva com suas abordagens propiciadoras de reflexão crítica e *amorosidade*, fortalecendo a resistência e a organização popular.



O experienciar da turma e seus sujeitos/as/es, educadores/as/es revelou protagonismos territoriais de movimento de transformação histórica em dimensões pessoal e coletiva. Sobre esse movimento libertário da Educação Popular nos processos coletivos, Ray Lima refere:

A EDUCAÇÃO POPULAR NÃO É UM MOMENTO ANTERIOR À TOMADA DE CONSCIÊNCIA, APÓS O QUAL SE PASSARIA À AÇÃO CONSCIENTE. A EDUCAÇÃO POPULAR É UM PROCESSO PERMANENTE DE TEORIZAÇÃO SOBRE A PRÁTICA LIGADO, INDISSOLUVELMENTE, AO PROCESSO ORGANIZATIVO DAS CLASSES POPULARES (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Nesse caminhar emancipatório de produção de saberes e conhecimentos, o *Curso* promoveu, por meio da Educação Popular em verso e prosa, um *cerzir* de encontros afetivos, respeito mútuo e solidário, fazendo um acontecimento dialógico rumo à superação das opressões e iniquidades. Esse processo se expressou como fazedura de resistência e *amorosidade* entre seus interlocutores, que puderam perceber a potência dessa abordagem pedagógica como possibilidade revolucionária e transformadora. Sobre isso, fala Ray Lima no *tempo-escola*:

A EDUCAÇÃO POPULAR SERÁ POPULAR NA MEDIDA EM QUE, EFETIVA E PRATICAMENTE, SEJA UMA ARMA QUE PERMITA ÀS CLASSES POPULARES ASSUMIR, ORGANIZADAMENTE, COM LUCIDEZ E PAIXÃO, SEU PAPEL DE SUJEITOS ATIVOS NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA. A EDUCAÇÃO POPULAR [COMO DIZ BRANDÃO] IRROMPE COMO UM MOVIMENTO PRIMEIRO DE RENOVAÇÃO E, DEPOIS, DE REVOLUÇÃO DO SABER E DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO PELO PODER DE UM SABER POPULAR (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)!

Movida pela paixão, a luta tomou forma nas discussões, experiências e narrativas vividas nos encontros, onde, embora mergulhados em cenários opressores, excludentes, desiguais e ameaçadores, as mordanças se transfiguravam em voz ativa reproduzida nos territórios, num movimento vivo e criativo. No contexto do *Curso* foi possível abrir espaço para caminhos de pesquisa emancipatória, democrática, equânime, horizontal e respeitosa dos saberes presentes nos territórios, possibilitando um girar constante rumo às transformações.

A possibilidade de olharmos para um mesmo território, uma mesma *experiência* e enxergamos diferenças nos colocou no movimento de respeito e entendimento dos saberes individuais de cada sujeitos/as/es, possibilitando o encontro com nossos desejos de mudanças e a reflexão sobre as situações de opressão, de modo a ampliar o universo, transmutar o estagnado, a arbitrariedade e a submissão:

[...] ENCONTROS DE VONTADES E DESEJOS DE MUDANÇAS. OS VERBOS CRIAM CARNE NAS VEREDAS DO SINGULAR. SUJEITOS AGORA REUNIDOS APÓS TANTAS ANDANÇAS. É A CHANCE DE APRENDER A SER NA FALA DO OUTRO. O CONTEÚDO POR SER SIMPLES É O BEM PRECIOSO (JOSBERTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

As opressões vividas no cotidiano, encontraram um lugar de destaque nos *círculos de cultura*, nos quais partindo das *palavras geradoras* chegamos às *situações-limites*, gerando problematização e abrindo os caminhos para uma ação interventiva no social. A dialogicidade e a problematização vivenciadas nos *círculos de cultura* ajudaram-nos a fazer os movimentos de transformação do que era ferida e dor, em uma marca do existir, da resistência. Uma cicatriz que vira *adorno*:

[...] TODOS OS SOFRIMENTOS DAS APARECIDAS, DAS MARIAS, ELES SEJAM TRANSFORMADOS COMO O FORAM OS SEUS UMBIGOS, ATRAVÉS DO CUIDADO. QUE SEJAM TRANSFORMADOS EM ADORNOS! QUE A GENTE NÃO SE REVITIMIZE! PORQUE NASCER/MORRER FAZ PARTE DA NATUREZA HUMANA. QUANTAS VEZES EU JÁ NASCI? QUANTAS VEZES EU JÁ MORRI? EU ESTOU AQUI, VELHA, MAS VIVA. ISSO NÃO SIGNIFICA QUE A GENTE NÃO ESTEJA COLABORANDO COM AS ESTRUTURAS DO NOSSO TEMPO. E COM ISSO, VAMOS NOS ABRAÇAR DE NOVO — E VAMBORA! (MACIEL APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Os sofrimentos e as cicatrizes podem ser potentes formas de reflexão e superação das desigualdades e opressões. Esse movimento nos possibilita inclusive *morrer* e *nascer* nessa mesma vida, pois a partir da percepção de certas situações podemos, com a problematização, ampliar nossa visão de mundo, saindo do lugar do sofrimento e recriar sonhos, desejos e vida.

Em meados de 2019 o *Curso* enfrentou momentos de dificuldades, impostos por uma conjuntura política excludente, opressora e reacionária, resultando no corte dos recursos voltados à continuidade do processo. Isto afetou a tramitação dos encontros presenciais. Essas medidas, que caracterizam uma engrenagem opressora, levaram-nos a reflexões necessárias sobre o modo de atuação dos/as educandos/as/es e educadores/as, em sua maioria militantes dos movimentos sociais e populares.

Sobre isso, Ray Lima problematiza, lembrando que diante da dureza a qual estamos lançados na rotina da militância, existe a necessidade de manter a ternura entre os/as que lutam, estando atentos/as para não nos deixar enrijecer:

AO MESMO TEMPO, VEJO QUE AINDA HÁ MUITA DUREZA NOS NOSSOS MOVIMENTOS, NA NOSSA LUTA. É O AMOR NÃO DIMINUI A POTÊNCIA DAS NOSSAS LUTAS! É NA LUTA CONTRA A EXCLUSÃO, NÃO EXCLUIR TAMBÉM. COMO, NO MUNDO-LÂMINA, NÃO SE DEIXAR FERIR, NEM FERIR NINGUÉM? ISSO É UM DESAFIO IMENSO PRA PESSOAS QUE NOS TRANSFORMAM EM MILITANTES DA GUERRA, DO ÓDIO — E A GENTE TER CUIDADO PRA QUE NOSSA MILITÂNCIA NÃO NOS TRANSFORME NISSO, SEM PERDER A TERNURA (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

No entanto, a renda afetiva tecida por educandos/as, educadores/as e apoiadores/as aumentou a força e resistência impregnadas nesse *cirandar* desenhoso de estratégias de superação. Desta maneira, foi possível aos sujeitos/as/es recriar e fomentar possibilidades coletivas de compartilhar responsabilidades para deman-



das como alimentação, passagens, limpeza e organização. Esse movimento refletiu o desejo de resistir às investidas de um governo disposto a desestruturar políticas inclusivas e promotoras de equidade em saúde e desvelou a *solidariedade* como princípio orientador de um processo de construção coletiva de *inéditos viáveis* para que o *Curso* pudesse se efetivar plenamente:

[...] NÃO HÁ O DIÁLOGO VERDADEIRO SE NÃO HÁ NOS SUJEITOS UM PENSAR VERDADEIRO. PENSAR CRÍTICO. PENSAR QUE, NÃO ACEITANDO A DICOTOMIA MUNDO-HOMENS, RECONHECE ENTRE ELES UMA INQUEBRANTÁVEL SOLIDARIEDADE (FREIRE, 2021, P. 114).

O *Curso*, que já vinha imbuído de protagonismo em seu processo, impulsionou essa coletividade solidária, também como perspectiva cuidadora de si, dos outros e do mundo, intensificando e fortalecendo os elos entre os/as envolvidos/as, numa conexão generosa de *esperançamento*.

A proposição *esperançadora* se materializa, portanto, como ação de transformação.

É PRECISO ESPERANÇAR! [...] É PRECISO ESPERANÇAR! E A GENTE ESPERANÇA PORQUE A GENTE SE MOVE! “NÃO VOU ESPERAR NA PURA ESPERA”, JÁ DISSE FREIRE, “PORQUE O TEMPO DE PURA ESPERA É UM TEMPO DE ESPERA VÃ”. NESSE VERBO TEM AÇÃO — E ESSA AÇÃO É COLETIVA (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)!

A experiência do *Curso* revela, portanto, caminhos criativos de superação da opressão, entendendo esse processo na perspectiva de Freire, de que “o importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo — não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se” (FREIRE, 2021, p. 60).

Outra categoria da Educação Popular que emerge das vivências do *tempo-escola* é a *rebeldia* — e sobre isso Vera Dantas nos diz:

PORQUE PAULO FREIRE FALAVA DE REBELDIA, DE SER SUJEITO DA HISTÓRIA, MESMO QUANDO AS CONDIÇÕES NOS OPRIMEM. AÍ QUERO ABRIR A RODA PRA ESCUTAR VOCÊS, SEJA QUEM JÁ ESTÁ NA RODA, SEJA QUEM ENTROU HOJE, O QUE GOSTARIA DE COLOCAR (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

A reflexão sobre a *rebeldia* como condição inerente à superação das condições de opressão nos remete à discussão sobre o protagonismo dos atores e atrizes envolvidos/as nesse percurso — e nos permite lançar novos questionamentos: em que medida esse processo contribuiu para a produção de novos conhecimentos, de novos saberes, referenciando uma concepção de ciência que se coloque a serviço do enfrentamento das iniquidades e da opressão? Na *Pedagogia do Oprimido* Freire nos dá o caminho possível, referenciando o exercício de uma práxis libertadora:





A PRÁXIS, PORÉM, É REFLEXÃO E AÇÃO DOS HOMENS SOBRE O MUNDO PARA TRANSFORMÁ-LO. SEM ELA É IMPOSSÍVEL A SUPERAÇÃO DA CONTRADIÇÃO OPRESSOR-OPRIMIDOS. DESTA FORMA, ESTA SUPERAÇÃO EXIGE A INSERÇÃO CRÍTICA DOS OPRIMIDOS NA REALIDADE OPRESSORA, COM QUE, OBJETIVANDO-A, SIMULTANEAMENTE ATUAM SOBRE ELA (FREIRE, 2021, P. 52-53).

Durante o Encontro Regional do Sertão Central, a *esperança* é apontada como caminho viável de superação da opressão:

O QUE DÁ SENTIDO À EDUCAÇÃO É A ESPERANÇA! A ESPERANÇA É O AINDA NÃO: AQUILO QUE AINDA NÃO É! MAS PODE VIR A SER! ENTÃO ELA É EMINENTEMENTE UM ATO POLÍTICO! EM POLÍTICA, SIGO GRAMSCI: NÓS TEMOS QUE TER LADO! O QUE É PROFESSOR? É AQUELE QUE PROFESSOR! PROFESSAR É DIZER AQUILO QUE ACREDITA! É DENUNCIAR O VELHO E ANUNCIAR O NOVO, PELO QUE TEM DE BOM! NÓS TODOS SOMOS EDUCADORES! A EDUCAÇÃO ESTÁ MUITO MAIS VIVA FORA DA ESCOLA DO QUE DENTRO! CLARO QUE PRECISAMOS DE UMA CULTURA SISTEMATIZADA, PRA COLOCAR A CIÊNCIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE. BRECHT FALAVA QUE A CIÊNCIA DE NADA VALE SE NÃO FOR PRA ALIVIAR A MISÉRIA HUMANA (SOUZA APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Tendo ainda como referência o *tempo-escola* do *Curso*, as abordagens para discussão das concepções de território impulsionaram o pensamento crítico e analítico sobre colonização, exclusão e outras muitas, tirando-nos do lugar de senso comum e nos lançando a reflexões sobre o nosso lugar no mundo e as relações de poder às quais estamos subjugados. Sobre isso reflete uma educanda em discussão sobre o território, tendo como referência o filme *Avatar*:

AO LONGO DA HISTÓRIA, A GENTE NUNCA VIU O OPRESSOR SE TORNAR OPRIMIDO — E SE VIU, É SOB UM COMANDO DE UM OUTRO OPRESSOR. NO FILME, O PERSONAGEM SE ESPIRITUALIZOU — E FICO MUITO INQUIETA PORQUE AQUELE GRUPO DE PESSOAS QUE FAZIA OS NATIVOS, ELES CONSEGUIRAM ACOLHER ELE PARA O POVO, OPORTUNIZARAM A ELE MELHORAR, A SE TRANSFORMAR. E ISSO É A NOSSA REALIDADE (NONATA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

A partir deste filme foi discutida a relação antagônica que os seres humanos estabelecem com o território. De um lado, a relação exploratória, capitalista e colonizadora que nega qualquer princípio ético de valorização da vida que ali se encontra, reproduzindo a exclusão, a pobreza e desigualdade, o racismo, xenofobia e tantas outras violências que nascem do processo opressor que ali está impresso. Do outro, a relação com a terra, o espaço, as singularidades culturais e afetivas presentes ali: a historicidade, identidade, costumes que foram construídos ao longo da história. Esse paradoxo mostra a configuração presente nos determinantes sociais e culturais que irão distinguir esses grupos antagonicamente separados pelos privi-

légios do primeiro em detrimento do segundo.

É nessa configuração que o *Curso*, ancorado pela Educação Popular, nos aponta caminhos de emancipação por meio da liberdade/libertação na perspectiva da superação das relações de opressão. Sobre essa possibilidade, Vera Dantas nos diz:

A LIBERDADE/LIBERTAÇÃO QUE APONTA PARA QUE A EDUCAÇÃO POPULAR REALMENTE PRECISA SE CONSTITUIR FERRAMENTA, CAMINHO, QUE AJUDE AS PESSOAS A SE LIBERTAREM DAS CONDIÇÕES DE OPRESSÃO (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).

Ou ainda nas palavras da educanda Juliana da Guia:

ISSO TEM A VER COM A GENTE, DE LUTAR PELA NOSSA TERRA, NOSSA ORIGEM, A MÃE NATUREZA. A COLETIVIDADE TAMBÉM: ELA NOS FORTALECE. E ESTAR AQUI É MUITO IMPORTANTE — ESSA TROCA NO CURSO ESTÁ SENDO RIQUESSIMA (GUIA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D)!

Partindo da reflexão crítica acerca das diferenças sociais que reproduzem as relações opressoras, outro educando contextualiza no *tempo-escola*:

ESSE MOMENTO ME FEZ LEMBRAR QUE ALGUMAS PESSOAS VIVEM DENTRO DE UM CONFORTO QUE CHEGA A SER *DESUMANO* E *ALIENANTE*. NO SENTIDO DE QUE NOS DISTANCIAMOS DOS OUTROS E NÃO CONSIDERAMOS A DOR DO OUTRO, NO CAMPO E NA CIDADE. HÁ UM PROCESSO DE ADOECIMENTO AO SE DEPARAR COTIDIANAMENTE COM A MORTE. A GENTE PRECISA PARAR E REPENSAR O QUE É SER *HUMANO* (FALCÃO APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Nestes tempos é mais que necessário pensarmos o que é *ser humano*! Nossas humanidades têm se perdido diante de tantas negações, banalizações, medos, perseguições e explorações. A natureza, o planeta, os territórios são vistos por uma parcela das pessoas simplesmente como possibilidade de uso para garantir o poder, o lucro e a extração desordenada das matérias-primas muitas vezes não renováveis, sem se preocupar com o futuro da humanidade. Krenak nos faz refletir sobre essa exploração da natureza como um meio à parte:

FOMOS, DURANTE MUITO TEMPO, EMBALADOS COM A HISTÓRIA DE QUE SOMOS PARTE À TERRA, PASSANDO A PENSAR QUE ELA É UMA COISA E NÓS, OUTRA: A TERRA E A HUMANIDADE. EU NÃO PERCEBO QUE EXISTA ALGO QUE NÃO SEJA NATUREZA. TUDO É NATUREZA. O COSMOS É NATUREZA. TUDO EM QUE EU CONSIGO PENSAR É NATUREZA (KRENAK, 2019, P. 6).

No *Curso* pudemos discutir as políticas de promoção da equidade em saúde, as questões de gênero — e mais uma vez nos vieram os questionamentos acerca de nossa



humanidade quando matamos nossos/as pares por serem diferentes, por serem negras, negros, por serem povos originários, por serem LGBTQIA+, ou simplesmente pela discordância política de outra pessoa, como aconteceu com o mestre Moa do Katendê na Bahia. Aqui referenciamos um trecho da carta escrita por Freire:

QUE COISA ESTRANHA, BRINCAR DE MATAR ÍNDIO, DE MATAR GENTE. FICO A PENSAR, MERGULHADO NO ABISMO DE UMA PROFUNDA PERPLEXIDADE, ESPANTADO DIANTE DA PERVERSIDADE INTOLERÁVEL DESSES MOÇOS DESGENTIFICANDO-SE, NO AMBIENTE EM QUE DECRESCERAM EM LUGAR DE CRESCER. PENSO EM SUAS CASAS, EM SUA CLASSE SOCIAL, EM SUA VIZINHANÇA, EM SUA ESCOLA. PENSO, ENTRE OUTRAS COISAS, NO TESTEMUNHO QUE LHES DERAM DE PENSAR E DE COMO PENSAR. A POSIÇÃO DO POBRE, DO MENDIGO, DO NEGRO, DA MULHER, DO CAMPONÊS, DO OPERÁRIO, DO ÍNDIO NESTE PENSAR. [...] O ACATAMENTO AO OUTRO, O RESPEITO AO MAIS FRACO, A REVERÊNCIA À VIDA NÃO SÓ HUMANA MAS VEGETAL E ANIMAL, O CUIDADO COM AS COISAS, O GOSTO DA BONITEZA, A VALORAÇÃO DOS SENTIMENTOS, TUDO ISSO REDUZIDO A NENHUMA OU QUASE NENHUMA IMPORTÂNCIA. [...] NÃO CREIO NA AMOROSIDADE ENTRE MULHERES E HOMENS, ENTRE OS SERES HUMANOS, SE NÃO NOS TORNAMOS CAPAZES DE AMAR O MUNDO. NÃO É POSSÍVEL REFAZER ESTE PAÍS, DEMOCRATIZÁ-LO, HUMANIZÁ-LO, TORNÁ-LO SÉRIO, COM ADOLESCENTES BRINCANDO DE MATAR GENTE, OFENDENDO A VIDA, DESTRUINDO O SONHO, INVIABILIZANDO O AMOR. SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A REALIDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA. SE A NOSSA OPÇÃO É PROGRESSISTA, SE ESTAMOS A FAVOR DA VIDA E NÃO DA MORTE, DA EQUIDADE E NÃO DA INJUSTIÇA, DO DIREITO E NÃO DO ARBÍTRIO, DA CONVIVÊNCIA COM O DIFERENTE E NÃO DE SUA NEGAÇÃO, NÃO TEMOS OUTROS CAMINHOS SENÃO VIVER PLENAMENTE A NOSSA OPÇÃO. ENCARNÁ-LA, DIMINUINDO ASSIM A DISTÂNCIA ENTRE O QUE FIZEMOS E O QUE FAZEMOS. DESRESPEITANDO OS FRACOS, ENGANANDO OS INCAUTOS, OFENDENDO A VIDA, EXPLORANDO OS OUTROS, DISCRIMINANDO O ÍNDIO, O NEGRO, A MULHER NÃO ESTAREI AJUDANDO MEUS FILHOS A SER SÉRIOS, JUSTOS E AMOROSOS DA VIDA E DOS OUTROS (FREIRE, 2000, P. 31-32).

Apesar da maré baixa dos contextos contraditórios e opressores que nos atravessam, a experiência do *Curso* como movimento *dialógico* se faz maré alta e nos enche de possibilidades, sonhos, *amorosidade* e *humanização*. O movimento da maré que nos atravessa, nos banha, renova nosso esperançar, deixando à mostra renovações e revoluções.

A Educação Popular abre fendas para desvendar a opressão e provocar rachaduras, ou pequenas frestas, por onde a criatividade toma forma para compor um processo de reflexão crítica da realidade — processo que não é fácil, não é rápido como raio ou relâmpago, mas é profundo em suas raízes de mudança e reconstrução.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

BAKHTIN, M. M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

CHAUI, M. **Espinosa**: poder e liberdade. En publicacion: Filosofía política moderna. De Hobbes a Marx Boron, Atilio A. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; DCP-FFLCH, Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006.

DANTAS, V. L. A. (org.). **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde**: A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020. 406 p.

DANTAS, V. L. A.; LINHARES, A. M. B. A Ciranda de Aprendizagem e Pesquisa e o desafio de formular coletivamente um desenho do percurso metodológico. In: DANTAS, V. L. A. (org.). **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde**: A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, p. 42-54, 2020.

DANTAS, V. L. A.; PARO, C. A.; CRUZ, P. J. S. C. Educação popular em saúde, arte e múltiplas linguagens. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], p. 298-311, 13 jul. 2020. DOI: 10.14393/REP-2020-56011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/56011>. Acesso em: 20 out. 2022.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Guia do Curso (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019a.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria Encontro do Regional do Sertão Central**. Não publicado. Fortaleza, 2019b.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Oficina de Sistematização**. Não publicado. Fortaleza, 2019c.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatório da Unidade de Aprendizagem (UA) I**. Não publicado. Fortaleza, 2019d.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019e.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro.

Editora: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. – Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

GÓMEZ, S. I. P.; MONSALVO, J. A. Esperanza y alegremia: una propuesta pedagógica Para la salud de los ecosistemas. *In*: PULGA, V. L. *et al.* (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, p. 252- 260, 2020.

HINOJOSA, V. T. C. Diálogo de saberes para la construcción social de salud comunitaria: interculturalidad y agroecología. *In*: PULGA, V. L. *et al.* (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, p. 221-236, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARX, K. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel – Introdução. *In*: MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MESQUIDA, P. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, p. 228, jan./jun. 2010

OLIVEIRA, P. E. B de. **Cultura, Saúde Mental e Educação Popular**: Uma Relação Dialógica na Produção de Cuidado Coletivo entre Mulheres. Fortaleza: Fiocruz/CE, 2020.

RÉGIS, S. A. **Narrativa Autobiográfica Sobre o Cuidado no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido). Fundação Oswaldo Cruz. Eusébio/CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52616>. Acesso em: 25 out. 2022.

SOARES, F. J. da S. **Narrativa Autobiográfica Sobre a Cenopoesia no Percorso**

Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido. 2020. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio/CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52607>. Acesso em: 25 out. 2022.

SPINOZA, B. **Ética: demonstrada à maneira dos geômetras.** Tradução de Joaquim de Carvalho; Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural, 1997.



03.

O NASCIMENTO DESTA

roda livre

QUE AO NASCER JÁ SE MOVE
PARA LIBERTAR-SE DE SI MESMA:

**Bem-vindos(as)
às possibilidades**

E POTÊNCIAS DAS CULTURAS E
DAS ARTES NA PRODUÇÃO DE
conhecimento!

RAY LIMA

VERA LÚCIA DE AZEVEDO DANTAS

ABRE TUA RODA, CIRANDA.
AGITA ESSA RODA, CIRANDA.
GIRA SEM MEDO, CIRANDA.
CIRANDAS DA VIDA ESTÃO SEMPRE A GIRAR.
VIDA QUER VIDA, NÃO PODE PARAR
(RAY LIMA APUD DANTAS, 2020).

Protegidos pela liberdade desafiante da “alma encantadora das ruas”, como diria João do Rio, muito à vontade estamos nesta roda a circular saberes e alegrias, olhares, aprendizagens, sentimentos de mundo e arte, *sonhações*, leituras, problematizações sob o chão de práticas de mundos possíveis, experimentadas e comprovadas sua viabilidade.

Esta é a espiral de um movimento iniciado com as articulações para construção do *Curso Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido* do qual se fez esse longo percurso — que segue com o debruçar-se de vários pontos de uma rede que teima em continuar a aprender... Uma roda que se desloca e se multiplica em vários pontos constituintes de uma *rede-roda aberta* capaz de produzir e viver os conhecimentos, afinal somos o conversar que nos faz viver... Ousamos brincar por diante de viver pelo refletir a *experiência* da experiência, uma *metaexperiência*, quando já experienciamos outros voos livres, dando giros em torno uns/umas dos/as outros/as em busca de saber mais, ser mais.

“A roda é o fluxo da história”, espaço de democratização das relações, de cura, de reinvenção do ser individual e comunitário, onde se aprende a *linguagear*, onde o vivido, ao ser problematizado e refletido, se desdobra em possibilidades de novos viveres — e, justo aí, a vida se apresenta como um

entrelaçamento, uma urdidura permanente entre pares e diferentes, um processo antigo e *inédito*: viável.

E o inédito viável, nossos impossíveis realizáveis, significa no tempo desta reflexão-ação, abrir caminhos à vida para a *amorosidade* em meio à volúpia da cultura de morte regada a ódio e terror. Ir em busca de superação da situação-limite que nos impõe o tempo histórico e transformar as realidades negacionistas existentes em um *devir-lutar* para destituir os esforços sistemáticos do poder instituído de fechamento e impedimento da liberdade de “ser, ler, crer, criar”. Como disse Junio Santos:

CADA VEZ MAIS AUMENTA EM MIM A CRENÇA NO ESPAÇO CÊNICO SEM BARREIRAS, QUE SÓ ENCONTRAMOS EM RODAS E SEMICÍRCULOS. NESSE ESPAÇO, REINA A COLETIVIDADE E RESPIRAMOS, OLHAMOS E PERCEBEMOS UNS AOS OUTROS. É TRISTE, FRIO E SEM IMPACTO QUANDO VEMOS AS MANIFESTAÇÕES POPULARES — QUE SÃO RITOS TRADICIONAIS — ENGAIOLADAS EM ESPAÇOS FECHADOS, COM ACESSO RESTRITO E SEM A CUMPLICIDADE DOS GESTOS, *GESTUS*, OLHARES ENTRE OS PRESENTES QUE SE TRANSFORMAM APENAS EM CONTEMPLADORES E NÃO MAIS CÚMPLICES E PARTE DA MANIFESTAÇÃO. PIORA MUITO MAIS QUANDO O QUE SE APRESENTA É POPULAR, UNIVERSAL E PÚBLICO. NÃO CABEMOS NESSES ESPAÇOS DE REPRESENTAÇÕES E NÃO DE MANIFESTAÇÕES. ELES TÊM RITOS PROGRAMADOS, MARCADOS POR UM ROTEIRO DURO E FRIO, CALCULÁVEL E SEPARATISTA, NÃO PERMITINDO QUE OS OLHARES SE CRUZEM, SE ENCONTREM, SE MANIFESTEM, SE REALIZEM. A RODA, O CÍRCULO, O SEMICÍRCULO AINDA SÃO AS MAIORES INVENÇÕES DO NOSSO POVO E NELES NOS EXPRESSAMOS E DEIXAMOS O OUTRO SE EXPRESSAR NUM VERDADEIRO ENCONTRO, ONDE O ESPETÁCULO NÃO É UMA PARTE MAS, SIM, O TODO. VIVA A RODA QUE NOS FAZ RODAR JUNTOS (SANTOS, JUNIO, 2021)!

Aqui o desafio foi colocarmos na roda diferentes vozes, reflexões, cantos, gestos, imagens e percepções do vivido, tendo a palavra, os escritos, como meio de expressão e interação e a *Arte e produção de conhecimento* como ideia geradora. Os textos são sujeitos que exercem ação mútua ou *interagentes* do diálogo, onde as ideias vão fluindo espontaneamente nesta roda livre, dando sentido à conversa e trazendo à tona as contribuições da *cenopoesia* como dimensão importante tanto na feitura e realização como no processo das aprendizagens e de produção de conhecimento no contexto do *Curso*.

Os textos desgarrados de suas estruturas de origem, feito fragmentos de estrelas que formam outros astros, assumem aqui novas funções e se movimentam no tempo-espço da roda que lhes fazem ganhar novos sentidos, contribuindo da mesma maneira para que outros com os quais interagem também se reconfigurem e se refundem a partir desta teia de relações. Podemos até dizer que, de fato, temos aqui textos personificados ou, de outro modo, pessoas que aqui se encontram por meio deles, de suas vozes *re-con-textualizadas* para conversar e reviver de outra forma



um tempo vivido em comum alhures. Um encontro, cuja motivação não é uma festa de aniversário, um festival de cerveja, uma súpica qualquer, mas a celebração de uma **Feira do Soma Sempre**⁸ de aprendizagens mútuas e conhecimentos produzidos coletivamente, agora reconhecidos como valiosa experiência humana.

Arranjos e conexões entre planetas, universos, constelações de linguagens, saberes, pessoas, mundos... são caminhos de chegar a reconfigurações do já existente e/ou à urdidura de *impossíveis realizáveis*, criação de novos mundos. Os mundos são construções que fazemos por meio de linguagens. Ao nos relacionarmos, interagirmos uns com os outros a partir de diferentes vontades, intencionalidades, *sonhações*, utopias, necessidades existenciais — e eles nascem, renascem e se reinventam, assim como a vida, o cosmos.

Este é um círculo dentro de outro maior por onde circularam temas que relacionam a arte a caminhos e estratégias de produção do conhecimento, mormente a *cenopoesia* como termo-conceito-prática referida por muitos e muitas durante e após o processo. Dito isto, só nos resta viver este momento precioso. Enfim, a roda vai se abrindo naturalmente.

SAIRMOS ÀS RUAS PARA CONVERSAR,
VEM DA NECESSIDADE SURGIDA
DE PARTILHAR O VIVER E PENSAR A VIDA,
POETIZANDO OS JEITOS DE APRENDER E ENSINAR.

ASSIM JÁ PEDIMOS SUA LICENÇA
PARA UMA CONVERSA DESTEMIDA,
PROSA EMBELEZADA PELA ARTE
DA ALEGRIA DE VIVER A POESIA DA VIDA.

3.1 EM SEU PRIMEIRO GIRO, A RODA NOS IMPULSIONA PARA A DIMENSÃO DO PERCEBIDO E DESTACADO DO VIVIDO

Ângela Linhares (*apud* FIOCRUZ-CE, 2019c), no *tempo-escola* referencia a arte como *o espaço de educabilidade do humano e também das relações!*

Como relação, “permeia, transcende, trazendo as pessoas, mobilizando-as a imergir no processo pedagógico despertando forças, desejos, paixões alegres no dizer de Baruch de Spinoza” (*apud* FIOCRUZ-CE, 2019a). Ainda como relação, parece transcender expectativas e se reafirmar como processo de aprendizado que “não se constrói somente na mente, mas também perpassa pelo corpo como um todo” (SOARES, 2020, p. 17). Desse modo, como expressão de um ser inteiro parece-nos permitir a emergência de “saberes e conhecimentos nos educandos e educandas, em um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, permitindo, assim, a recriação e construção de novos repertórios humanos surgidos e criados a partir do encontro” (SOARES, 2020, p. 13). Nessa perspectiva, dialogamos com Mayana Dantas (2020), que referencia as aprendizagens com o corpo todo como possibilidade de produção de autonomia, tendo a arte como cartilagem que articula *saberes-de-experiência-feitos* ou *repertórios humanos* — com afetos, cuidado,

⁸ A *Feira do Soma Sempre* é uma vivência de construção compartilhada idealizada por Lima (2009) que funciona como espaço de rede-roda aberta à escuta, ao cuidado e se volta à produção do comum, à autogestão, tendo sido vivenciada em diversos momentos do *Curso*. Na proposição do cenopoeta, “saber se soma sempre, circulante, compartilhado, democratizado, difundido, enriquecido, experimentado, atualizado e utilizado em melhoria da vida coletiva por todos”.

expressividade e criatividade. Aprendizagens que se fazem em relação.

Linhares (2017) nos convida a considerar a experiência com arte em processos de formação como movimento dialético de diálogo entre o consciente e o inconsciente. Diz ela: “Dentro de toda criação, há esse concerto de asas e eixos [...], há a memória do vivido sedimentada no inconsciente profundo e há a cultura presente, em seu caminho de raízes fazendo-nos penetrar mais no tempo de agora” (LINHA-RES, 2017, p. 103).

Eduardo Oliveira Miranda (2019) afirma que o território é formado por pessoas e são elas que dão sentido, sabor, cheiro e vida ao lugar. E trazendo a figura do corpo e da interação entre eles, Soares (2020) lembra que o encontro desses *territórios-corpo* se manifesta na produção do *inédito viável* da arte de viver.

Essa construção do conhecimento que se faz com o ser inteiro vai segundo, Soares (2020), produzindo transformações que se operam no campo do sensível, em relação com os saberes da arte e dá sentido às várias possibilidades de ação enquanto artista — e, no mundo das relações, lhe possibilitam conjugar, na luta, o verbo *esperançar*.

A experiência também nos remete à arte e a cultura como dimensões do sensível e a como fazem a diferença na concepção e nas práticas educativas. Nesse sentido, referenda a *arte no âmbito do fazer educativo como culto à utopia* e leva à compreensão de que a educação, sozinha, como técnica, como ciência, talvez não tenha a força que possui quando se mistura e dialoga com a arte, com as manifestações culturais das gentes (LIMA *apud* FIOCRUZ-CE, 2019a). Como trouxe Soares (2020) em seu trabalho de conclusão do *Curso*: “arte que surge do encontro, das relações entre pessoas, do que se constrói nas entrelinhas de uma conversa, de um diálogo despretenso, porém vivo em essência humana [...] como forma de ver, agir e refletir o mundo desejado” (SOARES, 2020, p. 8).

Nessa construção, a *arte* desponta como um *valor*, “como dimensão expressiva e integradora a desvelar em suas múltiplas linguagens, as juventudes desses territórios suas potencialidades, protagonismos como também suas exclusões, iniquidades e invisibilidades” (DANTAS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019b).

Outro questionamento surgido diz respeito à própria concepção de ciência e seu papel na produção do saber. Sobre isso, comentava Marcelo Firpo Porto no *tempo-escola*:

[...] É NECESSÁRIO PENSAR QUE A CIÊNCIA NÃO É A ÚNICA FORMA DE SABER. A ARTE, A RELAÇÃO AMOROSA ENTRE AS PESSOAS TAMBÉM É FORMA DE PRODUZIR CONHECIMENTO. CONSIDERAR ESSAS QUESTÕES IMPLICA A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS A PARTIR DE ENCONTROS INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS EM TORNO DA SAÚDE, COM A INCORPORAÇÃO DE MÚLTIPLOS SABERES, LINGUAGENS E NARRATIVAS ALÉM DAS CIENTÍFICAS, COMO AS ARTÍSTICAS POÉTICO-MUSICAIS E POPULARES, CENOPOÉTICA — QUE SÃO ALGUMAS FORMAS DE SENTIR/PENSAR DESSE PROCESSO (PORTO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019D).

Sobre os questionamentos de Firpo Porto, dialogamos com Fals Borda (1999) que traz para o campo da pesquisa em seu construto sobre a investigação-ação participativa a perspectiva de *sentirpensar* na qual os sujeitos partícipes de processos de pesquisa possam ser considerados seres “*sentipensantes*”, e que seus olhares singulares sobre a vida em comum deveriam ser levados em conta no contexto coletivo. Com essa perspectiva, Fals Borda aponta para a integração no percurso da produção de conhecimento, entre os sentires, os experienciados pelos diversos sujeitos/as/es em seus compromissos políticos com as lutas populares para a superação das desigualdades e invisibilidades.

Desse modo, nos desafiávamos a discutir a relação da intuição com a ciência acadêmica; da arte à ciência; do ritual verdadeiro aos ritos de consumo; da competição à cooperação; da cultura do interesse coletivo ao interesse individualista consumista. Enfim, nos questionávamos: como desenvolver capacidades de criar e construir saídas frente a processos de aprendizagens e produção de conhecimentos neocolonialistas? Como construir essas capacidades dentro dos processos não fragmentários que dão seguimento à interminável viagem do ser aprendente?

QUE FAZES TU DE TUAS CRENÇAS,
DE TI, DE TUA ARTE?
DE TUA CIÊNCIA?
COM QUANTO AMOR SE FAZ?
O QUE TE SUSTENTA MAIS?
O SOPRO EM CORES DO UNIVERSO?
OS BENS MATERIAIS
(LIMA; FIGUEIREDO *APUD* FIOCRUZ, 2019)

Na experiência foi possível visibilizar a reflexão trazida por Ângela Linhares no *tempo-escola* sobre a arte como conhecimento. A cenopoesia se revelou como potência de produção de diálogos articulando outras linguagens como dimensão agregadora, sensibilizadora e expressiva potencializando a arte como conhecimento (DANTAS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019b).

Em síntese, podemos dizer que a dimensão artística presente ao longo do *Curso de Especialização* cumpriu uma função potente rompendo com a visão de arte como entretenimento. Nas palavras de Regis (2020, p. 27),

FAZENDO COM QUE OS CONTEÚDOS SE TORNASSEM POÉTICOS, TEATRAIS,
DANÇANTES E PULSANTES EM NOSSAS MENTES, CORPOS E CORAÇÕES.
A LUDICIDADE E A SIMBOLOGIA PROPICIARAM CRIAÇÕES E PROBLEMATI-
ZAÇÕES INCRÍVEIS AO LONGO DAS UNIDADES DE APRENDIZAGEM. COM
A ARTE FOI POSSÍVEL CRIAR E PROBLEMATIZAR OS DIVERSOS TEMAS E
ASSUNTOS A SEREM APRENDIDOS NESSE PROCESSO DE APRENDIZAGEM.

E aí falamos de arte, não a reduzindo à condição de instrumento ou ferramenta para atenuar a dureza dos processos de produção do conhecimento, o que já seria muito importante, mas nos reportamos à arte como alimento, nutriente básico



essencial à existência humana que, se falta, definhamos como uma planta definha sem água e húmus, perdendo força e/ou o sentido da vida:

QUANDO MORRE O POETA,
O HOMEM MORRE JUNTO,
PERDE SUBSTÂNCIA A CRIAÇÃO,
DE SEU ENCANTO A VIDA ABDICA.

QUANDO MORRE UM POETA,
O MUNDO FICA MAL, REDUZ-SE AO CAPITAL,
AO PRAGMATISMO E PODER INCONTIDO
DO SER VIOLENTO, AVARENTO, BANAL.

QUANDO MORRE O POETA,
A NATUREZA FICA, MAS O HOMEM EMBRUTECE,
AMIÚDA-SE, DEIXA ESCAPAR SUA MAIOR DIMENSÃO —
A POESIA — E REINAR A FERA (SEU OUTRO ANIMAL).

SEM POESIA: HOMEM É AVE DE ASAS CORTADAS;
CHÃO SEM HÚMUS, CÃO SEM FARO, FONTE SEM ÁGUA;
E FERIDO NA ALMA VAGA INFAME, SEM LUME, RUMO;
ATRÁS DE SER SEM VER, SENTIR, NEM SABER O QUE É.
(LIMA, 2018)

Por fim Soares nos lembra da

NECESSIDADE DE CONSTRUIRMOS NOSSAS PRÓPRIAS FORMAS AMOROSAS
DE PRODUIR E FAZER ARTE COMPROMETIDA, POLITIZADA E TRANSCEN-
DENTE QUE NÃO VÊ O OUTRO SOMENTE COMO ESPECTADOR, MAS COMO
AGENTE TRANSFORMADOR E TRANSFORMADO PELA CENA QUE SE CONS-
TRÓI JUNTO, A PARTIR DESTE ENCONTRO HUMANO DE IGUAIS (SOA-
RES, 2020, p. 14).

É COEXISTINDO, INTERAGINDO, QUE A VIDA FLUI.
TUDO SE RENOVA NA POESIA!
(LIMA, 2018)

3.2 CENOPOESIA - LINGUAGEM DO LINGUEAR

*A REVOLUÇÃO É LINGUEIRA
A PRISÃO E A LIBERTAÇÃO HUMANAS SÃO CONSTRUÇÕES DA LINGUEAR.
CENOPOESIA NELES!
(VITOR PORDEUS)*

Em um percurso pedagógico atravessado pela arte, algumas abordagens emergem



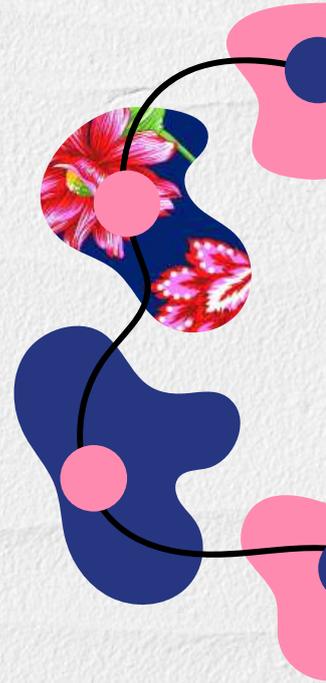
dos materiais produzidos na sistematização. Ray Lima em roteiro cenopoético produzido como reflexão do vivido, questionava:

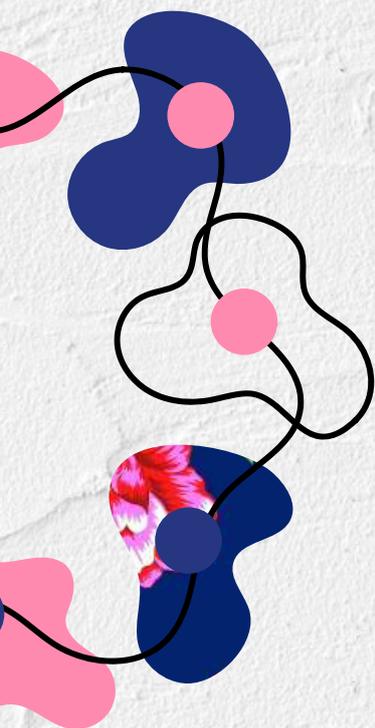
UM GIRO PARA DENTRO AGORA SE FAZ NECESSÁRIO. UM MERGULHO, UMA ESPÉCIE DE SONDAGEM E PROSPECÇÃO NO MANANCIAL DE NOSSAS SABENÇAS, POSSIBILIDADES DO SER E POTÊNCIAS CRIADORAS. QUANTOS DIFERENTES ESTÃO INVISIBILIZADOS, POR SER DESCOBERTOS, FOSSILIZADOS DENTRO DE NOSSOS ABISSAIS, PODENDO EMERGIR QUEIRAMOS OU NÃO A QUALQUER MOMENTO? O QUE ESTÁ MUITO DENTRO, ÀS VEZES, PARECE ESTRANHO A NÓS E QUASE SEMPRE DEIXAMOS FORA DO ALCANCE DE NOSSOS LINGUAGEARES COTIDIANOS, DE NOSSOS CUIDADOS E ATENÇÃO. AFIGURA-SE COMO UMA QUESTÃO FUNDAMENTAL POR SE TRATAR DA MATÉRIA-PRIMA PARA TUDO QUE SOMOS OU DEIXAMOS DE SER NA RELAÇÃO COM O OUTRO. O QUE ACHAM? CORAGEM (LIMA, NO PRELO)!

No texto acima, Ray Lima introduz uma dimensão importante da cenopoesia no contexto do *Curso* como linguagem dialógica e suas possibilidades de desvelar os sujeitos/as/es em suas subjetividades. Ao mesmo tempo, segue problematizando a potência dialógica da cenopoesia, considerando o contexto do *Curso* e seus territórios.

ENTÃO, COMO PÔR EM DIÁLOGO O ACADÊMICO COM O POPULAR, A ARTE COM A CIÊNCIA? COMO ARTICULAR O SUJEITO QUE VEM DO MST COM O QUE VEM DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA OU PRIVADA, TRAVADA PELO BUCROCRATISMO INSTITUCIONAL, E/OU DOS SERVIÇOS DE SAÚDE PRESOS AO ASSISTENCIALISMO E À CAMISA DE FORÇA DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA? COMO ESTIMULAR O LINGUAGEAR ENTRE UMA CATADORA DE MARISCO DO LITORAL COM SUAS SABENÇAS PRIMORDIAIS COM UMA ENFERMEIRA QUE ATUA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE NO CARIRI? COMO PÔR EM DIÁLOGO UM FILÓSOFO POPULAR COM UM INTELCTUAL ACADÊMICO; UMA AGENTE COM UM POETA; UMA PSICÓLOGA COM UM PALHAÇO E UM AGRÔNOMO; UMA JOVEM MILITANTE DA LUTA DE BAIRRO DE FORTALEZA COM UMA JOVEM DO SEMIÁRIDO QUE LUTA PELO DIREITO À TERRA E À ÁGUA SAUDÁVEIS? QUE SÍNTESES PODERIAM SURGIR DESSAS CONVERSAÇÕES? QUE NOVAS ESTRATÉGIAS DE VIDA, ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA, MUDANÇAS RELEVANTES E IMPRESCINDÍVEIS SÃO GERADAS QUANDO AS PESSOAS INTERAGEM, APRENDEM, SE ENCONTRAM (LIMA, NO PRELO)

Dantas e Lima (2020) historicizam o surgimento dessa linguagem no Nordeste, no Brasil e América Latina associando-a ao movimento Escambo Teatral de Rua, atual Movimento Escambo Popular Livre de Rua, segundo os quais constitui-se o principal difusor desta sua inclusão nos repertórios de grupos de teatro de rua. Evidenciam ainda a importância do município de Icapuí-CE como polo irradiador no Ceará dessa manifestação cultural por meio de espetáculos de celebração da emancipação daquele município e da produção teatral da cidade. Também fazem





referência a movimentos literários jovens de países como Argentina e Colômbia nos anos de 1990, como impulsionadores da cenopoesia nesses países. Os autores (idem) revelam que essa linguagem imprimiu uma espécie de “marca” em intervenções animadas pelas *Cirandas da Vida* — ação estratégica de educação popular no contexto da Secretaria Municipal de Saúde. Ao ser inserida em processos pedagógicos protagonizados pelas *Cirandas da Vida*, essa linguagem afirmou-se também no campo da Educação Popular em Saúde como possibilidade de problematização, produção de saberes e tecnologias — e passaram a compor momentos de planejamento e avaliação de ações da Secretaria Municipal de Saúde, aulas dos diversos processos formativos do Sistema Municipal de Saúde Escola e em eventos de articulação da Política Nacional de Saúde, propiciando o acolhimento e a humanização e contribuindo na complexa problematização do SUS. Nesse processo de inclusão da cenopoesia no campo da saúde, reconhecem sua potência na promoção de diálogos entre os saberes artístico, científico e popular — e questionam o reconhecimento das linguagens da arte como práticas de saúde que também se constituiu uma proposição recorrente nesta experiência.

Uma das mais estratégicas e desafiadoras tarefas do *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido*, pensando cenopoeticamente, foi construir arranjos a partir das experiências de atores e seus movimentos, com suas narrativas singulares; fazer a *liga* entre instituições e histórias vindas de contextos, naturezas e origens tão diversas, tendo como dispositivo a energia criativa de cada um/a e os repertórios humanos dos diferentes atores-sujeitos envolvidos no processo.

Além dos arranjos, o contexto é fundamental nesta construção. É nele que efetivamente o ato se faz ato democrático e aberto, onde o arranjo se enriquece na interação com os novos elementos e repertórios daqueles e daquelas que se encontram no território vivo. Não há outro caminho para a cenopoesia senão vivê-la em ato! Desta forma, viver o *Curso* foi a condição para que hoje estivéssemos refletindo e saboreando o que nos alimentou durante todo o percurso.

Talvez esta tenha sido uma das funções primordiais do *Curso*: colocar as gentes para linguagear, se aprenderem, se reconfigurarem, saírem melhores do que chegaram do ponto de vista humano, partindo de suas próprias experiências, narrativas, saberes, linguagens. A esse exercício chamamos *arranjo cenopoético*. E quando a questão passa a ser não só a busca obsessiva por um produto bem acabado, mas a qualidade do processo que leva ao produto, a *cenopoesia* é incorporada pelo *Curso*. Vale, daí para a frente, observar como se deram arranjos que fizeram dialogar os conteúdos postos na roda, as distintas linguagens que entram no jogo, de como são consideradas as singularidades e potências dos sujeitos presentes, o cuidado e a atenção que isso requer para chegar a um ato poderoso e de muita qualidade porque fruto de um processo cuidadoso, dialógico, profundamente amoroso. Aprendemos, de alguém que nos custa lembrar agora, que o que define a qualidade do que produzimos são as relações que estabelecemos com o Outro, a Outra.

Essa reflexão retoma a importância de princípios da Educação Popular; já discutidos nesse fascículo, como o diálogo e a problematização. Sobre isso, Ray Lima nos diz:

A CENOPOESIA NÃO SÓ PROBLEMATIZA AS REALIDADES E MUNDOS EXISTENTES COMO ANUNCIA A PARTIR DO ENCONTRO ENTRE LINGUAGENS NOVAS REALIDADES POSSÍVEIS. MUNDOS E REVOLUÇÕES QUE NASCEM DO COLORIDO DOS DIFERENTES OLHARES, APROFUNDADOS E MELHORADOS PELA INTERAÇÃO COM O OUTRO QUE AMPLIAM, QUALIFICAM E POTENCIALIZAM O HORIZONTE INDIVIDUAL, COLETIVO, COMUNITÁRIO. É CERTO QUE OS PROCESSOS HISTÓRICOS DAS CIDADES, DAS GENTES, DA VIDA SE DÃO EM FORMA DE CICLOS QUE SE ENTREPÕEM DENTRO DE UM MOVIMENTO CONTÍNUO, DIVERSO E IRREPETÍVEL. NÃO HÁ COMO IMPEDI-LOS DE CONTINUAR SUAS TRAJETÓRIAS, MAS HÁ COMO INTERVIR PARA RECONFIGURÁ-LOS, MODIFICANDO O MODO DE SER E ACONTECER EM NOSSO FAVOR E DA VIDA (LIMA, NO PRELO).

Como linguagem dialógica, a cenopoesia é:

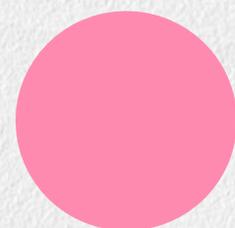
[...] TRANSCÊNICA E NASCEU DA NECESSIDADE QUE A PRÓPRIA ARTE CONTEMPORÂNEA TEM DE DIALOGAR E INTERAGIR COM INTELIGÊNCIA, RESPEITO E CUIDADO COM AS MAIS DIVERSAS FORMAS DE LINGUAGENS, COM O OUTRO; O QUE CONSIDERAMOS UMA CARÊNCIA TAMBÉM HUMANA. ALIÁS, PODEMOS RECONHECER QUE ISTO NÃO VEM DE AGORA, SENÃO DE HÁ MUITO TEMPO, EMBORA SÓ MAIS RECENTEMENTE TENHAMOS TIDO A PERCEPÇÃO MAIS CLARA DE QUE, ASSIM COMO UM SER HUMANO, UMA LINGUAGEM ARTÍSTICA, UM CONHECIMENTO, UMA FORMA DE SABER ETC., MESMO QUERENDO EXIMIR-SE DESSA CONDIÇÃO, PRECISA DA INTERAÇÃO COM OUTRAS PARA SE FORTALECER E SUSTENTAR-SE (LIMA, NO PRELO).

Lima (2008) reafirma a característica agregadora da cenopoesia que se articula e interage com outras linguagens para construir algo como que um campo dialógico, sinérgico e harmônico que se ressignifica como linguagem única.

Ao se colocar nesse espaço de atravessamentos e interações, a cenopoesia “acaba por se reconhecer como **singular** em sua forma particular de ser, sem anular seu potencial dialógico nem sua relação de **autonomia e interdependência** com o outro” (LIMA, 2019).

Essa dimensão relacional da cenopoesia, para Lima,

[...] DEVE SE CONSTITUIR COMO RELAÇÃO DE ALTA QUALIDADE, ONDE OS QUE SE RELACIONAM APRENDEM MAIS — PORQUE SE UNEM POR CAUSAS COMUNS, PELO DESEJO DE APRENDIZAGENS E ENRIQUECIMENTO MÚTUO [...] E NÃO POR FALSO DESEJO DE CONSUMO OU AINDA UMA VONTADE A ÉTICA DE EXPLORAÇÃO DO OUTRO. AQUI CONHECIMENTO SE SOMA SEMPRE E NÃO PARA DE CIRCULAR NA RODA QUE GIRA PELA FORÇA DO CUIDADO E COOPERAÇÃO (2019).



Não há recorte. Tudo é mistura. Contudo, mistura que está mais para amálgama do que para mescla, dentro de um processo compartilhado de aprendizagens que nos permite perceber e discernir nesta fusão as singularidades de cada universo que se junta ao outro, respeitando suas diferenças para se enriquecer com ele, observando o que de mais significativo produzimos em cooperação. Em suma, enxergar a unidade do processo vivido por universos enriquecidos pela experiência da escuta, da observação, do *cuidado*, do exercício da fala, de aprender pela interação.

Desse modo, a cenopoesia no contexto dessa experiência, referenda a dimensão relacional da arte e sua potência no sentido de promover relações com *energia tratada*, como afirma Ray Lima (2019). Este lembra que *tratar* energia é o esforço coletivo para produzir amorosidade em campos minados pela energia brutalizada do ódio e do desamor. Daí pode emergir a arte, o conhecimento, a cultura, a ciência, a criatividade — tudo que retroalimenta o ser e o viver, ou seja, novas concepções de mundos:

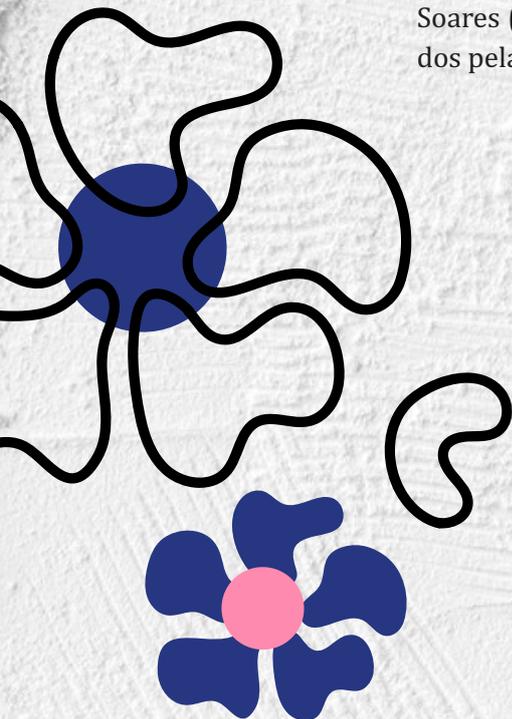
AMAR EM CAMPO MINADO...
NEM O AMOR É DADO,
É LUTA LIMPA PELA VIDA.
O AMOR NÃO FERRE, LIDA.
AMAR É UMA PRÁTICA DE CUIDADO
(LIMA, 2019).

Neste contexto, o *Curso* aponta a cenopoesia como

[...] UMA CARTILAGEM QUE FUNCIONA PARA QUE OS OSSOS (DO OFÍCIO) NÃO BATOM UNS NOS OUTROS; A IDEIA DE QUE PODEMOS FALAR DE COISAS MUITO SÉRIAS SEM PRECISAR NOS VIOLENTAR. ENTÃO, É UM MODO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO COM CUIDADO QUE NOS LEVA À CURA E NÃO AO ADOECIMENTO (RAY LIMA APUD FIOCRUZ, 2019G).

Soares (2020) também referencia a multidimensionalidade dos processos mediados pela cenopoesia. Em suas palavras:

POR MUITAS VEZES, QUANDO ESTAVA SENTADO NA CADEIRA DA SALA DE AULA, ESSA FORÇA EMERGIA QUANDO OUVIA O TAMBOR POETICAMENTE SENDO TOCADO POR RAY LIMA, SEGUIDO DE SEUS POEMAS QUE UNIAM HARMONIOSAMENTE A ARTE DA PALAVRA MELÓDICA COM AS DENSAS COLOCAÇÕES E PROVOCAÇÕES DAS PROFESSORAS E PROFESSORES QUE TRAZIAM TEMAS DUROS, DE NOSSOS SOFRIMENTOS COLETIVOS, DAS Nossas DORES, BUROCRÁTICOS, MAS NECESSÁRIOS PARA O ENTENDIMENTO, COMPREENSÃO E REFLEXÕES ACERCA DESTE SISTEMA CAPITALISTA, RACISTA, GENOCIDA, XENOFÓBICO, QUE MATA A NATUREZA, AS TERRAS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS, ASSIM COMO TEM MATADO OS PRÓPRIOS ÍNDIOS E OS REMANESCENTES DIRETO DE QUILOMBOLAS, QUE AINDA EXISTEM E RESISTEM. A CENOPOESIA, COM A LEVEZA DAS ÁGUAS DO RIO QUE CORREM EM DIREÇÃO AO MAR, TRAZIA TUDO ISSO COM CANÇÕES,



POEMAS, CENAS CURTAS DE TEXTOS TEATRAIS, QUE ME FAZIAM DANÇAR BANHANDO-ME NESSAS ÁGUAS APRAZÍVEIS DOS SABERES EM PLENA GESTAÇÃO, COM GRACIOSIDADE E SUTILEZA (SOARES, 2020, P. 43).

Por fim, Lima e Soares falam de *cenopoetizar* como a possibilidade de perceber a vida como ato de recriação constante do existir, onde o cenopoeta de corpo inteiro age cultura adentro, rompendo com as barreiras do individualismo, do ser ilhado e egoísta das multidões do consumo — e restabelece o diálogo ancestral entre ser e existir com o outro, com o prazer, a espontaneidade e o respeito de uma criança que brinca à beira de um rio caudaloso a interagir e aprender com o perigo de viver, sem medo de existir dignamente. É arte que segue, vida que continua (LIMA, 2016; SOARES, 2020, p. 23).

Na prática, o percurso vivido, desvelou a cenopoesia como espaço dialógico, de convergência dos modos de pensar e agir, das metodologias, linguagens e expressões, saberes e experiências, experimentos novos de caminhos epistemológicos, de encontro amoroso, de toda gama de *repertórios humanos* chegados na roda, nos corredores, nas redes sociais, no *tempo-escola* e no *tempo-comunidade*.

3.2.1 CENOPOESIA E OS REPERTÓRIOS HUMANOS: ARRANJOS CENOPOÉTICOS PARA UMA REVISITAÇÃO CRÍTICA E AMOROSA AO VIVIDO

A cenopoesia ao emergir dos diversos momentos pedagógicos desta experiência, traz com ela os repertórios humanos de educandos, educandas, educadores, educadoras e dos territórios, em sua diversidade humana e cultural.

Lima, ao considerar esses territórios, defende a concepção de que a história do mundo único é uma falácia. E afirma:

EXISTEM MUITOS MUNDOS — E DIVERSOS! O QUE IMPORTA AQUI É QUE LIGA VAMOS DAR A ESSES MUNDOS — COMO UM MUNDO SE RELACIONA COM OS OUTROS. [...] RECONHECER QUE NÃO HÁ UM MUNDO, MAS MUNDOS — E PENSAR TERRITÓRIOS É CONSIDERAR QUE SOMOS MICRO-COSMOS CRIATIVOS! ESSE TERRITÓRIO QUE SOMOS! ACHO QUE CRENDENDO NISSO É QUE PODEMOS NOS POTENCIALIZAR PARA FAZER AS GRANDES REVOLUÇÕES! OS PRIMEIROS A NOS INVISIBILIZAR SOMOS NÓS MESMOS! OU POR MEDO, OU POR VERGONHA, NUM PAÍS SEM VERGONHA EM QUE, COMO ALERTA A JORNALISTA ELIANE BRUM: “HOJE, AS DITADURAS NÃO COMEÇAM COM TANQUES NAS RUAS, MAS COM O ESTUPRO DA LINGUAGEM” (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Dantas e Lima (2021) reafirmam a linguagem cenopoética, na qual dialogam diversas linguagens, como possibilidade de refletir e problematizar a realidade com tempos e construções mais livres, autorreguladas pela própria ação-interação dos atores-sujeitos entre si, promovendo certo distanciamento nos termos de Brecht, em que é viável “historicizar” e “criticizar” a discussão.



Também foi possível evidenciar o potencial comunicativo desses repertórios humanos que se expressam de forma dialógica, relacional, nos processos vividos com cenopoesia:

COMO FENÔMENO DE UM UNIVERSO AUTOCRIATIVO (O MICRO UNIVERSO CORPO-SER HUMANO), A CENOPOESIA SE ALIMENTA DO PULSAR DA VIDA, DA DINÂMICA E ALQUIMIA DAS RELAÇÕES E INTERAÇÕES, DO AUTOESTUDO, DA OBSERVAÇÃO ATENTA, DAS PERCEPÇÕES MÚTUAS DOS CENOPOETAS QUE APORTAM SEUS REPERTÓRIOS HUMANOS PERCEBIDOS E DESTACADOS PARA O LANGUAGEAR SEM FIM, MAS COM A FINALIDADE DE PRODUZIR SÍNTESES COM ENERGIA TRATADA (SUA MATÉRIA-PRIMA), AFEITO, CUIDADO E REFLEXÃO AMOROSA SOBRE O ESTAR SENDO NA RELAÇÃO COM O OUTRO NO/COM SEUS MUNDOS (LIMA, NO PRELO).

Isso nos leva a alguns questionamentos em diálogo com o autor-cenopoeta:

SE SOMOS CAPAZES DE CRIAR MUNDOS SINGULARES A PARTIR DOS NOSSOS REPERTÓRIOS HUMANOS E A PARTIR DELES, NOS RECONHECER E REVELAR NOSSA HUMANIDADE NO ENCONTRO COM O OUTRO, COM A OUTRA, COMO NA EXPERIÊNCIA DO *CURSO*, ISSO PROPICIOU OUTRAS POSSIBILIDADES DE GERAR CONHECIMENTO? COM QUE LINGUAGENS E ARRANJOS DEMOS SENTIDO AO QUE PENSAMOS E FIZEMOS, “ÀS IMAGENS-MUNDOS QUE CRIAMOS”? EM QUE MEDIDA NOSSOS REPERTÓRIOS HUMANOS CONSEGUIRAM COMUNICAR ESSES MUNDOS E OS COLOCARAM EM COOPERAÇÃO E DIÁLOGO COM OUTROS PARA POTENCIALIZAÇÃO E ENRIQUECIMENTO MÚTUO? (LIMA, NO PRELO)

Esses questionamentos nos fizeram refletir que foi buscando esse encontro de gentes e seus repertórios humanos que o *Curso de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular, Saúde e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido* assumiu, na condição de espaço-catalisador, o desafio de colocar em diálogo diferentes campos do conhecimento, saberes, biomas, inúmeras experiências intergeracionais e sujeitos de territórios com características sociais, econômicas, culturais e geográficas muito diversas e distantes!

ESSE REPERTÓRIO HUMANO QUE É REVOLUCIONÁRIO — E QUE, QUANDO RECONHECIDO, É UMA MUDANÇA PROFUNDA NA VIDA DE CADA UM! É IMPORTANTE O RECONHECIMENTO SISTEMÁTICO DE NÓS POR NÓS MESMOS: A PRIMEIRA CARTOGRAFIA É DE NÓS POR NÓS MESMOS! MUITAS VEZES SOMOS INCAPAZES DE PROMOVER NOSSO PRÓPRIO AUTOESTUDO — O QUE ESTÁ NOS MATANDO, NOS AFOGANDO, O QUE TEM DE POSSIBILIDADE DIANTE DOS NOSSOS OLHOS, E ATÉ CONTRIBUIR NA LIBERTAÇÃO DOS OUTROS (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c)!

Nesse percurso, pudemos *desinvisibilizar* e visualizar o manancial de energias

criativas, experiências de vida, saberes e *sonhações* presentes no coletivo — e ao interagirmos, pudemos recriar e enriquecer a proposição inicial, atualizando-a, dando-lhe sentido novo sempre em diálogo, de acordo com as potências e necessidades do conjunto de atores-sujeitos diretamente envolvidos.

Ainda sobre os *repertórios humanos*, comenta Lima no *tempo-escola*:

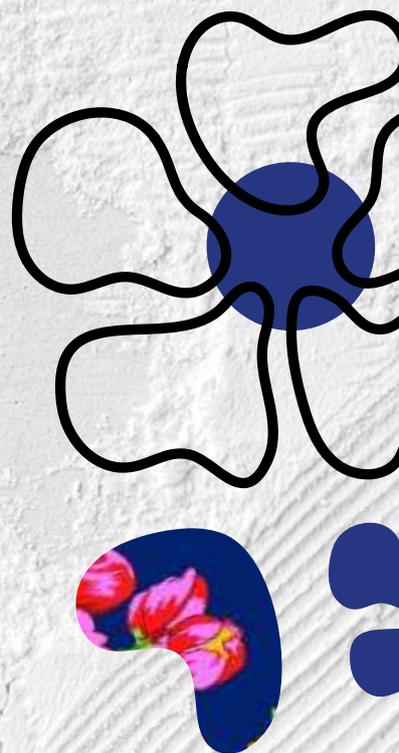
A MESMA LÓGICA ESTÁ NO MODO COMO EXPRESSAMOS O QUE APRENDEMOS, A MANEIRA COMO AGIMOS, A ESCOLHA QUE FAZEMOS DAS LINGUAGENS. É UM EXERCÍCIO QUE PARECE UMA BRINCADEIRA, UMA TAREFA ESCOLAR, MAS PODE SE TORNAR UMA LINGUAGEM QUE PODEMOS TRABALHAR COM ELA NA VIDA COTIDIANA — E O IMPORTANTE É COM A POTÊNCIA QUE TEMOS (OS REPERTÓRIOS HUMANOS) NOS APERCEBERMOS A POTÊNCIA QUE SOMOS! DIFERENTE DA LINGUAGEM DO COTIDIANO. PORQUE SE FAZEMOS UMA CANTIGA BEBENDO NA TRADIÇÃO IBÉRICA, PODEMOS ENVEREDAR PARA ALÉM DO QUE JÁ SABEMOS, POR OUTRAS TRILHAS, DESCOBRINDO NOVAS COISAS E NOS REDESCOBRINDO NELAS, NOS RECONFIGURANDO HUMANAMENTE A PARTIR DELAS. ENTÃO, MAIS DO QUE UM EXERCÍCIO ESCOLAR, DE UM *CURSO*, ISSO É MATÉRIA-PRIMA DO EXERCÍCIO DA VIDA, É INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO QUE NOS SERVE PARA IRMOS TRABALHANDO E ENRIQUECENDO NOSSOS REPERTÓRIOS HUMANOS! E ESSE REPERTÓRIO NÃO PODE SER ENGAVETADO, MAS CONSERVADO EM LUGAR DE FÁCIL ACESSO, SÃO PARA SACÁ-LOS QUANDO DELES PRECISARMOS, QUANDO A VIDA ASSIM O EXIGE (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

Soares (2020, p. 17) acrescenta a ideia de processualidade na sua construção e de sua impressão nos corpos:

[...] A ARTE COMO FONTE DE CONSTRUÇÃO DE SABER E OS ARTISTAS, COM SEUS CORPOS TRANSCENDENTES, COMO SERES VIVOS PORTADORES DE SABEDORIAS COM SEUS REPERTÓRIOS HUMANOS. [...] O REPERTÓRIO QUE A PESSOA VAI CONSTRUINDO DURANTE O VIVIDO, NO MEU CASO, AS VIVÊNCIAS RADICAIS E ATRAVESSADORAS DA *ESPECIALIZAÇÃO* (SOARES, 2020, P. 17).

Nesse contexto, Lima reafirma o papel dessa linguagem como modo de expressar o conhecimento:

NESTE SENTIDO, A CENOPOESIA SE REVELA MUITO POTENTE PORQUE É A VIDA EM ATO. A ENUNCIÇÃO DO SER AO ESTAR SENDO. A CENOPOESIA EM SEU CRIAR-PENSAR-AGIR TAMBÉM SE OCUPA EM DIZER. DIZER — PORQUE QUANDO PRODUZIMOS E NÃO SABEMOS DIZER ESSE CONHECIMENTO, ELE PODE IR PARA UM LUGAR QUE NÃO É O QUE GOSTARÍAMOS QUE FOSSE (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).



3.2.2 AS LINGUAGENS CENOPOÉTICAS E OS DIVERSOS MODOS DE SER DA CENOPOESIA

DE LINGUAGENS SOMOS FEITOS.
E, POR ELAS, DESCONSTRUÍDOS;
REINVENTADOS OU DESTITUÍDOS
DA CONDIÇÃO DE SERMOS LIVRES
(LIMA, 2016).

Para aprofundar as reflexões sobre as linguagens pelas quais a cenopoesia se expressa e que Dantas (2015) chamou de *formas de ser da cenopoesia*, trazemos as vozes de cenopoetas como Dantas e Lima (2009, 2020), Dantas (2015), Landin (2010) e Cruz (2018). Por meio destes pudemos desvelar algumas dessas *formas de ser* e sua expressão nesta experiência. Desse modo, traremos algumas dessas modalidades como os *desafios de repente*, *roteiros cenopoéticos*, *cortejos cenopoéticos*. Por meio destas *formas de ser*, são materializados os atos cenopoéticos. Os autores também se referem a vivências cenopoéticas entre as quais os *corredores cenopoéticos de cuidado*. Mais recentemente Lima tem publicizado uma forma de vivência que cunhou de *Feira do Soma Sempre*.

Os roteiros cenopoéticos são descritos por Landin (2010) Dantas (2015) e Cruz (2018) como uma sequência de poemas, músicas e falas que problematizam uma determinada temática. Ao problematizar o tema, promovem a implicação dos/as sujeitos/as/es, a reflexão coletiva e instigam-nos/as a envolver-se, compor a cena por meio de músicas, dança e outros movimentos. Ainda segundo esses/as autores/as, mesmo com uma estrutura textual prévia, podem sofrer interferências do contexto, do público — e mesmo de cenopoetas, a depender do nível de participação destes/as no ato da atuação. Os/as cenopoetas, ao inserirem-se no espaço cênico, incorporam expressões e formas do seu próprio repertório humano que dialogam com o que se passa no contexto.

Sobre a estrutura básica dos roteiros, Lima (*apud* BRASIL, 2013), Dantas (2015) e Cruz (2018) apontam quatro momentos: *anunciações*, *decursos*, *embates* e *congraçamento*, que representam também os momentos do ato cenopoético. Desse modo, podemos dizer que as *anunciações* constituem o ritual de entrada do ato cenopoético, uma espécie de “rito de celebração e de abertura” que sensibiliza, acolhe e chama a atenção para o que irá se passar durante o ato. Os *decursos* constituem o modo como a ação cenopoética se autorregula, por meio do discurso e das intervenções dos cenopoetas.

A problematização no ato e roteiro cenopoéticos se concretiza nos *embates*, em que as tensões e conflitos gerados pelos discursos expressos em poemas, músicas e outras linguagens instigam os partícipes à reflexão. Por fim, o *congraçamento* diz respeito ao momento de culminância do ato, onde se busca o entendimento e “onde cada um reflete sobre si mesmo, suas condições, posturas e atitudes diante do outro e do mundo” (LIMA, 2012, p. 42). O autor reafirma a proposição dialógica e lembra que nesta perspectiva os *embates* não pretendem gerar grandes choques dramáticos, no sentido dramatúrgico, teatral, ou seja, os personagens não atuam

como agentes de uma trama ou de uma história e, sim, como “sujeitos líricos”. São os cenopoetas a se comunicarem entre si e com o público.

Assim, “o exercício da linguagem cenopoética revela-se, além de expressão artística genuína, como potente estratégia de problematização em processos formativos e pedagógico-vivenciais, em ações de educação [...]” (LIMA, 2014, p. 193). Articula linguagens para ganhar diversidade e dar força ao discurso, aumentando sua capacidade enunciativa. Linguagem catalisadora de libertação, enriquecida, rompe com a cultura de hierarquização e segmentação das linguagens artísticas, científicas discursos, pensamentos e práticas humanas.

Os *desafios de repente* são outro modo de materializar os atos cenopoéticos nos quais os/as cenopoetas partem dos seus repertórios humanos em diálogo entre si para compor arranjos que dialoguem com o contexto e possam promover a reflexão sobre a realidade.

No contexto do *Curso*, os atos cenopoéticos sob a forma de *roteiros* ou de *desafios de repente* constituíram-se possibilidades de problematização e de produção de sínteses, uma vez que que, presentes nos *Encontros Regionais* e no *Encontro Interestadual* em praticamente todas as regiões, os processos de *Sistematização das Experiências* dos territórios trouxeram suas/seus sínteses/produtos sob a forma de atos cenopoéticos. Segundo Soares (2020, p. 12), os atos cenopoéticos viabilizaram o experimentar de inúmeras possibilidades e liberdades poéticas e artísticas de forma a respeitar e considerar as individualidades, limites das pessoas e a valorizar os saberes e histórias conquistados nos tempos de vida.

Soares (2020) em seu Trabalho de Conclusão de Curso/TCC refere-se a essa linguagem cenopoética como principal fonte do aprendizado durante o *Curso* — e a categoriza como “tecnologia metodológica, pedagogicamente artística e politicamente comprometida com a amorosidade transcendente e revolucionária”. O autor fala ainda da diversidade de possibilidades de interação com espaços, contextos e situações nas quais é possível se trabalhar essa linguagem cenopoética (SOARES, 2020, p. 45):

DESDE BARES, SALÕES, TEATROS, RUAS, PRAÇAS, TEATROS NATURAIS DE PEDRA, IGREJAS, AUDITÓRIOS, HOTÉIS, PALÁCIOS, RESTAURANTES, UNIVERSIDADES, CINEMAS, ÁRVORES, TENDAS, TERREIROS ETC., ONDE A PROBLEMATIZAÇÃO DA VIDA EM SOCIEDADE E A EXPRESSÃO DO HUMANO SE FAZ SEMPRE RECARREGADA DE SUA IMPRESCINDÍVEL LIBERDADE DE CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO DO MUNDO (LIMA, 2014, P. 192 APUD SOARES, 2020, P. 8).

Os *cortejos cenopoéticos* são, de acordo com Dantas (2015) e Cruz (2018), atos itinerantes que podem anunciar, concluir um ato ou mesmo se constituir um ato em si. Cruz (2018) refere-se aos cortejos como “costureiros de redes, convidando as gentes para o ritual do ato cenopoético”. Em diálogo com o lugar, com seus atores/atrizes e culturas, ativam repertórios sempre de acordo com o que pedem os contextos, constituindo-se e reconstituindo-se em interação para atos de celebração



do comum. Desse modo, podem se dar de modo livre ou estarem articulados às outras formas de ser da cenopoesia. No percurso desta experiência, esses diversos modos de ser da cenopoesia se imbricaram e nos permitiram vivenciar sua potência pedagógica e de produção de conhecimento.

Dantas (2015) e Lima (2012) falam de outras formas de expressão da cenopoesia que também se presentificaram em determinados momentos do *Curso*. Dentre elas, podemos pinçar as *intervenções* e as *vivências cenopoéticas*. As intervenções, segundo os/as autores/as, são interferências espontâneas diante de um contexto sem uma construção prévia e que se materializam tendo como referência o *repertório humano* do cenopoeta. Já as *vivências cenopoéticas* surgem no contexto de momentos pedagógicos, de *cuidado* — e vão dialogar com o que Ray Lima cunhou de *ritual cenopoético*. Estes, por sua vez, estão intimamente vinculados a processos vivenciados com práticas integrativas e populares de cuidado, como as que ocorrem no Espaço Ekobé — tais como o *corredor cenopoético do cuidado*, vivenciado no *Curso* e que desvelou possibilidades de refletir com o ser inteiro.

Embora ainda não existam publicações acadêmicas sobre a *Feira do Soma Sempre*, essa proposição sistematizada por Ray Lima vem compondo momentos pedagógicos em processos vividos com âncora na Educação Popular em Saúde em diversos locais do Brasil. Olhando a experiência, a *Feira do Soma Sempre* se coloca não apenas como uma abordagem metodológica participativa ou como uma linguagem da cenopoesia, mas como uma forma muito singular de romper com o fosso que separa os saberes, as experiências acadêmicas das dos movimentos sociais populares. Ao fazer a problematização acerca dessa abordagem no *tempo-escola*, Ray Lima questiona: “a quem interessa que haja este fosso que separa os campos de conhecimento, as práticas culturais, determinados segmentos dos direitos humanos e sociais? Esta fragmentação a quem interessa?”

A educadora popular Régia Torres, durante o Encontro Regional do Sertão Central faz sua tradução intercultural:

QUE BELEZA A ARTE TEM
EM SUA DIVERSIDADE
E AQUI SE FAZ PRESENTE
CONSTRUINDO A IGUALDADE
É A FEIRA DO SOMA SEMPRE
COM A ARTE DO ENCONTRO
CRIANDO CUMPLICIDADE
CADA UM COM SEU SABER
(TORRES APUD FIOCRUZ-CE, 2019H)

Vera Dantas, durante o Encontro Regional do Cariri, lembra

[...] QUE ESSA É UMA DAS INVENÇÕES DO RAY LIMA, QUE DIZ QUE CONHECIMENTO NÃO SE TROCA, SE SOMA! O QUE CADA UM TROUXE, A GENTE NÃO PRECISOU SE DESFAZER DO QUE TINHA, MAS PRECISA DE

TER ESPAÇO VAZIO PRA SE COMPLEMENTAR. ENTÃO VAMOS PRECISAR TER ESPAÇO PRA DIALOGAR COM AS EXPERIÊNCIAS DOS TERRITÓRIOS, AO MESMO TEMPO, COMO UMA BRINCADEIRA DO REISADO, VISITANDO CADA UMA (DANTAS APUD FIOCRUZ, 2019F).

E Régia Torres novamente traduz:

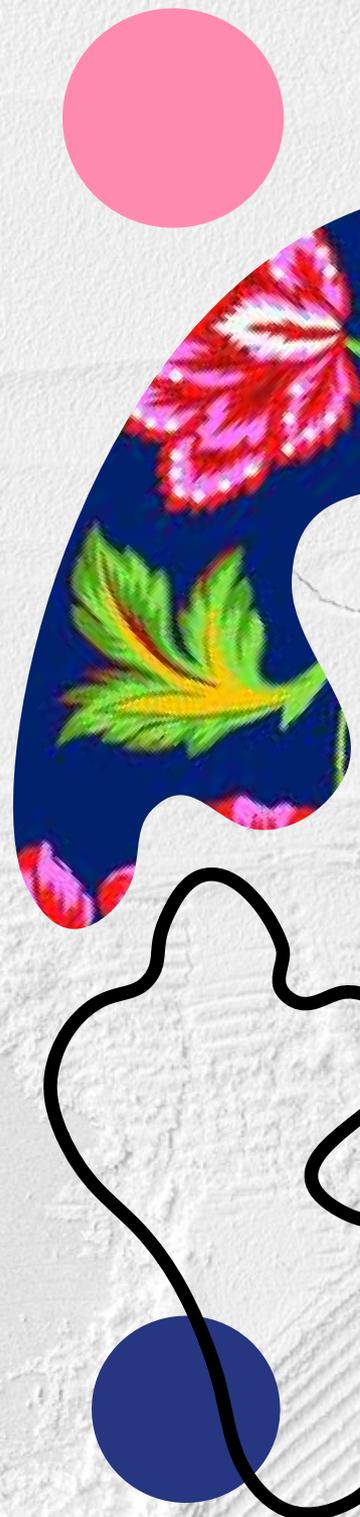
MAS TODOS PODEM SER MAIS
 APRENDENDO A APRENDER
 COM O QUE O OUTRO FAZ
 É IMPORTANTE ENTENDER
 E TAMBÉM O CONVIVER
 PRA SE TORNAR MAIS CAPAZ
 ESSA COISA DE SER MAIS
 É UMA SOMA QUE ACONTECE
 (TORRES APUD FIOCRUZ-CE, 2019E)

Essa abordagem, ao propiciar momentos de discussão sobre os aprendizados, termina produzindo reflexões sobre a construção compartilhada e a importância de considerar legítima a arte como linguagem de produção de conhecimento. Sobre isso refletiu Vera Dantas no Encontro Regional do Rio Grande do Norte:

[...] É POR ISSO QUE A GENTE TAMBÉM VISITA AS OUTRAS EXPERIÊNCIAS NA *FEIRA DO SOMA SEMPRE*. E OUTRA COISA É: QUANDO A GENTE DIZ QUE VAI LEVAR UMA LINGUAGEM CRIATIVA, A GENTE TEM QUE ACREDITAR NA FORÇA DESSA LINGUAGEM (DANTAS APUD FIOCRUZ, 2019G).

Portanto, a *Feira do Soma Sempre* foi também espaço de referendar o território como lócus do agir/pensar/agir, onde os saberes e experiências humanas são demonstrados e validados. Isto nos remete à Educação Popular a nos lembrar que os conhecimentos que produzimos devem necessariamente brotar do vivido! Que o nosso chão de reflexão e produção de conhecimento é o da vida no território! O conhecimento que produzimos vem da vida, sendo ele que nos permite construir estratégias para superar as questões limitadoras da vida. E Ray Lima problematizava no *tempo-escola*: nos fica o grande desafio de sempre buscarmos em nossos processos de produção de conhecimento aclarar as raízes do nosso agir/pensar/agir. E em que medida isso influi na qualidade e no modo como nos relacionamos com conhecimentos que produzimos. Pra dizer uma vez mais com Régia Torres:

SOMAR SEMPRE É UM ATO
 DE AUTONOMIA E LIBERDADE
 A DECISÃO É INDIVIDUAL
 ENRIQUECENDO CADA UM
 E A COLETIVIDADE
 ESSA REDE DE RELAÇÕES
 QUE INTEGRA AMOR E VIDA



3.3. RITUALIDADE E MÍSTICA: ANTENAS PARA A CONSTRUÇÃO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

A recuperação do vivido nessa experiência acentua a escolha de caminhos de produção de conhecimento antenados na diversidade do grupo, da vida no lugar e em processos de aprendizagens que se alinham e valorizam padrões de relação fortalecedores da capacidade de estar juntos, de lutar juntos, de reconhecer no outro a nossa potência. Podemos destacar estas escolhas como ponto fulcral em nosso discernimento epistemológico e pedagógico.

Cientes de tamanho desafio, procuramos nos ritos, na ancestralidade e na dimensão do sensível a força do coletivo instalado, de onde vêm e como identificamos, reconhecemos e validamos as raízes de nossas epistemologias, do nosso agir/pensar. E como as experiências de Educação Popular em Saúde; o encontro entre os biomas da caatinga, litoral e serras; as sabenças e criatividade das nossas gentes, colocando-as em diálogo com outros caminhos de orientação e produção acadêmicas, puderam favorecer aprendizagens, artes, ciências, outras formas de ver o mundo e viver a vida.

Poderíamos dizer que o vivenciar ritualidades ancestrais revisitadas fizeram do processo um grande ritual de aprendizagens que nos ajudou na construção dos alicerces para vivermos essa experiência pedagógica sob o protagonismo dos educandos e educandas. Esta foi uma primeira reproposição do *Curso*, partindo daquilo que poderia nos unir e dar sustentação ao que nos propomos viver. O ritual continua sendo base, fundamento, ponto de unidade dos povos originários, quilombolas, das nossas gentes, das comunidades ancestrais. Recuperar essa ritualidade foi uma dimensão muito forte e aponta para um aprendizado que inclui os seres em suas multidimensionalidades, como se abstrai dessa Relatoria do Encontro Regional do Sertão Central:

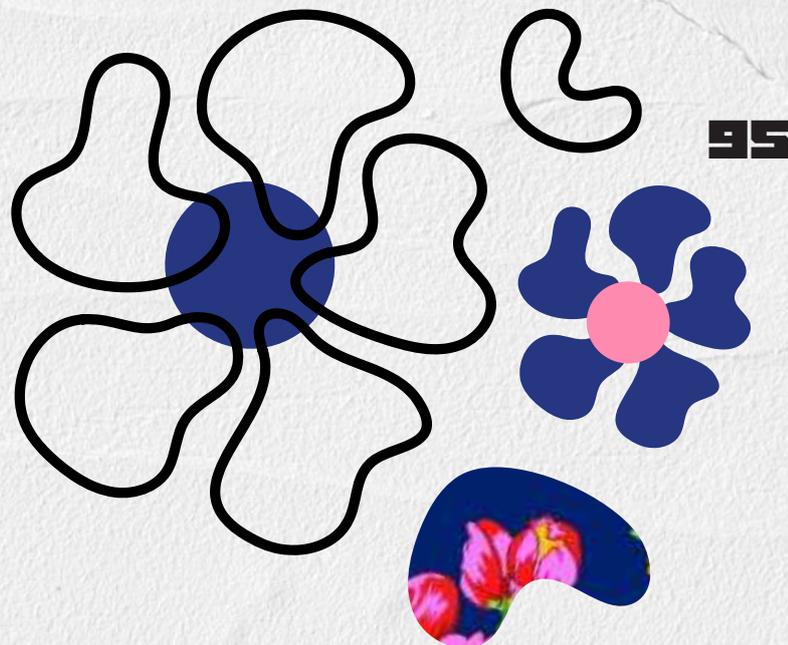
[...] ESSE ENCONTRO, QUE FOI POTÊNCIA PORQUE A GENTE ACREDITOU! NA POTÊNCIA DA NOSSA ORGANIZAÇÃO! A POTÊNCIA DAS GERAÇÕES NOVAS. [...] O MOVIMENTO POPULAR SEMPRE TRABALHA COM RITUALIDADES. RITUAL TEM COMEÇO, MEIO E FIM. E DO JEITO QUE A GENTE FEZ A RODA INICIAL, A GENTE VAI FAZER O CAMINHO DE VOLTA E NÃO SOMOS MAIS OS MESMOS NEM AS MESMAS, PORQUE FOMOS PROFUNDAMENTE TOCADOS PELA BELEZA, PELA FORÇA, PELA REFLEXÃO DE CADA PESSOA COM QUEM A GENTE ENCONTROU (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019E).

O poema de Ray Lima parece sintetizar essa questão:

A INTEGRIDADE RITUAL
É REVOLUÇÃO!



RITO É RODA!
MENTE CORPÓREA!
NOSSO SER EM ALTA CONEXÃO!
RODA É REDE!
REDE, CUIDADO!
JOGO, AFETO, MÃOS COM MÃOS!
A VIDA EM TODO EXPRESSA!
A HORA É ESSA!
NÃO ME ATRASO.
NÃO ME APRESSO.
QUANDO EM PROFUNDA COMUNHÃO
(LIMA, 2018)!



Ray Lima segue essa reflexão no *tempo-escola*, focando o ritual como espaço integralizador e potencializador da aprendizagem coletiva:

ESSA INTEGRIDADE RITUAL FOI SE DANDO NATURALMENTE PELA SIN-
TONIA DE PROPÓSITOS, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, VISÕES DE MUNDO,
SINERGIA. PROVA DISTO É QUE, À TARDE, A PROF^A. ÂNGELA LINHARES
DEU A IMPRESSÃO DE TER ESTADO COM O GRUPO PELA MANHÃ PORQUE
QUANDO INICIOU AS ATIVIDADES, DEU CONTINUIDADE AO PROCESSO COM
AS NARRATIVAS. AS NARRATIVAS, AS HISTÓRIAS DE CADA UM/A, FORAM
DANDO SEGUIMENTO AO RITUAL. O RITUAL CONTINUA COM A ÂNGELA
QUE APROVEITA A FORÇA DAS ENERGIAS CRIATIVAS DO GRUPO E DAQUILO
QUE VINHA SENDO CONSTRUÍDO COLETIVAMENTE — E, PARTINDO DAÍ, VAI
ESTIMULAR A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS E ESCUTA INTERESSADA COMO
PRINCÍPIO PEDAGÓGICO E CAMINHO PARA AS APRENDIZAGENS COLETIVAS
(LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

No entanto, em determinados momentos o mesmo ritual foi se perdendo em função da rotina:

[...] AÍ CHEGA A ROTINA. A DIFERENÇA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA
OUTROS TIPOS DE ENCONTRO É QUE ELA TRANSFORMA OS ENCONTROS
EM RITUAIS, NÃO EM ROTINA. O SOL NASCE TODO DIA, MAS O MEU
OLHAR PRA ISSO É QUE TRANSFORMA ESSA MESMICE (MACIEL APUD
FIOCRUZ-CE, 2019D).

A reflexão sobre a quebra da ritualidade e a sua transformação em rotina vem articulada à dimensão do consumo do mundo neocapitalista, no qual por influência desse poderoso campo de força ideológico, somos atravessados e forçados a querer ser e viver o que não somos:

O QUE A GENTE PRODUZ AQUI PRECISA RECONHECER E VALORIZAR!
ESSA LUTA É CULTURAL! POR UM LADO, HÁ UM MUNDO PODEROSO QUE

SE DIZ ÚNICO E SE SUSTENTA PELO CONSUMO QUE FAZEMOS DO QUE ELE NOS OFERECE COM O ENCANTAMENTO DA MÍDIA E DA PROPAGANDA. POR OUTRO, HÁ O PODER POPULAR INVISIBILIZADO! BASTARIA PARARMOS DE CONSUMIR, MUDAR A CULTURA DE CONSUMO PARA VER O TAL MUNDO ÚNICO E PODEROSO PERDER FORÇA E QUEBRAR! MAS ELES DETURPAM E QUEBRAM OS NOSSOS RITUAIS POR MEIO DOS FALSOS MITOS DO CONSUMO (LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019d)!

Como uma proposta construída coletivamente com os movimentos populares, o *Curso* incorporou dimensões e abordagens presentes nos contextos desses movimentos. Uma dessas dimensões se desvela nos produtos elaborados como sistematização do vivido e diz respeito à *mística*. A *mística* no contexto dos movimentos populares tem se apresentado como forma de trazer a ritualidade para os processos educativos e de organização popular. Ao ser incorporada à proposta pedagógica do *Curso*, oportunizou-nos problematizar sua contribuição ao processo de produção compartilhada de conhecimento. Essa oportunidade se materializa principalmente pelo fato deste tema ter sido objeto de um dos trabalhos de conclusão do *Curso*.

Flaviano Paz refere-se à *mística* destacando seu surgimento na década de 1980 como uma dinâmica de motivação inicial dos encontros nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), organizadas por meio de setores da Igreja Católica vinculados à uma corrente conhecida como Teologia da Libertação, referenciando seu caminhar especialmente vinculado aos movimentos populares e do campo (SILVA, 2004 apud PAZ, 2020).

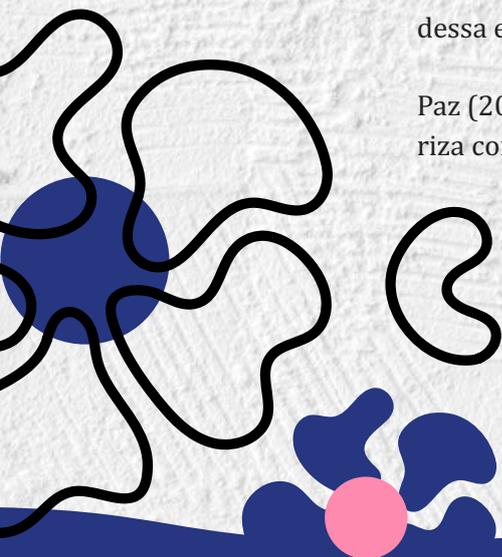
Ademar Bogo (2005) concebe a *mística* como uma ação multidimensional passível de motivar, animar, confraternizar e manter acesa a chama da luta em defesa das causas sociais, contribuir com a consciência de pertencimento a essas causas e com a renovação da militância.

Paz (2020) reafirma a importância de compreendê-la em seu sentido filosófico, como a própria existência e a motivação que nos faz viver a causa até o fim. Ele a referencia como uma construção que se desvela e transcende o momento presente. Considera que “os movimentos sociais a incorporaram à prática política, reforçando que a luta faz parte da existência, assim como o trabalho e a festa” (PAZ, 2020, p. 14).

Desse modo, a *mística* foi um dos modos de promover a ritualidade no percurso dessa experiência.

Paz (2020) traz algumas características de como ela se materializou — e a caracteriza como ato coletivo, como *cuidado* e como relação:

NA EMPREITADA DE ESTUDAR A *MÍSTICA* NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DESTA *CURSO* E SUA IMPORTÂNCIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE, EMERGIRAM TRÊS DIMENSÕES: AS RELAÇÕES, O *CUIDADO* E A PRÁTICA LIBERTADORA. COM ESSE TRIPÉ, ARMAMOS NOSSA TENDA E NOS VALEMOS DAS DIVERSAS LINGUAGENS DA ARTE COMO A



MÚSICA, A POESIA, A DANÇA, RITMOS, OS SÍMBOLOS PARA EXPRESSAR A IMPORTÂNCIA DE RECUPERAR NOSSA MEMÓRIA HISTÓRICA, APROFUNDAR SOBRE NOSSA REALIDADE E ALIMENTAR EM NÓS O DESEJO DE CONTINUAR NA LUTA POR UMA SOCIEDADE MAIS DIGNA E MAIS JUSTA PARA TODOS/AS (PAZ, 2020, P. 57-58).

Ao afirmar a dimensão coletiva da *mística*, o que ele nos diz é que ela nos tira do isolamento e nos leva à coletividade (PAZ, 2020). No Encontro Regional do Vale do Jaguaribe, Ray Lima reflete sobre sua contribuição no sentido de promover

[...] O ENCONTRO COM AS PESSOAS, MARCADO PELA AMOROSIDADE, PELO ACOLHIMENTO, INCLUSÃO, PELA VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E A TRAJETÓRIA DE LUTA DE CADA UM/A, PELA ESCUTA E ACOLHIMENTO ÀS SUAS NECESSIDADES, PELO RESPEITO À SUA AUTONOMIA E SABERES E PELA BUSCA INCESSANTE DE QUE CADA PESSOA OCUPASSE SEU LUGAR DE FALA, SAINDO DA INVISIBILIDADE (LIMA APUD FIOCRUZ, 2019i).

Leonardo Boff (2014) referenda a *mística* como possibilidade de relacionar-se com os outros; como algo que nos move, que nos faz dar passos ao encontro do outro. Paz (2020), ao trazer essas dimensões da *mística*, lembra que elas estão profundamente relacionadas, pois “falar de coletividade é falar de relação”. E acrescenta: “é na relação, na partilha do ser de cada um que a Educação Popular se forma e nos forma” (PAZ, 2020, p. 57).

A dimensão do *cuidado*, por sua vez, é trazida com base no ato de escutar, compartilhar da história do/a outro/a e caminhar junto:

OS MOMENTOS DE *MÍSTICA* FORAM NOSSA FORMA DE ACOLHER E CUIDAR DO/A OUTRO/A; ESPAÇO DE PROFUNDO ACONCHEGO, DE AFETO, DE AMOROSIDADE, DE CURA, DE TRATAMENTO DE ENERGIA, DE CELEBRAÇÃO E DE RESISTÊNCIA. NAS VIVÊNCIAS EM QUE DIMENSÃO SE EXPRESSOU, TIVEMOS COMO CARACTERÍSTICA IMPORTANTE A CIRCULARIDADE, A VALORIZAÇÃO DE TODOS/AS VALORIZAREM A TODOS/AS, SEMPRE SE ABRINDO PARA ACOLHER OS QUE CHEGAVAM. A RODA FUNCIONAVA COMO UM ESPAÇO SEMPRE EM EXPANSÃO, NA QUAL NINGUÉM FICAVA DE FORA. ESSAS VIVÊNCIAS FORAM PRODUZINDO UMA RITUALIZAÇÃO DO *CUIDADO* NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO *CURSO* E CRIARAM UM MOVIMENTO DE CUIDAR E SER CUIDADO, ESTABELECIDO RELAÇÕES DE AMOR E DE SOLIDARIEDADE (PAZ, 2020, P. 58).

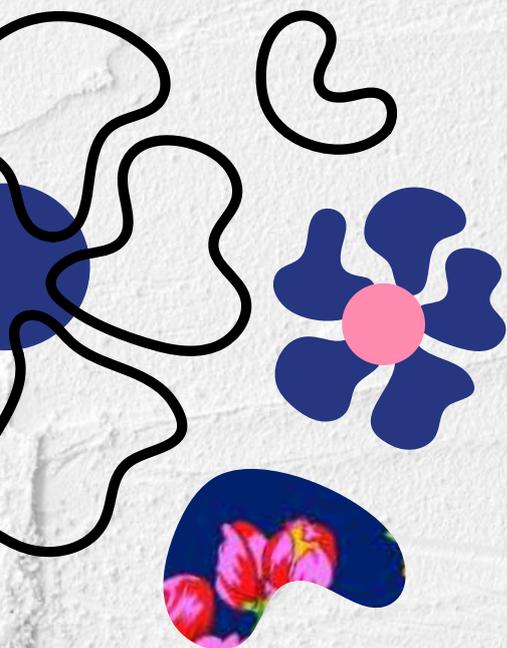
A dimensão da *mística* como uma prática libertadora é trazida por ele em diálogo com o *esperançar* freiriano, percebido como ação coletiva que se faz no encontro entre as pessoas e suas lutas:

ESSA DIMENSÃO EVIDENCIOU UM VALOR FUNDAMENTAL: A SOLIDARIEDADE, EXPRESSA, POR EXEMPLO, NA BUSCA POR ALTERNATIVAS E SOLU-



ÇÕES DIANTE DO DESAFIO QUE ENFRENTAMOS NO DECORRER DO *CURSO* COM O CORTE FINANCEIRO PARA MANTÊ-LO. [...] DESVELOU AINDA A NECESSIDADE DE PROBLEMATIZAR AS INJUSTIÇAS SOCIAIS A PARTIR DA DISCUSSÃO DA EQUIDADE E DO COMPROMISSO COM A SUPERAÇÃO DESSAS INJUSTIÇAS QUE GERAM INIQUIDADES NA BUSCA DE CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E DEMOCRÁTICA.[...] ESSE FOI, PORTANTO, O SENTIDO PEDAGÓGICO DE UMA EDUCAÇÃO LIBERTADORA ASSUMIDA NOS MOMENTOS DE *MÍSTICA* (PAZ, 2020, p. 57-58).

Buscando uma síntese trazemos um poema do poeta Ray Lima, parte de um dos momentos de *mística*:



BELO DIA DE POÉTICA PURA QUE FLORESCEU,
SINAL DO AMANHECER QUE SE ANUNCIA.
OBRA CONSTRUÍDA A MUITAS MÃOS E MENTES ATREVIDAS.
FLORESCER, FESTIVAL VITAL DE LIBERDADE, ENXAMEAMENTO, NÃO
PRECISA DIZER NADA PORQUE SABE, JÁ SENTE, COMO AS ABELHAS
FAZENDO MEL.

RITUAL ANÍMICO DE BELEZA,
DEIXA A ALEGRIA DANÇAR NO SER EM HARMONIA.
O BALÉ DAS PALAVRAS,
A DANÇA DOS OLHARES CURIOSOS!
A COMUNIDADE GOSTAR DE SE OLHAR,
DE SE VER, DE SE OUVIR E DISCERNIR
ENTRE ESCASSEZ E POSSIBILIDADES.
É FICA A ESPERAR O OUTRO, A OUTRA, ASSIM
(LIMA, 2016)!

3.4 CUIDADO: ESSÊNCIA DO SENTIR PENSAR

Outro aspecto considerado singular nessa construção diz respeito à inclusão do *cuidado* — ao mesmo tempo como dimensão do processo pedagógico e dos modos de produzir conhecimento. Sobre isso, Régis diz em seu Trabalho de Conclusão do *Curso*:

ESTUDAR O TEMA DO *CUIDADO* NO PERCURSO PEDAGÓGICO DESTES *CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO* SIGNIFICA IDENTIFICAR, PERCEBER O *CUIDADO* COMO PRINCÍPIO FUNDAMENTAL PARA APRENDIZAGEM, POIS NÃO PODE EXISTIR ENSINO-APRENDIZAGEM SEM AMOR, SEM AFETOS, SEM RELAÇÕES, SEM ALEGRIA, SEM CUIDADO. É A POSSIBILIDADE DE DEIXAR CAIR OS VÉUS QUE COBREM A EDUCAÇÃO BANCÁRIA QUE ROTULA OS EDUCANDOS E EDUCANDAS, PASSANDO POR CIMA DE SEUS SENTIMENTOS, EMOÇÕES E AUTONOMIA (RÉGIS, 2020, p. 14).

A autora e educanda do *Curso* lembra que o *cuidado*

[...] PRECEDE O APRENDIZADO, AS RELAÇÕES, OS SONHOS. SEM CUIDADO NÃO EXISTE VIDA. A VIDA PULSA A PARTIR DO CUIDADO. O CUIDADO É UMA MANEIRA DE SER, DE ESTRUTURAÇÃO DOS PENSAMENTOS, SENTIMENTOS E EMOÇÕES PARA PODER CONHECER, APRENDER. A ESSENCIALIDADE DA VIDA HUMANA NÃO SE ENCONTRA NA INTELIGÊNCIA, NA LIBERDADE OU NA CRIATIVIDADE, SÓ SE CHEGA NESSES CAMPOS A PARTIR DE UM CUIDADO PRÉVIO (RÉGIS, 2020, P. 13).

Referindo-se ao percurso vivenciado, ela aponta o *cuidado* como potencializador do autoconhecimento e afirma que este, no âmbito do *Curso*, contribuiu para a construção e elaboração do conhecimento, respeitando os processos de educandos e educandas, suas dores, sua história e sua autonomia (RÉGIS, 2020).

Vivenciar o *cuidado* e o afeto em um percurso de elaboração de conhecimento, segundo Régis (2020), foi potente no revelar a importância da alegria, dos afetos e do prazer como dimensão fundamental dos processos de aprender e de fazer ciência, rompendo com a fragmentação e unindo essência, contexto e cultura.

Vera Dantas reflete sobre essa perspectiva do *cuidado* não só como tema, mas como algo que é base dessa construção — e nos diz que ela está imbuída de outros princípios como união, solidariedade e compromisso e propiciou a superação de situações-limites e criação de *inéditos viáveis* (DANTAS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019b).

Sobre isso fala Ângela Linhares no tempo-escola:

EU ACHO QUE VOCÊS TRAZEM UMA INTEIREZA AO CUIDADO. [...] A GENTE ULTRAPASSOU O CUIDADO COMO UM CUIDADO DO CORPO, OU DO FÍSICO, OU DA BIOMEDICINA. A GENTE ULTRAPASSA: TRAZ A AFETIVIDADE, TRAZ AS DIMENSÕES — NEM TÃO PALPÁVEIS, COMO A SOLIDARIEDADE! QUANDO VOCÊ ULTRAPASSA ESSA VISÃO DO OUTRO E A VISÃO DE SI, MAS VOCÊ CENTRA O CUIDADO NA RELAÇÃO! TODAS AS MÚSICAS DO RAY E O QUE VOCÊS FALARAM É: O CUIDADO DO OUTRO, É UM CUIDADO DE MIM, É UM CUIDADO DO MUNDO! É UMA FORMA DE CONCEITUALIZAÇÃO DO CUIDADO NUM OUTRO NÍVEL, NESSA COISA DOS RELACIONAMENTOS, DA RELAÇÃO (LINHARES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019c).

Soares (2020) corrobora com essas reflexões ao falar do *cuidado* na experiência do *Curso*:

A VIDA E A SAÚDE SE FAZEM NO COLETIVO. QUANDO EU CUIDO DE VOCÊ, ESTOU CUIDANDO DE MIM, QUANDO EU CUIDO DE MIM, ESTOU CUIDANDO DO MUNDO. O MUNDO É TUDO O QUE NOS GERCA, COMEÇANDO PELO NOSSO MUNDO INTERIOR E EXPANDINDO PARA NOSSA CASA, PARA NOSSA FAMÍLIA, NOSSA RUA, NOSSA COMUNIDADE, NOSSO BAIRRO, NOSSA CIDADE E POR AÍ VAI... EXPANDINDO, TRANSFORMANDO, CRIANDO E RECRIANDO (SOARES, 2020, P. 24).

Ray Lima (*apud* FIOCRUZ-CE, 2019b) também problematiza a inclusão do *cuidado* não apenas como prática, mas como fundamento, como reinvenção do humano. Um *cuidado* que cria uma cultura de cooperação.

Outra dimensão do *cuidado* destacada na experiência e já explicitada por Régis (2020) foi a da *amorosidade*. Sobre isso diz Ray Lima:

UM DOS FUNDAMENTOS DA SAÚDE DO ENCONTRO É ESSE: PREPARAR A ENERGIA PARA O TRABALHO DA VIDA E REFLETIR SOBRE O QUE NOS ATRAVESSA COMO UM METEORO ESTILHAÇANDO AS POSSIBILIDADES DO AMOR ACONTECER, O TEMPO TODO COMO UMA TENTAÇÃO PARA NOS IMPEDIR DE SER O QUE É PARA SER (LIMA *APUD* FIOCRUZ, 2019E)

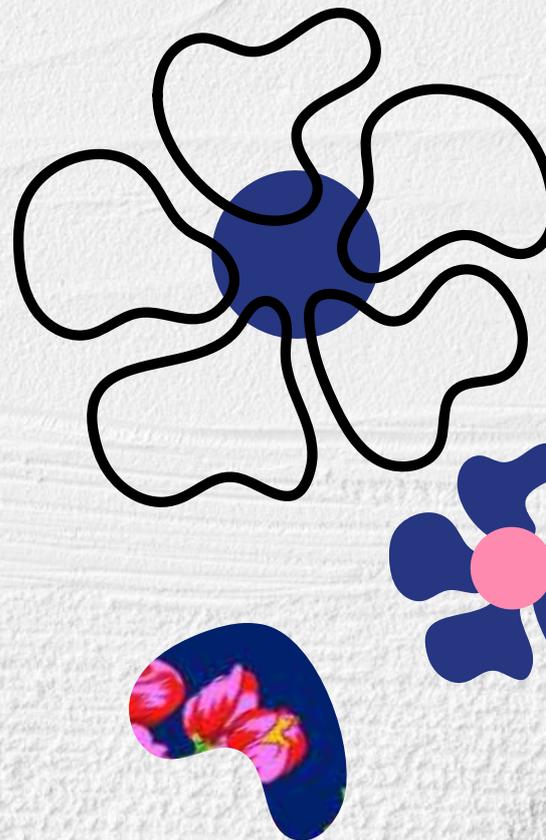
E ele complementa cenopoeticamente:

O QUE ESTILHAÇA O AMOR?
A TRAMA O DRAMA
O DRAMA DO VIDRO NA PELE
O DRAMA DE VIDRO NO PEITO
O PEITO DILACERADO
O DRAMA DO VIDRO ESTILHAÇADO
NO PEITO EM ESTILHAÇOS?

O QUE ESTILHAÇA O AMOR?
O EXCESSO DE RIMA
O EXCESSO DE RITMO
O EXCESSO DE EXCESSO
O BEIJO NA BOCA DE HÁLITO SEM PASTA
O DESEJO ESCASSO
O BEIJO JÁ GASTO SEM SAL
O INSOSSO DO BEIJO
O BEIJO INSOSSO NA BOCA
NA BOCA DE SAL?
O QUE ESTILHAÇA?
O QUE ESTILHAÇA?
O QUE ESTILHAÇA O AMOR?
(LIMA, *POEMA ESTILHAÇOS*, 1994)

A título de síntese:

AMAR EM CAMPO MINADO
NEM O AMOR É DADO
É LUTA LIMPA PELA VIDA
AMOR NÃO FERRE, LIDA
AMAR É UMA PRÁTICA DE CUIDADO!



Buscando tecer conexões entre arte, ritualidade e *cuidado*, Soares pontua sua importância no processo:

DURANTE ESTE LONGO PERCURSO, UNIDADE A UNIDADE, MÊS A MÊS, VIMOS EDUCANDOS RECONHECENDO, REAFIRMANDO QUE A RITUALIDADE, O *CUIDADO*, AS LINGUAGENS DA ARTE FORAM FUNDAMENTAIS, TANTO PORQUE DERAM QUALIDADE AO *CURSO* QUANTO POR ATUAR COMO ELEMENTO GERADOR DE EMPATIA, SENTIMENTO DE PERTENÇA NA RELAÇÃO ENTRE ELES E DELES COM O PRÓPRIO *CURSO* (SOARES, 2020, P. 39).

Como que tomando a arte como linha que tece a delicada renda de aprendizados, ele incorpora o *cuidado* e a *mística* nesta composição:

OS MOMENTOS DE CUIDADOS, PARA MIM, SÃO A CONGREGAÇÃO E TAMBÉM SINÔNIMO DE *CENOPOESIA*, POIS O PRÓPRIO RITUAL MÍSTICO DA *CENOPOESIA* É UM ATO DE *CUIDADO*. EU COMPREENDO O *CUIDADO* COMO UMA COISA MAIOR ENTRE MUITAS OUTRAS COISAS, DIMENSÕES E PERSPECTIVAS (SOARES, 2020, P. 39).

Régis também contribui nessa tessitura, articulando essas dimensões à Educação Popular:

OU SEJA, NÃO EXISTE PRÁTICA PEDAGÓGICA SEM ALEGRIA, SEM AMOR, SEM AFETO, SEM CUIDADO E É POR MEIO DA MÍSTICA, DA ARTE, DA INTEGRAÇÃO QUE ACONTECE O ACOLHIMENTO, AS REFLEXÕES E PROBLEMATIZAÇÕES E POSTERIORMENTE AS PROPOSTAS INTERVENTIVAS NA BUSCA DO INÉDITO VIÁVEL. EDUCAÇÃO POPULAR A SERVIÇO DA MUDANÇA, DA TRANSFORMAÇÃO (RÉGIS, 2020, P. 13).

E Ray Lima acrescenta, para finalizarmos: renascer ético de pessoas e movimentos, do ser solidário da vida em comum (LIMA *apud* BRASIL, 2013). Ou, dito de outra forma:

EU POESIA

SE TIVESSE QUE NASCER,

EU NASCERIA!

SE TIVESSE QUE VIVER,

EU VIVERIA!

SE TIVESSE EU MORRER,

EU MORRERIA!

SE TIVESSE QUE MATAR,

EU POESIA!

EU POESIA!

(RAY LIMA, *APUD* BRASIL, 2013, P. 120)



REFERÊNCIAS

BOFF, L.; BETO, F. **Mística e espiritualidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

BOGO, A. **A mística**: parte da vida e da luta. Expressão Popular, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz**: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CRUZ, N. N. da. **Cartas para desver o conceito de resto**: a cenopoesia no Hotel da Loucura. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

DANTAS, M. A.; SILVA, M. R. F. da; CASTRO, A. R. de. Aprendizagens com o corpo todo na (trans)formação de educadores (as) populares do Curso Livre de Educação Popular em Saúde (EdPopSUS). Interface - **Comunicação, Saúde, Educação** [online], v. 24, e190205, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190205>. Acesso em: 20 out. 2022.

DANTAS, M. J. **Cenopoesia a arte em todo ser**: das especificidades artísticas às intersecções com e educação popular. 2015, 193 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, 2015.

DANTAS, V. L. A. (org.) **Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde**: A Perspectiva Popular nas Cirandas da Vida. 3. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020.

FALS BORDA, O. Orígenes universales y retos actuales de la IAP (Investigación Acción Participativa), **Peripecias**, n. 110, 2008 [1999], p. 1-14.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis para a Convivência com o Semiárido**. Unidade de Aprendizagem II. Não publicado. Fortaleza, abr. 2019a (45 p., impresso).

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatório de Sistematização**. Não publicado. Fortaleza, 2019b.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) I**. Não publicado. Fortaleza, jan. 2019c (177 p., digitado).

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, abr. 2019d (133 p., digitado).

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relato do Encontro Interestadual**. Não publicado. Fortaleza, 2019e.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relato do Encontro Regional do Cariri**. Não publicado. Fortaleza, 2019f.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relato do Encontro Regional do RN**. Não publicado. Fortaleza, 2019g.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relato do Encontro Regional do Sertão Central**. Não publicado. Fortaleza, 2019h.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relato do Encontro Regional do Vale do Jaguaribe/ Litoral Leste**. Não publicado. Fortaleza, 2019i.

LANDIN, D. Poemia do mundo, poesia dos sentidos. **Rev. Arte e Resistência na Rua**, São Paulo, Ano II, n. 02, jul. 2010.

LIMA, R. **Como construir uma cidade**. Icapuí-CE: Edições Universo Icapuí Cenopoética, 2020.

LIMA, R. **Da Vila para a Cidade**. Maranguape-CE: Edições Vila Poetas Mundo, 2016a.

LIMA, R. De cenopoesia e dialogicidade: da reinvenção da linguagem ao reinvento do humano In: **BRASIL. II Caderno de educação popular em saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília. Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/2_caderno_educacao_popular_saude.pdf. Acesso em: 24 out. 2022.

LIMA, R. Feira do Soma Sempre e a produção do comum [Internet]. **Blog Rede Humaniza SUS**, 2009. Disponível em: <http://redehumanizasus.net/7391-feira-do-somasempre-e-a-producao-do-comum/>. Acesso em: 20 out. 2022.

LIMA, R. **Morando em Mim**. Icapuí-CE: Edições Universo Icapuí Cenopoética -XII, 2019.

LIMA, R. **Metamorfoses de Nuvens**. Maranguape-CE: Edições Vila Poetas Mundo, 2016b.

LIMA, R. **Pelas Ordens do Rei que Pedo Socorro**: um roteiro – manifesto da Cenopoesia, Fortaleza, Expressão Gráfica Editora, 2012.

LIMA, R. Quadra Funda. *In*: **Os Rios São Poetas**. Icapuí-CE: Edições Universo Icapuí Cenopoética, 2018.

LIMA, R. **Ultrapassagens**.1994.

LIMA, R. **Pontos de Conversar**. Icapuí-CE: Edições Universo de Aprendizagens Icapuí Cenopoética (no prelo).

LIMA, R. **Do conversar ao conviver - Com que linguagens?**. Icapuí-CE: Edições Universo de Aprendizagens Icapuí Cenopoética (no prelo).

LINHARES, Â. M. B. **A educabilidade da experiência medianímica, mediada pelas histórias de alma, junto à expansão expressiva em arte**. [Relatório do pós-doutorado] Supervisor: Álbio Sales. 2017.

MIRANDA, E. O. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência / Eduardo Oliveira Miranda. - Salvador: EDUFBA, 2020.

PAZ, F. G. **Narrativa Autobiográfica sobre a Mística no Processo de Aprendizagem do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. Fortaleza: Fiocruz-CE, 2020.

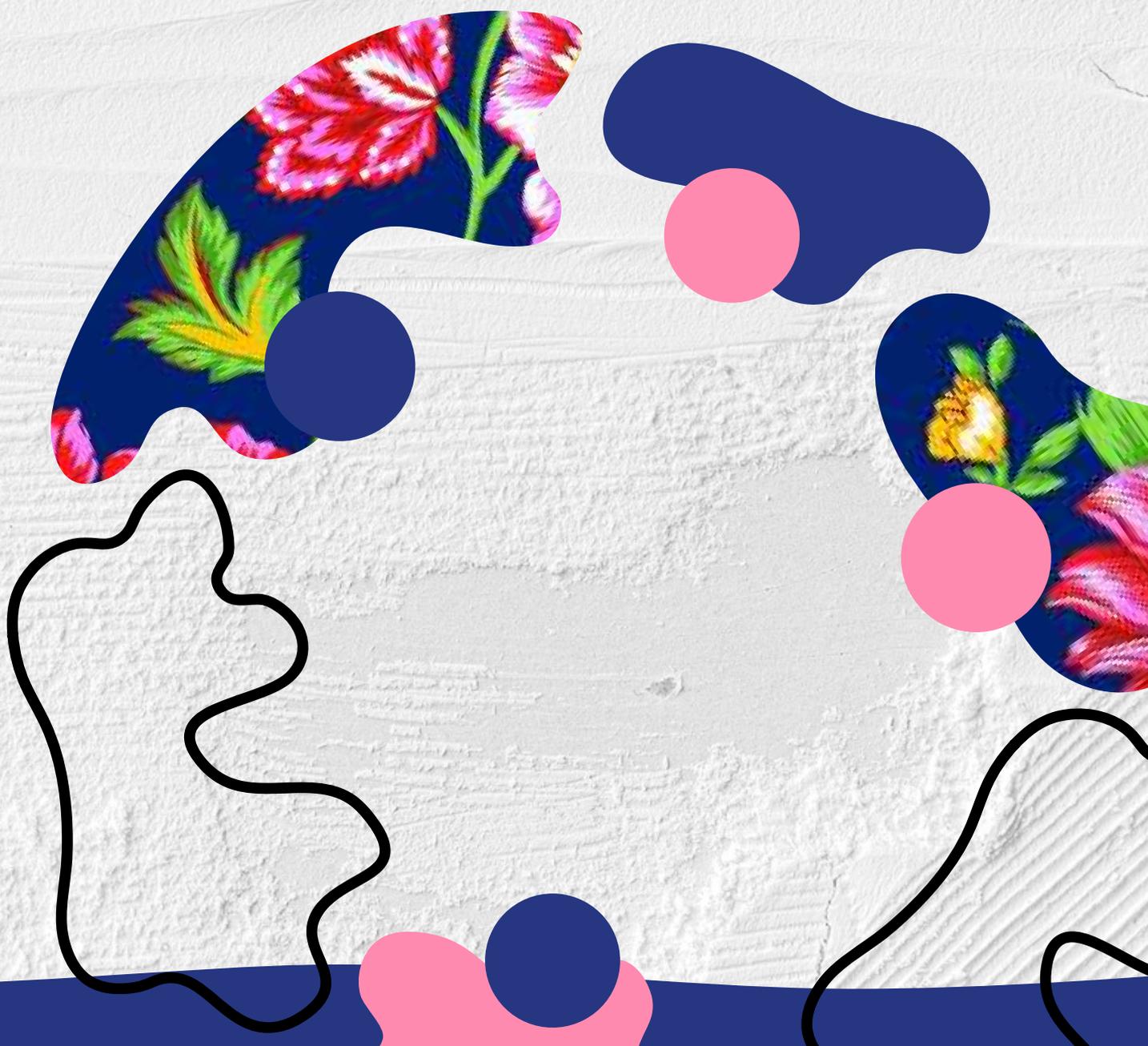
RÉGIS, S. A. O. **Narrativa Autobiográfica Sobre o Cuidado no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz. Fiocruz Ceará. Eusébio, CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52616>. Acesso em: 24 out. 2022.



SANTOS, JUNIO. Nota de facebook. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/junio.santos.127>. Acesso em: 24 out. 2022.

SILVA, C. B. da. **Homens e Mulheres em Movimento**: Relações de Gênero e Subjetividades no MST. Florianópolis: Momento Atual, 2004.

SOARES, F. J. da S. **Narrativa Autobiográfica Sobre a Cenopoesia no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) - Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz Ceará, CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52607>. Acesso em: 24 out. 2022.



04.

A PRODUÇÃO DE

saberes

E DE CUIDADO COM A VIDA NOS

territórios

FERNANDO FERREIRA CARNEIRO

4.1 CONCEPÇÕES DE TERRITÓRIO E TERRITORIALIZAÇÃO NO CONTEXTO DA SAÚDE: DIÁLOGOS COM A CARTOGRAFIA SOCIAL

4.1.1 É PRECISO AVANÇAR PARA UMA CONCEPÇÃO DE TERRITÓRIO QUE PRODUZ VIDA

*ENQUANTO A NATUREZA É ALVO DO NEGÓCIO,
HOMENS GOZAM NA ORGIA DE SEUS VÍCIOS,
GAFANHOTOS SE DIVERTEM NOS COMÍCIOS —
A BURGUESIA INSACIÁVEL QUER MAIS ÓCIO.
CORRE COM MEDO DA FLORISTA O JARDINEIRO,
O MUNDO INTEIRO PREGA E REZA SEM TER FÉ,
A DRAMISTA FAZ DO DRAMA SEU MISTER
COMO O CALVO QUE VIROU CABELEIREIRO
(LIMA APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).*

A Cartografia Social como um dos métodos de pesquisa centrais do *Curso* de Especialização e Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, articulada ao processo de Sistematização de Experiências, provocou uma reflexão crítica sobre como representar o território na perspectiva de suas carências e potências. Nesse sentido,

CARTOGRAFAR O TERRITÓRIO FOI, SEM DÚVIDA, NOVIDADE PARA A MAIORIA. CARTOGRAFIA SOCIAL COMO TRILHA PARA ORGANIZAR A LUTA PARA ELABORAR UM PLANO DE AÇÃO! OLHAR PARA UM TERRITÓRIO VIVO E DESVELAR SEUS FLUXOS, SEUS ESPAÇOS, SEUS ATORES/ATRIZES E SEUS CONTEXTOS! DESVELAR ELEMENTOS QUE AMEAÇAM A VIDA NO TERRITÓRIO — E DESSE DESVELAR PENSAR AÇÕES DE SUPERAÇÃO! ESTÁVAMOS ALI A IDENTIFICAR O QUE FREIRE CUNHOU DE *SITUAÇÃO-LIMITE* E A PENSAR SOBRE *INÉDITOS-VÍAVEIS!* PARA ISSO, LEMBRANDO DO QUE APRENDEMOS TAMBÉM COM ELE, É FUNDAMENTAL IDENTIFICAR POTÊNCIAS — E A CARTOGRAFIA NOS ACENAVA QUE ERA NECESSÁRIO IDENTIFICAR, NOS TERRITÓRIOS, ELEMENTOS QUE PROMOVEM A VIDA E PENSAR AÇÕES PARA POTENCIALIZÁ-LOS! ESSE DEBRUÇAR O OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO CONSIDERANDO AS DIMENSÕES SIMBÓLICAS, ILUSTRATIVAS, DE CONHECIMENTO PARA PROBLEMATIZÁ-LO, TROUXE À TONA, POR MEIO DAS HISTÓRIAS NARRADAS PELOS EDUCANDOS E EDUCANDAS, ALÉM DAS POTÊNCIAS E AMEAÇAS, AS CONTRADIÇÕES. CONTRADIÇÃO ENTRE O QUE SE DESEJA SER E O QUE SE CONSEGUE SER NO COTIDIANO PESSOAL E PROFISSIONAL. CONTRADIÇÃO NA PERCEPÇÃO DE QUE OS TERRITÓRIOS

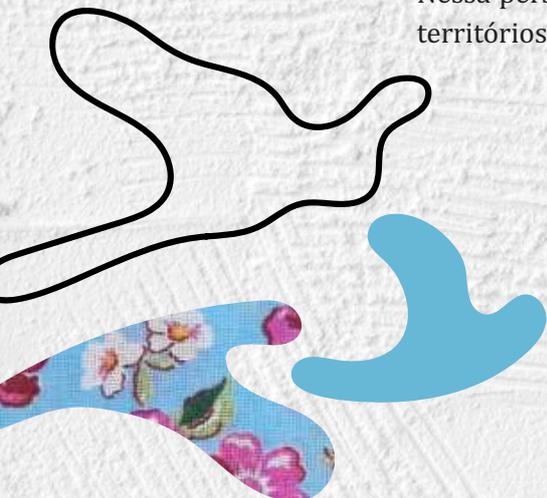
As contradições e as diversas dimensões do conhecimento gerado podem contribuir para pensar ações de superação por meio de planos de ação oriundos de um diálogo de saberes:

COMO AVANÇAR PARA UMA CONCEPÇÃO DE TERRITÓRIO QUE PRODUZ VIDA E NÃO APENAS DOENÇA? POR QUE SEMPRE PENSAMOS O TERRITÓRIO COMO CARÊNCIA? COMO VISLUMBRAR ESSAS POTÊNCIAS? COMO AMPLIAR NOSSAS CAPACIDADES DE ANTEVER, DE ANTECIPAR O QUE PODE VIR A SER? COMO IR ALÉM DA CONCEPÇÃO DOS RISCOS? COMO, ENTÃO, CONSTRUIR OUTRAS PERSPECTIVAS PARA OS NOSSOS TERRITÓRIOS (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019A, 2019B).

A Cartografia Social é, assim, uma linha da ciência cartográfica que privilegia o conhecimento popular, simbólico e cultural como meio de produzir o mapeamento dos territórios, e demanda participação social ativa e permanente (GORAYEB *et al.*, 2015). O conceito de *Cartografia Social* é dinâmico, fluido, um processo por si só de autoafirmação, envolvendo práticas de mapeamento geográfico, percepções, registros, coleta de informações, trocas, vivências compartilhadas a partir de subjetividades. A Cartografia Social insurgente, decolonial, a Cartografia que busca mostrar a necropolítica se permite ser um método de pesquisa, mas também uma ferramenta de incidência política, capaz de unir sujeitos de contextos sociais distintos construindo juntos um *saber* refletido em dados autogerados, mapas de vivências, trocas, pertencimento e afetos. O adjetivo social informa que o mapeamento é resultado de um processo participativo, construído coletivamente na perspectiva da conscientização individual e coletiva de responsabilidade e direitos. Por tratar-se de práxis de educação e/ou pesquisa propositiva e dialógica deve iniciar com oficinas de formação e/ou *círculos de cultura*.

O exercício de uma prática educativa crítica, democrática, participativa e cidadã constitui uma forma de intervenção na comunidade, “comprometida com o princípio de democracia que rejeita qualquer forma de discriminação, dominação e integra uma atitude de inovação e renovação, na crença de que é possível mudar.” Nessa perspectiva devemos buscar não somente as ameaças à vida e à saúde nos territórios, mas o que promove a vida (FREIRE, 1983, 2005).

NA SAÚDE, A GENTE TRABALHA AINDA COM A CONCEPÇÃO DE TERRITÓRIO INSUFICIENTE. A GENTE PRECISA AVANÇAR PARA UMA CONCEPÇÃO DE TERRITÓRIO QUE PRODUZ VIDA, NÃO APENAS DOENÇA. MAS É NESAS CONTRADIÇÕES QUE A GENTE ENCONTRA NOVAS PESSOAS, NOVAS INICIATIVAS E NOVOS MÉTODOS. ISSO PASSA PELA QUESTÃO DO PODER — COMPREENDER O PODER DE CADA UM QUE ATUA E INTERVÉM NESSE TERRITÓRIO. É QUE NO MUNDO GLOBALIZADO, OS TERRITÓRIOS TÊM UMA GRANDE VULNERABILIDADE. COMPREENDER ISSO AJUDA A PENSAR



ESTRATÉGIAS DE PROMOÇÃO DA VIDA, DE FAZER DIAGNÓSTICOS MAIS CONCISOS — E DO QUE SE PASSA ALI (PESSOA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Autores de referência como Milton Santos (1996) já apontavam para um olhar para o território vivo com o movimento dialético da luta pela vida pelos oprimidos pelo sistema: “Cada pessoa carrega consigo seu território. Cada pessoa é um território vivo, ativo e pulsante de sabedorias e histórias. Cada lugar produz suas formas de viver, de ter saúde, de lutar” (RÉGIS, 2020, p. 25).

Da reflexão sobre os territórios vivos com suas culturas, saberes, emergiu do grupo outras dimensões como as da ancestralidade e espiritualidade, também ligadas ao território, características marcantes associadas ao modo de vida das populações do campo, floresta e das águas, das comunidades indígenas e tradicionais:

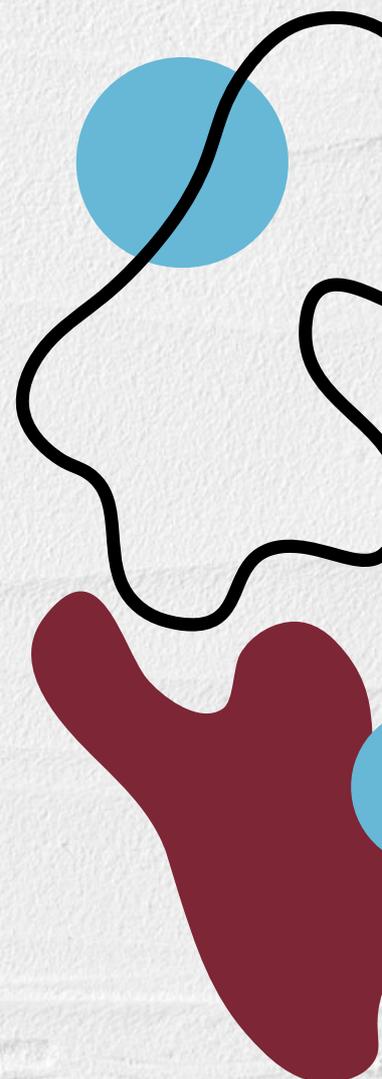
[...] QUERO DESTACAR A QUESTÃO DA ANCESTRALIDADE, DA ENCANTARIA, DOS CATIMBÓS, ANTEPASSADOS, DOS VELHOS. SÃO PALAVRAS QUE TRAZEM CONEXÕES MAIS PROFUNDAS, QUE ESTÃO ENRAIZADAS NA NOSSA ANCESTRALIDADE. QUERIA TRAZER O PONTO DA ESPIRITUALIDADE, QUE OS POVOS INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, NEGROS, TÊM COMO CONEXÃO ENTRE VIDA, TRABALHO, NATUREZA. ISSO É BEM FORTE, O TERRITÓRIO ANCESTRAL, COMO POTÊNCIA (TAVARES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Quando se derruba uma mata em um lugar sagrado se vive não somente o impacto ambiental, mas perdas espirituais dos seres encantados que fortalecem a alma dos que lutam por seus territórios e sua conexão profunda com a natureza. No *tempo-escola* pudemos discutir essa questão provocados pelo filme *Avatar*:

FAZENDO RELAÇÃO COM AS PALAVRAS GERADORAS DE PAULO FREIRE, ME VEIO CONEXÃO. ALI A GENTE CONSEGUIE PERCEBER CONEXÃO DOS POVOS ANTIGOS COM SEUS TERRITÓRIOS VERSUS O OUTRO GRUPO, QUE APESAR DAS CONEXÕES TECNOLÓGICAS, QUER EXPLORAR A OUTRA TERRA PRA ADQUIRIR RIQUEZA. ME FICOU MUITO ESSA QUESTÃO DO TERRITÓRIO COMO ESPAÇO DE CONEXÃO (PAZ APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

As promessas de geração de emprego do capital para justificar empreendimentos de alto impacto podem gerar benefícios temporários e males duradouros para os modos de vida das comunidades tradicionais. Os educandos e educandas trouxeram suas reflexões em diálogo com autores/as que compõem seu *repertório humano*:

PORQUE TEM A QUESTÃO DAS CONCEPÇÕES DE MUNDO. SERÁ QUE VALE A PENA PERDER TODOS OS MODOS DE VIDA SIMPLEMENTE PELO CAPITAL? TEM UMA FRASE DE ROSA LUXEMBURGO: QUE SEJAMOS RESPEITADOS, DIFERENTES E LIVRES. ISSO PRECISA EXISTIR NOS TERRITÓRIOS E NAS POPULAÇÕES (FERNANDES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).



4.2 LUTAS E RESISTÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS FRENTE AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO HEGEMÔNICO

A abordagem territorial não se restringe ao território geopolítico. Segundo Santos (1996), o território é espaço existencial que transcende a dimensão física, onde constroem-se resistências populares e solidariedade, contrapondo-se à alienação promovida pelo capital globalizado. O capital não se refere apenas ao financeiro, mas também ao simbólico, cultural, social (SANTOS, 1996), tal como refletido também no *Curso*:

[...] HÁ UMA DIVISÃO DO TRABALHO NO SISTEMA GLOBALIZADO PARA A PRODUÇÃO. HÁ UMA EXTERNALIZAÇÃO DOS CUSTOS, OU SEJA: OS CUSTOS COM ADOECIMENTO NÃO SÃO CONTABILIZADOS. OS DANOS SÃO EXTERIORIZADOS PARA A POPULAÇÃO, MAS ALGUMAS SÃO MAIS AFETADAS QUE OUTRAS. OS PAÍSES MAIS DESENVOLVIDOS NÃO ACEITAM, POR EXEMPLO, PRODUTOS POLUIDORES. ESSES VÊM PARA OS PAÍSES QUE OFERTAM MÃO DE OBRA BARATA E ACEITAM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO (FERNANDES; TEIXEIRA APUD FIOCRUZ-CE, 2019D, P. 25).

Como exercício para aplicação do método da Cartografia Social junto aos educandos e educandas foi realizado o mapeamento dos conflitos socioambientais das principais regiões do Ceará.

Os destaques no Litoral Leste e no Vale do Jaguaribe foram com o agronegócio, que está presente nas duas regiões nas formas da monocultura, carcinicultura e energia eólica; as mesmas recebem isenções e benefícios fiscais por parte do Estado; estas iniciativas privadas chegam e se instalam na regiões fazendo usos abusivos de uma grande área de terra, recursos hídricos (como uma enorme quantidade de água), estradas, energias e matérias-primas locais (como solo e outros mais); alteram o ecossistema local e promovem a perda da biodiversidade; no caso da mina de extração de urânio e fosfato, o governo a incentiva, mas um dos riscos é que os fosfatos que são usados para os agrotóxicos podem contaminar todo o meio ambiente; a transposição do Rio São Francisco é outra obra impactante; e incentivos fiscais para empresas e empreendimentos turísticos na zona litorânea exercem pressão do turismo de massa também com impactos presentes em todo o Ceará:

ENERGIA EÓLICA: CHEGA NOS TERRITÓRIOS COMO SE NÃO HOUVESSE NINGUÉM. ESSA ENERGIA É LIMPA? FIZEMOS UMA SÉRIE DE PESQUISAS. NA ÁREA DO CUMBE, CHEGARAM SEM PEDIR LICENÇA PARA NADA. EM ACARAÚ, AS COMUNIDADES ESTÃO TAMBÉM PERDENDO SEUS TERRITÓRIOS. OS AEROGERADORES SÃO COLOCADOS NAS TERRAS DAS COMUNIDADES. POR QUE ESSE DINHEIRO NÃO É APLICADO NAS COMUNIDADES? CARTOGRAFIA SOCIAL. TERRITÓRIO É VIDA, É ÁGUA, É RESISTÊNCIA. ESSA GLOBALIZAÇÃO ESTÁ EXPRESSA NO FASCISTA QUE ASSUMIU O PODER — E DE ONDE SE VAI GERAR, COMO A GENTE ESTÁ AQUI, SITUA-

ÇÕES DE RESISTÊNCIA E SUPERAÇÃO (MEIRELES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Os EIA-RIMAs (Estudos e Relatórios de Impacto Ambiental) desses empreendimentos são para constar:

A GENTE TEM QUE SABER O QUE OS CIENTISTAS QUEREM COM A GENTE. TEM UMA COISA CHAMADA EIA-RIMA — E A GENTE DEVE SE PERGUNTAR QUAL A CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA DA NATUREZA. SERÁ QUE AQUELES PERSONAGENS VÃO VIVER PRA VER A NATUREZA SE RECUPERANDO? O SERTÃO É ASSIM — A GENTE AGRIDE TANTO QUE UM DIA VIRA DESERTO. A GRANDE PERGUNTA É: O QUE SE VAI FAZER? O PROGRESSO VAI CHEGAR, MAS PARA QUEM? PROS MEUS FILHOS NÃO É. ISSO ACONTECE TODO DIA, O QUE MUDA É O CONTEXTO E A FORMA COMO O CARA CHEGA LÁ PRA TE AGREDIR (SILVA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Mas a questão não passa somente pelos interesses financeiros. Como articular as lutas emancipatórias dos trabalhadores contra o capitalismo, o patriarcado, o racismo ambiental?

NESSE CONTEXTO AS ANCESTRALIDADES ORIGINÁRIAS TÊM SIDO NEGADAS POR SEREM CONSIDERADAS ATRASADAS. MAS É NECESSÁRIO PENSAR QUE A CIÊNCIA NÃO É A ÚNICA FORMA DE SABER. A ARTE, A RELAÇÃO AMOROSA ENTRE AS PESSOAS TAMBÉM É FORMA DE PRODUZIR CONHECIMENTO. CONSIDERAR ESSAS QUESTÕES IMPLICA A CONSTRUÇÃO DE POLÍTICAS A PARTIR DE ENCONTROS INTERDISCIPLINARES E INTERCULTURAIS EM TORNO DA SAÚDE, COM A INCORPORAÇÃO DE MÚLTIPLOS SABERES, LINGUAGENS E NARRATIVAS ALÉM DAS CIENTÍFICAS, COMO AS ARTÍSTICAS POÉTICO-MUSICAIS E POPULARES, CENOPOÉTICA — QUE SÃO ALGUMAS FORMAS DE SENTIR/PENSAR DESSE PROCESSO (FALS BORDA) (FIRPO APUD FIOCRUZ-CE, 2019D, P. 22).

Do particular para o geral como um *Curso* com um dos focos na Convivência com o Semiárido pode debater a emergência das mudanças climáticas num contexto de tanta iniquidade? Para isso existem várias questões para serem aprofundadas:

A PRIMEIRA É COMO A UNIVERSIDADE ENTENDE ESSA DIMENSÃO GLOBAL, QUE SAI DO TERRITÓRIO DOS ESTADOS PARA O TERRITÓRIO TRANSNACIONAL, QUE É O DO MERCADO, DA GLOBALIZAÇÃO. AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS TÊM A VER COM A PERDA DE SOLO, COM OS NOSSOS TERRITÓRIOS. O AGRO E HIDRONEGÓCIO TÊM GERADO ZONAS MORTAS NO PLANETA. HÁ COLAPSOS DE BIODIVERSIDADE NOS OCEANOS. QUANTO MAIS DIÓXIDO DE CARBONO, MAIS QUENTE. AS TERRAS INDÍGENAS, QUILOMBOLAS, DE ASSENTAMENTO, DE REFORMA AGRÁRIA QUE RESISTEM [ACSELRAD], A REDE TUCUM DE TURISMO COMUNITÁRIO. MÃOS DE MULHERES INDÍGE-



NAS ANACÉ QUE AINDA RESISTEM. ELAS ESTIVERAM VÁRIAS VEZES NA UFC CONSTRUINDO MAPAS DA VISIBILIDADE, CONTRAPONDO AS CARTOGRAFIAS DO ESTADO (MEIRELES APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Os resultados do último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado em agosto de 2021 (CEE FIOCRUZ [CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ], 2022), trazem evidências científicas inquestionáveis de que as emissões de gases a partir da queima de combustíveis fósseis e do desmatamento representam grande ameaça para a saúde do planeta. As notícias recentes sobre enchentes destruindo cidades, incêndios florestais desproporcionais e secas, como a enfrentada pelo Brasil esse ano, a maior dos últimos 90 anos, não são cenas de ficção científica, mas de manifestações do aquecimento global, mostrando que caminhamos a passos largos para um mundo distópico, fruto do impacto ambiental produzido pelo ser humano na sua relação predatória com o planeta. O documento alerta como “extremamente provável” (95% a 100% de probabilidade) que o aquecimento global ultrapasse a perigosa marca de 2°C até o final do século, com grandes chances de chegar a 1,5% nos próximos vinte anos — e que é preciso uma ação imediata para diminuir drasticamente as emissões dos gases poluentes. Para o Semiárido brasileiro as previsões são de aumento da seca e da aridez, se o ritmo e o modelo de desenvolvimento se mantiver inalterado (CEE FIOCRUZ, 2022).

FIQUEI OUVINDO E LEMBRANDO DA TRAJETÓRIA FAMILIAR QUE NÓS, SERTANEJOS, AGRICULTORES, FAZEMOS ATÉ CHEGAR À TERRA. E AÍ QUANDO A GENTE TEM O ACESSO À TERRA, A GENTE TEM O ACESSO A TUDO ISSO QUE FOI DITO AQUI. E NÓS NO MST DISCUTIMOS MUITO A EDUCAÇÃO, QUE O CAMPO NÃO É LUGAR DE MISÉRIA, MAS DE VIDA — E ATÉ VOLTAR PRO CAMPO E LUTAR, PARA QUE AS PESSOAS TENHAM UM LUGAR DIFERENTE. PORQUE FOI COLOCADO NA NOSSA CABEÇA QUE O CAMPO NÃO É LUGAR DE SE VIVER! E A GENTE COMBATE ISSO — E NESSE MOMENTO, A GENTE TEM QUE SE JUNTAR E LUTAR! PORQUE ESSE PAÍS TEM UMA DÍVIDA GRANDE COM OS POVOS CAMPONESES! EU ESTOU HÁ 20 ANOS NO ASSENTAMENTO. TENHO EXPERIÊNCIA DA SECA EM 1994, QUE AS PESSOAS SE DESLOCAVAM MUITO PRA PEGAR ÁGUA — E NESSA SECA RECENTE A GENTE NÃO SE DESLOCOU, PORQUE A GENTE TEM A CISTERNA, PRA PRODUÇÃO. É HOJE EU OLHO PRO MEU PAI, VIVENDO DA HORTICULTURA, PORQUE A GENTE TEVE ACESSO À TERRA, À ÁGUA! E A GENTE TEM QUE SE UNIFICAR PRA LUTAR CONTRA ESSE POVO QUE NÃO NOS REPRESENTA — QUEM NOS REPRESENTA É NÓS MESMOS (SOUSA APUD FIOCRUZ-CE, 2019c)!

A Agroecologia, representada como a Convivência com o Semiárido no Nordeste, demonstra pelo exemplo das tecnologias sociais como o uso de cisternas para água de chuva pode gerar formas de mitigação das mudanças climáticas e ao mesmo tempo fortalecer a luta histórica dos camponeses e camponesas pelo acesso à terra.

Com o avanço da extrema direita no mundo e no Brasil, os movimentos populares vêm realizando reflexões no sentido de como tirar lições dos processos vividos para recolocar a defesa da vida e do *Bem Viver* na centralidade das políticas públicas, hoje cada vez mais voltadas para os interesses do mercado. A esquerda não pode se isolar em *bolhas* de comunicação, mas buscar debater os grandes temas que afligem a população brasileira, que têm sido hegemonzados pela direita, como a questão da violência, com suas soluções militarizadas que não abordam todo o processo de determinação social do problema:

[...] ELES SE EMPODERARAM: ECONOMICAMENTE, NA POLÍTICA, NA COMUNICAÇÃO! ENTÃO A GENTE PRECISA MESMO CONTINUAR EXISTINDO! EXISTEM APAGÕES DE FORMULAÇÃO NA ESQUERDA QUANTO A ALGUNS TEMAS. A SEGURANÇA PÚBLICA É UM DELES. COMO VOLTO PRA CASA? TERROR SEMPRE É TERROR! NÃO HÁ COMO CELEBRAR QUEIMA DE ÔNIBUS, DE CRECHE, DE ESTAÇÃO AMBIENTAL. É POR ISSO QUE O ENCARCERAMENTO CRESCER, POR ISSO QUE BOLSONARO CRESCER! NÓS ESTAMOS NUMA CIDADE DE 2.000 MILHÕES E 500 MIL PESSOAS SITIADAS — COMO SE ISSO AQUI FOSSE UMA PROVÍNCIA! A LUTA EM DEFESA DOS POVOS DO CAMPO NÃO PODE SER COMPENSATÓRIA! NÃO PODE SER UMA POLÍTICA COMO NÓS JÁ TIVEMOS: QUE DAVA FORÇA AO AGRONEGÓCIO E À AGROECOLOGIA! E NÓS DEIXAMOS DE OLHAR PRA ISSO — E TEMOS QUE RECONHECER ISSO! NÃO PODEMOS COMETER ESSE ERRO DE NOVO! O ABRIL VERMELHO TEM QUE SER O ABRIL DE TODOS OS POVOS! TEMOS QUE NOS SOLIDARIZAR COM POVOS INDÍGENAS, DO CAMPO! TEMOS QUE FAZER UMA LUTA DE DISPUTA NA SOCIEDADE PELO QUE A GENTE ACHAVA QUE ESTAVA “RESOLVIDO” — NÃO ESTÁ! TEMOS QUE RESGATAR A CAPACIDADE DE DIALOGAR, DE DISPUTAR SUBJETIVIDADES! TEMOS QUE ESTAR TODOS/AS NUMA PERSPECTIVA SÓ! A GENTE SÓ VAI RESISTIR SE A GENTE EXISTIR — E NOSSA EXISTÊNCIA ESTÁ EM XEQUE (TUPINAMBÁ APUD FIOCRUZ-CE, 2019c)!

As lutas também ensinam como é importante o vínculo com o território — e da necessidade de se discutir o *Bem Viver* nos territórios, dos adocimentos às reinvenções para conquistar a terra, como bem diz o assessor do Conselho Pastoral dos Pescadores:

NO MOVIMENTO NEGRO, A GENTE TEM RECUPERADO UMA DISCUSSÃO SOBRE A CABEÇA: O ORI. A GENTE VAI TER QUE COLOCAR A CABEÇA NO CHÃO, TEM QUE TER VÍNCULO COM O CHÃO! QUANDO SE PERDE ESSE VÍNCULO, ELA SE PERDE, SE DESEQUILIBRA — E SE A GENTE SE DISTANCIA DO NOSSO POVO, A GENTE SE PERDE! PRA NÓS, A CENTRALIDADE DA LUTA É A REFORMA AGRÁRIA, MAS A GENTE NÃO OLHAVA O ADOECIMENTO DOS MILITANTES, DOS TRABALHADORES. A GENTE APRENDEU QUE É PRECISO FALAR DOS CONFLITOS, MAS TAMBÉM DO BEM VIVER NOS TERRITÓRIOS, PORQUE MESMO DIANTE DE SITUAÇÕES DE VIOLAÇÃO, O NOSSO



A luta gera conhecimentos e novos saberes e esse processo de formação tem um papel no fortalecimento da resistência. Esse pode ser um dos grandes legados desse processo formativo:

ESSE POTENCIAL DA LUTA, DA RESISTÊNCIA, MAS TAMBÉM DE APONTAR A FORMA DE CUIDADO DOS POVOS DAS ÁGUAS É IMPORTANTE PRA PENSAR A CAPACITAÇÃO, A FORMAÇÃO PRA ESSAS EQUIPES, PRA QUE DE FATO ATENDA ÀS NECESSIDADES DESSES POVOS. E QUEM VIVENCIA A DOR É QUE PODE APONTAR ESSE RUMO! TRAZ UMA COLABORAÇÃO IMENSA E VAI NOS AJUDAR NO CUIDADO DAS POPULAÇÕES DAS ÁGUAS (COSTA APUD FIOCRUZ-CE-2019E)!

O diálogo com a Cartografia Social possibilitou um melhor entendimento dos territórios, das lutas e dos sujeitos frente às ameaças e potencialidades. É uma ferramenta estratégica para construir, junto com os movimentos, um diálogo e uma ecologia de saberes com potência para alterar realidades opressoras valorizando o bem viver e os modos tradicionais de vida das comunidades que resistem e guardam nossa biodiversidade e futuro.

REFERÊNCIAS

CEE - CENTRO DE ESTUDOS ESTRATÉGICOS DA FIOCRUZ. **Mudanças climáticas: dramático pré-relatório da ONU. 2022.** Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=mudancas-climaticas-dramatico-pre-relatorio-da-onu>. Acesso em: 18 fev. 2022).

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra; 2005.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Guia Unidade de Aprendizagem (UA) II.** Não publicado. Fortaleza, 2019a.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatoria da Oficina de Sistematização de Experiências.** Não publicado. Fortaleza, 2019b.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatório da Unidade de Aprendizagem (UA) I,** Fortaleza, 2019c.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatório da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019d.

FIOCRUZ-CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – CEARÁ. **Relatório Encontro Regional Litoral Leste/Vale do Jaguaribe**. Não publicado. Fortaleza, 2019e.

GORAYEB, A. *et al.* Princípios básicos de cartografia e construção de mapas sociais: metodologias aplicadas ao mapeamento participativo. In: GORAYEB, A.; ANDRADE, A. J.; SILVA, E. V. **Cartografia Social e Cidadania**. Fortaleza, 2015.

RÉGIS, S. A. **Narrativa Autobiográfica Sobre o Cuidado no Percorso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido). Fundação Oswaldo Cruz. Eusébio/CE, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/52616>. Acesso em: 25 out. 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.



05.

CONSTRUINDO
relações promotoras

DE VIDA E NOVAS
existencialidades
(DE GÊNERO, ÉTNICO-RACIAIS)

FLÁVIA CAVALCANTE TAVARES



s relações promotoras de vida e de novas existencialidades experienciadas no *Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido* nos convidou a pensar a pesquisa e a construção de conhecimento, na ótica das histórias de vidas, das memórias, da ancestralidades dos/as sujeitos/as e sujeites e suas experiências em territórios, buscando compreender em que medida têm se constituído caminhos emancipatórios e questionadores da estrutura sistêmica racista, colonial e do patriarcado da sociedade. Este convite, que nos ajudou a refletir sobre novas existências, nos remeteu a aprofundar questões como a violência doméstica, o trabalho da mulher, as questões de gênero, dentre muitas outras. Desenhada à luz da memória coletiva, do território e do corpo, esta escrita baseia-se do acúmulo de reflexões das experiências do encontro de educandos/as e educandes no bojo desse processo.

5.1 GÊNERO, SAÚDE E FEMINISMOS POPULARES — OUSADIAS PARA SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA, DO PATRIARCADO E CONSTRUÇÃO DO BEM VIVER

Os encontros presenciais realizados no percurso do *Curso* possibilitaram-nos dialogar com as relações de gênero partindo das experiências dos territórios, movimentos sociais e populares, das lutas de mulheres, mulheres trans, negras, quilombolas, indígenas e camponesas. A construção do conhecimento observando esses relatos de experiências favoreceu um olhar para a saúde e o feminismo, considerando e dando visibilidade às desigualdades, ao trabalho das mulheres, às diversas formas de violência contra a mulher, mas também potencializando as experiências que constroem o *Bem Viver* nos territórios do Semiárido cearense.

As histórias, saberes, lutas e trabalho das mulheres são invisíveis para o sistema capitalista-patriarcal-colonial-racista, como pontuou Lourdes Vicente (MST/IFCE [MOVIMENTO SEM-TERRA/ INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ]) no *tempo-escola*:

SOU LOURDES, MILITANTE DO MST PRECISAMENTE HÁ 24 ANOS — VOU FAZER 25 ANOS. VENHO DE UMA OCUPAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CHOROZINHO, COMO PROFESSORA — E MEU SEGUNDO SETOR FOI O DE GÊNERO DENTRO DO MOVIMENTO. DE LÁ PRA CÁ, A GENTE VEM CONSTRUINDO TEMÁTICAS QUE DIZEM RESPEITO ÀS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS. FALO

DESSE LUGAR, DA LUTA SOCIAL, DA LUTA CAMPONESA E DE MULHERES QUE FORAM INVISIBILIZADAS. O SUJEITO POLÍTICO MULHER CAMPONESA É UMA INCÓGNITA. SÓ NOS ÚLTIMOS TEMPOS É QUE COMEÇAMOS A NOS DEBRUÇAR SOBRE ESSE SUJEITO — MAS POR CONTA DO CAPITALISMO, PATRIARCADO E DO RACISMO, QUE VÊM FAZENDO COM QUE OLHÁSSEMOS A HISTÓRIA DO BRASIL, A HISTÓRIA DA LUTA PELA TERRA, MAS NÃO OS SUJEITOS POLÍTICOS (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

Lourdes trouxe um conjunto de ponderações produzidas em sua dissertação de Mestrado, cujo título foi “Gênero e saúde – cuidado, trabalho e autonomia das mulheres”, estudo sobre a exposição e impactos dos agrotóxicos na saúde das mulheres camponesas da região do Baixo Jaguaribe. Ela recupera, neste diálogo, um pouco da historicidade da inclusão desse tema nas pautas do Movimento Sem Terra (MST):

NÓS, DO MST, AVANÇAMOS MUITO — QUERO DEIXAR ISSO CLARO. COMEÇAMOS O DEBATE COMO COLETIVO DE MULHERES DO MST. DESDE O 1º CONGRESSO DO MST, NÓS CRIAMOS O COLETIVO DE MULHERES. E ISSO FOI IMPORTANTE PORQUE AS MULHERES SÃO SUJEITOS POLÍTICOS DENTRO DO MOVIMENTO, MAS CONTINUAMOS COM A QUESTÃO DE GÊNERO — E O AVANÇO DE LEVAR PARA O CONJUNTO DO MOVIMENTO. INCLUSIVE LEVANDO TEMAS NEGADOS, COMO O DO CASAMENTO. E A GENTE DISCUTIU QUE O CASAMENTO É UM DOS SUSTENTÁCULOS DO CAPITALISMO. A GENTE ENTENDE O FEMINISMO COMO PRÁTICA FEMINISTA, QUE É MUDAR O COTIDIANO. NÃO É POSSÍVEL DISCUTIR SAÚDE E GÊNERO SEM PASSAR PELA CATEGORIA DO SEXISMO — ASSIM COMO NÃO SE PODE DEIXAR DE PENSAR NUM PADRÃO EM QUE ESTÃO AS RELIGIÕES (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

¹⁰ O termo “sujeita política” não encerra uma ausência de compreensão quanto à flexão de gênero mas, antes, um posicionamento adotado por algumas feministas quanto à afirmação das mulheres como devendo ganhar espaço no lugar não só no campo do político, do social, mas também no âmbito linguístico.

Algumas questões importantes desta narrativa: é compreender a mulher como ser político — e, em especial, as mulheres camponesas do Movimento Sem Terra, que vêm quebrando paradigmas do capitalismo e do patriarcado. Este reconhecimento de que as mulheres são *sujeitas*¹⁰ políticas nos movimentos populares e de que sua constituição vem do processo organizativo de coletivos de mulheres vem provocando a compreensão de que esse/a sujeito/a social pode/deve mover as estruturas de uma sociedade, buscando a equidade de gênero com justiça social. O feminismo das mulheres trabalhadoras rurais nos leva à urgência de pensar/viver o feminismo, não somente como conceito, mas como vida e possibilidade concreta de transformação das realidades.

Lourdes nos provocou, ainda, a olhar as questões de Gênero e Saúde, considerando as desigualdades históricas que atravessam a vida das mulheres e a discussão sobre as relações de trabalho, aprofundando o olhar sobre o trabalho produtivo e reprodutivo. Dialogar sobre Gênero e Saúde é expressar a construção de um processo emancipatório dessas mulheres, da autonomia e retomada de sua vida, corpo e trabalho — e em todas as dimensões, sejam elas econômicas, sociais, culturais ou produtivas. Ainda Lourdes:

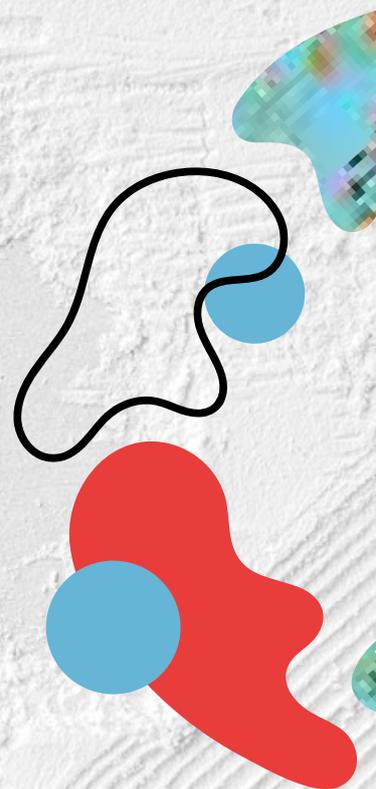
NÃO DÁ PRA DISCUTIR ESSE BINÔMIO SEM O TEMA DO TRABALHO, PORQUE ESSAS DIMENSÕES NÃO SÃO SEPARADAS DA VIDA DAS MULHERES [...]. A GENTE PENSA O TRABALHO COM O AVANÇO DO CAPITALISMO SOBRE A EXPLORAÇÃO DOS SERES HUMANOS. É TIPO UMA CONTRADIÇÃO: ASSIM COMO LUTAMOS PELA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA, A GENTE SABE QUE O CAPITALISMO TEM UM LUGAR PRA NÓS, QUE É O DA PRECARIIDADE DO TRABALHO. SÃO CONTRADIÇÕES QUE A GENTE VAI ENFRENTANDO. DENTRO DA CATEGORIA DO TRABALHO, HÁ ELEMENTOS A APROFUNDAR — TRABALHO PRODUTIVO E TRABALHO REPRODUTIVO, É IMPORTANTE QUE A GENTE APROFUNDE! PORQUE HÁ A DIVISÃO E HIERARQUIZAÇÃO DO QUE SEJA TRABALHO DE HOMEM E DE MULHER. ALÉM DISSO, HÁ UMA FRASE DO MARX — E OUTRA DE ANTUNES — EM QUE O TRABALHO NÃO É MAIS TRABALHO, COMO INTERAÇÃO, MAS O EMPREGO (ORIENTADO PELO LUCRO). É O MODELO DE DESENVOLVIMENTO QUE AFASTA A GENTE DA RELAÇÃO SAUDÁVEL COM O TRABALHO (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

Tendo como referência as exposições apresentadas por Lourdes Vicente, no diálogo realizado no *tempo-escola*, pudemos refletir também sobre as desigualdades do trabalho da mulher considerando as diversas opressões vivenciadas pelas mulheres, na sua condição de classe, raça, etnia e sexismo. No que concerne à divisão social do trabalho, a ativista e pesquisadora nos lembrou, em diálogo com Kergoat (2009), que existe uma separação sexista e uma hierarquia valorizando o ponto de vista social e econômico quanto ao trabalho do homem em relação ao trabalho realizado por mulheres. Para quebrar com o patriarcado, tornam-se necessárias condições de vida e trabalho mais justa entre homens e mulheres, em que a saúde e trabalho estão implicados nesse contexto.

Por outro lado, um debate sobre a divisão do trabalho — e não somente o produtivo, mas especialmente do trabalho doméstico — vem ganhando espaço nos movimentos de mulheres agroecológicas, populares e sociais, a partir da sobrecarga de trabalho envolvida na vida e saúde das mulheres do campo e da cidade. É comum escutarmos das trabalhadoras rurais que são elas as primeiras a levantar-se e as últimas a descansar, tornando corriqueira a exploração do trabalho das mulheres dentro de casa e no processo de produção em seus quintais e roçados.

Para estas mulheres também recai a “responsabilidade” de reproduzir, cuidar e educar filhos/as, dos cuidados com a saúde da família e dos enfermos, além de realizar todo o trabalho doméstico, trabalhar “fora” ou nos roçados e contribuindo economicamente com a renda familiar, dentre outras funções. Este acúmulo de tarefas realizadas, tanto pelas mulheres do campo como pelas mulheres da cidade, impactam a saúde e vida destas, resultando em adoecimento e exploração que o patriarcado não se cansa de sustentar, pois ele é exatamente o que sustenta o sistema de exploração do trabalho feminino.

O sistema capitalista-patriarcal-racista sustentado pelas violações dos direitos das mulheres — uma vez que parte significativa do trabalho que realizam, em espe-



cial os cuidados domésticos não são reconhecidos socialmente como *trabalho* e, sim, como “obrigação” deste gênero, não havendo renumeração ou divisão dessas funções — configura-se, assim, pela precarização do trabalho da mulher. Lança-se, pois, a questão: *interessa a quem a manutenção das relações de opressão e dominação da vida das mulheres?* O patriarcado reforça a inferiorização da força do trabalho das mulheres, revelando-nos as desigualdades sofridas.

Sobre isso, Lourdes Vicente nos provoca:

COMO A GENTE PENSA A SAÚDE, A PARTIR DAS DESIGUALDADES, E OS PROCESSOS DE ADOECIMENTO? PORQUE DEMOROU MUITO PRA DISTINGUIR O QUE É SAÚDE E O QUE SÃO PROCESSOS DE ADOECIMENTO, QUE NOS VULNERABILIZAM. NO MST TEMOS UMA FORMULAÇÃO DO QUE SEJA SAÚDE POPULAR. HÁ UM SETOR QUE TRABALHA COM A QUESTÃO DE GÊNERO. “SAÚDE É SER CAPAZ DE LUTAR CONTRA TUDO QUE NOS OPRI-ME”. NÓS FIZEMOS UM ESTUDO QUE PERMITIU FAZER A JUNÇÃO ENTRE SAÚDE E GÊNERO. QUANDO EU CHEGUEI NO [NÚCLEO] TRAMAS, HAVIA UM ESTUDO SOBRE MAIS DE 500 TRABALHADORES — E EU PERGUNTEI: CADÊ AS MULHERES? ELAS SÃO MULHERES CAMPONESAS QUE PERDERAM A RELAÇÃO COM A AGRICULTURA. A QUESTÃO DE SAÚDE E GÊNERO PERMITE A ELAS ESTRANHAREM AS MUDANÇAS NO SEU TERRITÓRIO. O ZÉ MARIA ERA UMA GRANDE LIDERANÇA AMBIENTALISTA, MAS FORAM AS MULHERES AS PRIMEIRAS QUE SENTIRAM AS MUDANÇAS. ISSO FOI MUITO LEGAL NA MINHA PESQUISA. ELAS QUE DISSERAM: A GENTE PERCEBEU QUE TINHA COISA ERRADA PORQUE TODAS AS CRIANÇAS FICARAM DOENTES DE PELE. AÍ ELAS DESCONFIARAM DA ÁGUA. E FIZERAM O TESTE E COMPROVARAM. DAÍ PESQUISARAM E DESCOBRIRAM QUE UM SENHOR TINHA IDO LAVAR O TRATOR E “POR ACIDENTE” DERRAMOU O AGROTÓXICO NO CANAL — E CONTAMINOU A ÁGUA. AS MULHERES DISSERAM PRA GENTE: QUERO SABER QUANDO VOU FAZER O MINGAU DO MEU MENINO E A ÁGUA NÃO SER CONTAMINADA. A GENTE FOI DENTRO DA FÁBRICA DO MELÃO E DA BANANA. TEM UM VÍDEO QUE DIZ ISSO. AS MULHERES FICAM EM PÉ O DIA INTEIRO, CORTANDO OS CACHOS DE BANANA — E VOCÊS VÃO VER OS MILHARES DE CACHO QUE ELAS CORTAVAM POR DIA. TEM O DEPOIMENTO DE UMA MULHER DE 28 ANOS QUE FOI INUTILIZADA: “A GENTE TRABALHA PRA COMER E COME PRA MORRER” [FALA DA TRABALHADORA]. 6 A 7 MIL CACHOS POR DIA! VOCÊS PENSEM NESSE MOVIMENTO DE 6 DA MANHÃ À MEIA NOITE, ÀS VEZES, PORQUE ELES NÃO TÊM A OPÇÃO DE DIZER QUE NÃO QUEREM FAZER HORA EXTRA. AQUI TODOS OS IMPACTOS DO MODELO DE PRODUÇÃO. A PERDA DO GOSTO. O MEDO DA CONTAMINAÇÃO. É A DESIGUALDADE DE ACESSO À ÁGUA (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

Ao promover diálogos sobre Gênero e Saúde, abriu-se um campo fértil para refletir

sobre as formas e relações sociais de trabalho das mulheres do campo e da cidade. No *tempo-escola*, aprendemos que as mulheres do campo vêm sendo protagonistas nas mobilizações e denúncias dos impactos negativos que os megaempreendimentos que chegam em seus territórios, sobretudo o agronegócio, trazem enquanto uma produção baseada em práticas ofensivas ao meio ambiente, com o uso indiscriminado de agrotóxicos, e que adoecem tanto quem produz os alimentos como quem os consome.

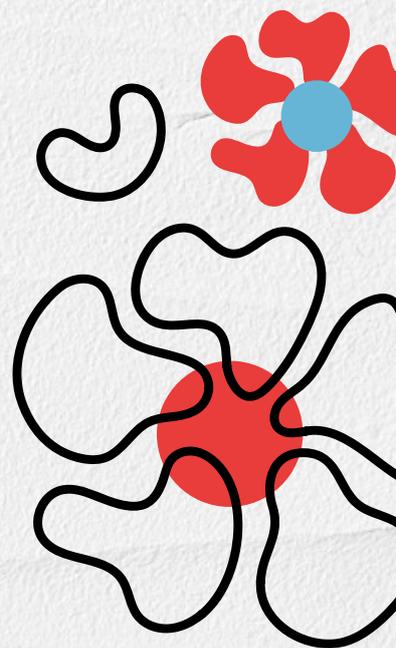
A Agroecologia torna-se um caminho viável para estas mulheres produtoras rurais, possibilitando e promovendo, assim, uma vida mais saudável. Estas mulheres compreendem que para ter saúde torna-se necessário ter um ambiente que não esteja adoecido, que seus territórios estejam saudáveis. Portanto, lutam pelo seu território, bem como por modos de produções e práticas mais sustentáveis.

Nas problematizações coletivas, o *tempo-escola* possibilitou considerar que discutir saúde não é somente falar de adoecimentos físicos, mas de tudo que se relaciona com a vida das mulheres em seus territórios, seus modos de vidas, as criações de novos mundos, coletividade, produtividade, reprodução, suas ancestralidades, dentre outras possibilidades — e que estas vão se correlacionando para a construção de uma sociedade solidária, amorosa e saudável, pautada no *Bem Viver*.

Desse modo, acredita-se que olhar para as complexidades dos processos que envolvem Saúde e Gênero é olhar para todas as existências e seus territórios.

Ainda referenciando-nos na fala de Lourdes Vicente, refletimos sobre a importância dos movimentos de mulheres e seus coletivos, que têm anunciado potencialidades das mulheres nos territórios e denunciado opressões vivenciadas. A educadora nos lembra da urgência e necessidade de reconhecer o feminismo como oportunidade de diálogo e produção de ações transformadoras, para construção de outros mundos possíveis, nos quais possam se incluir também os direitos da natureza. Em suas palavras:

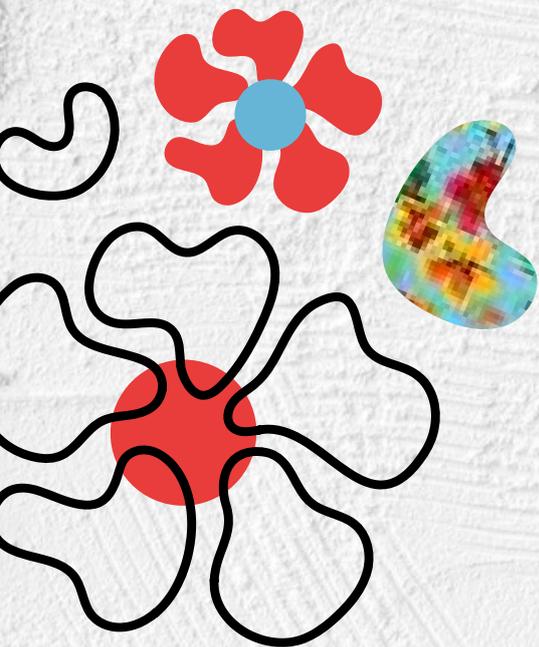
“AQUI NA CHAPADA OS DIREITOS DA NATUREZA ESTÃO SENDO NEGADOS”. AS MULHERES LÁ DA CHAPADA DO APODI DISSERAM ISSO, QUE TEM TUDO A VER COM A DISCUSSÃO DO *BEM VIVER*. UMA DELAS FEZ UMA SÍNTESE MUITO LEGAL: *PRIMEIRO VOCÊ TEM O TRABALHO, ADOECE, COMPRA O REMÉDIO, DEPOIS VIRA INÚTIL*. AQUI OUTRO TRABALHO ALTAMENTE DEGRADANTE. ELES BOTAM AS MANTAS, PLANTAM AS SEMENTES, O MELÃO ENRAMA E TEM UM OUTRO TECIDO PRA ACUMULAR O VENENO — E QUEM FAZ O TRATAMENTO DESSAS MANTAS SÃO MULHERES, QUE REICLAM E VIRAM SACOLAS PRETAS QUE VÃO PARA O SUPERMERCADO. ESSAS EMPRESAS TRABALHAM 24 HORAS! UM OUTRO TIPO DE TRABALHO INVISÍVEL DAS MULHERES É O DA LAVAGEM DAS ROUPAS CONTAMINADAS POR AGROTÓXICOS. POR LEI, A EMPRESA DEVERIA TER COMO LAVAR AS ROUPAS CONTAMINADAS. ELAS LAVAVAM A ROUPA TODA MISTURADA. E OUTRO TRABALHO É O DA PREPARAÇÃO DA MARMITA: ELA ACORDA ÀS 4H DA MANHÃ E PREPARA A COMIDA, QUANDO A EMPRESA DEVERIA



TER REFEITÓRIO. NAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, ELES FALAM MUITO DA PERDA DA IDENTIDADE SOCIAL. É DE MELHORES CONDIÇÕES DE TRABALHO. GÊNERO, SAÚDE E AGROECOLOGIA SÓ SÃO POSSÍVEIS COM AS SEMENTES COMO PATRIMÔNIO DOS POVOS A SERVIÇO DA HUMANIDADE, COM REFORMA AGRÁRIA, COM ACESSO À TERRA — SÃO GRANDES CAMPANHAS! A TERRA E OS DEMAIS BENS DA NATUREZA TÊM QUE ESTAR NA MÃO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS! NÃO TEM COMO TER SAÚDE SEM DISCUTIR COOPERAÇÃO, COSMOVISÃO. É CADA VEZ MAIS NECESSÁRIA A ALIANÇA CAMPONESA E AMBIENTAL: DO TERRITÓRIO, DO *BEM VIVER!* NÃO TEM COMO TER SAÚDE SEM VALORIZAR AS PESSOAS E SEUS SABERES! O DEBATE DA SOBERANIA POPULAR PASSA POR ESSA LÓGICA. É DE COMO A GENTE MUDA OS PADRÕES DE PRODUÇÃO E CONSUMO, NO MUNDO TODO! COM ESSAS TEMÁTICAS QUE QUERIA TRAZER ESSE DEBATE, COM ESSAS MULHERES, COM O MST — E QUE PRA TER SAÚDE, TEMOS QUE LUTAR POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019)!

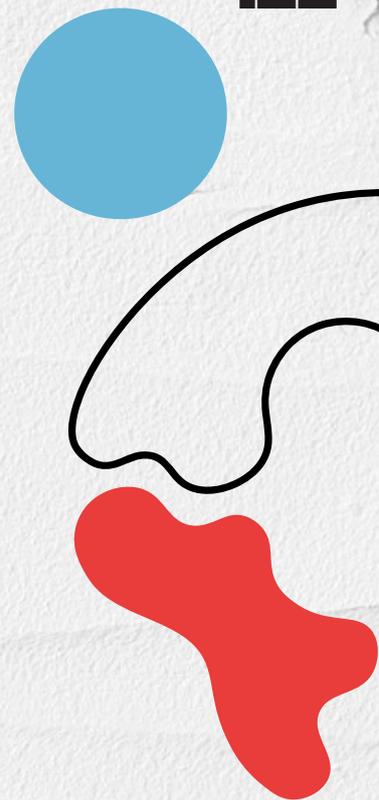
Percebe-se que na reflexão sobre construir outros mundos possíveis partindo da ótica Gênero e Saúde cabe a reflexão sobre o *Bem Viver*, que agrega um conjunto de elementos tais como: soberania e segurança alimentar, padrões de consumo, cosmovisões, saberes populares, agroecologia, autonomia, relações com a natureza, dentre muitas, muitas outras. Assim, acredita-se que o protagonismo da mulher também está em todo o ciclo produtivo: nos cuidados com a terra, a colheita, a comercialização — e gerando renda familiar, bem como está na autonomia dessas mulheres em diálogo com seus territórios. Desse modo, trazemos para complementar esse diálogo, a fala de Vivian Camacho Hinojosa:

DENTRO DEL PARADIGMA DEL *BUEN VIVIR* SE ENTIENDE QUE “LA TIERRA NO ES NUESTRA, NO NOS PERTENECE, NOSOTROS PERTENECEMOS A LA TIERRA, ELLA ES MADRE TIERRA, PACHAMAMA”, POR LO TANTO ES URGENTE CONSIDERAR LA SALUD DE LA MADRE TIERRA ANTE LA AMENAZA CADA VEZ MÁS GRAVE A CAUSA DE LA CONVERGENCIA ENTRE EL CAMBIO CLIMÁTICO, LA CRISIS ENERGÉTICA Y FINANCIERA, CRISIS DE AGUA Y PRODUCCIÓN DE ALIMENTOS ETC. [...] EL PARADIGMA EMERGENTE DEL SUMAQ KAWSAY DESDE LA SABIDURÍA ANCESTRAL DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS, QUE NOS GUÍA HACIA UNA TRANSFORMACIÓN CIVILIZATORIA PARA LA HUMANIDAD, SUPERANDO LA MERCANTILIZACIÓN CAPITALISTA DE LA VIDA Y DE LOS SERES HUMANOS QUE SON TRATADOS INDIGNAMENTE COMO RESIDUOS O COMO MERCANCÍA; PROPONEMOS EL *VIVIR BIEN* COMO HORIZONTE PARA EL AMANECER DE NUESTROS PUEBLOS LEJOS DE LA NOCHE NEOLIBERAL; DONDE EL RESPETO A LA PACHAMAMA, A LA ESPIRITUALIDAD ANCESTRAL PROPIA DE CADA PUEBLO, JUNTO A LA JUSTICIA SOCIAL DONDE TODOS VAYAMOS JUNTOS Y NADIE SE QUEDE ATRÁS, SEA POSIBLE; QUE NADIE MUERA DE HAMBRE, DE SED O POR VIOLENCIA,



SINO QUE TENGAMOS LA ABUNDANCIA DISTRIBUIDA JUSTA Y DIGNAMENTE PARA LAS COMUNIDADES HUMANAS EN EQUILIBRIO CON LA PACHAMAMA (HINOJOSA, 2020, P. 232-233).

123



Acosta (2016) alerta que o *Bem Viver* se sustenta em uma convivência harmoniosa entre ambiente/território e humanidade/pessoas — e rompe com as estruturas capitalistas-racistas-coloniais e do patriarcado, nas dimensões culturais, sociais, políticas e econômicas. As discussões vividas no *Curso* nos ajudaram a perceber que esse debate vem sendo proposto no contexto dos movimentos e lutas das mulheres do campo.

As mulheres que cultivam igualdade, saúde e agroecologia destacam-se nos processos mobilizadores de resistências e existências, ocupam espaços que anteriormente eram privadas de existir, por conta do patriarcado que restringia seus direitos. Esse patriarcado que, mesmo ainda existindo, vem sendo dizimado por essas mulheres que lutam, ocupam, mobilizam-se em espaços de incidência política e contra as desigualdades de gênero.

Ainda com âncora na fala anterior de Lourdes Vicente e no conjunto de questões problematizadoras que nos trouxe, fomos incentivados a olhar para os territórios onde construímos nossas práticas — e buscou-se identificar as potencialidades e o que ameaçava a vida das mulheres. Recorremos às suas memórias, às dores (sofrimentos), aos modos de vida e de trabalho, a seus saberes vivos e latentes e às suas espiritualidades — assim, observou-se que valorizar esses saberes é um ponto de partida para uma educação emancipatória e crítica.

Em *Pedagogia da Esperança*, Freire (2011) reafirma essa importância — e lembra que partir desses saberes não significa permanecer neles, mas problematizá-los e encontrar as possíveis contradições que possibilitam a criticidade.

Outro ponto interessante a ser ressaltado foi quando a educadora Magnólia Said trouxe para as discussões a necessidade de articular homens e mulheres em um debate sobre o feminismo, para se construir *pontes* para alcançar as transformações sociais:

A GENTE PODE, SEM PROBLEMAS, DISCUTIR COM OS HOMENS E AS MULHERES. NA CAMPANHA VOCÊ DESCONSTRÓI ISSO, PORQUE ELES COMEÇAM A VER QUE AQUILO TEM A VER COM ELES. FOI-SE O TEMPO QUE A GENTE TEM QUE FICAR SÓ ENTRE NÓS — CLARO QUE A GENTE TEVE QUE RECUPERAR O LUGAR DE ÚLTIMA CLASSE, MAS CHEGA UM MOMENTO EM QUE OU SE DISCUTE COM OS HOMENS, OU ELES VÃO FICAR SE ACHANDO A ÚLTIMA RAPADURA DO DESERTO (SAID APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

Outro aspecto fundamental das discussões travadas sobre essa temática diz respeito às violências produzidas contra as mulheres camponesas: quando um empreendimento de grandes empresas agrícolas chega nos territórios, chegam com ele as violações de direitos, os abusos sexuais, a prostituição e todo tipo de violação, destacando-se ainda a precariedade e o projeto de “morte” com uso de agrotóxicos, implicando na saúde das mulheres do campo, nos processos agrícolas que desma-

tam, que usam fertilizantes — e que são sistemas sustentados pelo patriarcado e colonialismo, ou seja, modos de produção que adoecem. Lourdes nos revela:



PRA SE TER IDEIA, NA ÉPOCA DA COLHEITA DO MELÃO, CHEGAM 2.000 HOMENS PARA COLHEITA, QUE DURA 6 MESES. E A PROSTITUIÇÃO É UM FATO! A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA É ESPANTOSA! CHAMEI DE: “OS FILHOS ESQUECIDOS DO AGRONEGÓCIO”. PRA ENCERRAR, DIGO QUE PENSAR GÊNERO E SAÚDE É PENSAR A PRODUÇÃO DO VIVER: AUTONOMIA ECONÔMICA NÃO HÁ SAÚDE SE NÃO SE SOCIALIZA O TRABALHO DOMÉSTICO, NÃO TEM COMO PENSAR SAÚDE SEM PENSAR COMBATE AOS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA (NÓ CRÍTICO PRA NÓS: NÃO TEM SAÚDE COM VIOLÊNCIA); NÃO TEM COMO PENSAR SAÚDE SEM POLÍTICAS PÚBLICAS — OS DESAFIOS SE AMPLIAM; E LUTAR CONTRA TODAS AS FORMAS DE OPRESSÃO E DISCRIMINAÇÃO. TEMOS QUE LUTAR CONTRA O CAPITAL E CONTRA NÓS MESMOS — A LUTA INTERNA, DOS VALORES, DAQUILO QUE NÓS DEFENDEMOS. SÓ É POSSÍVEL A PRODUÇÃO DA VIDA NOSSA COM ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO PERMANENTE — NOSSA CONSCIÊNCIA NÃO É LINEAR, TEM HORA QUE A GENTE AVANÇA E TEM HORA QUE A GENTE REGRIDE! A DISCUSSÃO DAS NOVAS RELAÇÕES SOCIAIS — DEBATE NA AGROECOLOGIA. AS MESMAS MÃOS QUE SÃO SAGRADAS, QUE PLANTAM E COLHEM E ALIMENTAM A NAÇÃO, NÃO PODEM SER AS QUE BATEM NA MULHER DE NOITE! COMO MALTRATO, COMO MULHER, OUTRA MULHER DO MEU LADO? UM GRANDE PROBLEMA É O DA DESCRIMINALIZAÇÃO DO ABORTO — A RELIGIÃO PESA MUITO NO CAMPO! DA CULPA, DE EU ME SENTIR CULPADA. A GENTE PRECISA FAZER ISSO, É UM GRANDE DESAFIO ESSA DISCUSSÃO (VICENTE APUD FIOCRUZ-CE, 2019)!

Outras dimensões apontadas sobre as relações de gênero, dizem respeito à perspectiva de classe, raça e etnia que estão imbricadas no contexto social, cultural, econômico, político e histórico. Sobre isso, Magnólia Said alerta:

SOU ADVOGADA, EDUCADORA FEMINISTA E TRABALHO COM MULHERES RURAIS DESDE 1989 NO TEMA DE GÊNERO, FEMINISTA — E DESDE 2013 VENHO TRABALHANDO COM POVOS INDÍGENAS, E DESDE 2015 COM MULHERES INDÍGENAS. O ESPLAR COMEÇOU COMO UM ESCRITÓRIO DE ACESSORIA — DEPOIS FICAMOS COMO ONG, VAMOS FAZER 45 ANOS. TEM DUAS COISAS QUE QUERO COLOCAR PRA GENTE, QUE É: A GENTE PERCEBER QUE AS QUESTÕES RELACIONADAS A GÊNERO NÃO PODEM ESTAR NUMA CAIXINHA, PORQUE NÃO SÃO CAIXINHAS — PORQUE É UMA CATEGORIA DE ANÁLISE! A GENTE NÃO PODE PENSAR O DESENVOLVIMENTO DO LOCAL SEM PENSAR NISSO! E OUTRA COISA É QUE NÃO SE PODE DISCUTIR GÊNERO SEM DISCUTIR AS OUTRAS CATEGORIAS, QUE SÃO O PATRIARCADO E O RACISMO. EM QUALQUER CAMPO DO DESENVOLVIMENTO, RAÇA, CLASSE E ETNIA JUNTO COM GÊNERO ESTÃO CO-

LOCADAS. A GENTE COMEÇA A PERCEBER QUE ESSAS QUESTÕES QUE A GENTE VEM DISCUTINDO HISTORICAMENTE, SE A GENTE NÃO SE REVER, A GENTE MORRE NA PRÁTICA. PORQUE AS ELITES ESTÃO SE REVENDO — A FORMA COMO OPERAVAM, ESTÃO OPERANDO MUDANÇAS NÃO SÓ NA MATERIALIDADE, MAS NO CAMPO DA IDEOLOGIA, DOS SABERES, DA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO (SAID APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

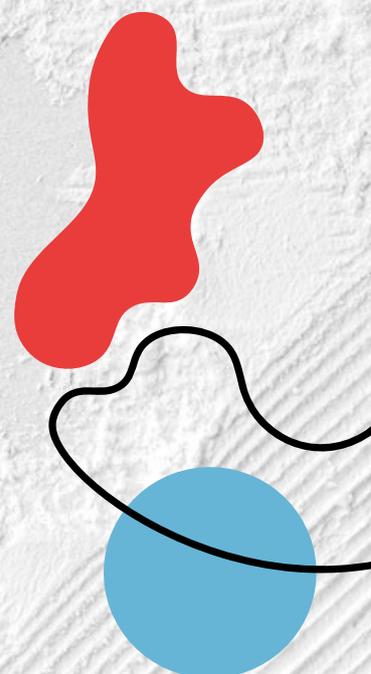
Jalil (2013) fala de gênero como categoria de análise da vida social, auxiliando na compreensão das diversas opressões e discriminações presentes na vida das mulheres e chamando atenção para a necessidade de reconhecer as desigualdades e desnaturalizar discursos, práticas, linguagens relativas ao trabalho, ao espaço doméstico, público e privado.

Na contemporaneidade vem se falando do corpo como território, corpo/gênero, e suas imbricações nas relações de gênero e saúde. Judith Butler procura desfazer concepções da normatividade, sobretudo ao nível da sexualidade e do gênero. Ela problematiza que as normas são aquilo que orientam os sujeitos e os guiam na interação com o outro, mas também a forma pela qual o sujeito é reconhecido como humano, codificando nesse processo complexas operações de poder.

Desse modo, ancorando-se na citação de Simone de Beauvoir (1970, p. 285) — “não se nasce mulher: torna-se uma” —, propõe-se desfazer a norma, para desfazer o conceito de gênero, e considerar as relações de gênero a partir do desejo e das identidades. Butler (2002) acredita que o “tornar-se” é o veículo de transformação e de construção para o gênero. Para a autora, fazer-se justiça ao próprio sujeito é percebê-lo como humano antes do seu gênero e vê-lo para além da sua sexualidade, da sua genitália.

A discussão envolvendo gênero e feminismo que se constituiu nesta experiência, em diálogo com a Educação Popular em saúde, nos aproximou do que Claudia Kroll nomeia de feminismo popular. A autora, em seus escritos que nascem de experiências no contexto de movimentos populares latino-americanos, referenda uma perspectiva feminista que nasce das lutas cotidianas e comunitárias, camponesas, que se fazem resistência e rebeldia na proposição de enfrentar a violência do capitalismo colonial e patriarcal. Em suas palavras:

LOS FEMINISMOS POPULARES MARCHAN MUCHAS VECES EN LA MISMA DIRECCIÓN QUE OTRAS CORRIENTES DEL FEMINISMO, NACIDAS Y CRECIDAS EN DISTINTAS GEOGRAFÍAS. EL DIÁLOGO NO JERÁRQUICO ES PARTE DE LA PROPUESTA FEMINISTA. POR ESO, AL RELACIONARNOS CON OTRAS CORRIENTES, ESPERAMOS QUE NUESTRAS EXPERIENCIAS SE ENRIQUEZCAN EN EL INTER-CAMBIO, Y AL MISMO TIEMPO PUEDAN APORTAR A ELLAS. NUESTRO FEMINISMO NO RECONOCE LAS FRONTERAS COLONIALES QUE SEPARAN A NUESTROS PUEBLOS NI A NUESTROS CUERPOS. IDENTIFICAR EL TERRITORIO EN EL QUE CRECEMOS COMO COLECTIVAS REBELDES NO IMPLICA DESCONOCER LOS MUCHOS ESFUERZOS POR CAMBIAR AL MUNDO QUE NACEN EN OTROS ESPACIOS Y TERRITORIOS. ES SIMPLEMENTE



SABERNOS ATRAVESADAS POR ESTA GEOGRAFÍA EN LA QUE PENSAMOS Y ACTUAMOS, POR SU HISTORIA, POR LAS HUELLAS CON LAS QUE NOS ENCONTRAMOS, POR LAS HERIDAS, LAS ESPERANZAS, LOS MODOS DE ORGANIZARNOS, Y LAS MUCHAS POSIBILIDADES DE CREACIÓN QUE INVENTAMOS (KOROL; CASTRO, 2016, P. 160).

As ideias de Korol, nos ajudam a ancorar saberes e acúmulos dos movimentos populares de mulheres camponesas, indígenas e quilombolas, que vêm denunciando ameaças e anunciando potências criadoras de vida. Aqui lembramos um movimento presente em territórios que o *Curso* envolveu: o Movimento de Mulheres em Defesa da Agroecologia que vem trazendo luzes sobre o processo de produção agroecológica como uma estratégia viável de construção do *Bem Viver*. Este tem incorporado, além das dimensões econômicas e sociais, a dimensão do sagrado, dos cuidados com a natureza e as cosmovisões tradicionais.

Por fim, seguimos nos inquietando sobre a necessidade de seguir discutindo essas relações em espaços diversos e considerando a potência desta experiência ao incluir em sua base curricular, de modo articulado com a Educação Popular e a promoção da equidade em saúde, o debate de gênero, saúde e agroecologia. Nessa perspectiva o *Curso* também oportunizou a problematização da temática gênero com as transexualidades, sempre em diálogo com a Educação Popular.

5.2 GÊNERO, TRANSEXUALIDADE E SAÚDE

Para compreender as questões de gênero, transexualidade e saúde, no *tempo-escola* do *Curso* tivemos a contribuição de Kaio Lemos (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab), que possibilitou um diálogo horizontal, verossímil e plural, a partir de sua experiência, mobilizações e aprofundamentos sobre o tema em questão. A narrativa de Lemos, homem trans, articulou questões delineadas de forma simples de forma profunda, a partir das complexidades deste tópico, e nos provocou a pensar nas iniquidades de gênero e na importância que tem a política de saúde integral das populações LGBTQIAP+:

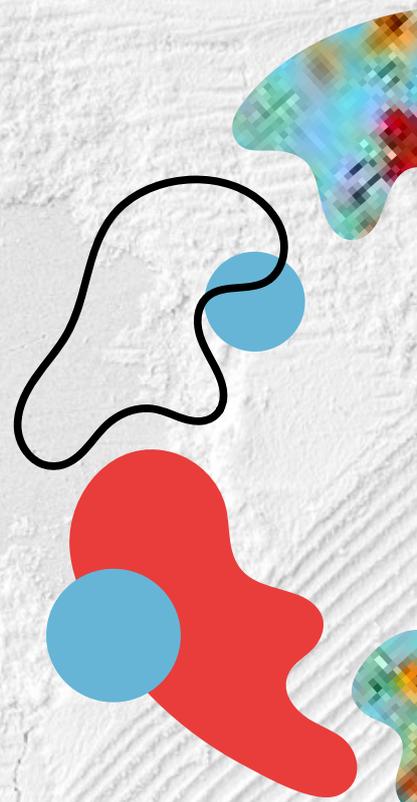
NOSSO PAÍS NÃO NOS TRAZ GARANTIAS DE SEGURANÇA. E QUANDO ESSA MULHER É NEGRA OU TRANS, QUANDO ELA VIVENCIA ESSAS OUTRAS REALIDADES? SOU HOMEM TRANS. COMO UMA PESSOA TRANS, COMO TRANSGÊNERO, SOU PRESIDENTE DA SOCIEDADE TRANS DO CEARÁ. GERENCIEI O PRIMEIRO ABRIGO TRANS DO BRASIL. ANO PASSADO... [RI] — DEI RISADA PORQUE ESTAMOS NO PAÍS QUE MAIS MATA PESSOAS TRANS. É UMA OUSADIA CRIAR UM ABRIGO PARA PESSOAS TRANS! A GENTE VIVER NO CEARÁ, FAMOSO PELA MORTE DA DANDARA, E CRIARMOS UM ABRIGO TRANS, SEM RECURSOS PÚBLICOS E TOTALMENTE VOLTADO PARA O ATO DA SOLIDARIEDADE. ESSE ABRIGO CHEGOU A ACOLHER 21 PESSOAS TRANS. INFELIZMENTE O ABRIGO FOI DESATIVADO ANO PASSADO, PORQUE VIVER DE DOAÇÕES NÃO É FÁCIL. O ABRIGO TINHA O OBJETIVO DE AMPARAR PESSOAS POR QUESTÕES QUE NÃO ERAM

SÓ FINANCEIRAS NEM SÓ FAMILIARES, MAS INCLUSIVE A SOLIDÃO — QUE A SOLIDÃO É UM FATO QUE CAUSA O SUICÍDIO NO NOSSO PAÍS. MAS O QUE MAIS ME CHAMOU ATENÇÃO É QUE ELA TROUXE UM LEQUE GRANDE, DIVERSO, PRA ENTENDER AS MULHERES DO CAMPO. ELA TROUXE O PROCESSO DE INTERSETORIALIDADE, COM DIVERSOS EIXOS QUE PERSEGUEM ESSAS MULHERES. QUERO TRAZER ISSO DA SAÚDE DOS CORPOS TRANS (LEMOS APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

A compreensão de corpos trans, em transição, e das subversões das normas por eles expostas, nos faz retomar as construções das reflexões que ainda não foram superadas, e das fragilidades da produção do conhecimento que se tem de vidas trans. Lemos nos ensina, referido por Beauvoir (1970) e por Maia (2019):

AO FALAR DISSO, ESTAMOS FALANDO DE DIVERSAS TRANSIÇÕES — É IMPORTANTE ENTENDER O CORPO TRANS, PRA ENTENDER SAÚDE E AS VULNERABILIDADES. O CORPO TRANS ESTÁ CONSTANTEMENTE EM PROCESSO, DE CONSTRUÇÃO E DE DESCONSTRUÇÃO — A MEDICINA, A SOCIEDADE PRECISAM ENTENDER ISSO, OS POSTOS DE SAÚDE. RECENTEMENTE FOI FEITA UMA CARTILHA (VOU DEIXAR AQUI) SOBRE A SAÚDE DOS HOMENS TRANS — MAS FOI PRO MINISTÉRIO DA SAÚDE, QUE REPROVOU A CARTILHA. ESSA CARTILHA FALA SOBRE HOMENS TRANS, REPRODUÇÃO, O AFETO, DOENÇAS — E O MINISTÉRIO DA SAÚDE TIROU DO AR. ESSE ANO A CARTILHA VOLTOU, MAS SEM AS IMAGENS — POR CONTA DELES ACHAREM “EXÓTICAS”. ENTÃO É PRECISO DESCONSTRUIR O QUE SABEMOS ACERCA DO CORPO FEMININO E MASCULINO, SENÃO NÃO TEM COMO TER SAÚDE TRANS. O CORPO TRANS VAI SUBVERTER AS NORMAS DE GÊNERO. E ESSE HOMEM E MULHER SÓ O SÃO PELA GENITÁLIA — ESSA VERDADE CAUSA PROBLEMAS NÃO SÓ À SAÚDE FÍSICA, MAS MENTAL. DESCONSTRUIR ESSES PROCESSOS CULTURAIS É DE SUBVERSÃO À ESSA NORMA IMPOSTA COMO VERDADEIRA, ABSOLUTA, QUE VEM DO PATRIARCADO, DO MACHISMO. É O MACHISMO QUE VAI DIZER O QUE É SER HOMEM OU MULHER DE VERDADE! O PRÓPRIO MACHISMO FAZ UM PROCESSO DE VIOLÊNCIA CONTRA OS HOMENS, AO DIZER QUAL É O “MAIS” OU “MENOS” HOMEM. AO SUBVERTER ESSA NORMA, NASCE A TRANSIÇÃO: AO ENTENDER QUE CORPO MULHER E HOMEM SÃO CONSTRUÇÕES, COMO VAMOS APRENDER COM A BEAUVOIR — A GENTE TORNA-SE MULHER, TORNA-SE HOMEM, NÃO SE “NASCE”. É AO FALAR DE TRANSIÇÃO, ESTAMOS FALANDO DE PROCESSOS TRANSITÓRIOS, QUE ESTÃO SUBVERTENDO ESSA NORMA. ESSES PROCESSOS VÃO CAUSAR MODIFICAÇÕES (LEMOS APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

A educadora Said também problematizou a estrutura binária e linear que vivemos, homem e mulher que, em seu dizer, têm a ver com a noção de corpo/território, ancestralidades e culturas, ou território/corpo e corpo/território, como nos relata:





[...] É PENSAR A RELAÇÃO CORPO/TERRITÓRIO. NÃO POSSO PENSAR NO TERRITÓRIO SEM PENSAR NO MEU CORPO, PORQUE ELE É TERRITÓRIO! É ASSIM COMO A GENTE QUER O TERRITÓRIO LIVRE, OS CORPOS DAS MULHERES TAMBÉM QUEREM QUE O SEU TERRITÓRIO NÃO SEJA INVADIDO. NISSO, APONTAR QUEM É O INIMIGO. A GENTE NÃO PODE SE ACOMODAR OU SE RESIGNAR COM O QUE O SISTEMA DE CAPITAL DIZ QUE A GENTE É — ELE DIZ QUE A GENTE É O MERCADO. JÁ EM 2008, O BANCO MUNDIAL DIZIA QUE O MERCADO SÃO AS MULHERES — E ISSO HOJE SE CONSOLIDA. [...] E LEMBREI DOS POVOS INDÍGENAS. PAJÉ BARBOSA É DA ETNIA PITAGUARY. EU CHAMEI A REUNIÃO DAS MULHERES E, DE REPENTE, ELE SENTA. ELE, A COISA MAIS FOFINHA. EU FIQUEI NA MINHA. AÍ ELE DISSE: EU QUERO PARTICIPAR DESSA REUNIÃO. ELE DISSE: *ESTOU À VONTADE, PORQUE SOU HOMEM E SOU MULHER! EU TRAGO NO MEU CORPO AS MULHERES E AS MULHERES ESTÃO ACIMA DA MINHA CABEÇA. AÍ EU FUI PESQUISAR: NAS TRIBOS NORTEAMERICANAS, NÃO EXISTIA ESSA DIFERENÇA. AS MULHERES ERAM MULHERES PORQUE TINHAM SENTIMENTO DE MULHERES E OS HOMENS PORQUE TINHAM SENTIMENTO DE HOMEM. NÃO ACHAVAM QUE NINGUÉM ERA SUPERIOR. E EU COMECEI A VER QUE ELES NÃO TÊM DISCRIMINALIZAÇÃO NO CAMPO DA HOMOSSEXUALIDADE. CONHEÇO TRANS, HOMOSSEXUAIS MULHERES, HOMENS. NÃO TEM CHACOTA, NADA DISSO — O QUE ME IMPRESSIONOU DEMAIS, PORQUE NO NOSSO MEIO NÃO É ASSIM. É OUTRA LÓGICA! A COISA DA ANCESTRALIDADE, DO CUIDADO — A GENTE TEM QUE APRENDER (SAID APUD FIOCRUZ-CE, 2019).*

Na constituição de 1988, a saúde é compreendida de forma ampla, em que o acesso das pessoas e coletividades aos bens e serviços públicos oferecidos pelas políticas sociais são universais. A saúde é uma conquista do povo brasileiro, representa o compromisso e a responsabilidade do Estado com o bem-estar da população (BRASIL, 1988, art. 194).

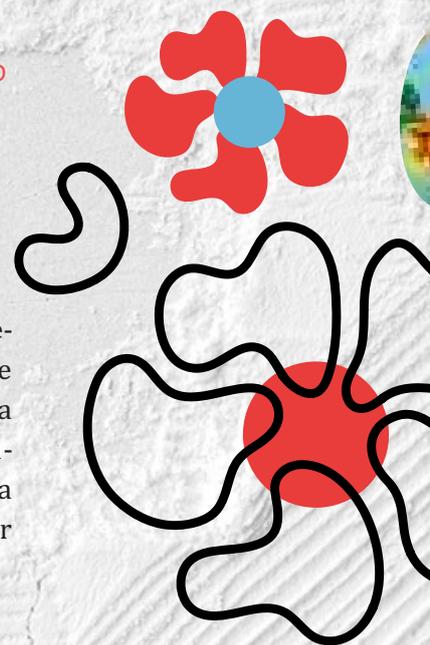
A POLÍTICA LGBT TEM COMO MARCA O RECONHECIMENTO DOS EFEITOS DA DISCRIMINAÇÃO E DA EXCLUSÃO NO PROCESSO DE SAÚDE-DOENÇA DA POPULAÇÃO LGBT. SUAS DIRETRIZES E SEUS OBJETIVOS ESTÃO, PORTANTO, VOLTADOS PARA MUDANÇAS NA DETERMINAÇÃO SOCIAL DA SAÚDE, COM VISTAS À REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES RELACIONADAS À SAÚDE DESTES GRUPOS SOCIAIS (BRASIL, 2013, P. 8).

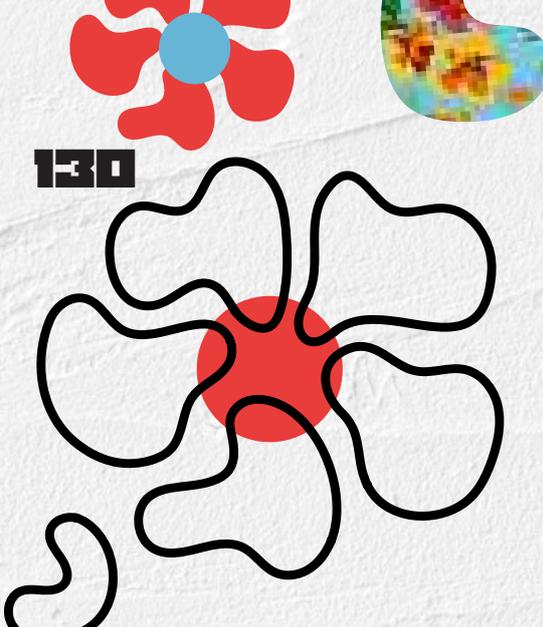
Lemos aprofundou essas reflexões e nos ajudou a perceber os desafios do SUS na implementação da política LGBTQIAP+:

PORQUE DAQUI A POUCO QUANDO FORMOS DISCUTIR SERVIÇOS GINECOLÓGICOS, VAMOS DIZER QUE SÃO PARA AS MULHERES. AÍ DE REPENTE TEM UM HOMEM NO MEIO DE 100 MULHERES — E ELE É CONVIDADO A

SAIR (DIGO ISSO FALANDO DOS POSTOS DE SAÚDE). TRANS É QUEM SAI DE UM CORPO PARA O OUTRO; AS SISGÊNEROS SÃO AS QUE NÃO MUDAM OS CORPOS. PRA FALAR DE SAÚDE TEMOS QUE ENTENDER ESSA SITUAÇÃO. A GENTE PRECISA ENTENDER ESSES PROCESSOS. OUTRO É O PROCESSO BINÁRIO: HOMEM/MULHER. QUEM SÃO ESSES HOMENS? QUEM SÃO ESSAS MULHERES? HOMENS E MULHERES SISGÊNEROS! A MATERNIDADE ESCOLA, POR EXEMPLO, ELA É PARA AS MULHERES. MAS E PARA OS HOMENS TRANS QUE ENGRAVIDAM? A PRÓPRIA QUESTÃO DO CÂNCER, QUE OS HOMENS TÊM, DE MAMA, MAS O MACHISMO NÃO DEIXA APARECER OS DADOS DE QUE ISSO É UM FATO. A MATERNIDADE CONCENTRA SERVIÇOS DIRECIONADOS ÀS MULHERES CIS — E DE REPENTE TEM UM CARA BARBUDO NA FILA. A SITUAÇÃO É MUITO INCONVENIENTE! A EQUIPE MÉDICA QUE FEZ MINHA CIRURGIA FOI ESTUDAR — MAS SEPAROU UMA ENFERMARIA SÓ PARA MIM! NO SUS QUE TEM CARÊNCIA!... TUDO ISSO FOI PENSADO NAQUELE TERRITÓRIO (MEAC – MATERNIDADE ESCOLA ASSIS CHATEAUBRIAND), PORQUE ELE NÃO FOI PENSADO PARA NÓS! E NO HOSPITAL, QUE ATENDE MULHERES, ELAS FICAVAM SE PERGUNTANDO SE ERA UM HOMEM MESMO! E A SITUAÇÃO DAS MULHERES TRANS É PIOR AINDA! NÓS SOMOS VIDAS TEIMOSAS, PORQUE PERSISTIMOS EM QUERER VIVER COM A VIDA QUE NÃO FOI FEITA PARA NÓS! ESSE MODELO NORMATIVO BINÁRIO, ELE É MAIS CONHECIDO COMO FÊMEA E MACHO. O MACHISMO É TÃO GRANDE QUE ENSINOU O QUE É FÊMEA E MACHO. E ISSO ESTÁ LIGADO AO BIOLÓGICO. FOI ENSINADO QUE FÊMEA TEM VAGINA E MACHO TEM PÊNIS. QUANDO NASCEMOS, JÁ SE VEM COM ESSA EXPRESSÃO: É FÊMEA! É MACHO! VOCÊS JÁ NASCERAM TODOS CIRURGIADOS, A VIDA DE VOCÊS JÁ FOI TODA TALHADA A PARTIR DA GENITÁLIA! VIVER NUMA SOCIEDADE QUE NÃO TE VÊ COMO SER TOTAL, MAS COMO UMA VAGINA, UM PÊNIS, É MUITO PESADO! VAMOS DESCONSTRUIR ISSO! VAMOS PARAR DE CRER QUE SER MULHER É TER VAGINA — E SER HOMEM É TER PÊNIS! CISHETERONORMATIVIDADE. CIS = O CONTRÁRIO DE TRANS. TRANSGÊNERO, EU E NETA [PRESENTE NA SALA]. VOCÊS SÃO CIS. HÉTERO ESTÁ RELACIONADO À HETEROSSEXUALIDADE = RELAÇÃO AFETIVO-SEXUAL ENTRE HOMENS E MULHERES, DIFERENTE DA HOMOSSEXUALIDADE ENTRE DOIS HOMENS E DUAS MULHERES (LE MOS APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

Aprendendo com as experiências trazidas para o *tempo-escola* do Curso, podemos inferir que as identidades são construções sociais, psicológicas, sociológicas e culturais — e que não há uma perspectiva binária de identidades de gênero. Essa compreensão aponta para a necessidade de produção de conhecimentos que considerem, incluam e visibilizem identidades de gênero, numa perspectiva não binária que permitam aos profissionais de saúde, de educação e de outros campos aceitar essas múltiplas escolhas.





SOU ESTUDANTE DE PEDAGOGIA E TRABALHO NO ESPLAR. NA SEXUALIDADE TEMOS 4 POSSIBILIDADES; FORA DISSO TEMOS OUTRAS MILHARES DE SEXUALIDADES SEGUNDO JUDITH BUTLER, ASSIM COMO BIGÊNERO, AGÊNERO ETC. ESTAMOS FALANDO DE VISÃO BINÁRIA. TEMOS DOIS SEXOS: PÊNIS E VAGINA, E TEM QUEM TEM OS DOIS. E SÃO PARTES QUE ÀS VEZES NÃO SE ARTICULAM. POSSO DIZER ENQUANTO MULHER TRANS, PORQUE SÓ POSSO FALAR POR MIM. O DEMSEXUAL VAI VER VOCÊ COMO SER HUMANO. TEM DEMSEXUAL QUE VAI SE RELACIONAR NO FINAL DA VIDA, PORQUE O LAÇO AFETIVO TEM QUE EXISTIR (NETA APUD FIOCRUZ-CE, 2019).

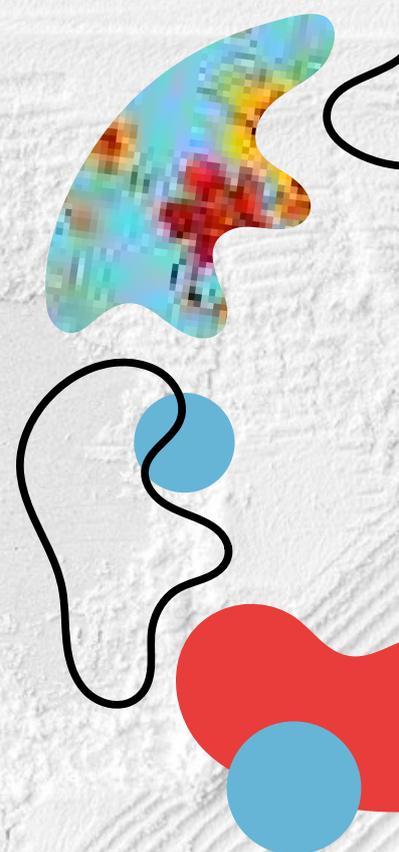
O relato de Neta nos remete à violência quanto à falta de compreensão e ao etiquetamento dos corpos nessa perspectiva binária, desconstruindo-os, e invisibilizando os corpos múltiplos que seguem em luta pelo reconhecimento dos corpos que carregam outras possibilidades de existir. As reflexões incluem também os elementos da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), construção das relações sociais a partir da ideia de raça e gênero, através da dominação colonial, eurocêntrico, e que permanecem nos corpos negros, indígenas e das mulheres:

ISSO QUE A NETA FALOU CHAMA-SE *PLURALIDADE*. NÃO É COISA DE EXTRATERRESTRE, NÃO É ESQUISITICE, É PLURALIDADE — É O QUE NOSSA SOCIEDADE NÃO PERMITIU VIVER. O QUE ELA PERMITE VIVER É SÓ ESSE MODELO AÍ: A MULHER E O HOMEM CIS, A MULHER E O HOMEM HETEROSSEXUAL VIVENDO O PROCESSO NORMATIVO. AQUI ESTAMOS DIALOGANDO PARA DESCONSTRUIR ESSA PALAVRA — E DEIXAR VIVER AS DEMAIS PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE OUTROS SERES, PRA NÃO DEIXAR IMPERAR UM ÚNICO MODELO DE MULHER E/OU DE HOMEM! EXISTEM VÁRIOS MODELOS! SE A GENTE NÃO ENTENDER ISSO, VÃO DIZER: *VOCÊ NÃO EXISTE!* ISSO É PIADA! VIVEMOS ISSO AINDA. É POSSÍVEL TRANSITAR EM SUA IDENTIDADE DE GÊNERO? ELES NÃO ESTÃO EM ESPAÇO NENHUM, ESSES CORPOS ESTÃO LONGE DE TER UMA VIDA SAUDÁVEL — LINEARIDADE. ISSO VAI GERAR CRISE SOCIAL! POR QUE ESSES CORPOS ESTÃO FORA? ISSO GERA UMA CRISE. A GENTE COMPREENDE QUE EXISTE UMA ESTRUTURA — *CISHETERONORMATIVA*. ELA NÃO VAI PERMITIR QUE ESTRUTURAS SUBALTERNIZADAS TENHAM ACESSO A UMA SAÚDE DIGNA. ESSE NÃO-LUGAR, ESSE NÃO PERTENCIMENTO — ALGUÉM *NINGUÉM*, AS PESSOAS TRANS, QUE ESTÃO FORA DA NORMATIVIDADE. POR QUE NÃO EXTERNALIZAÇÃO? QUALQUER DIFERENÇA É CONSIDERADA FORA DO “NORMAL”. ISSO É A MEDICINA QUE VAI FAZER O CÁLCULO PARA DIZER QUAL O CORPO SAUDÁVEL, PERFEITO, NATURAL — A RELIGIÃO TAMBÉM, PRINCIPALMENTE DO COLONIZADOR. ISSO É UM PROCESSO DE NATUREZA BIOLÓGICA — DE NOVO DESCONSTRUIR A IDENTIDADE QUE ESTÁ CONSTRUÍDA NA NATUREZA GENITÁLIA. E O CASO DAS MULHERES QUE PERDEM A MAMA? COMO SE TER PÊNIS OU SEIO FOSSE O DETERMINANTE DA

IDENTIDADE DE GÊNERO! ISSO É COLONIZAÇÃO, É UM PROCESSO COLONIAL (LEMOS *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019, GRIFOS DO AUTOR)!

Uma entrevista publicada pela Revista Online Estudos Feministas nos provoca a pensar em relações de heteronormatividade no sentido de pensar corpos de vidas, nos quais são corpos que não considerados “vidas” — assim, configuram-se como corpo com seus direitos negados (LEMOS *apud* FIOCRUZ-CE, 2019). É o que nos relata Lemos sobre a saúde transgênero na experiência do uso de um equipamento hospitalar público de Fortaleza, em que problematiza e propõe saídas, transformações e garantia de implementação das políticas em saúde LGBTQIAP+:

PRECISAMOS DESCOLONIZAR O QUE CHEGOU AQUI! PORQUE NOSSA MENTE É COLONIZADA PELO MACHO BRANCO E OPRESSOR, QUE VAI DIZER QUE ELA NÃO É MULHER E ELE NÃO É HOMEM! O HOMEM TEM PRÁTICA MACHISTA DE FICAR MEDINDO PÊNIS. AQUELE MICTÓRIO É UM PROCESSO COLONIZADOR DE FICAR VIGIANDO SE SEU PÊNIS ESTÁ NO PADRÃO OU NÃO. ENTÃO TEM ESSA DOENÇA QUE ESTÁ NA NOSSA CABEÇA QUE NÃO PERMITE VER A DIVERSIDADE. SE VOCÊ NÃO DESCONSTRUIR SEU OLHAR, ELE VAI SER PRECONCEITUOSO, TRANSFÓBICO! ISSO É UM PROCESSO QUE VAI CAUSAR 3 SITUAÇÕES: 1. EXISTE UMA ESTRUTURA NORMATIVA REGENDO OS SISTEMAS SIMBÓLICOS, QUEM É E QUEM NÃO É; 2. EXISTEM OUTRAS ESTRUTURAS PARA ALÉM DESSA QUE REGE, QUE É DOMINANTE — E QUE CRIA SEUS MECANISMOS DE VIVÊNCIA E PRÁTICA DISCURSIVA (NO MOMENTO EM QUE SE COMEÇA A DESCONSTRUIR ISSO, VÃO VER QUE NÃO SÃO CORPOS ALIENÍGENAS, MAS DIVERSOS; A GENTE PRECISA ENTENDER QUE O CORPO DE UMA MULHER NÃO É O CORPO DE TODAS AS MULHERES; 3. E COMO ESSAS ESTRUTURAS SE RELACIONAM. AI, O QUE CHAMO DE: NÓS SOMOS VIDAS TEIMOSAS! PORQUE ELAS INSISTEM EM VIVER EM UMA SOCIEDADE QUE NÃO ACEITA O DIFERENTE! PORQUE AO FALAR DE CORPO DE MULHER, VOCÊ ESTÁ FALANDO DE TODO UM CONTEXTO SOCIAL, NÃO DE UMA VAGINA. É DAQUILO QUE LOURDES FALOU: DE UMA LUTA, DE UMA SITUAÇÃO, DE UMA ESTRUTURA DE PERTENCIMENTO. EU NUNCA FUI MULHER NESSE SENTIDO, PORQUE NUNCA VIVI A ESTRUTURA SOCIAL DE UMA MULHER, ASSIM COMO AS MULHERES TRANS NUNCA FORAM HOMENS, PORQUE NUNCA VIVERAM ESTRUTURA SOCIAL DO HOMEM. EU TROUXE TUDO ISSO PRA GENTE PENSAR — E UM DESAFIO PRA TODOS NÓS, PRA DESCONSTRUIR ESSE MODELO CISHETERONORMATIVO, DO QUE É SER HOMEM E SER MULHER, SENÃO A GENTE NÃO VAI ENTENDER O QUE É SER HUMANO! SERÁ QUE É TODA MULHER QUE TEM ACESSO AO HOSPITAL DA MULHER? A GENTE COLOCA QUESTÕES PRA VER QUE ESTAMOS NUM MODELO COLONIAL — E VAMOS PENSAR NA GARANTIA DE SAÚDE PARA AS PESSOAS TRANS, A PARTIR DESSES CONCEITOS TODOS (LEMOS *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019)!



As implicações vividas no *tempo-escola* no que diz respeito a essa questão nos permitiram rever nossos *pré-conceitos*, os padrões e estereótipos que muitas vezes reforçamos, e nos chamaram para a urgência de implantação de políticas públicas que incluam esses corpos/territórios, esses sujeitos/as/es.

Ao mesmo tempo, nos permitiram ampliar os olhares sobre a estrutura cisheteronormativa que âncora a sociedade: nos fizeram pensar gênero como variável fluida, diversa, em transformação — e que pode mudar de acordo com o contexto, territórios e seus tempos.

Como aprendizados seguimos nos instigando, confluindo nossos olhares binários sobre as identidades de gênero — e aqui nasce o convite a libertarmos-nos do pensamento conservador das relações heteronormativas, emancipar os pensamentos sobre as questões gênero e transexualidades, e construir outras perspectivas que acolham múltiplas formas de existir. Desse modo, talvez possamos contribuir para a construção de processos emancipatórios de *sujeitos/as/es*, para construir mundos possíveis de se viver, em territórios saudáveis com suas complexidades, junto com as relações promotoras de vida e novas existencialidades.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver** – Uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Autonomia Literária Editora Elefante, 2016.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 1. Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Editora Difusão Europeia de Livro, 1970.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 20 out. 2022.

BUTLER, J. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler in **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan. 2002.

FIOCRUZ-CE -FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ - CEARÁ. **Relatoria da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HINOJOSA, V. T. C. Diálogo de Saberes para la Construcción Social de Salud Comunitaria: Interculturalidad y Agroecología. In: PULGA, V. L. *et al.* (org.). **Educação Popular, Equidade e Saúde** - Dispositivos pedagógicos e práticas lúdicas de aprendizagem na saúde: a caixa de ferramentas nas relações de ensino e aprendizagem. 1. ed. Porto Alegre: Editora Rede Unida, 2020.

JALIL, L. M. **As Flores e os Frutos da luta**: O significado da organização e da participação política para as Mulheres Trabalhadoras Rurais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Brasil, 2013.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, p. 67-75, 2009.

KOROL, C.; CASTRO, G. C. **En Feminismos populares**. Pedagogías y políticas. Cali (Colombia): La Fogata - América Libre, 2016.

MAIA, S. V. De Foucault a Butler: identidade(s), performatividade e normatividade de género. In: MARTINS, M. L.; MACEDO, I. (eds.). **Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas**: Interfaces da Lusofonia, Braga: CECS, p. 417-428, 2019.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. CLACSO, Consejo Latino americano de Ciências Sociales, 2005. Disponível em: 12_Quijano.pdf (clacso.org.ar). Acesso em: 17 dez. 2021.



06.

Agroecologia

E CONVIVÊNCIA
COM O SEMIÁRIDO:

olhares possíveis

FLÁVIA CAVALCANTE TAVARES

O Semiárido brasileiro se caracteriza por ter um período de estiagem de chuvas, onde chove em média 200 a 800mm, chuvas estas concentradas em alguns meses por ano e com certa distribuição irregular. No Brasil, o Semiárido é o mais chuvoso, ainda. O Estado do Ceará possui, em toda sua territorialidade, condições, clima e bioma da região semiárida:

A REGIÃO COBRE POUCO MAIS DE 18% DO TERRITÓRIO NACIONAL E 53% DO NORDESTE, ALÉM DE MAIS DE 17% DO NORTE DE MINAS GERAIS, ABRANGENDO UM TOTAL DE 1.135 MUNICÍPIOS, COM UM CONTINGENTE DE MAIS DE 22 MILHÕES DE HABITANTES. NO ENTANTO, AINDA É APRESENTADA NA MÍDIA COMO UM LUGAR DA FOME, DA MISÉRIA, DA INCAPACIDADE E DA INVIABILIDADE, TUDO REFORÇADO PELA IDEIA EQUIVOCADA DE QUE É A NATUREZA QUE GERA ESSA CONDIÇÃO. É NESSE CONTEXTO QUE A CONVIVÊNCIA SURGE COMO UM ENFOQUE QUE PERMITE TAMBÉM EXPANDIR O OLHAR, REVELANDO UMA REGIÃO VIVA E DE IMENSA RIQUEZA E DIVERSIDADE, QUE SE EXPRESSA EM PELO MENOS 160 DIFERENTES MICROCLIMAS, COM ENORME CAPACIDADE DE RESILIÊNCIA, E TAMBÉM EM POVOS (VAQUEIROS, QUILOMBOLAS, INDÍGENAS, COMUNIDADES DE FUNDO DE PASTO, GERAZEIROS, EXTRATIVISTAS, POVOS DE TERREIRO, AGRICULTORES FAMILIARES) QUE CULTIVAM, CRIAM, EXTRAEM, CANTAM, DANÇAM, OBSERVAM A NATUREZA E PRODUZEM CONHECIMENTO (ANA [ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA], 2014, p. 22).

O Semiárido que queremos destacar compõe uma realidade dinâmica, potente e criativa, com modos de vida cuja compreensão perpassa diversos olhares. Historicamente, os grandes veículos de comunicação têm disseminado uma imagem destes territórios como lugares incompatíveis com a vida. Morte e vida. Vida e Morte. Aqui, não como um ciclo vital de nossas existências, mas de um lugar sem possibilidade de vida. Porém, a Convivência com o Semiárido nos tem mostrado outras possibilidades. Outras lentes precisam ser geradas para que possamos compreender que o Semiárido é vida pulsante, que ele é rico em vida.

No *tempo-escola*, a educadora Cristina Nascimento, representante do Fórum Cearense Pela Vida no Semiárido e da instituição Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador e à trabalhadora (CETRA), nos provocou a desconstruir/reconstruir nossos olhares para a região semiárida.

O SEMIÁRIDO, CUJA REPRESENTAÇÃO É A DA CARÇAÇA, DA CAVEIRA DO BOI, É TAMBÉM DISPUTADO PELO AGRONEGÓCIO, PORQUE ELE GERA RIQUEZA, GERA PODER POLÍTICO — E NESSA ÚLTIMA ELEIÇÃO A GENTE PÔDE VER ISSO. ENTÃO, OLHAR O TERRITÓRIO DO SEMIÁRIDO É OLHAR COM VÁRIAS LENTES — A NOSSA É A DA AGROECOLOGIA, JÁ A DO AGRONEGÓCIO É A DA EXPLORAÇÃO PARA UM GRUPO, PARA UM SEGMENTO, INDEPENDENTE DE GERAR MORTE DE PESSOAS OU DO AMBIENTE. OLHAR COM A LENTE DO AGRONEGÓCIO É OLHAR A ÁGUA COMO MERCADORIA. SOB A LENTE DO AGRONEGÓCIO, NOSSA SEMENTE NÃO SERVE, NOSSA GENTE NÃO TEM CAPACIDADE DE SOBREVIVER DO SEU TRABALHO, NÃO TEM CONHECIMENTO. E AÍ O SE CONSIDERAR ANALFABETO É DESCONSIDERAR O NOSSO SABER COMO CONHECIMENTO. E OLHAR PARA AS MULHERES, NEGROS, ÍNDIOS DESSE LUGAR VIRA UM OLHAR QUE GERA MORTE. ESSE O OLHAR DO AGRONEGÓCIO. E HISTORICAMENTE HÁ UM PROCESSO DE RESISTÊNCIA, SOB A LENTE DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO. A GENTE OLHOU A TERRA COMO FORMA DA GENTE PRODUZIR ALIMENTO E AUTONOMIA, POR ISSO A NECESSIDADE DA REFORMA AGRÁRIA. E SOB O OLHAR DA AGROECOLOGIA, A GENTE VAI VER ESSE LUGAR COMO DE RIQUEZA, DE BELEZA, DE SABER DOS HOMENS E MULHERES PRA TRANSFORMAR SEU LUGAR E SEU TERRITÓRIOS. A AGROECOLOGIA TEM COMO PRINCÍPIO RECONHECER ESSES SUJEITOS COMO SUJEITOS DE SABER. NÃO SE FAZ AGROECOLOGIA SEM TERRA, SEM ACESSO À ÁGUA E SEM ACESSO ÀS SEMENTES (CRIOULAS) (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

O território Semiárido passa por definições, por vezes, tecnicistas, como as caracterizações de clima, solo, vegetação, questões hídricas, reduzindo suas complexidades de existências, culturas e modos de vida. Alessandro Nunes, da Cáritas Regional Ceará, referenciou no *tempo-escola*:

O SEMIÁRIDO É UMA REGIÃO DE MUITAS CONTRADIÇÕES — LIGADAS ÀS



QUESTÕES FÍSICAS, AMBIENTAIS. MAS DO PONTO DE VISTA SOCIAL, HÁ COISAS QUE SALTAM AOS OLHOS: O OLHAR DA SECA COMO VILÃ E, POR OUTRA, UM SEMIÁRIDO PUJANTE, COM IRRIGAÇÃO, QUE É O AGRONEGÓCIO. EXISTEM OUTRAS FORMAS DE CONVIVER COM O SEMIÁRIDO, EM QUE A SECA NÃO VAI MAIS SER UM PROBLEMA (NUNES APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

QUANDO A GENTE OLHA PARA O SEMIÁRIDO COM ESSES DOIS OLHARES — SEMIÁRIDO QUE É GRANDE E ABRANGE 11% DO TERRITÓRIO NACIONAL E EM TERMOS DE MUNDO OCUPA 33% DAS TERRAS SEMIÁRIDAS DO MUNDO —, A GENTE TEM UM TERRITÓRIO ENORME. E APENAS 4% DELE PODE SER IRRIGADO. EXISTE LIMITAÇÃO PARA ESSA IRRIGAÇÃO, POR CONTA DA LIMITAÇÃO DE SOLO (PORQUE ELE É RASO, PEDREGOSO). ENTÃO, POR ONDE A GENTE PODE DE FATO CONSTRUIR OUTRA PERSPECTIVA, QUE NÃO SEJA SÓ A DA IRRIGAÇÃO? AÍ A GENTE COMEÇA, A PARTIR DO APRENDIZADO COM AGRICULTORES E AGRICULTORAS, A PENSAR QUE HÁ OUTRAS FORMAS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO/CSA, QUE A SECA NÃO VAI SER MAIS UM PROBLEMA. A PARTIR DESSAS EXPERIMENTAÇÕES DESSAS/AS AGRICULTORES/AS, SE PERCEBE QUE É POSSÍVEL CONVIVER E COM DIGNIDADE (NUNES APUD FIOCRUZ-CE, 2019B; DAMASCENO APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

Ainda com referência à produção do *tempo-escola*, Cristina Nascimento traz à cena várias dimensões que destacam a complexidade que envolve o imaginário, simbologias e estereótipos em relação ao Semiárido. Uma dessas dimensões diz respeito aos diálogos entre Agroecologia e Convivência com o Semiárido, que apontam possibilidades de perceber a criatividade pulsante das vidas resistentes do mesmo, mostrando que é possível garantir soberania alimentar, saúde, proteção à biodiversidade em nossos territórios, valorizando a cultura alimentar, a partir de políticas públicas de acesso à água e produção de alimento.

Nascimento (*apud* FIOCRUZ-CE, 2019b) trouxe importantes reflexões sobre as relações de exploração capitalista expressas no agronegócio e sobre as manipulações políticas com o objetivo de manter a exclusão e as iniquidades. Também desvela a necessidade de fazer uma disputa da narrativa a partir da perspectiva agroecológica, e de Convivência. A Articulação Nacional de Agroecologia vem refletindo sobre a Convivência com o Semiárido, como ela ressalta:

O MAIS IMPORTANTE QUANDO SE DISCUTE A SECA É O APRENDIZADO NA DISCUSSÃO DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO. ESSE É UM CONCEITO RECENTEMENTE RECONHECIDO PELO ESTADO, QUE TEM UM REFORÇO MUITO GRANDE ATRAVÉS DO PROGRAMA UM MILHÃO DE CISTERNAS (P1MC). A CISTERNA DE 16 MIL LITROS, QUE ARMAZENA ÁGUA PARA CONSUMO HUMANO, É UMA ESTRATÉGIA PARA GARANTIR O ACESSO MÍNIMO À ÁGUA, DIREITO QUE SOFRE COM O APROVEITAMENTO POLÍTICO A

FIM DE BENEFICIAR O ABASTECIMENTO POR PIPAS D'ÁGUA, POR EXEMPLO. HÁ UM CONFRONTO, EM ALGUMAS REGIÕES, DO AGRONEGÓCIO COM POVOS TRADICIONAIS NO ACESSO À ÁGUA (ANA, 2014, P. 110).

Cristina pontua ainda sobre os entrelaçamentos dos temas e sobre a necessidade de ampliação dos olhares sobre a Agroecologia em contraposição ao agronegócio:

OS TEMAS AQUI TÊM UM ENTRELACE MUITO GRANDE. [...] ESTAMOS FALANDO DE UM LUGAR, DE UM RECORTE DO BRASIL, ASSIM COMO AS VÁRIAS REGIÕES TÊM. [...] E PRA FALAR DE AGROECOLOGIA, PRA NÓS, ESTAMOS FALANDO NUMA PERSPECTIVA DE OLHAR, PROPOR E DE VIVER SOBRE ESSE LUGAR [...]. AGROECOLOGIA TAMBÉM: ELA TEM VÁRIAS FORMAS! E SE OPÕE À PERSPECTIVA DO AGRONEGÓCIO (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B)!

Enquanto o agronegócio está baseado na geração de lucros, sem preocupações com a segurança alimentar e nutricional nem com a saúde das pessoas, o que vemos é a degradação ambiental, processos agrícolas com uso de fertilizantes e agrotóxicos e uso de sementes transgênicas. Em contraponto, temos a Agroecologia, que mostra que é viável garantir o direito ao acesso à água, à terra, ao alimento e protegendo toda biodiversidade. Em nossa narrativa incluímos caracterizações de clima, solo, vegetação, questões hídricas, entre outras, mas também articulamos outros aspectos, como os modos de vida das famílias agricultoras, indígenas e quilombolas do Semiárido. Estes, em suas singularidades produzem seus conhecimentos, compartilham experiências, ressignificam seus quintais produtivos agroecológicos, experimentam e intercambiam os saberes e experiências que produzem com outros/as/es camponesas/es. Desse modo, buscamos amparo nas reflexões produzidas pela ANA (2014), que afirmam:

[...] NA CONSTRUÇÃO DE SUA TRAJETÓRIA, O RECONHECIMENTO E A VALORIZAÇÃO DO PAPEL DAS AGRICULTORAS E DOS AGRICULTORES COMO SUJEITOS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO; A VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO LOCAL; A LEITURA COMPARTILHADA DA REALIDADE; O ESTÍMULO À EXPERIMENTAÇÃO; O ESTÍMULO AO INTERCÂMBIO [...] (ANA, 2014, P. 83).

Podemos, então, dizer que, ancorados nas experiências participes desse processo e nos princípios agroecológicos, é possível fortalecer saberes e sabores, criar outros sistemas agroalimentares viáveis e, desse modo, promover *inéditos viáveis* que transformam as vidas desses sujeitos/as e sujeitos. A proposição da Agroecologia, em contraposição a um modelo desenvolvimentista, na perspectiva de dar luzes às experiências de Convivência, de Bem Viver, de Semiárido rico em vida, buscando a horizontalidade nos processos, a quebra das hierarquias e das monoculturas das práticas e dos saberes. Cristina, ainda, é quem nos diz:

AGROECOLOGIA NÃO É SÓ DEIXAR DE PRODUZIR SEM VENENO! E A GENTE QUE MORA NO URBANO, A GENTE ESCUTA SOBRE O ORGÂNICO — E

EU QUERO TRAZER UMA EXPERIÊNCIA. A NOSSA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA É ORGÂNICA, MAS NEM SEMPRE A PRODUÇÃO ORGÂNICA É AGROECOLÓGICA. PORQUE PODE NÃO TER AGROECOLOGIA SEM DIVERSIDADE DE CULTURAS, DE SUJEITOS, DE MODOS DE VIDA. PORQUE TEM GENTE QUE QUER COMER BANANA O ANO INTEIRO, MAS A BANANA TEM A ÉPOCA DE DAR! E A AGROECOLOGIA RESPEITA ISSO: O TEMPO DA NATUREZA! E O ORGÂNICO PODE NÃO RESPEITAR ISSO. ESSA TEM SIDO UMA TRAJETÓRIA COMPLEXA, EM QUE A GENTE TEM TIDO QUE DIZER QUE A GENTE QUER COMER SEM VENENO, MAS NEM POR ISSO QUER UMA MONOCULTURA DE ORGÂNICO! NESSE EMARANHADO DE COISAS, NESSE OLHAR, É QUE A GENTE VEM CONSTRUINDO ESSAS EXPERIÊNCIAS (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Aqui gostaríamos de destacar diálogos importantes entre as concepções trazidas no *tempo-escola* acerca da Agroecologia, da Convivência com o Semiárido e a Educação Popular como modos de vida e conhecimentos emancipatórios. Paulo Freire, em *Pedagogia da Esperança* (2002), nos ajuda a pensar sobre esse processo de construção do conhecimento potencializada pelo *Curso*, no sentido da necessidade de uma educação libertadora, que nasce de um percurso para chegar na transformação de realidades do povo do Semiárido:

PERCORRI GRANDE PARTE DO PAÍS EM VIAGENS EM QUE APRENDI REALMENTE MUITO. APRENDI FAZENDO PARTE, AO LADO DE EDUCADORES E EDUCADORAS CHILENAS, DE CURSOS DE FORMAÇÃO PARA QUEM, NAS BASES, NOS ASSENTAMENTOS DA REFORMA AGRÁRIA, TRABALHARIA, COM CAMPONESES E CAMPONESAS, A QUESTÃO FUNDAMENTAL DA LEITURA DA PALAVRA, SEMPRE PRECEDIDA PELA LEITURA DO MUNDO. A LEITURA E A ESCRITA DA PALAVRA IMPLICANDO UMA LEITURA MAIS CRÍTICA DO MUNDO COMO “CAMINHO” PARA “REESCREVÊ-LA”, QUER DIZER, PARA TRANSFORMÁ-LA. DAÍ A NECESSÁRIA ESPERANÇA EMBUTIDA NA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO. DAÍ, TAMBÉM, A NECESSIDADE, NOS TRABALHOS DE ALFABETIZAÇÃO, NUMA PERSPECTIVA PROGRESSISTA, DE UMA COMPREENSÃO DA LINGUAGEM E DE SEU PAPEL ANTES REFERIDO NA CONQUISTA DA CIDADANIA (FREIRE, 2002, P. 22).

No *tempo-escola* pudemos discutir a necessidade dos/as sujeitos/as, sujeitos populares se organizarem em seus processos de luta por permanência em seus territórios camponesas, indígenas e quilombolas por meio de grupos, movimentos, redes, fóruns e associações comunitárias, buscando defender e manter suas práticas e saberes, a partir das leituras críticas de seus mundos. E Nascimento revela que:

POR ISSO É IMPORTANTE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DENTRO DO TERRITÓRIO — E A PRÓPRIA REFORMA AGRÁRIA! O TERRITÓRIO, O LUGAR, É FUNDAMENTAL PARA O DEBATE DA AGROECOLOGIA: QUANTO MAIS RESGATO AS FORMAS DE VIDA LOCAL, MAS SEGURANÇA QUANTO AOS





MODOS DE PRODUÇÃO, DE TROCA, DE VIVER NESSE LUGAR! MUITAS REDES DE AGRICULTORES/AS, QUE TROCAM EXPERIÊNCIAS, VOLTAM PRA CASA, OLHAM PARA O SEU QUINTAL E TRANSFORMAM SUA VIDA! ALÉM DA EXPERIÊNCIA INDIVIDUAL DE CADA UM, É PRECISO O ENCONTRO, PARA A TROCA. PORQUE NÃO QUEREMOS CRIAR O QUE O AGRONEGÓCIO FAZ, QUE É O ISOLAMENTO, O LUCRO ÚNICO — A GENTE QUER É QUE SE TROQUE, QUE SE COMPARTILHE, QUE HAJA PROCESSOS CRIATIVOS, ONDE SE DESCOBRE AS SOLUÇÕES. É IMPORTANTE O AGRÔNOMO, O TÉCNICO, DESDE QUE ELE NÃO CHEGUE DIZENDO O QUE SE TEM QUE FAZER, MAS QUE DIALOGUE COM QUEM ESTÁ NO TERRITÓRIO (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Na experiência do CETRA e de outras organizações do movimento de Convivência com o Semiárido vem-se fortalecendo a construção do conhecimento agroecológica com as famílias agricultoras, indígenas, quilombolas, com profissionais de ATER (Assessoria Técnica de Extensão Rural), dentre outros, tendo como amparo as experiências e princípios da Educação Popular para a construção dos novos olhares e modos de vida no Semiárido.

Acredita-se que a Agroecologia é ciência, prática e movimento. Essa tríade, possibilita fortalecer um corpo de conhecimentos sistematizados que dialoga com os saberes, práticas, produção de pensamento e compreensões dos sujeitos/as/es envolvidos/as/es em seus territórios.

Referenciamos a prática que busca garantir a diversidade de produção e modos de vida que se alinham com a Convivência com o Semiárido em seus territórios, para as transformações e mundos possíveis. “A agroecologia é uma ciência com paradigmas em construção e vem trazendo para o ensino agrícola a crítica ao tecnicismo com uma preocupação harmônica com os recursos naturais e a realidade dos pequenos agricultores, originando uma filosofia de vida” (BEM *et al.*, 2016).

Outra dimensão que emerge na discussão sobre os entrelaçamentos acerca da convivência com o Semiárido é a concepção do *Bem Viver*, originária das tradições e pautas de lutas dos movimentos sociais indígenas e de comunidades tradicionais, que se contextualiza em uma concepção de natureza compreendida como um ser vivo e como sujeito de direitos (ACOSTA, 2016; GUDYNAS, 2019). Por outro lado, também se integra à ancestralidade relacionada aos processos de cuidados e cura pela natureza. As plantas, ervas medicinais e seus conhecimentos repassados por gerações são cultivados em seus territórios, quintais agroecológicos que fazem parte dos sistemas agroalimentares. Reconhecer esse lugar de cura e cuidado, muitas vezes invisibilizado, é reconhecer a cultura dos povos originários e sua larga experiência de Convivência com o território.

Boff (2009) refere-se a essa concepção lembrando que ela se vincula a ética do suficiente para toda a comunidade/território, e não apenas para a pessoa. Supõe uma visão holística e integradora da humanidade em convivência com a comunidade terrena que inclui o ar, a água, o solo, as montanhas, as árvores e os animais em

comunhão com Pachamama (a Terra), com as energias do universo.

Desse modo, uma das lentes possíveis na produção de diálogos entre Agroecologia, Convivência com o Semiárido, Educação Popular e o *Bem Viver* é a de conectar-se com a luta dos povos e comunidades tradicionais, pela preservação e conservação da biodiversidade, defesa de seus territórios, por justiça ambiental.

Soraya Vanini Tupinambá, em atividade do *tempo-escola*, destacou que “a Agroecologia cumpre um papel fundamental, porque reconhece a sociodiversidade, as populações com os manejos das águas. E precisamos aprofundar o conceito de território, de Agroecologia, a própria Convivência com o Semiárido precisa ser melhor compreendida” (FIOCRUZ-CE, 2019b).

Ivanilde Damasceno destaca a importância do diálogo entre o saber das vivências locais e o saber acadêmico —e complementa:

AGROECOLOGIA É A TRANSFORMAÇÃO DO SEU LUGAR E TERRITÓRIO, DAS RELAÇÕES ENTRE SUJEITOS DE SABERES, DIVERSIDADES, RESPEITO À GERAÇÃO, GÊNERO, RAÇA, ETNIA DE TANTOS OUTROS, COMO OS POVOS DAS ÁGUAS, DO CAMPO E DA CIDADE. AGROECOLOGIA É INTERCÂMBIO, É CONHECIMENTO PARTILHADO E VIVIDO, É REFORMA AGRÁRIA, É RESISTÊNCIA, HUMANIZAÇÃO E RESPEITO À BIODIVERSIDADE (APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

As várias lentes lançadas no *Curso* sobre territorialidade e Agroecologia se articulam na luta pelo acesso à terra e o acesso à água — e também foram possíveis de ser mobilizados diálogos sobre os processos demarcatórios dos territórios indígenas, quilombolas, e sobre o direito à pesca artesanal.

Fica evidente que camponeses/as, indígenas, povos e comunidades tradicionais, pescadores/as, quilombolas, organizações e movimentos sociais fortalecem, por meio da Agroecologia e da Convivência com o Semiárido, a resistência e lutas pelas pressões oriundas da ocupação dos territórios pelo agronegócio, pelos grandes empreendimentos turísticos, carnicultura, eólicas, dentre outros que invadem e violam os direitos dos sujeitos nos territórios. E ao resistir/existir, esses sujeitos/as/es provocam questões críticas e desafiam-nos para a afirmação de um modelo de desenvolvimento que cuida da terra, das águas, alimenta, promove saúde e emancipa os povos:

SE A GENTE OLHA [O PROGRAMA] 1 TERRA E 2 ÁGUAS, ISSO É UMA REVOLUÇÃO QUE ACONTECE NO SEMIÁRIDO! SE A GENTE TIVESSE UM MILHÃO DE FAMÍLIAS NO SEMIÁRIDO COM ÁGUA PARA BEBER E PARA PRODUIR, IMAGINA! AÍ VEIO O GOLPE — E ISSO PAROU. HOJE TEMOS MAIS DE 200 MIL FAMÍLIAS COM ESSAS EXPERIÊNCIAS, IMAGINE 1 MILHÃO! [...]. PORQUE QUANDO A GENTE JUNTA OS AGRICULTORES, SE PRODUZ SABER! E O QUE SE TEM GERADO NO SEMIÁRIDO, ALÉM DISSO TUDO? NÓS TEMOS UM VAZIO. NÓS TEMOS QUE NOS DEBRUÇAR MUITO SOBRE



O QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI. ISSO INCLUI NOSSOS ERROS, NOSSOS EQUÍVOCOS, COMO TRATAMOS O AGRONEGÓCIO. HOVE UM EMPODERAMENTO DESSE SEGMENTO — AO TEMPO EM QUE HOVE RECURSOS PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO, A AGROECOLOGIA, HOVE FORTALECIMENTO DO AGRONEGÓCIO. É POSSÍVEL ESSA CONVIVÊNCIA (NASCIMENTO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B)?!

Ivanilde Damasceno lembra as contribuições trazidas por Raimundo Nonato do CPP, durante o *tempo-escola*:

EDUCAÇÃO POPULAR ESTÁ NA HISTÓRIA DE VIDA E NAS VIVÊNCIAS DOS POVOS, NAS EXPERIÊNCIAS DOS PESCADORES E PESCADORAS, NA QUESTÃO DA ÁGUA, DOS MARES, DA PESCA E DO ALIMENTO. TRAZENDO VIVA A TERRA E A ÁGUA, ESSAS POPULAÇÕES SÃO EXEMPLOS DE SOBREVIVÊNCIA E MERECEDORAS DE UMA QUALIDADE DE VIDA EM IGUALDADE, FRATERNIDADE E LIBERDADE. A GENTE TEM QUE CONHECER E ESTRANHAR QUANDO NÃO HOVER A PRESENÇA DOS/AS PESCADORES/AS NO MEIO DA AGROECOLOGIA! É ISSO. VAMOS APRENDER COM OS PESCADORES E PESCADORAS A PISAR NA ÁGUA — *QUEM PISA NA ÁGUA NÃO DEIXA RASTRO!* A GENTE ESTÁ NUM MOMENTO DE NÃO DEIXAR RASTRO! E CITAR O QUE A GENTE FAZ! NOSSA ESCRITA SUBVERSIVA: AGROECOLOGIA, ECONOMIA SOLIDÁRIA, EDUCAÇÃO POPULAR NÃO SÃO DISTINTAS! E NÃO DEIXAM RASTRO (NONATO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019C)!

Estar alerta sobre a relação terra e mar e Agroecologia é perceber que pescadores e pescadoras artesanais de comunidades tradicionais vêm sofrendo diversos impactos negativos que violam seus direitos, sendo que a pesca artesanal tem baixo impacto ambiental, garante a sustentabilidade dos ecossistemas pesqueiros, fortalece a cultura do povo litorâneo, vem se contrapondo ao movimento desenvolvimentista.

Soraya Vanini Tupinambá, ainda, reforça a importância da aproximação das lutas por Agroecologia com os/as pescadores/as artesanais:

NESSA EXPERIÊNCIA TODA DE PESCA ARTESANAL, TERRITORIALIDADE, AGROECOLOGIA, OUTROS MODOS DE VIDA, EM 2012 OS PESCADORES LANÇARAM UM PROJETO DE LEI. PORQUE: O QUE É O TERRITÓRIO PESQUEIRO? SE O TERRITÓRIO, TERRAS E ÁGUAS, NÃO FOR GARANTIDO, NÃO TEM PESCADO! QUANDO SE VAI PRA BEIRA MAR E SE COME CAMARÃO DA CARCINICULTURA, SE COME SANGUE, PORQUE ELAS FAZEM UMA DESGRACEIRA! [...] PORQUE SE A GENTE NÃO CONHECE E NÃO DIALOGA, A GENTE NÃO PODE DAR A MÃO! A GENTE TEM QUE CONHECER E ESTRANHAR QUANDO NÃO HOVER A PRESENÇA DOS/AS PESCADORES/AS NO MEIO DA AGROECOLOGIA (TUPINAMBÁ *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B)!

Os territórios pesqueiros e suas vidas, dentre tantas ameaças e ataques, sofrem com a aquicultura empresarial — que retira os recursos pesqueiros indiscriminadamente — e os grandes projetos desenvolvimentistas que expropriam as comunidades tradicionais, o que tem favorecido diversos crimes ambientais. Por isso, fortalecer a luta da pesca artesanal é também defender a Agroecologia, a convivência com território pesqueiro. Nonato nos traz um elemento importante sobre Vida e Mito, sobre defender o território a partir das relações coletivas, sobre as construções das simbologias potentes do imaginário dos Povos das Águas:

NO JAGUARIBE TEM A HISTÓRIA DA PEDRA DO MENINO QUE CHORA — E NESSA PEDRA, OS PESCADORES COSTUMAM NÃO PESCAR LÁ. ISSO É UM ACORDO! E O QUE TEM A VER COM O PESCADO? É ONDE O PEIXE SE REPRODUZ — ENTÃO TEM UMA RELAÇÃO ENTRE A VIDA E O MITO! E O MITO É IMPORTANTE, ISSO É CONSTRUÍDO NA COLETIVIDADE, É ACORDO! ESSA FOI UMA DAS FORMAS QUE SE ENCONTROU PARA SUPERAR AS QUESTÕES DA PESCA INDUSTRIAL. PORQUE O RIO É UMA RUA! E ISSO TEM A VER COM AGROECOLOGIA, COM MODOS DE VIDA, COM SAÚDE COLETIVA! PORQUE A GENTE NÃO PRODUZ PEIXE — QUEM PRODUZ PEIXE É A INDÚSTRIA. O QUE OS PESCADORES FAZEM É CONVIVÊNCIA, É SABER DAS ESTRELAS, PASSA PELOS COQUEIROS — HÁ UMA REDE, E É PRECISO COMPREENDER ESSA REDE (NONATO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B)!

O *tempo-escola* possibilitou, através das rodas de diálogos das experiências trazidas pelos educadores e educandos, refletir sobre os desafios encontrados pelas comunidades e povos que resistem em seus territórios, esses sujeitos que afirmam suas lutas, resistências, mas também a proposição no desejo de construir uma sociedade livre de violências contra as mulheres do campo, indígenas e negras. As reflexões construídas em momentos de sistematização com o coletivo de Coordenação expressam os conflitos gerados pelo agronegócio nos territórios e aclaram a necessidade de conjugar ação-reflexão-ação:

OBTENDO ESSE MARCO HISTÓRICO CRIADO PELA LINHA (OU TRILHA) DO TEMPO E DAS RODAS DE CONVERSA, PERCEBEMOS OS CONFLITOS PELO ACESSO À ÁGUA, À TERRA, À PERMANÊNCIA DE ATORES E ATRIZES NO SEU TERRITÓRIO, DEVIDO ÀS DIVERSAS DESAPROPRIAÇÕES E CONCENTRAÇÃO DA RIQUEZA PELO AGRONEGÓCIO E/OU MESMO DESVALORIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR. DE FATO, A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DA TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA É DESAFIANTE, VISTO QUE SOMENTE LEITURAS DE TEXTOS NÃO SÃO SUFICIENTES COMO PROPOSIÇÃO DE ESTUDO: É IMPORTANTE TAMBÉM VIVENCIAR O INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS QUE PERMITA OUTROS OLHARES DE SABERES PELA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA DE QUEM A PRÁTICA (DAMASCENO APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).

Outro debate levantado neste rico processo foi sobre a defesa das sementes crioulas ou sementes da vida, como são conhecidas no Semiárido — cuidadas e conservadas que são por agricultores/as familiares, indígenas, quilombolas e povos



e comunidades tradicionais. As sementes carregam um rico material genético do território: semente é sabor, textura, conhecimento e ancestralidade, é corpo/território. As casas/bancos de sementes são uma importante estratégia das famílias agricultoras, uma vez que são selecionadas as melhores sementes para a próxima plantação, essas que já estão adaptadas e resilientes ao território — e que mesmo passando por muitas dificuldades, como falta de água ou solo enfraquecido, conseguem guardar seu patrimônio genético e germinar no inverno. São portas de entrada para o processo de transição agroecológica das famílias.

A Agroecologia expressa nessa experiência sua perspectiva emancipatória, em diálogo com as lutas pela equidade de gênero, pelos direitos à terra, à água, à libertação do povo, à soberania alimentar e nutricional. “Nesse sentido, a luta dos movimentos e organizações que constituem o campo da Agroecologia deve compreender a disputa do modelo de desenvolvimento [...], tendo acesso ao conjunto de direitos que promovam sua autonomia e emancipação” (ANA, 2014, p. 122).

As mulheres, por sua vez, têm papel fundamental na Agroecologia. São guardiãs dos territórios, dos manejos agroecológicos, da sabedoria e da resistência. Essas mulheres têm se fortalecido nos processos de auto-organização e atuado em diversas frentes, reforçando que a Agroecologia e Saúde estão conectadas com um modelo de uma vida sem violência, pautado pelo respeito e pela igualdade.

A garantia de direitos e a plena participação na vida política e social das mulheres em seus territórios, assim como a garantia do acesso à terra, à água, às sementes e às condições de produção e comercialização com liberdade e autonomia para as mulheres, vem sendo uma dos grandes potências da promoção da Agroecologia. Luana Florentino, no *tempo-escola*, nos lembra:

[...] É SÓ PARA DIZER DA IMPORTÂNCIA DE TRAZER A REFERÊNCIA DAS MULHERES, PORQUE EM TODAS AS ALDEIAS AS MULHERES TÊM TOMADO À FRENTE, COMO QUANDO A GENTE TROUXE A CACIQUE PEQUENA HOJE DE MANHÃ. A GENTE PRECISA VALORIZAR ISSO — DE HOJE TER POSTO DE SAÚDE E ESCOLA NA ALDEIA. A GENTE TRAZIA A IMPORTÂNCIA DE ENTENDER A POLÍTICA PÚBLICA PARA A MULHER COMO CAMINHO DE CRESCIMENTO E DA SAÚDE. A GENTE VAI VER CONQUISTAS DAS MULHERES, A PARTIR DE RODAS DE CONVERSA, ATUANDO NO SERTÃO, NA CIDADE, NO LITORAL — E QUANDO A GENTE VAI DAR FORMAÇÃO, A GENTE PROCURA CONHECER E ENTENDER ESSAS MULHERES E SUA TERRITORIALIDADE. POR QUE SE A GENTE ENTRA NUM TERRITÓRIO E DEBATE E LEVANTA QUESTÕES DE GÊNERO, A GENTE VAI VER QUE MUITAS VEZES ELAS PRECISAM CAMUFLAR OS MOMENTOS DE ORGANIZAÇÃO PARA PODEREM SE ENCONTRAR, COM REZA, DIZENDO QUE É ENCONTRO DE ESPOSAS. É TAMBÉM LEMBRAR QUE AS MULHERES SÃO AINDA O FOCO PRINCIPAL DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO (FLORENTINO APUD FIOCRUZ-CE, 2019C).

O Curso nos apontou o quão é urgente dialogar com a sociedade sobre Saúde e Agroecologia: acredita-se que a promoção da saúde e do *Bem Viver* passam por



questões essenciais para uma vida plena. Falar de saúde também é falar sobre os sistemas agroalimentares, modos de produção, impactos ambientais sociais, econômicos, as relações de gênero, de geração — é também dar luzes sobre a saúde coletiva. Vem somar-se, assim, ao debate, o pesquisador da Fiocruz-CE:

EU VEJO UMA PALAVRA MUITO BONITA: CHAMA-SE AGROECOLOGIA. MAS ESSA PALAVRA SÓ PODE TORNAR-SE GRANDE SE ZELAR AS BEIRAS DE RIO, SEM DESMATE, E QUEIMAR DE MODO NENHUM! NÓS QUE EXPLORAMOS O MILHO POPULARMENTE, NÓS NÃO NOS PREOCUPAMOS EM BROCAR; DEPOIS É A ROÇADEIRA; DEPOIS É PASSAR O TRATOR. FALO PORQUE TEMOS DUAS FORÇAS: SAÚDE E AGROECOLOGIA. NÃO ADIANTA LUTAR POR SAÚDE SEM O ALIMENTO, SEM ÁGUA DE QUALIDADE. E ISSO TEM QUE PARTIR DAS ESCOLAS. É CHAMAR AGROECOLOGIA, PORQUE COLOCAR VENENO É POLUIR O MUNDO, E ÁGUA É SANGUE TAMBÉM (CARNEIRO APUD FIOCRUZ-CE, 2019E).

O diálogo entre Saúde e Agroecologia emergiu no *tempo-escola*, especialmente a partir das experiências trazidas dos territórios e desvelando os atravessamentos das temáticas apresentadas no processo de formação: trazendo reflexões sobre a saúde coletiva que se articula com o acesso à água, à terra, ao trabalho, à educação, saneamento e aos territórios do povo do Semiárido, das águas, do campo e das florestas. Compreender que a produção do conhecimento apresentada no *Curso* veio fortalecer esses encontros e reflexões foi a que nos conduziu também Vera Dantas:

DAS REFLEXÕES SOBRE O CUIDADO TRADICIONAL DE MEZINHEIRAS, DE MATRIARCAS QUE TRABALHAM REZAS E PLANTAS, FARMÁCIA VIVA EM UNIDADES DE SAÚDE; FORMAÇÕES ARTICULANDO PRÁTICAS DE CUIDADO E EDUCAÇÃO POPULAR; LUTAS DE PESCADORAS POR RECONHECIMENTO DAS DOENÇAS OCUPACIONAIS; PRÁTICAS DE TRABALHO DOS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE; INSERÇÃO DE RESIDÊNCIAS MULTIPROFISSIONAIS EM SAÚDE DA FAMÍLIA NOS TERRITÓRIOS; GRUPOS DE HIPERTENSOS, DE MULHERES IDOSAS; DE MULHERES EM ACAMPAMENTOS E ASSENTAMENTOS DO MST; QUESTÕES LIGADAS AO CUIDADO COM O LIXO E RESÍDUOS SÓLIDOS POLUINDO O AMBIENTE QUE SURGIRAM TANTO DE DISCUSSÕES URBANAS QUANTO RURAIS; ARTE E SAÚDE MENTAL; ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NOS TEMAS MAIS VOLTADOS À CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO, COMO A ESTIAGEM, A FALTA DE ACESSO À ÁGUA OU A ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DESTA OU PRODUÇÃO DO SEU REUSO, AGRICULTURA FAMILIAR, A QUESTÃO DA AGROECOLOGIA [...]. A ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA SE EXPRESSA EM DIVERSAS EXPERIÊNCIAS E TERRITÓRIOS URBANOS, RURAIS, TRADICIONAIS; EM GRUPOS GERACIONAIS E ÉTNICOS (DANTAS APUD FIOCRUZ-CE, 2019D).

A auto-organização, os processos de resistência e as lutas dos/as/es sujeitos/as/es em seus territórios vem construindo conhecimento e diálogos de novas existên-



cias, mas principalmente promovendo transformações para uma vida mais digna às populações. Cristina nos alerta que é importante fortalecer as coletividades e as resistências do povo do Semiárido e suas organizações:

A PERSPECTIVA DO GOVERNO É RETOMAR O QUE PARECIA SUPERADO. EU COMECEI FALANDO DA SUPERAÇÃO DE UM MODELO, COM AUTONOMIA DAS POPULAÇÕES. O QUE EXISTIA ANTES DISSO ERA O CARRO-PIPA, A TROCA DE ÁGUA POR VOTO — E A GENTE PRECISA IR PRA CIMA! A GENTE NÃO PODE DEIXAR ISSO SER DESTRUÍDO, COMO O PAA, O P1MC. E AÍ ESSE RETORNO DO ASSISTENCIALISMO, DO CLIENTELISMO, É INDICADO PELO ACABAR O CONSEA. A GENTE PRECISA FAZER ESSAS LEITURAS E ESSES ENFRENTAMENTOS TAMBÉM! A PERSPECTIVA DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO É BASEADA NOS SABERES DAS PESSOAS, DO RESPEITO À NATUREZA! QUANDO A COMPANHEIRA DE IRAUÇUBA FALOU O POEMA, EU BRILHEI OS OLHOS. MAS A AGROECOLOGIA DÁ RESPOSTAS ÀS CONDIÇÕES ÍNGREMES. EM BUENO, É UMA COISA LINDA! IRAUÇUBA É ESSA RESPOSTA! E COM MUITO MAIS RAPIDEZ! QUE A GENTE PENSAVA QUE SÓ SERIA POSSÍVEL NO CERRADO, OS SISTEMAS AGROFLORESTAIS/SAFs. ENTÃO TEM RESPOSTAS! O QUE A GENTE PRECISA FAZER É CONTINUAR O TRABALHO COM REDES, FÓRUMS, ORGANIZAÇÕES — E CADA VEZ CHEGAR NAS BASES! E COM AQUELE MANTRA MESMO: *NINGUÉM SOLTA A MÃO DE NINGUÉM!* A GENTE PRECISA REFORÇAR O QUE JÁ FAZIA — E A CONVIVÊNCIA COM TODOS OS POVOS NOS DÁ FORÇA PARA CONTINUAR NA LUTA (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

A Convivência com o Semiárido e a Saúde implicam num processo de participação plena, na garantia dos direitos, tendo a luta que nutre e impulsiona outros mundos possíveis, como Ivanilde Damasceno arremata:

É PRECISO REEXISTIR PARA TER EMPODERAMENTO E NÃO DESISTIRMOS DAS NOSSAS RESISTÊNCIAS, DAS NOSSAS LUTAS. TEMOS QUE TER FORÇA E LUTA PELA ORGANIZAÇÃO! OUSAR PELO NOSSO PRÓPRIO CONHECIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR. COMO RAY CANTA: *O NORDESTE SE CANSOU/ NOVO CLIMA, NOVO OLHAR/ NADA DE AMÉM PRA TUDO/ NINGUÉM MAIS AJOELHAR/ ABRA O OLHO TRABALHADOR!! REGULA ESTE TEU OLHAR!! REGULA! REGULA!! O NORDESTINO CANTA E DANÇA/ LUTA NO CAMPO E NA RUA [...]* (DAMASCENO APUD FIOCRUZ-CE, 2019A).

6.1 AGROECOLOGIA E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO TRANSFORMANDO VIDAS

O *Curso*, em seu *tempo-escola*, proporcionou uma reflexão importante sobre os sistemas agroalimentares. Falar de educação emancipatória e de Convivência com o Semiárido também é pensar e refletir sobre a perspectiva de uma alimentação

saudável, uma alimentação que também seja uma *comida de verdade* — e de preferência agroecológica. A Agroecologia nos aponta caminhos que contribuem para a soberania e segurança alimentar e nutricional, contrapondo-se a um sistema agroalimentar global:

EM CONTRAPOSIÇÃO AOS MOLDES DO SISTEMA AGROALIMENTAR HEGEMÔNICO, A PERSPECTIVA DE CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE MERCADOS E DE ABASTECIMENTO DE ALIMENTOS NA AGROECOLOGIA ESTÁ PAUTADA NA APROXIMAÇÃO ENTRE AGRICULTORES E CONSUMIDORES; NA CONSERVAÇÃO E USO SUSTENTÁVEL DOS ECOSISTEMAS E DA AGROBIODIVERSIDADE; NO RESGATE E VALORIZAÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE E DA CULTURA ALIMENTAR; E NA FACILITAÇÃO E POPULARIZAÇÃO DO ACESSO AOS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS (ANA, 2014, p. 54).

Pensar em processos emancipatórios é construir diálogos sobre a reestruturação dos sistemas agroalimentares, propondo reflexões a partir de práticas e modos de vida mais sustentáveis aos bens da natureza, com a produção de alimentos saudáveis em quantidade, qualidade e diversidade, a distribuição justa das riquezas sociais com base princípios da economia solidária, o estabelecimento de relações entre campo e cidade mais equilibradas e a preservação da cultura alimentar dos povos. Daniela, no *tempo-escola*, no faz refletir sobre os sistemas:

O COMER É UMA NECESSIDADE BIOLÓGICA QUE SOFRE INFLUÊNCIA DE CRITÉRIOS SOCIAIS, ECONÔMICOS, DE SAÚDE, CULTURAIS, PESSOAIS, RELIGIOSOS, ENTRE OUTROS. A VIDA CONTEMPORÂNEA (MUNDO DO EFÊMERO, DO DESCARTÁVEL E DA PRESSA) — ADAPTAÇÕES RÁPIDAS ÀS NOVIDADES QUE SÃO APRESENTADAS A TODO INSTANTE. “HOMOGENEIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES” — AS PESSOAS, INFLUENCIADAS PELA GLOBALIZAÇÃO APRESENTAM HÁBITOS E GOSTOS ALIMENTARES MUITO SEMELHANTES. O MODO DE VIVENCIAR AS PRÁTICAS ALIMENTARES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO SUGERE A IDEIA DE MODERNIDADE, PRATICIDADE E ECONOMIA DE TEMPO. A INDÚSTRIA DE ALIMENTOS PODE SER CONSIDERADA UM DOS MAIS IMPORTANTES PROMOTORES DE MUDANÇA NOS HÁBITOS ALIMENTARES DAS SOCIEDADES E TRAZ CONSIGO ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS PARA A VIDA DAS PESSOAS. PRÓS E CONTRAS DOS ALIMENTOS INDUSTRIALIZADOS: MAIOR DIVERSIFICAÇÃO DE ALIMENTOS AO ALCANCE DA POPULAÇÃO; BAIXO CUSTO DE ALGUNS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS; MAIOR TEMPO DE ARMAZENAMENTO DE GÊNEROS ALIMENTÍCIOS; DIMINUIÇÃO NA SOBRECARGA DO TRABALHO DOMÉSTICO NA COZINHA (PREDOMINANTEMENTE FEMININO) (ZULIANI APUD FIOCRUZ-CE, 2019c).

Vale destacar que o tema é fundamental para que possamos compreender e alertar sobre o modelo agroalimentar que vem destruindo o planeta e a própria humanidade. Baseado na geração de lucros e em nenhuma preocupação com a saúde e



segurança alimentar e nutricional das pessoas e nos impactos nocivos à natureza, vem mostrando o quão insustentável é a manutenção deste sistema. Comer consciente é também ter consciência sobre a defesa dos territórios, da biodiversidade, é valorizar a cultura alimentar, é promover vida:

A GENTE SABE QUE ALIMENTAÇÃO HOJE ESTÁ REDUZIDA A POUCAS ESPÉCIES — QUE TÊM SE TRANSFORMADO EM *COMMODITIES*. ISSO INFLUENCIA NA NOSSA RELAÇÃO COM A COMIDA. A GENTE FEZ UMA PESQUISA NA COMUNIDADE DE MULUNGU QUE TINHA 8 TIPOS DE ARROZ — QUE ESTÃO LIGADOS ATÉ COM A CULTURA ALIMENTAR DESSES POVOS. A GENTE PRECISA TRABALHAR ISSO COM OS JOVENS. A ARARUTA ESTÁ QUASE EM EXTINÇÃO — E A GENTE ESTÁ FAZENDO UM PROCESSO PRA RECUPERAR (FERNANDES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019).

A Agroecologia defende a *comida de verdade* e os saberes e sabores em torno do alimento, promove uma nova forma de *saber-fazer* a partir da alimentação, da agricultura familiar agroecológica, das casas/bancos de sementes crioulas dos povos e comunidades tradicionais. “As sementes crioulas são consideradas parte do patrimônio genético e cultural de diversos povos tradicionais, indígenas, quilombolas e camponeses. São fundamentais para a conservação da agrobiodiversidade” (BANDEIRA *et al.*, 2021, p. 68).

Pensar nos sistemas agroalimentares é pensar também a cozinha como um espaço político e de poder, de disputa, em que circulam a ciência/filosofia dos povos. O alimento de verdade é uma alimentação que tem memória, tem ancestralidade e que busca ser produzido harmonicamente com a natureza. Anna Erika Ferreira Lima, na Unidade de Aprendizagem I/UA I do *Curso*, revelou que alimento não é mercadoria — e mais: que há distinção no que se refere ao alimento e à comida. Assim:

ALIMENTO É MUITO MAIS QUE MERCADORIA. O QUE É COMIDA E O QUE É ALIMENTO, QUAL A DIFERENÇA? COMIDA ESTÁ LIGADA À AFETIVIDADE. QUANDO SE FALA DA COMIDA DA AVÓ, A GENTE CHEGA SENTE O CHEIRO! E COMIDA DE VERDADE ESTÁ LIGADA ÀS NECESSIDADES DOS GRUPOS E NÃO APENAS ÀS QUESTÕES DO MERCADO. O BAIÃO DE DOIS, POR EXEMPLO. A GENTE FEZ UMA PESQUISA EM ICAPUÍ COM OS MENINOS QUE NO FINAL DA TARDE IAM COLHENDO FRUTAS AO LONGO DA TRILHA — E ELES DEIXARAM DE FAZER ISSO PORQUE QUEM COMIA COISAS DO MATO ERA CONSIDERADO UNS “MORTA-FOME”. E ESSAS PLANTAS SÃO CHAMADAS PANC – PRODUTOS ALIMENTARES NÃO CONVENCIONAIS. DEIXAMOS DE COMER ESSES ALIMENTOS POR CONTA DO OLHAR DO OUTRO E POR CONTA DA INDÚSTRIA! MAS COMER É UM ATO POLÍTICO! NÓS SOMOS SERES COMENSAIS! E A GENTE TEM PERDIDO O HÁBITO DE COMER COMIDA DE VERDADE. PORQUE COMIDA DE VERDADE EXIGE TEMPO! A GENTE NÃO PÁRA MAIS PARA FAZER O ALIMENTO, PARA COMER JUNTO. EU COMPARO O COMER AO PROCESSO HISTÓRICO. PORQUE AS ESCOLHAS ESTÃO A

A cultura alimentar é promotora de conhecimento: é necessário reconhecê-la e valorizar os saberes e fazeres dos povos e comunidades tradicionais — evidência de que o que se propõe no sentido de construir um verdadeiro e necessário caminho de transformações de mundos, de vidas, de olhar para a cultura alimentar é olhar para os saberes e para seus territórios.

6.2 TECNOLOGIAS SOCIAIS DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Muitas experiências de Convivência com o Semiárido são desenvolvidas e vivenciadas pelos/as agricultores/as familiares, indígenas e quilombolas, pescadores/as artesanais, dentre outros. São acúmulos de lutas, conhecimento e resistências dos povos que vivem no Semiárido que vêm demonstrando a capacidade inovadora na construção coletiva de saberes e promoção do conhecimento agroecológico para essa convivência. *“Quem vive no Semiárido e estuda o seu povo encontra, ao invés de um povo incapaz, pessoas lutadoras, criativas, fortes, resistentes, esperançosas e solidárias [...], o povo continua vivo, de pé, lutando pela vida e por seus direitos”* (CONTI; SCHROEDER, 2013, p. 30). Alex Sampaio, no *tempo-escola*, reforça quão antigo é esse percurso:

OS ÍNDIOS CARIRIS NÃO SE DEIXARAM COLONIZAR: FORAM EXPULSOS, MAS DEIXARAM MUITAS MARCAS. UMA DAS CARACTERÍSTICAS DELES ERA A LINGUAGEM DO CORPO, QUE HOJE PODE SER VISTO NA EXPRESSÃO DOS IRMÃOS ANICETO. ELES NÃO FALAVAM TUPI, ERAM CONSIDERADOS ÍNDIOS DE LÍNGUA TRAVADA. ISSO É RICO E TEM POTÊNCIA EDUCATIVA. TROUXE TAMBÉM A FIGURA DO PADRE-MESTRE IBIAPINA. ELE INICIOU UM TRABALHO MISSIONÁRIO, COM ELEMENTOS IMPORTANTES PRA NÓS: A EDUCAÇÃO (AS PESSOAS PROTAGONISTAS), A QUESTÃO DA SAÚDE/ASSISTÊNCIA (CASAS DE CARIDADE PARA CUIDAR DE ÓRFÃOS E MULHERES) E A QUESTÃO DA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO/CSA, QUE NÃO TINHA ESSE NOME, MAS ELE PROPUNHA INICIATIVA DE BARRAGENS PRA “FAZER ÁGUA” QUE IMPLICAM NA PRODUÇÃO DE ALIMENTO. INSPIRADO PELO PADRE IBIAPINA SURGE O PADRE CÍCERO, BEATA MARIA DE ARAÚJO E O BEATO JOSÉ LOURENÇO, COM O MOVIMENTO DO CALDEIRÃO — REFERÊNCIA DE UMA COMUNIDADE ONDE NADA ERA DE NINGUÉM PORQUE ERA DE TODOS/AS (SAMPAIO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Partindo da ideia de conviver com a realidade semiárida e não *combater* a seca, indivíduos e organizações vêm articulando-se, integrando-se para propor um novo modelo de desenvolvimento (ASA, 2014). Nessa perspectiva, é fundamental promover a democratização do acesso à água, à terra e fortalecer as possibilidades de desenvolvimento sustentável, centradas na valorização das experiências locais e na troca de conhecimento entre as famílias agricultoras. Desse modo, Cristina Nascimento fala das diversas formas de captação e manejo de água de chuva para



beber e para a produção de alimentos:



AS CISTERNAS SÃO UMA PRÁTICA ANTIGA. [...] QUANDO CHOVE, A PRIMEIRA COISA É APARAR A ÁGUA. A CISTERNA É APARAR ÁGUA NUM RESERVATÓRIO MAIOR. NOSSO SABER POPULAR, ENTÃO, É MUITO VALIOSO — E É TÃO IMPORTANTE QUANTO O DO ENGENHEIRO, QUE PROJETA O AÇUDE. SE EU TENHO CISTERNA, ISSO JÁ GERA UMA GRANDE PERSPECTIVA DE VIDA NO SEMIÁRIDO — COM AUTONOMIA. NA PRODUÇÃO DE ALIMENTO, NA VALORIZAÇÃO DE SABER E DE SEMENTES — E PRA VIVER NESSE LUGAR COM VIDA DIGNA NO CAMPO. OLHA QUE BACANA A REDE DE INTERCÂMBIO DE SEMENTES! ISSO É UMA BASE IMPORTANTE PRA AGROECOLOGIA (NASCIMENTO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

Conviver com o Semiárido e sua diversidade é dar luz às paisagens, espécies animais e vegetais nativas e adaptadas — e considerar as possibilidades de construção de autonomia das famílias agricultoras, indígenas e quilombolas, que nele vivem. A observação da natureza pautada no respeito às condições desafiantes e potencialidades tem propiciado a produção de conhecimentos que emergem das experiências sob a forma de tecnologias sociais, como a estocagem de água, sementes e forragem para animais.

As Tecnologias Sociais, segundo a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) (2011), são soluções construídas em interação com as famílias agricultoras e apropriadas por elas. Para a ASA, representam uma estratégia de resistência e rompem com a ideia de implantar tecnologias originárias de países desenvolvidos, possibilitando que o povo do Semiárido parta de suas experiências e estratégias já vivenciadas em seus territórios.

A Articulação do Semiárido Brasileiro é uma rede formada por organizações da sociedade civil que atuam na gestão e no desenvolvimento de políticas de Convivência com a região semiárida. Sua missão é fortalecer a sociedade civil na construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a Convivência com o Semiárido — e adota as tecnologias sociais como estratégia (ASA, 2011).

Outros autores também as referenciam como uma importante estratégia para o desenvolvimento sustentável do Brasil (LASSENCE; PEDREIRA, 2004; RTS [REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL], 2010). No *tempo-escola* pudemos aprender sobre elas, a exemplo do que disse Alex Sampaio sobre as cisternas, uma dessas tecnologias:

NESSE SENTIDO, A MAIOR POLÍTICA É A DAS CISTERNAS. ESSA TECNOLOGIA PENSA NUMA COISA QUE É FUNDAMENTAL PARA QUEM ESTÁ FAZENDO CSA: O ESTOQUE. NÃO SE FAZ CSA SEM ESTOQUE! A QUESTÃO DO ESTOQUE PARA QUEM ESTÁ NESSA REGIÃO SEMPRE FOI UMA REALIDADE. ESSA É UMA CULTURA QUE FOI SE PERDENDO COM O ADVENTO DA TECNOLOGIA! A PARTIR DELAS, VOCÊS DEVEM CONHECER, AS COMUNIDADES PUDEAM CONSTRUIR OUTRAS POSSIBILIDADES NAS SUAS VIDAS.

ACONTECEU, É INCRÍVEL! PORQUE JUNTO COM ESSAS CONSTRUÇÕES, SE TRABALHA OS DIREITOS, A ORGANIZAÇÃO — E PARTE DELAS CONSEGUIU INCLUSIVE OS TÍTULOS DE TERRA. ESSA É UMA MUDANÇA VISÍVEL. ENTÃO ESSA PERSPECTIVA DE TRABALHO E CSA TRAZ A POSSIBILIDADE DE VIVER AQUI, QUE A REGIÃO TEM GRANDE POTENCIAL, QUE FALTAVAM ERA POLÍTICAS PÚBLICAS, EQUIPAMENTOS PARA ARMAZENAR ÁGUA, VALORIZAR A NOSSA GENTE COM SUA CULTURA, COM SEUS APRENDIZADOS. A TECNOLOGIA É FUNDAMENTAL PARA FAZER ESSAS MUDANÇAS. PORQUE QUANDO CHEGA COMO TECNOLOGIA SOCIAL VEM NA PERSPECTIVA DE ENTENDER AS SINGULARIDADES E AS NECESSIDADES DOS AGRICULTORES/AS E SE TRANSFORMA NUMA POTÊNCIA. A CAATINGA É UMA GRANDE FLORESTA, BIODIVERSA, DO PONTO DE VISTA VEGETAL E ANIMAL! [...] A MAIOR POLÍTICA É A DAS CISTERNAS! QUE É UMA COISA TÃO SIMPLES! QUANDO A GENTE ESTUDAVA, AINDA NA FACULDADE, MUITA GENTE DIZIA QUE ELA NÃO RESOLVIA A QUESTÃO — MAS A GENTE VIU QUE ELA GARANTE UM DIREITO QUE FOI NEGADO ÀS PESSOAS NESSE TERRITÓRIO POR DÉCADAS E DÉCADAS: ÁGUA DE QUALIDADE. E ISSO VAI REBATER NUMA SÉRIE DE QUESTÕES, DE SAÚDE (DIMINUIÇÃO DA VERMINOSE, MORTALIDADE INFANTIL, INDICADORES SEVEROS EM TERMOS DE SAÚDE PÚBLICA). *ESTOQUE [DE ÁGUA]: CULTURA ANTIGA E NECESSÁRIA!* A CISTERNA TRAZ ESSA PERSPECTIVA DAS PESSOAS ESTOCAREM A ÁGUA — A PRIMEIRA CISTERNA (SAMPAIO APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

As vivências apresentadas mostram que o povo do Semiárido carrega na sua memória e prática o processo de estocagem, seja ela de alimento, água, sementes, dentre outros elementos essenciais à vida no território. Alessandro Nunes, em diálogo com experiências relatadas pelos educandos/as, lembrou a política pública do Programa Um Milhão de Cisternas e os incentivos referentes ao processo de estocagem de água para a produção de alimentos que promovem transformações importantes na vida das pessoas que habitam o Semiárido:

VOU TRAZER UM EXEMPLO AQUI DO VALE DO JAGUARIBE, REGIÃO ONDE O AGRONEGÓCIO ESTÁ DE FORMA MAIS FORTE, DISPUTANDO COM A AGRICULTURA FAMILIAR OS RECURSOS — E UMA COMUNIDADE EM POTIRETAMA, CATINGUEIRINHA. A GENTE CHEGOU NESSA COMUNIDADE EM 2001, 2002, E AS FAMÍLIAS, CERCA DE 30, TINHAM APENAS A CASA E UM PEQUENO QUINTAL. TRABALHAVAM PARA OS FAZENDEIROS DA REGIÃO. A GENTE CONSTRUIU A PRIMEIRA, DEPOIS A SEGUNDA CISTERNA — E A REVOLUÇÃO QUE ACONTECEU É INCRÍVEL! PORQUE JUNTO COM ESSAS CONSTRUÇÕES, SE TRABALHA OS DIREITOS, A ORGANIZAÇÃO — E PARTE DELAS CONSEGUIU INCLUSIVE OS TÍTULOS DE TERRA. HOJE ELES TIRAM QUASE UM SALÁRIO MÍNIMO POR MÊS, COISA QUE ELES NÃO TINHAM. ESSA É UMA MUDANÇA VISÍVEL (NUNES APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).



As tecnologias sociais, em especial as “... que captam e guardam água da chuva para produção de alimentos são variadas e levam em consideração as características do local onde vão ser implementadas e a sua interação com a estratégia utilizada pela família para produzir” (- ASA [ARTICULAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO] 2021.). Alessandro Nunes reforça:

[...] A GENTE COMEÇOU A PENSAR EM CISTERNAS TAMBÉM PARA A PRODUÇÃO: CISTERNA-CALÇADÃO E DE ENXURRADA DE ÁGUA. AÍ VAI SE COMEÇAR A TRABALHAR A QUESTÃO DA SEGURANÇA E SOBERANIA ALIMENTAR. PENSAR QUE AS PESSOAS PRODUZAM, A PARTIR DESSA ÁGUA, ALIMENTOS COM PLANTAS E ANIMAIS RESISTENTES. COM ESSA SEGUNDA ÁGUA A GENTE TRAZ A PERSPECTIVA DA SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR. AÍ A GENTE COMEÇOU A TRABALHAR A BARRAGEM SUBTERRÂNEA, QUE É UMA TECNOLOGIA MILENAR! CAVAR UMA VALA, UM ALICERCE, NUMA BARRAGEM, COLOCAR UMA LONA E COMEÇAR A ARMAZENAR ÁGUA NO SUBSOLO. TANTO AS CISTERNAS QUANTO AS OUTRAS TECNOLOGIAS TRABALHAM COM O FATO DE QUE TEMOS UMA EVAPORAÇÃO MUITO ALTA. SE CHOVE 800MM E EVAPORA 2.500MM, É PRECISO TER UMA TECNOLOGIA QUE EVITE A EVAPORAÇÃO. POR ISSO A CISTERNA É UMA TECNOLOGIA ADAPTADA AO SEMIÁRIDO, PORQUE ELA É TODA FECHADINHA E A EVAPORAÇÃO É QUASE ZERO POR CENTO. COM A BARRAGEM SUBTERRÂNEA TAMBÉM. TEM AINDA O BARREIRO DE TRINCHEIRA, QUE É COMO SE FOSSE FAZER UM AÇUDE. OS AÇUDES PERDEM MUITA ÁGUA PARA O ESPAÇO, JÁ ESTES TÊM 4M PROFUNDIDADE X 30M PROFUNDIDADE E SÃO COBERTOS — O QUE EVITA A PERDA DE ÁGUA PELA EVAPORAÇÃO. TODAS ESSAS TECNOLOGIAS PROMOVEM A VIDA NO SEMIÁRIDO E FAZEM DIFERENÇA NAS COMUNIDADES. A PARTIR DELAS, VOCÊS DEVEM CONHECER, AS COMUNIDADES PUDEAM CONSTRUIR OUTRAS POSSIBILIDADES NAS SUAS VIDAS (NUNES APUD FIOCRUZ-CE, 2019B).

O Semiárido é rico em vida, diverso e viável: histórias de lutas e resistência permeiam as partilhas de experiências com os/as agricultores/as familiares, indígenas e quilombolas que demonstram em suas práticas que é possível estocar e manejar água da chuva, e assim viver bem durante o período de estiagem. É no Semiárido que se cria, recria-se, inventa-se e reinventa-se o saber-fazer diariamente, que mostra que é possível uma vida no campo. A luta é por vida digna, é por garantia dos direitos (CONTI; SCHROEDER, 2013). Alexandre Nunes e Ivanilde Damasceno rematam, assim, no *tempo-escola*:

PERCEBEMOS ENTRE ESSES ATORES E ATRIZES, OS POVOS DAS ÁGUAS, DO CAMPO, DA CIDADE QUE TRABALHAM A AGROECOLOGIA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO PENSANDO ESTRATÉGIAS QUE FAVORECEM O CRESCIMENTO E A MELHORIA DE VIDA DAS FAMÍLIAS AGRICULTORAS. COMO EXEMPLO, TEMOS A LUTA E A RESISTÊNCIA PELA PERMANÊNCIA NO CAMPO, AS POLÍTICAS PÚBLICAS CONQUISTADAS — COMO AS CISTERNAS

DE PLACAS E AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES VIVIDAS COMO TECNOLOGIAS SOCIAIS ARTICULADAS NESSE AMPLO TERRITÓRIO. AS CISTERNAS DE PLACAS TRAZEM VIVA A ORGANIZAÇÃO, A PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES, DOS POVOS DO CAMPO, DOS DIVERSOS LUGARES DISTANTES AMBIENTADOS POR SERRAS, SERTÕES E VALES. TRAZEM TAMBÉM A LUTA PELA ÁGUA E PELA TERRA COMO BEM COMUM DAS DIVERSAS GERAÇÕES, POIS A ÁGUA É VIDA! NA RODA DE CONVERSA TRAZIDA PELAS INSTITUIÇÕES PARCEIRAS, VISLUMBRAVA-SE A DIVERSIDADE DE CONHECIMENTOS ENTRE O SABER POPULAR (SABER DAS VIVÊNCIAS LOCAIS) E O SABER ACADÊMICO (NUNES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B; DAMASCENO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019C).

Outro importante debate, nesse rico percurso de partilha de experiências acerca das tecnologias sociais, diz respeito a conhecer a experiência do Bioágua ou Reuso de Águas Cinzas, essa tecnologia social que vem nos últimos anos ganhando espaços nos quintais das famílias agricultoras, como mais uma forma de manejar a água, no caso reutilizando água. Neste cenário, essa tecnologia social possui soluções viáveis tanto pela facilidade de captação e estocagem da água, como pelo reaproveitamento da água durante o ano todo, mesmo com a escassez das chuvas. Ivanilde Damasceno afirmar sua importância na transformação do Semiárido em um lugar bom de se viver:

[...] PRA GENTE AVANÇAR, A GENTE CHEGA AO FATO DE QUE NÃO SE PODE PERDER NENHUM TIPO DE ÁGUA — E A GENTE CHEGA AO BIOÁGUA, A UTILIZAÇÃO DA ÁGUA SERVIDA, DA PIA, DO BANHO, EM OUTRAS ATIVIDADES DOMÉSTICAS. ESSAS ÁGUAS CORRIAM PARA O QUINTAL E SE PERDIAM — E MESMO QUE ALGUMAS PESSOAS BUSCASSEM APROVEITAR, PLANTANDO, HAVIA MUITOS SAIS, AS PLANTAS MORRIAM; COM O BIOÁGUA HÁ O TRATAMENTO DESSA ÁGUA. (NUNES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B; DAMASCENO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019C).

O educando Tiago Silva reforça a importância de compartilhar as experiências das tecnologias sociais para a Convivência com o Semiárido:

A GENTE FICOU ADMIRADO COM A CAPACIDADE DE CONSTRUIR UMA MAQUETE DO BIOÁGUA — E ISSO DIZ DO QUE O NOSSO POVO TEM! A EXPERIÊNCIA DO TABULEIRO, DO ALTO JAGUARIBE, SERVIU ATÉ PRA NÓS DA REGIÃO MESMO. E NAS OUTRAS BARRACAS, AS HISTÓRIAS: DA BONECA, E DE MUITA GENTE QUE FOI DESCOBRIR QUE FAZIA EDUCAÇÃO POPULAR. FAZIA MAS NÃO TINHA “CERTIFICADO” — E A COMPANHEIRA DA BARRACA JÁ FAZIA UM TRABALHO, LUTAVA POR OUTRAS COISAS, E TUDO O QUE ELA FAZIA JÁ ESTAVA NA PROPOSTA QUE A MILITANTE VEIO TRAZER PRA ELA. TAMBÉM A BARRACA DO RIO GRANDE DO NORTE, BEM INTERESSANTE. NÓS QUE SOMOS DE ASSENTAMENTO TEMOS GRANDE RESISTÊNCIA DE FAZER TRABALHO COM AS MULHERES, MAS TODAS QUE



Nessa construção, a problemática do acesso à água se articula ao debate sobre segurança alimentar e nutricional das famílias agricultoras do Semiárido, ambos fatores essenciais para a sobrevivência humana nessa região com seus territórios. Também pudemos refletir sobre a necessidade de implementação de políticas públicas que possam garantir incentivos e apoios socioeconômicos, no sentido de superação da pobreza, da fome, da desnutrição e da insegurança alimentar e nutricional (CONTI; SCHROEDER, 2013).

A temática da alimentação também fez emergir a necessidade das sementes crioulas como memória genética e afetiva do povo e das Casas/Bancos de Sementes, como tecnologias sociais que contribuem para fortalecer a autonomia das famílias agricultoras do Semiárido:

A GENTE TAMBÉM TRABALHA MUITO COM AS CASAS DE SEMENTES — FUNDAMENTAIS PARA SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR. FAZER COM QUE ESSAS SEMENTES, ÀS VEZES HERDADAS DOS PAIS/AVÓS/BISAVÓS, NÃO SE PERCAM! FAZENDO UM TRABALHO COM A REDE DE SEMENTES, A GENTE VIU QUE TINHA UMA SEMENTE DE MAIS DE 120 ANOS — E ESSE MILHO É TOTALMENTE ADAPTADO AO SEMIÁRIDO! ESSA SEMENTE, ALÉM DE SERVIR PARA A ALIMENTAÇÃO, SERVE PARA A PALHA, PARA DAR PARA OS ANIMAIS. TRABALHAR COM AS CASAS DE SEMENTES SIGNIFICA TRABALHAR COM ESSA RECUPERAÇÃO, COM ESSA MANUTENÇÃO E COM ESSA RIQUEZA — PORQUE É UM AMBIENTE EXTREMAMENTE RICO E DIVERSO (NUNES APUD FIOCRUZ-CE, 2019B; DAMASCENO APUD FIOCRUZ-CE, 2019C)!

Soma-se também a perspectiva organizativa, criativa e expressiva dos povos do Semiárido, gerando uma cultura de resistência contra as adversidades construídas pela narrativa hegemônica dos meios de comunicação. Esses povos se manifestam e resistem por meio de expressões culturais como danças, festas e folguedos populares — a exemplo dos reisados, sambas de roda, toadas, poesia, feiras agroecológicas e solidárias, fundo rotativos solidários, casas ou bancos de sementes, mutirões, festa da colheita, festas de São João, comidas, bebidas e modos de viver, lutar e festejar (CONTI; SCHROEDER, 2013). Nunes e Damasceno reafirmam e detalham esses aspectos ancorados nas experiências do Ceará:

AS COOPERATIVAS COMO FORMA DE ORGANIZAÇÃO PARA PRODUÇÃO, GERANDO RENDA. CADEIAS PRODUTIVAS QUE SEJAM POTENCIAIS. AS CISTERNAS — ASA TRABALHA NA PERSPECTIVA DE ESTOQUE DE ÁGUA. O PAA — FEIRAS AGROECOLÓGICAS, CASAS DE FARINHA, CULTURA ALIMENTAR, EXTRATIVISMO, PESCA ARTESANAL, PRODUÇÃO DE MUDAS, QUINTAL PRODUTIVOS E PLANTIO. ACESSO À TERRA É DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA PARA GARANTIR ESSAS POTENCIALIDADES. SECADI —

RESISTÊNCIA, EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA. CAMPOS EXPERIMENTAIS DO FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR. AS CASAS DE SEMENTES — AUTONOMIA, HISTÓRIA DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO. FESTAS CULTURAIS — RESGATAM O ASSENTAMENTO MACEIÓ, FESTAS JUNINAS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA DENTRO DO SEMIÁRIDO. RELAÇÕES AFETIVAS COM A TERRA. CONHECIMENTO DO EXPERIMENTO DO AGRICULTOR. PROJETO SÃO JOSÉ — UNIDADES DE BENEFICIAMENTO DA PRODUÇÃO DOS ASSENTADOS COMO AS AGROINDUSTRIAS, RETIRANDO DO MEIO O ATRAVESSADOR (AGROINDÚSTRIA DO LEITE, DA CAJUCULTURA, APICULTURA, OVINO-CAPRINOCULTURA, COCO E MANDIOCA (NUNES *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019B; DAMASCENO *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019C).

Ainda sobre os mutirões e a solidariedade, prática do povo sertanejo:

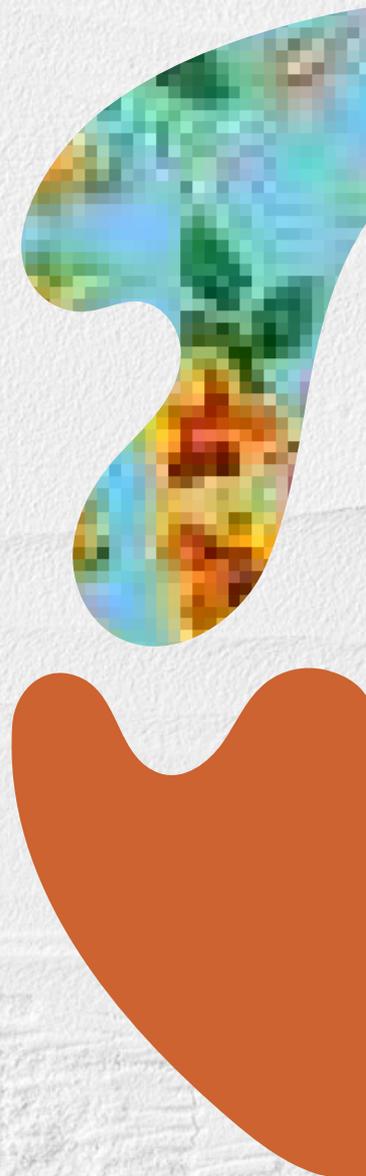
MAS É UMA COISA TÃO GRANDIOSA! VER A COMUNIDADE DE BOA VISTA, QUE FEZ COLETIVAMENTE AS CISTERNAS, ISSO É UMA COISA MUITO IMPORTANTE, O FARDO FICA MAIS LEVE. A GENTE NÃO PODE PERDER ISSO, DOS MUTIRÕES. A GENTE PRECISA RESGATAR ISSO, A TROCA DE DIÁRIAS, PORQUE A GENTE CONSEGUE TER UMA QUALIDADE DE SERVIÇO, UMA TROCA DE CONHECIMENTO (LIGÓRIO, *APUD* FIOCRUZ-CE, 2019E).

As aprendizagens, no *tempo-escola*, sobre como as experiências das famílias agricultoras do Semiárido possibilitaram construir mudanças de olhar sobre este território: vimos o quão são resilientes, rompem com paradigmas de um Semiárido “sem vida” e mostram estratégias e tecnologias sociais possíveis, como as feiras agroecológicas — que criam suas dinâmicas de comercialização pautadas nos princípios agroecológicos e da economia solidária.

Zulani (*apud* FIOCRUZ-CE, 2019e) aponta que

NESSOS ÚLTIMOS ANOS DE MUITA SECA, A FEIRA NÃO SE EXTINGUIU. QUANTOS ROÇADOS NÃO SE MANTIVERAM COM ESSA PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA! É OUTRA COISA É A ROTATIVIDADE, QUE FAZ PARTE DE QUALQUER PROCESSO: ÀS VEZES NÃO TEM NINGUÉM E VIRA UM GRUPO GRANDE E ÀS VEZES É AO CONTRÁRIO. É ASSIM MESMO, ESSE É O PROCESSO.

A AGROECOLOGIA COMO PRÁTICA QUE ESTIMULA A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DEFINIDA COMO “PARTILHA DE PROCESSOS DECISÓRIOS E A SUPERACÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE POR MEIO DA NEGOCIAÇÃO” PARECE ESSENCIAL PARA APOIAR INDIVÍDUOS SOCIALMENTE SAUDÁVEIS E PARA POLITIZAR AS ÁREAS DA SAÚDE E DE PRODUÇÃO DE ALIMENTOS. ESSA É UMA DAS DIRETRIZES DA POLÍTICA NACIONAL DE PROMOÇÃO DA SAÚDE QUE OBJETIVA: “FORTALECER A PARTICIPAÇÃO SOCIAL COMO FUNDAMENTAL NA CONSECUÇÃO DE RESULTADOS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE, EM



A aproximação entre a Educação Popular em Saúde e o Movimento Agroecológico, permitiu que seus sujeitos/as/es percebessem suas interfaces, entrelaçamentos comuns e complementariedades — e desvelou trilhas possíveis na construção do *Bem Viver*. Caminhar tendo como amparo a Educação Popular e a Convivência com o Semiárido contribuiu para que camponeses e camponesas, indígenas, quilombolas, pecadores/as e diversos movimentos do campo e da cidade vislumbassem, em seus processos de luta e resistência, possibilidades participativas de promover saúde em seus territórios.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ANA - ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. III Encontro Nacional de Agroecologia. **Anais...** Rio de Janeiro, 2014.

ASA - ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **Caminhos para a Convivência com o Semiárido**. 19. ed. Recife: ASA, 2014. Disponível em: https://issuu.com/articulacaosemiario/docs/cartilha_caminhos_para_convivencia?utm_medium=referral&utm_source=www.asabrasil.org.br. Acesso em: 23 out. 2022.

ASA - ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **O Lugar da Convivência na Erradicação da Extrema Pobreza**. Recife: ASA, 2011. Disponível: <https://www.asabrasil.org.br/images/UserFiles/File/Olugardaconvivenciaaerradicacaodaextremapobreza.pdf>. Acesso em: 23 out. 2022.

ASA - ARTICULAÇÃO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. **O Lugar da Convivência na Erradicação da Extrema Pobreza**. Recife: ASA, 2021. Disponível: <https://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2>. Acesso em 23/10/2022

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Agroecologia e promoção da saúde no Brasil. ver **Panam Salud Publica**, v. 31, n. 4, p. 290–5, 2012. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2012.v31n4/290-295/#ModalArticles>. Acesso em: 21 out. 2022.

BANDEIRA, G. de et al. **Agricultura do encantamento**: receitas e histórias da comida como identidade: olhares das juventudes sobre seus territórios. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2021.

BEM, F. A. M. Curso superior em agroecologia no nordeste: análise quantitativa e dilemas na formação. *In*: DIAS, N. da S. *et al.* (org). **Agroecologia, recursos hídricos e políticas públicas no semiárido**. Mossoró: EdUFERSA, p. 97-103, 2016. Disponível em: <https://edufersa.ufersa.edu.br/wp-content/uploads/sites/27/2017/04/Cole%C3%A7%C3%A3o-Agroecologia-e-Meio-Ambiente-no-Semi%C3%A1rido-Volume-2.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

BOFF, L. **A opção Terra** - a solução para Terra não cai do céu. Editora Record, 2009.

CONTI, L.; SCHROEDER, E. O. (org). **Estratégias de Convivência com o Semiárido Brasileiro**. Fundação de Apoio da Universidade Federal do rio Grande do Sul – FAURGS/ REDEgenteSAN/ Instituto Brasileiro de Desenvolvimento – IABS/ Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento e Sustentabilidade – AECID/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS. Editora IABS, Brasília, 2013, 208 p. Disponível em: http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?%20COD_ARQUIVO=17908. Acesso em: 21 out. 2022.

FIOCRUZ- CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUS – CEARÁ. **Guia Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019a.

FIOCRUZ- CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUS – CEARÁ. **Relatório da Unidade de Aprendizagem (UA) I**. Não publicado. Fortaleza, 2019b.

FIOCRUZ- CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUS – CEARÁ. **Relatório da Unidade de Aprendizagem (UA) II**. Não publicado. Fortaleza, 2019c.

FIOCRUZ- CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUS – CEARÁ. **Relatório de Sistematização**. Não publicado. Fortaleza, 2019d.

FIOCRUZ- CE – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUS – CEARÁ. **Relatório Encontro Regional Sertão Central**. Não publicado. Fortaleza, 2019e.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

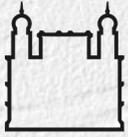
GUDYNAS, E. **Direitos da Natureza**: Ética biocêntrica e políticas ambientais. Tradução de Igor Ojeda. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LASSENCE, A. E.; PEDREIRA, J. S. **Tecnologias Sociais**: uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil. Rio de Janeiro, 2004.





REALIZAÇÃO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Ceará

INSTITUIÇÕES, ENTIDADES, REDES, MOVIMENTOS SOCIAIS E POPULARES PARCEIROS

CETRA



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO CEARÁ



Rede Nacional de
Médicas e Médicos
Populares



UNILAB
Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira



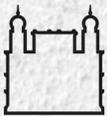
Prefeitura de
Fortaleza
Secretaria Municipal da Saúde



RESSADH

Rede Saúde, Saneamento, Água e Direitos Humanos

APOIO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Ceará



MINISTÉRIO DA
SAÚDE



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-65-5462-005-5



9 786554 620055 >

